Universidade do Porto
Faculdade de Ciências do
Desporto e de Educação Física

O PERCURSO DESPORTIVO NO ATLETISMO

Análise centrada nos *rankings* femininos

Nélson João Primo Brito

de 2002

Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física
Universidade do Porto

O PERCURSO DESPORTIVO NO ATLETISMO

Análise centrada nos *rankings* femininos

Dissertação apresentada às provas de mestrado no ramo de Ciência do Desporto – especialidade de Desporto para Crianças e Jovens – nos termos do Decreto-Lei n. 216/92 de 13 de Outubro

Sob a orientação de
Professor Doutor António Manuel Fonseca

e co-orientação de
Professor Doutor Ramiro José Rolim

Nélson João Primo Brito

Porto, 2002

Brito, Nélson (2002): «O Percurso Desportivo no Atletismo – Análise centrada nos *rankings* femininos». Dissertação apresentada às provas de mestrado no ramo de Ciência do Desporto – especialidade de Desporto para Crianças e Jovens. Porto: FCDEF – UP.

PALAVRAS CHAVE: FORMAÇÃO DESPORTIVA, PERCURSO, *RANKING*, ATLETISMO, PORTUGAL.

À minha esposa
Paulinha

que,
pela sua compreensão, tolerância e incentivo,
pela sua disponibilidade, opinião crítica e revisão do texto,
pela liberdade que me concedeu,
viabilizou a concretização deste estudo.

A ela expresso a minha eterna gratidão, na promessa de jamais ser esquecida.

AGRADECIMENTOS

Uma palavra de reconhecimento àqueles que contribuíram para que este estudo conhecesse a luz do dia:

Aos meus pais João e Helena. Sem o seu apoio nunca teria sido possível a realização deste estudo.

À avó Cesaltina, pelo apoio constante em momentos difíceis.

Ao Professor Doutor António Manuel Fonseca, orientador da dissertação, por ter acreditado na validade deste estudo e pela sua prestimosa colaboração.

Ao Professor Doutor Ramiro José Rolim, co-orientador da dissertação, pelo seu contributo na clarificação de ideias e partilha da sua experiência.

Ao Dr. Luís Mateus Pereira, pela nobre hospitalidade que nos facultou na cidade do Porto ao longo destes anos difíceis.

Ao Dr. João Carlos Catarino, pelo seu inestimável apoio na revisão textual, sem o qual esta tarefa teria sido de muito difícil acesso.

À Dra. Paula Pina Mendes, pela seu empenho em resolver um período conturbado de incapacidade física.

À Dra. Mª Claudina Mendes, pela sua compreensão, incentivo e disponibilidade para nos socorrer em momentos de grande aflição.

Ao Dr. Acácio Luciano Oliveira, que sempre se mostrou disponível para nos aquietar o *stress* resultante das tarefas diárias.

Ao Dr. Hélder Silva, que nos forneceu inúmeras fontes bibliográficas, as quais contribuíram de forma decisiva para a análise do percurso das atletas.

Ao Dr. Luís Cid que, num momento crítico deste percurso, nos deu uma lufada de ar fresco para continuar em frente.

À Dra. Ana Luísa, pela sua disponibilidade em nos facultar o *software* necessário à impressão da capa deste estudo.

Ao Dr. Luís Jorge Luz, pela atenção dispensada na elaboração e tratamento gráfico da capa deste estudo.

Ao Dr. António Manuel Fernandes (Revista Atletismo), sem o qual andaríamos eternamente à procura de alguns *rankings*.

Ao Dr. Luís Dias que, embora não o conheçamos pessoalmente, nos disponibilizou os tão desejados *rankings* das provas de marcha.

Ao Dr. Vítor Teixeira, sem o qual a "amiga fiabilidade" ainda nos inquietaria.

À Dra. M. Natália Amarante que, prescindindo de algum do seu tempo de férias no Algarve, nos auxiliou na elaboração do resumo em língua francesa.

À Vera Brito que, por vezes, nos incutia motivação.

Ao Cooper e à Tonicha que, embora já não estando entre nós, estavam sempre disponíveis para apaziguar o nosso inquieto espírito.

Ao Finton, ao Salik e ao Skipi, pela sua capacidade de nos alegrar em momentos apreensivos.

Agradecemos também a todos aqueles amigos que apesar do tempo tomado pelo estudo em desproveito do convívio, souberam conservar a amizade existente entre nós.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos 5
Índice geral 7
Índice de figuras 15
Índice de quadros 23
Resumo 29
Abstract 31
Sommaire 33
Abreviaturas 35

1. INTRODUÇÃO 37
1.1. Enunciado do problema 38
1.2. Objectivos 39

2. REVISÃO DA LITERATURA 41
2.1. Particularidades da formação desportiva 41
2.1.1. O percurso para o sucesso: da iniciação ao alto rendimento 43
2.1.1.1. Primeira etapa: "iniciação desportiva" 45
2.1.1.1.1. Início 46
2.1.1.1.2. Características 47
2.1.1.1.3. Competições 48
2.1.1.2. Segunda etapa: "orientação desportiva" 50
2.1.1.2.1. Início 51
2.1.1.2.2. Características 51
2.1.1.2.3. Competições 53
2.1.1.3. Terceira etapa: "Especialização desportiva" 55
2.1.1.3.1. Início 56
2.1.1.3.2. Características 56
2.1.1.3.3. Competições 58
2.1.1.4. Quarta etapa: "Alto Rendimento" 60
2.1.1.4.1. Início 60
2.1.1.4.2. Características 61
2.1.1.4.3. Competições 63
2.1.2. A precipitação para o (in)sucesso 65

2.1.2.1. Especialização desportiva precoce 65

3. ESTUDO UM – ATLETAS QUE SE ENCONTRAVAM NOS PRIMEIROS CINCO LUGARES DOS *RANKINGS* DOS ESCALÕES DE FORMAÇÃO, ENTRE OS ANOS 1986 A 1990 *INCLUSIVE* 69

3.1. METODOLOGIA 71
3.1.1. Amostra 71
3.1.2. Procedimentos de análise dos dados 71
3.2. RESULTADOS 73
3.2.1. Por escalão 73
3.2.1.1. Infantil 73
3.2.1.2. Iniciado 75
3.2.1.3. Juvenil 78
3.2.2. Por grupo de provas 81
3.2.2.1. Velocidade 81
3.2.2.1.1. Infantis 81
3.2.2.1.2. Iniciadas 81
3.2.2.1.3. Juvenis 82
3.2.2.1.4. Resultados globais 83
3.2.2.2. Meio-fundo e fundo 85
3.2.2.2.1. Infantis 85
3.2.2.2.2. Iniciadas 86
3.2.2.2.3. Juvenis 86
3.2.2.2.4. Resultados globais 87
3.2.2.3. Saltos verticais 89
3.2.2.3.1. Infantis 89
3.2.2.3.2. Iniciadas 90
3.2.2.3.3. Juvenis 90
3.2.2.3.4. Resultados globais 91
3.2.2.4. Saltos horizontais 93
3.2.2.4.1. Infantis 93
3.2.2.4.2. Iniciadas 94
3.2.2.4.3. Juvenis 95
3.2.2.4.4. Resultados globais 95
3.2.2.5. Lançamentos 97
3.2.2.5.1. Infantis 97
3.2.2.5.2. Iniciadas 98
3.2.2.5.3. Juvenis 99
3.2.2.5.4. Resultados globais 99
3.2.2.6. Marcha 102
3.2.2.6.1. Infantis 102
3.2.2.6.2. Iniciadas 102
3.2.2.6.3. Juvenis 103
3.2.2.6.4. Resultados globais 104
3.2.2.7. Provas combinadas 106
3.2.2.7.1. Infantis 106
3.2.2.7.2. Iniciadas 106
3.2.2.7.3. Juvenis 107
3.2.2.7.4. Resultados globais 108

3.3. DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS 111
3.3.1. Caracterização dos *rankings* dos diferentes grupos de provas 111
3.3.1.1. Atletas que se encontravam nos *rankings* 111

3.3.1.2. Atletas que ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão em que se encontravam nos *rankings* ... 111
3.3.1.3. Atletas que se encontravam nos *rankings* pela primeira vez ... 112
3.3.1.4. Atletas que se encontravam simultaneamente nos *rankings* de dois ou mais grupos de provas ... 113
3.3.2. Percurso das atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões de formação, entre 1986 e 1990 ... 113
3.3.2.1. Análise nos diferentes grupos de provas ... 115
3.3.2.1.1. Atletas que surgiram nos *rankings* do escalão sénior, no mesmo grupo de provas ... 117

4. ESTUDO DOIS – ATLETAS QUE SE ENCONTRAVAM NO PRIMEIRO LUGAR DOS *RANKINGS* DOS ESCALÕES DE FORMAÇÃO, ENTRE OS ANOS 1986 A 1990 *INCLUSIVE* ... 119

4.1. METODOLOGIA ... 121
4.1.1. Amostra ... 121
4.1.2. Procedimentos de análise dos dados ... 121
4.2. RESULTADOS ... 123
4.2.1. Por escalão ... 123
4.2.1.1. Infantil ... 123
4.2.1.2. Iniciado ... 125
4.2.1.3. Juvenil ... 128
4.2.2. Por grupo de provas ... 131
4.2.2.1. Velocidade ... 131
4.2.2.1.1. Infantis ... 131
4.2.2.1.2. Iniciadas ... 131
4.2.2.1.3. Juvenis ... 132
4.2.2.1.4. Resultados globais ... 132
4.2.2.2. Meio-fundo e fundo ... 135
4.2.2.2.1. Infantis ... 135
4.2.2.2.2. Iniciadas ... 135
4.2.2.2.3. Juvenis ... 136
4.2.2.2.4. Resultados globais ... 137
4.2.2.3. Saltos verticais ... 139
4.2.2.3.1. Infantis ... 139
4.2.2.3.2. Iniciadas ... 139
4.2.2.3.3. Juvenis ... 140
4.2.2.3.4. Resultados globais ... 141
4.2.2.4. Saltos horizontais ... 143
4.2.2.4.1. Infantis ... 143
4.2.2.4.2. Iniciadas ... 144
4.2.2.4.3. Juvenis ... 144
4.2.2.4.4. Resultados globais ... 145
4.2.2.5. Lançamentos ... 146
4.2.2.5.1. Infantis ... 146
4.2.2.5.2. Iniciadas ... 147
4.2.2.5.3. Juvenis ... 148
4.2.2.5.4. Resultados globais ... 148
4.2.2.6. Marcha ... 150
4.2.2.6.1. Infantis ... 150
4.2.2.6.2. Iniciadas ... 151
4.2.2.6.3. Juvenis ... 151
4.2.2.6.4. Resultados globais ... 152
4.2.2.7. Provas combinadas ... 154
4.2.2.7.1. Infantis ... 154

4.2.2.7.2. Iniciadas 155
4.2.2.7.3. Juvenis 155
4.2.2.7.4. Resultados globais 156

4.3. DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS 159
4.3.1. Caracterização dos *rankings* dos diferentes grupos de provas 159
4.3.1.1. Atletas que se encontravam nos *rankings* 159
4.3.1.2. Atletas que ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão em que se encontravam nos *rankings* 159
4.3.1.3. Atletas que se encontravam nos *rankings* pela primeira vez 159
4.3.1.4. Atletas que se encontravam simultaneamente nos *rankings* de dois ou mais grupos de provas 160
4.3.2. Percurso das atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões de formação, entre 1986 a 1990 160
4.3.2.1. Análise nos diferentes grupos de provas 161
4.3.2.1.1. Atletas que surgiram nos *rankings* do escalão sénior, no mesmo grupo de provas 162

5. ESTUDO TRÊS – ATLETAS QUE SE ENCONTRAVAM NOS PRIMEIROS CINCO LUGARES DOS *RANKINGS* DOS ESCALÕES DE FORMAÇÃO ENTRE 1986 E 1990 E QUE OBTIVERAM, QUANDO SENIORES, "MÍNIMOS" PARA PARTICIPAÇÃO EM CE, CM E JO 165

5.1. METODOLOGIA 167
5.1.1. Amostra 167
5.1.2. Procedimentos de análise dos dados 167
5.2. RESULTADOS 169
5.2.1. Por escalão 169
5.2.1.1. Infantil 169
5.2.1.2. Iniciado 169
5.2.1.3. Juvenil 169
5.2.2. Por grupo de provas 170
5.2.2.1. Velocidade 170
5.2.2.1.1. Infantis 170
5.2.2.1.2. Iniciadas 170
5.2.2.1.3. Juvenis 170
5.2.2.1.4. Resultados globais 170
5.2.2.2. Meio-fundo e fundo 171
5.2.2.2.1. Infantis 171
5.2.2.2.2. Iniciadas 171
5.2.2.2.3. Juvenis 171
5.2.2.2.4. Resultados globais 171
5.2.2.3. Saltos verticais 172
5.2.2.3.1. Infantis 172
5.2.2.3.2. Iniciadas 172
5.2.2.3.3. Juvenis 172
5.2.2.3.4. Resultados globais 172
5.2.2.4. Saltos horizontais 172
5.2.2.4.1. Infantis 172
5.2.2.4.2. Iniciadas 172
5.2.2.4.3. Juvenis 173
5.2.2.4.4. Resultados globais 173
5.2.2.5. Lançamentos 173
5.2.2.5.1. Infantis 173
5.2.2.5.2. Iniciadas 173
5.2.2.5.3. Juvenis 173

5.2.2.5.4. Resultados globais 173
5.2.2.6. Marcha 174
5.2.2.6.1. Infantis 174
5.2.2.6.2. Iniciadas 174
5.2.2.6.3. Juvenis 174
5.2.2.6.4. Resultados globais 174
5.2.2.7. Provas combinadas 175
5.2.2.7.1. Infantis 175
5.2.2.7.2. Iniciadas 175
5.2.2.7.3. Juvenis 175
5.2.2.7.4. Resultados globais 175

5.3. DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS 177

6. ESTUDO QUATRO – ATLETAS QUE SE ENCONTRAVAM NOS PRIMEIROS CINCO LUGARES DOS *RANKINGS* DO ESCALÃO SÉNIOR, ENTRE OS ANOS 1996 A 2000 *INCLUSIVE* 179

6.1. METODOLOGIA 181
6.1.1. Amostra 181
6.1.2. Procedimentos de análise dos dados 181
6.2. RESULTADOS 183
6.2.1. Por grupo de provas 186
6.2.1.1. Velocidade 186
6.2.1.2. Meio-fundo e fundo 186
6.2.1.3. Saltos verticais 187
6.2.1.4. Saltos horizontais 188
6.2.1.5. Lançamentos 188
6.2.1.6. Marcha 189
6.2.1.7. Provas combinadas 190

6.3. DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS 191
6.3.1. Caracterização dos *rankings* dos diferentes grupos de provas 191
6.3.1.1. Atletas que se encontravam nos *rankings* 191
6.3.1.2. Atletas que ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão sénior 191
6.3.1.3. Atletas que se encontravam simultaneamente nos *rankings* de dois ou mais grupos de provas 192
6.3.2. Percurso das atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior, entre 1996 e 2000 192
6.3.2.1. Análise nos diferentes grupos de provas 193
6.3.2.1.1. Atletas que surgiram nos *rankings* dos escalões de formação, no mesmo grupo de provas 193

7. ESTUDO CINCO – ATLETAS QUE SE ENCONTRAVAM NO PRIMEIRO LUGAR DOS *RANKINGS* DO ESCALÃO SÉNIOR, ENTRE OS ANOS 1996 A 2000 *INCLUSIVE* 195

7.1. METODOLOGIA 197
7.1.1. Amostra 197
7.1.2. Procedimentos de análise dos dados 197
7.2. RESULTADOS 199
7.2.1. Por grupo de provas 202
7.2.1.1. Velocidade 202
7.2.1.2. Meio-fundo e fundo 202
7.2.1.3. Saltos verticais 203

7.2.1.4. Saltos horizontais 203
7.2.1.5. Lançamentos 204
7.2.1.6. Marcha 205
7.2.1.7. Provas combinadas 205
7.3. DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS 207
7.3.1. Caracterização dos *rankings* dos diferentes grupos de provas 207
7.3.1.1. Atletas que se encontravam nos *rankings* 207
7.3.1.2. Atletas que ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão sénior 207
7.3.1.3. Atletas que se encontravam simultaneamente nos *rankings* de dois ou mais grupos de provas 207
7.3.2. Percurso das atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior, entre 1996 e 2000 208
7.3.2.1. Análise nos diferentes grupos de provas 208
7.3.2.1.1. Atletas que surgiram nos *rankings* dos escalões de formação, no mesmo grupo de provas 209

8. ESTUDO SEIS – ATLETAS QUE SE ENCONTRAVAM NOS PRIMEIROS CINCO LUGARES DOS RANKINGS DO ESCALÃO SÉNIOR, ENTRE 1996 E 2000, E QUE OBTIVERAM "MÍNIMOS" PARA PARTICIPAÇÃO EM CE, CM E JO 211

8.1. METODOLOGIA 213
8.1.1. Amostra 213
8.1.2. Procedimentos de análise dos dados 213
8.2. RESULTADOS 215
8.2.1. Por grupo de provas 217
8.2.1.1. Velocidade 217
8.2.1.2. Meio-fundo e fundo 217
8.2.1.3. Saltos verticais 218
8.2.1.4. Saltos horizontais 218
8.2.1.5. Lançamentos 219
8.2.1.6. Marcha 219
8.2.1.7. Provas combinadas 220

8.3. DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS 221
8.3.1. Percurso das atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior, entre 1996 e 2000, e que obtiveram "mínimos" para participação em CE, CM e JO 221
8.3.2. Análise nos diferentes grupos de provas 221
8.3.2.1. Atletas que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões de formação, no mesmo grupo de provas 221

9. CONCLUSÕES GERAIS 223
9.1. Conclusões dos estudos relativos às atletas que se encontravam nos *rankings* dos escalões de formação, entre 1986 e 1990 223
9.2. Conclusões dos estudos relativos às atletas que se encontravam nos *rankings* do escalão sénior, entre 1996 e 2000 225

10. BIBLIOGRAFIA 229

11. ANEXOS 239
Anexo I – Correspondência da idade de início à etapa desportiva em diferentes modalidades 241

12. APÊNDICES 243
Apêndice I – Etapas da formação desportiva – diferentes classificações 245

Apêndice II – Considerações de vários autores sobre a especialização precoce 247
Apêndice III – Provas dos quadros competitivos dos diferentes escalões do atletismo feminino 249
Apêndice IV – Categorização das diferentes provas encontradas nos quadros competitivos do atletismo feminino, entre os anos 1981 a 2000 *inclusive* 251

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Duração geral do treino a longo prazo (até à obtenção dos resultados de nível internacional) e duração de cada etapa da preparação a longo prazo nos diferentes tipos de modalidade ou disciplinas desportivas (masculinos) 44

Figura 2 – Duração geral do treino a longo prazo (até à obtenção dos resultados de nível internacional) e duração de cada etapa da preparação a longo prazo nos diferentes tipos de modalidade ou disciplinas desportivas (femininos) 44

Figura 3 – Modelo de periodização do treino, articulado com o calendário escolar (Hahn, 1988; Adaptado de Tschiene, 1976) 54

Figura 4 – Modelo da periodização do treino ao longo de um ciclo anual (adaptado de Matveiev, 1990) 60

Figura 5 – Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos diferentes grupos de provas do escalão infantil 73

Figura 6 – Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão infantil, simultaneamente em dois ou mais grupos de provas 73

Figura 7 – Primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão infantil: taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão iniciado, juvenil e sénior 74

Figura 8 – Primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão infantil: taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo de provas, os primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão iniciado, juvenil e sénior 75

Figura 9 – Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos diferentes grupos de provas do escalão iniciado 75

Figura 10 – Taxa de atletas que pela primeira vez se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão iniciado 76

Figura 11 – Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão iniciado, simultaneamente em dois ou mais grupos de provas 76

Figura 12 – Primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão iniciado: taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão juvenil e sénior 77

Figura 13 – Primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão iniciado: taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo de provas, os primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão juvenil e sénior 78

Figura 14 – Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos diferentes grupos de provas do escalão juvenil 78

Figura 15 – Taxa de atletas que pela primeira vez se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão juvenil 79

Figura 16 – Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão juvenil, simultaneamente em dois ou mais grupos de provas 79

Figura 17 – Primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão juvenil: taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão sénior 80

Figura 18 – Primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão juvenil: taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo de provas, os primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão sénior 80

Figura 19 – Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (velocidade) 83

Figura 20 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (velocidade) 83

Figura 21 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação, simultaneamente no grupo da velocidade e em outro(s) grupo(s) 84

Figura 22 – Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (velocidade): taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores 84

Figura 23 – Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (velocidade): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores 85

Figura 24 – Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (meio-fundo e fundo) 87

Figura 25 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (meio-fundo e fundo) 88

Figura 26 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação, simultaneamente no grupo do meio-fundo e fundo e em outro(s) grupo(s) 88

Figura 27 – Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (meio-fundo e fundo): taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores 89

Figura 28 – Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (meio-fundo e fundo): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores 89

Figura 29 – Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais) 91

Figura 30 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais) 92

Figura 31 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais) e simultaneamente em outro(s) grupo(s) 92

Figura 32 – Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais): taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores 93

Figura 33 – Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores 93

Figura 34 – Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (saltos horizontais) 95

Figura 35 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (saltos horizontais) 96

Figura 36 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação, simultaneamente no grupo dos saltos horizontais e em outro(s) grupo(s) 96

Figura 37 – Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (saltos horizontais): taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores 97

Figura 38 – Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (saltos horizontais): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores 97

Figura 39 – Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (lançamentos) 100

Figura 40 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (lançamentos) 100

Figura 41 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação, simultaneamente no grupo dos lançamentos e em outro(s) grupo(s) 101

Figura 42 – Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (lançamentos): taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores 101

Figura 43 – Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (lançamentos): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores 102

Figura 44 – Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (marcha) 104

Figura 45 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (marcha) 104

Figura 46 – Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (marcha): taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores 105

Figura 47 – Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (marcha): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores 105

Figura 48 – Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (provas combinadas) 108

Figura 49 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (provas combinadas) 108

Figura 50 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação, simultaneamente no grupo dos provas combi. e em outro(s) grupo(s) 109

Figura 51 – Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (provas combinadas): taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores 109

Figura 52 – Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (provas combinadas): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores 110

Figura 53 – Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos diferentes grupos de provas do escalão infantil 123

Figura 54 – Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* do escalão infantil, simultaneamente em dois ou mais grupos de provas 123

Figura 55 – Primeiro lugar dos *rks* do escalão infantil: taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* do escalão iniciado, juvenil e sénior 124

Figura 56 – Primeiro lugar dos *rks* do escalão infantil: taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo de provas, o primeiro lugar dos *rks* do escalão iniciado, juvenil e sénior 125

Figura 57 – Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos diferentes grupos de provas do escalão iniciado 125

Figura 58 – Taxa de atletas que pela primeira vez se encontravam no primeiro lugar dos *rks* do escalão iniciado 126

Figura 59 – Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* do escalão iniciado, simultaneamente em dois ou mais grupos de provas 126

Figura 60 – Primeiro lugar dos *rks* do escalão iniciado: taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil e sénior 127

Figura 61 – Primeiro lugar dos *rks* do escalão iniciado: taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo de provas, o primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil e sénior 128

Figura 62 – Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos diferentes grupos de provas do escalão juvenil 128

Figura 63 – Taxa de atletas que pela primeira vez se encontravam no primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil 129

Figura 64 – Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil, simultaneamente em dois ou mais grupos de provas 129

Figura 65 – Primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil: taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* do escalão sénior 130

Figura 66 – Primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil: taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo de provas, o primeiro lugar dos *rks* do escalão sénior 130

Figura 67 – Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (velocidade) 133

Figura 68 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (velocidade) 133

Figura 69 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação, simultaneamente no grupo das provas de velocidade e em outro(s) grupo(s) 134

Figura 70 – Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (velocidade): taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores 134

Figura 71 – Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (velocidade): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores 135

Figura 72 – Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (meio-fundo e fundo) 137

Figura 73 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (meio-fundo e fundo) 137

Figura 74 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação, simultaneamente no grupo das provas de meio-fundo e fundo e em outro(s) grupo(s) 138

Figura 75 – Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (meio-fundo e fundo): taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores 138

Figura 76 – Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (meio-fundo e fundo): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores 139

Figura 77 – Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais) 141

Figura 78 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais) 141

Figura 79 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais) e simultaneamente em outro(s) grupo(s) 142

Figura 80 – Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais): taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores 142

Figura 81 – Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores 143

Figura 82 – Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (saltos horizontais) 145

Figura 83 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação, simultaneamente no grupo das provas de saltos horizontais e em outro(s) grupo(s) 145

Figura 84 – Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (saltos horizontais): taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores 146

Figura 85 – Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (saltos horizontais): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores 146

Figura 86 – Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (lançamentos) 148

Figura 87 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (lançamentos) 149

Figura 88 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação, simultaneamente no grupo das provas de lançamentos e em outro(s) grupo(s) 149

Figura 89 – Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (lançamentos): taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores 150

Figura 90 – Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (lançamentos): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores 150

Figura 91 – Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (marcha) 152

Figura 92 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (marcha) 153

Figura 93 – Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (marcha): taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores 153

Figura 94 – Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (marcha): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores 154

Figura 95 – Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (provas combinadas) 156

Figura 96 – Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação, simultaneamente no grupo dos provas combinadas e em outro(s) grupo(s) 166

Figura 97 – Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (provas combinadas): taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores 157

Figura 98 – Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (provas combinadas): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores 157

Figura 99 – Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (velocidade): taxa de atletas que viriam a obter, quando seniores, "mínimos" para participação em campeonatos internacionais 170

Figura 100 – Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (meio-fundo e fundo): taxa de atletas que viriam a obter, quando seniores, "mínimos" para participação em campeonatos internacionais 171

Figura 101 – Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (marcha): taxa de atletas que viriam a obter, quando seniores, "mínimos" para participação em campeonatos internacionais 174

Figura 102 – Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos diferentes grupos de provas do escalão sénior 183

Figura 103 – Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão sénior, simultaneamente em dois ou mais grupos de provas 183

Figura 104 – Primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão sénior: taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão juvenil, iniciado e infantil 184

Figura 105 – Primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão sénior: taxa de atletas que se encontravam, no mesmo grupo de provas, nos primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão juvenil, iniciado e infantil 185

Figura 106 – Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos diferentes grupos de provas do escalão sénior 199

Figura 107 – Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* do escalão sénior, simultaneamente em dois ou mais grupos de provas 199

Figura 108 – Primeiro lugar dos *rks* do escalão sénior: taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil, iniciado e infantil 200

Figura 109 – Primeiro lugar dos *rks* do escalão sénior: taxa de atletas que se encontravam, no mesmo grupo de provas, no primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil, iniciado e infantil 201

Figura 110 – Primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão sénior: taxa de atletas que obtiveram "mínimos" para participação em campeonatos internacionais 215

Figura 111 – Atletas com "mínimos": taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil, iniciado e infantil 216

Figura 112 – Atletas com "mínimos": taxa de atletas que se encontravam, no mesmo grupo de provas, no primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil, iniciado e infantil 216

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Formação desportiva a longo prazo – processo sequencial de especialização no Atletismo. Sua correspondência com o nível de idade e o escalão desportivo 45

Quadro 2 – Escalão infantil: número de atletas que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes 74

Quadro 3 – Escalão iniciado: número de atletas que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes 77

Quadro 4 – Escalão juvenil: número de atletas que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior 80

Quadro 5 – Grupo das provas de velocidade: número de atletas do escalão infantil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes 81

Quadro 6 – Grupo das provas de velocidade: número de atletas do escalão iniciado que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes 82

Quadro 7 – Grupo das provas de velocidade: número de atletas do escalão juvenil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior 82

Quadro 8 – Grupo das provas de meio-fundo e fundo: número de atletas do escalão infantil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes 85

Quadro 9 – Grupo das provas de meio-fundo e fundo: número de atletas do escalão iniciado que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes 86

Quadro 10 – Grupo das provas de meio-fundo e fundo: número de atletas do escalão juvenil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior 87

Quadro 11 – Grupo das provas de saltos verticais: número de atletas do escalão infantil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes 90

Quadro 12 – Grupo das provas de saltos verticais: número de atletas do escalão iniciado que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes 90

Quadro 13 – Grupo das provas de saltos verticais: número de atletas do escalão juvenil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior 91

Quadro 14 – Grupo das provas de saltos horizontais: número de atletas do escalão infantil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes 94

Quadro 15 – Grupo das provas de saltos horizontais: número de atletas do escalão iniciado que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes 94

Quadro 16 – Grupo das provas de saltos horizontais: número de atletas do escalão juvenil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior 95

Quadro 17 – Grupo das provas de lançamentos: número de atletas do escalão infantil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes 98

Quadro 18 – Grupo das provas de lançamentos: número de atletas do escalão iniciado que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes 99

Quadro 19 – Grupo das provas de lançamentos: número de atletas do escalão juvenil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior 99

Quadro 20 – Grupo das provas de marcha: número de atletas do escalão infantil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes 102

Quadro 21 – Grupo das provas de marcha: número de atletas do escalão iniciado que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes 103

Quadro 22 – Grupo das provas de marcha: número de atletas do escalão juvenil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior 103

Quadro 23 – Grupo das provas combinadas: número de atletas do escalão infantil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes 106

Quadro 24 – Grupo das provas combinadas: número de atletas do escalão iniciado que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes 107

Quadro 25 – Grupo das provas combinadas: número de atletas do escalão juvenil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior 107

Quadro 26 – Escalão infantil: número de atletas que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes 124

Quadro 27 – Escalão iniciado: número de atletas que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes 127

Quadro 28 – Escalão juvenil: número de atletas que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior 130

Quadro 29 – Grupo das provas de velocidade: número de atletas do escalão infantil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes 131

Quadro 30 – Grupo das provas de velocidade: número de atletas do escalão iniciado que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes 132

Quadro 31 – Grupo das provas de velocidade: número de atletas do escalão juvenil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior 132

Quadro 32 – Grupo das provas de meio-fundo e fundo: número de atletas do escalão infantil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes 135

Quadro 33 – Grupo das provas de meio-fundo e fundo: número de atletas do escalão iniciado que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes 136

Quadro 34 – Grupo das provas de meio-fundo e fundo: número de atletas do escalão juvenil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior 136

Quadro 35 – Grupo das provas de saltos verticais: número de atletas do escalão infantil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes 139

Quadro 36 – Grupo das provas de saltos verticais: número de atletas do escalão iniciado que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes 140

Quadro 37 – Grupo das provas de saltos verticais: número de atletas do escalão juvenil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior 140

Quadro 38 – Grupo das provas de saltos horizontais: número de atletas do escalão infantil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes 143

Quadro 39 – Grupo das provas de saltos horizontais: número de atletas do escalão iniciado que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes 144

Quadro 40 – Grupo das provas de saltos horizontais: número de atletas do escalão juvenil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior 144

Quadro 41 – Grupo das provas de lançamentos: número de atletas do escalão infantil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes 147

Quadro 42 – Grupo das provas de lançamentos: número de atletas do escalão iniciado que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes 147

Quadro 43 – Grupo das provas de lançamentos: número de atletas do escalão juvenil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior 148

Quadro 44 – Grupo das provas de marcha: número de atletas do escalão infantil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes 151

Quadro 45 – Grupo das provas de marcha: número de atletas do escalão iniciado que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes 151

Quadro 46 – Grupo das provas de marcha: número de atletas do escalão juvenil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior 152

Quadro 47 – Grupo das provas combinadas: número de atletas do escalão infantil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes 154

Quadro 48 – Grupo das provas combinadas: número de atletas do escalão iniciado que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes 155

Quadro 49 – Grupo das provas combinadas: número de atletas do escalão juvenil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior 155

Quadro 50 – Escalão sénior: número de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões precedentes 184

Quadro 51 – Grupo das provas de velocidade: número de atletas do escalão sénior que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões precedentes 186

Quadro 52 – Grupo das provas de meio-fundo e fundo: número de atletas do escalão sénior que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões precedentes 187

Quadro 53 – Grupo das provas de saltos verticais: número de atletas do escalão sénior que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões precedentes 187

Quadro 54 – Grupo das provas de saltos horizontais: número de atletas do escalão sénior que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões precedentes 188

Quadro 55 – Grupo das provas de lançamentos: número de atletas do escalão sénior que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões precedentes 189

Quadro 56 – Grupo das provas de marcha: número de atletas do escalão sénior que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões precedentes 189

Quadro 57 – Grupo das provas combinadas: número de atletas do escalão sénior que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões precedentes 190

Quadro 58 – Escalão sénior: número de atletas que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes 200

Quadro 59 – Grupo das provas de velocidade: número de atletas do escalão sénior que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes 202

Quadro 60 – Grupo das provas de meio-fundo e fundo: número de atletas do escalão sénior que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes 203

Quadro 61 – Grupo das provas de saltos verticais: número de atletas do escalão sénior que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes 203

Quadro 62 – Grupo das provas de saltos horizontais: número de atletas do escalão sénior que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes 204

Quadro 63 – Grupo das provas de lançamentos: número de atletas do escalão sénior que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes 204

Quadro 64 – Grupo das provas de marcha: número de atletas do escalão sénior que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes 205

Quadro 65 – Grupo das provas combinadas: número de atletas do escalão sénior que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes 205

Quadro 66 – Escalão sénior: número de atletas internacionais que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes 215

Quadro 67 – Grupo das provas de velocidade: número de atletas do escalão sénior (internacionais) que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes 217

Quadro 68 – Grupo das provas de meio-fundo e fundo: número de atletas do escalão sénior (internacionais) que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes 218

Quadro 69 – Grupo das provas de saltos horizontais: número de atletas do escalão sénior (internacionais) que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes 218

Quadro 70 – Grupo das provas de lançamentos: número de atletas do escalão sénior (internacionais) que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes 219

Quadro 71 – Grupo das provas de marcha: número de atletas do escalão sénior (internacionais) que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes 219

RESUMO

Actualmente, o treino desportivo com crianças e jovens revela-se extremamente importante no desenvolvimento de qualquer modalidade desportiva, condicionando a excelência do rendimento na idade adulta.

Com efeito, as crianças são recrutadas para a prática desportiva cada vez mais cedo. Na maior parte das vezes, esse recrutamento está associado a uma orientação prematura para uma determinada especialidade, na qual a obtenção de resultados a curto prazo se torna uma prioridade.

Todavia, será que o êxito obtido em idades jovens resultará em êxito na idade adulta? Ou, pelo contrário, aqueles que obtém êxito na idade adulta terão obtido êxito enquanto crianças e jovens?

Face a estas dúvidas, uma vez que a realização de estudos neste domínio tem sido escassa, esta dissertação tem como objecto central investigar o percurso das atletas femininas que se encontravam nos primeiros cinco lugares, e no primeiro lugar em particular, nos *rankings* nacionais:

a) nos escalões de formação (infantil, iniciado e juvenil), entre os anos 1986 a 1990 *inclusive*;
b) no escalão sénior, entre os anos 1996 a 2000 *inclusive*;
c) no escalão sénior, entre os anos 1996 a 2000 *inclusive*, e que obtiveram mínimos para participação em Campeonatos da Europa, Campeonatos do Mundo e Jogos Olímpicos.

Neste sentido, foram realizadas análises prospectivas do percurso de trezentas e vinte e nove atletas dos escalões de formação e análises retrospectivas do percurso de cento e dezoito atletas do escalão sénior.

Para abordarmos e compreendermos os nossos resultados, houve necessidade de se proceder a uma revisão bibliográfica e estabelecer um quadro referência sobre as diferentes vertentes da formação desportiva.

Os principais resultados obtidos permitem concluir que:

a) **em relação às atletas que se encontravam nos *rankings* dos escalões de formação**, embora seja necessário aguardar mais alguns anos para se conhecer na íntegra o seu percurso, é já evidente que muito do investimento feito então aponta no sentido de não se ter revelado, até ao momento, rentável. Apenas um reduzido número de atletas conseguiu prolongar a sua carreira desportiva até ao escalão sénior com uma presença assídua entre as melhores nos *rankings*. Quanto mais baixo é o escalão considerado, menor é o número de atletas que confirma no escalão sénior o êxito obtido no escalão de formação;
b) **em relação às atletas que se encontravam nos *rankings* do escalão sénior**, uma significativa parte destas esteve entre as melhores nos *rankings* dos escalões de formação, principalmente nos escalões juvenil e iniciado. Quanto mais baixo é o escalão formação considerado, menor é o número de atletas seniores que esteve nos *rankings*. Todavia, confirma-se que continua a haver lugar, entre as melhores do escalão sénior, para atletas que não demonstraram elevados níveis de rendimento nos escalões de formação.
   O sucesso de um número significativo de atletas que se encontravam nos *rankings* do escalão sénior, não obstante terem ocupado os *rankings* dos escalões de formação, particularmente nos escalões iniciado e juvenil, é pouco relevante internacionalmente. Apenas uma pequena parte das atletas obteve "mínimos" para participação em campeonatos internacionais.
c) **em relação às atletas que se encontravam nos *rankings* do escalão sénior e que obtiveram mínimos para participação em campeonatos internacionais**, a maior parte destas não ocupou o primeiro lugar nos *rankings* dos escalões de formação, sobretudo dos escalões infantil e iniciado. A importância das atletas seniores terem figurado no primeiro lugar dos escalões de formação é relativa porque tem reduzida correspondência com o êxito no plano internacional.

PALAVRAS CHAVE: FORMAÇÃO DESPORTIVA, PERCURSO, *RANKING*, ATLETISMO, PORTUGAL.

ABSTRACT

At the present time, training children and young people is an extremely important issue in the development of any sport, conditioning the excellence of the revenue in the adult age.

Children are earlier recruited for sport practice. Most of the time, that recruitment is associated to a premature orientation for a certain sport, in which obtaining short term results become a priority.

Though, will it be that the success obtained in young ages will result in success in the adult age? Or, on the other hand, those who obtain success in the adult age have obtained success while children and young?

Once the accomplishment of studies in this domain has been scarce, this dissertation's central purpose is to investigate the women's career in the top five, as well as the first place, in the Portuguese rankings:

a) in the junior stage (under 13, 15 and 17), between 1986 and 1990, inclusively;

b) in the senior stage, between 1996 and 2000, inclusively;

c) in the senior stage, between 1996 and 2000, inclusively, who obtained marks to participate in Europe Championships, World Championships and Olympic Games.

Prospective analyses made on three hundred and twenty-nine athletes of the formation stage and retrospective analyses made on a hundred and eighteen athletes of the senior stage were accomplished.

A bibliographical revision was proceed to establish a theoretical approach on the different views about sportive build-up.

The obtained results allow to end that:

a) as to athletes that were in the rankings of the formation stages, although it is necessary to wait some years to know their complete career, it is evident that a lot of the investment done has not been revealed, to the moment, profitable. Only a small number of athletes got to prolong their sport career to the senior stage keeping up with the best ones in the rankings. The lower is the stage, minor is the number of athletes that confirm in the senior stage the success obtained in the formation stage;

b) as to athletes that were in the rankings of the senior stage, a significant part were among the best in the rankings of the formation stages, mainly while under 15 and 17. The lower formation stage considered, less senior athletes were in the rankings. Though, it is confirmed that there is a place, among the best of the senior stage, for athletes that did not demonstrate high revenue levels while in the formation stages.

The success of a significant number of athletes that were in the rankings of the senior stage, in spite of having occupied the rankings of the formation stages, particularly while under 15 and 17, it is not relevant in international competitions. Only a few part of the athletes obtained marks to participate in international championships;

c) as to athletes that were in the rankings of the senior stage that obtained marks to participate in international championships, mostly didn't occupy the first place in the rankings of the formation stages, while under 14 and 15. As to senior athletes, the importance of being in the first place of the formation stages is relative because it hasn't got correspondence with international success.

KEY WORDS: SPORTIVE BUILD-UP, CAREER, RANKING, ATHLETICS, PORTUGAL.

SOMMAIRE

À présent, la formation du sport avec les enfants et les jeunes s'est révélée extrêmement importante dans le développement de toute modalité du sport, en conditionnant l'excellence du rendement dans l'âge adulte.

Par conséquent, les enfants sont recrutés pour l'entraînement du sport plus tôt. La plupart du temps, ce recrutement est associé à une orientation prématurée pour une certaine spécialité dans laquelle l'obtention de résultats à court terme devient une priorité.

Malgré cela, est-ce que le résultat obtenu dans les jeunes âges suait le même succès à l'âge adulte? Ou, au contraire, ceux qui obtiennent du succès à l'âge adulte auront-ils obtenu le même succès durant leur jeunesse?

Face à ces doutes, une fois que la réalisation d'études dans ce domaine est de plus en plus rare, cette dissertation a comme but central d'enquêter sur le parcours des athlètes féminins figurant parmi les cinq premières places, et en particulier en première place, dans les classements portugais:

a) dans les catégories de la formation (poussins, benjamins et cadettes), dans les années 1986 à 1990 inclus;

b) dans la catégorie senior, dans les années 1996 à 2000 inclus;

c) dans la catégorie senior, dans les années 1996 à 2000 inclus, celles qui ont obtenu le minimum pour participer aux Championnats d'Europe, aux Championnats du Monde et aux jeux olympiques.

Dans ce sens, les futures analyses ont été accomplies sur trois cents vingt neuf athlètes des catégories de la formation et d'autres analyses rétrospectives ont été effectuées sur cent dix huit athlètes de la catégorie senior.

Pour que l'on soit capable d'aborder et de comprendre nos résultats, il a été nécessaire de procéder à une révision bibliographique et d'établir un cadre de référence sur les différentes voies de la formation sportive.

Les conclusions essentielles obtenues ont mis en évidence ce qui suit:

a) par rapport aux athlètes qui étaient dans les classements des catégories de la formation, bien qu'il soit nécessaire d'attendre plusieurs années pour savoir l'intégralité de leur parcours, il est bien évident que beaucoup de l'investissement fait jusqu'alors ne paraît pas s'être révélé rentable. Seul un nombre réduit d'athlètes a prolongé leur carrière du sport à la catégorie senior avec une présence assidue parmi les meilleurs dans les classements. Dans la catégorie considérée la plus basse, le nombre d'athlètes qui obtient un succès dans les catégories de la formation n'est pas en grand nombre dans la catégorie senior;

b) par rapport aux athlètes qui étaient dans les classements de la catégorie senior, une partie considérable de ceux-ci était parmi les meilleurs dans les classements des catégories de la formation, principalement les cadettes et les benjamins. La catégorie de la formation étant considérée inférieure, le nombre d'athlètes seniors aux classements est lui aussi considéré inférieur. Nonobstant, on peut confirmer qu'il y a de la place parmi les meilleurs de la catégorie senior, pour les athlètes qui n'ont pas démontré de hauts rendement dans les catégories de la formation.

Le succès d'un nombre considérable d'athlètes qui étaient dans la catégorie senior, même ayant occupé les classements des catégories de la formation, en particulier les cadettes et les benjamins, n'est pas eu un succès significatif au niveau international. Seulement une partie des athlètes a obtenu le minimum pour participer aux championnats internationaux;

c) par rapport aux athlètes qui étaient dans les classements de la catégorie senior et qui ont obtenu le minimum pour participer aux championnats internationaux, la plupart de ceux-ci n'ont pas occupé la première place dans les classements des catégories de la formation, surtout les poussins et les benjamins. En ce qui concerne les athlètes seniors, l'importance d'être à la première place des catégories de la formation est relative parce qu'au niveau international, elle n'a pas un très grand succès.

MOTS CLEF: FORMATION SPORTIVE, PARCOURS, CLASSEMENT, ATHLÉTISME, PORTUGAL.

ABREVIATURAS

CE – Campeonato da Europa
CM – Campeonato do Mundo
JO – Jogos Olímpicos
Rk – Ranking
Rks – Rankings
M-F/F – Meio-fundo e fundo
Provas combi. – Provas combinadas

1 INTRODUÇÃO

A vida actual reserva pouco tempo e espaço à criança. O ritmo de vida dos pais, os apartamentos fechados, os infantários minúsculos, as escolas sobrelotadas, os jardins quase inexistentes, o medo de brincar na rua, o movimento rodoviário constante, entre outros, são a sua realidade limitativa. Uma realidade que não disponibiliza espaço para jogar, para brincar, para a exploração do seu eu e tempo para interacção com os outros.

Face a este quadro de constrangimentos impostos ao indivíduo, é unanimemente aceite que a actividade física e desportiva é de grande importância, quer do ponto de vista individual, quer do ponto de vista social. Do ponto de vista individual, essa actividade é importante na medida em que faz parte do processo formativo. Afirma-se como condição imprescindível para um equilibrado crescimento e desenvolvimento das capacidades e habilidades motoras e como fomentadora de estilos de vida mais activa e saudável. Do ponto de vista social, para além de estimular o respeito pelas regras e pela consciencialização das responsabilidades entre outros, desenvolve a sociabilidade e a integração.

Ademais, a grande atracção e beleza estética exercida pelo desporto espectáculo sobre o comum do ser humano, tem feito com que, cada vez mais, o desporto seja um importante veículo portador de uma elevada carga social e cultural, o qual tem servido para transmitir valores sociais, culturais, assim como educativos.

Com efeito, não é de estranhar que o desporto tenha adquirido uma elevada importância a todos os níveis na sociedade contemporânea.

Paralelamente a essa crescente importância, é comum encontrarmos inerente ao desporto a crescente preocupação por parte dos envolvidos, em obter, cada vez mais e melhores resultados.

Em algumas modalidades desportivas, os clubes têm vindo a investir fortemente na formação (acentuada procura de talentos desportivos), apesar de, por vezes, o seu enquadramento técnico não ser o mais favorável. O acompanhamento e planeamento das carreiras desportivas segue, em termos gerais, a lógica do desporto adulto, estando o clube mais preocupado com o rendimento físico (desde muito cedo). Em consequência, o treino desportivo assume cada vez mais importância no desenvolvimento do desporto.

Neste contexto, o conhecimento do treino no que se refere à sua teoria e metodologia, torna-se condição indispensável para a obtenção do sucesso desportivo. Logo, não é de estranhar que a proliferação de bibliografia sobre esta temática seja cada vez maior.

Não obstante, começa a verificar-se, por parte de diversos autores, o reconhecimento da necessidade de diferenciar o treino desportivo direccionado para crianças e jovens do treino do adulto.

A ética desportiva exige respostas da parte do adulto que enquadra técnica e desportivamente o jovem. Exige um integral respeito pela sua integridade física e mental. Requer o respeito pelas suas opções. Impõe que o jovem praticante seja visto como tal e não como «*um adulto em miniatura*». Ele tem características e necessidades próprias, as quais não podem ser encaradas como uma simples redução das apresentadas ao adulto.

Deste modo, é hoje aceite de forma consensual que, quando se trata de crianças e jovens, a preparação desportiva deve ir ao encontro das características de desenvolvimento do indivíduo, impondo-se, por via disso, uma delimitação consciente das diferentes etapas desse desenvolvimento. Cada uma dessas etapas deve, respeitando o jovem atleta, conciliar, adequada e equilibradamente, a definição de objectivos, a delimitação dos conteúdos e a selecção criteriosa dos meios e métodos de treino a utilizar em cada momento.

1.1. Enunciado do problema

Já não existem dúvidas que o treino desportivo com crianças e jovens assume uma importância capital no desenvolvimento desportivo independentemente da modalidade considerada. Em algumas modalidades desportivas, existe mesmo a convicção que a excelência do rendimento só pode ser atingida, quando nos escalões de formação o treino e a aprendizagem da modalidade foram correctamente efectuados.

Embora seja reconhecida a importância dos factores genéticos, da idade, do sexo e do ambiente no rendimento desportivo (Bedoya, 1995), é actualmente aceite que um elevado nível de experiências desportivas vividas durante o processo de crescimento e desenvolvimento do praticante, influencia a obtenção de altos rendimentos na idade adulta (Coelho, 1985; Hahn, 1988; Añó, 1997; Mesquita, 1997). Assim, o processo de treino com crianças e jovens deverá proporcionar uma grande diversidade de experiências.

Todavia, ainda que não seja desejável, é comum verificarmos que o treino continua a ser orientado à semelhança do treino com adultos, com a preocupação de obter resultados significativos tão depressa quanto possível. Essa orientação resulta numa preparação especializada levando, por um lado, à redução da diversidade de experiências e, por outro, ao aumento das cargas. Se assim não fosse, não seria possível a obtenção imediata de tais resultados.

A comprovar esta situação encontramos:

a) clubes onde a preparação é centrada fundamentalmente no treino e competição de uma só modalidade desportiva;
b) treinos pouco recreativos e realizados à semelhança dos adultos;
c) excesso de competições individuais centradas na perspectiva da técnica e do esforço;
d) competições visando o rendimento sem características recreativas;
e) selectividade das competições federadas;
f) valorização excessiva da vitória;
g) atribuição de títulos nos escalões de formação;
h) atribuição, em algumas provas, de prémios monetários nos escalões de formação;
i) forte pressão exercida na obtenção da vitória;

Apesar das consequências nefastas que essa estratégia de formação produz, esta continua a encontrar fieis seguidores. Para estes, o futuro desportivo dos jovens parece ser menos importante que o presente. As modalidades individuais, pelo seu carácter, são aquelas que mais evidenciam essa tendência (uma preparação unilateral e especializada).

Com efeito, é legítimo colocarmos em questão o percurso desportivo dos praticantes. Serão os que se distinguem pela sua capacidade de rendimento nos escalões de formação aqueles que continuarão a distinguir-se dos demais na idade adulta? Ou, pelo contrário, aqueles que se distinguem pela sua capacidade de rendimento na idade adulta, ter-se-ão distinguido dos demais nos escalões de formação?

Neste contexto, alguns são os autores (Hahn, 1988; Feuillepain, 1997; Verdugo e Leibar, 1997; Abrantes, 1999; Bompa, 1999) que referem não existir certezas quanto á possibilidade de crianças e

jovens que se tenham destacado dos demais nos escalões de formação, o continuem a fazer na idade adulta.

Hahn (1988) afirma haver apenas entre 10 a 20% de probabilidades de encontrar os melhores praticantes dos escalões mais baixos de formação na elite desportiva futura.

Feuillepan (1997) num estudo realizado em França, conclui que as categorias bambis e infantis raramente acolhem a futura elite. Este autor refere ainda que de entre os atletas federados na Federação Francesa de Atletismo, apenas 14,4% o foram enquanto infantis.

Verdugo e Leibar (1997), em Espanha, verificaram que de entre os praticantes das especialidades de 300 a 3000 metros na categoria de iniciados que figuram entre os primeiros do *ranking* nacional, somente 1,86% tem probabilidades de chegar à categoria sénior.

Bompa (1999), por seu lado, refere, relativamente a dados disponíveis da antiga RDA, que nenhum dos seus muitos campeões olímpicos e mundiais foram campeões nas idades de infantis e iniciados.

Em relação à realidade portuguesa, apenas temos conhecimento de um estudo publicado por Abrantes (1999), no âmbito do atletismo, com atletas portugueses de corta-mato que ocuparam o pódio dos campeonatos nacionais dos escalões juvenil e júnior entre 1983 e 1994. Este autor refere que somente vinte dos cento e seis atletas chegaram nos anos seguintes aos dez primeiros lugares nos campeonatos nacionais de seniores. Acrescenta ainda que o insucesso é muito maior no sector masculino (90%) comparativamente ao sector feminino (70%).

Relativamente às provas de pista não temos, até ao momento, conhecimento de nenhum estudo publicado em Portugal.

1.2. Objectivos

Conscientes da dificuldade e da complexidade que enfrentaríamos se pretendêssemos estabelecer uma abordagem global das várias modalidades desportivas, optámos por nos centrar na modalidade do atletismo e, particularmente, nas provas de pista do sector feminino.

Com efeito, atendendo ao problema colocado, pretendemos com a presente investigação:

a) analisar o percurso nos *rankings* das atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos escalões de formação, entre os anos de 1986 a 1990 *inclusive*;
b) analisar o percurso nos *rankings* das atletas que se encontravam no primeiro lugar dos escalões de formação, entre os anos de 1986 a 1990 *inclusive*;
c) verificar se as atletas que se encontravam nos *rankings* dos escalões de formação, entre os anos de 1986 a 1990 *inclusive*, obtiveram, quando seniores, "mínimos" para participação em campeonatos internacionais (CE, CM e JO);
d) analisar o percurso nos *rankings* das atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares do escalão sénior, entre os anos de 1996 a 2000 *inclusive*;
e) analisar o percurso nos *rankings* das atletas que se encontravam no primeiro lugar do escalão sénior, entre os anos de 1996 a 2000 *inclusive*;
f) analisar o percurso nos *rankings* das atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares do escalão sénior, entre os anos de 1996 a 2000 *inclusive*, e que obtiveram "mínimos" para participação em campeonatos internacionais (CE, CM e JO).

Circunscrito o problema e definidos os principais objectivos deste estudo, segue-se numa primeira fase a elaboração de um quadro de referência (revisão da literatura) sobre as particularidades da formação desportiva, tendo como suporte publicações de autores nacionais e internacionais.

Mediante o aparente vazio relativamente à análise do percurso desportivo das atletas que praticam provas de pista em Portugal, optámos por não postular qualquer tipo de hipótese. Assim, assumimos o nosso estudo como exploratório no sentido de dar a conhecer sistematizada e ordenadamente dados que, até ao momento, se encontravam dispersos.

Face à extensão de dados reunidos, decidimos agrupá-los num total de seis estudos. Cada estudo envolve a metodologia, a apresentação e a discussão de dados. A discussão dos resultados utiliza como suporte a revisão da literatura.

Através da interpretação dos resultados obtidos pretendemos proceder a uma compreensão mais objectiva do percurso das atletas no atletismo em Portugal e, eventualmente, trazer à luz informações, das quais todos os envolvidos no processo de treino com crianças e jovens possam extrair benefícios a prazo.

Finalmente, serão formuladas as conclusões gerais e apresentadas as referências bibliográficas.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1. PARTICULARIDADES DA FORMAÇÃO DESPORTIVA

"Generalmente a la mayoría de los entrenadores cuando nos llega un niño que consideramos con posibilidades, nos autobombardeamos con numerosas preguntas que en una gran parte tienen difícil respuesta. ¿Estaremos haciendo las cosas bien? ¿Conseguiremos que el niño talento pueda llegar a desarrollar toda su potencialidad a largo plazo? ¿Estaremos introduciendo la presión de forma que no provoquen abandono porque el corredor no pueda suportarla?"

(Verdugo e Leibar, 1997)

Actualmente, o desporto engloba uma diversidade de práticas que vão desde a recreação e manutenção ao alto rendimento, passando pela iniciação e orientação desportiva. Estas, embora diferenciadas, devem procurar articular-se entre si de forma coerente (Vieira, *et al.* 1999).

Entre os diferentes níveis de prática desportiva, o desporto de alto rendimento é aquele que apresenta uma maior importância para o desenvolvimento desportivo. Esta importância resulta da sua capacidade em gerar um crescente interesse e entusiasmo pela actividade física, traduzindo-se consequentemente na generalização da sua prática.

Contudo, entre os jovens que iniciam a prática desportiva, poucos são aqueles que reúnem condições para aceder ao desporto de alto rendimento. Outros porém, ainda que atinjam esse patamar, apresentam uma evolução de resultados aquém do desejado. Deste modo, urge a necessidade de repensar a planificação da formação desportiva por forma a melhorar esse quadro.

Esta tarefa, ainda que necessária, coloca grandes desafios, nem sempre fáceis de ultrapassar. Levando em consideração a diminuição dos níveis de participação desportiva dos jovens de ambos os sexos (Knopp, *et al.*, 1998) e o contínuo privilégio de determinadas modalidades desportivas em detrimento de outras no que concerne a apoios por parte do poder central e local.

Neste contexto, é importante, canalizar esforços no sentido de obter um quadro teórico de referência consistente sobre: o número de anos de treino necessários para se chegar ao alto rendimento; a idade em que o treino deve ser iniciado; a idade em que deve principiar o treino específico (Rolim, 1998); e, entre outros aspectos, as características que devem enformar o processo de formação desportiva.

As crianças e os jovens têm direito a uma prática desportiva ostentada por valores pedagógicos e éticos consistentes, assente num planeamento estruturado e baseado em princípios científicos (Cunha, 1999), seguindo um conjunto de etapas de superação progressiva e que não seja uma mera reprodução da prática dos adultos.

O organismo da criança em crescimento encontra-se naturalmente submetido a um conjunto de transformações anatómicas, fisiológicas e psicológicas que o tornam vulnerável face a determinados tipos ou formas de treino próprios de praticantes adultos (Baz, 2000). Considerando este facto, o treinador e a metodologia utilizada no treino, não podem ignorar o conhecimento dos fenómenos decorrentes dos processos ontogénicos e do meio envolvente.

Não obstante, continua a ser comum encontrarmos, na generalidade dos clubes, crianças e jovens a treinarem e a serem responsabilizados como se fossem praticantes adultos.

Assim, exige-se que a prática desportiva dos jovens praticantes apresente características diferentes da prática do adulto, quer quanto às motivações para a prática, quer quanto aos condicionamentos decorrentes da evidente imaturidade biológica e psíquica (Barata, 1999). Isto é, tenha em consideração as necessidades dos praticantes, o respeito pelos seus ritmos de maturação e que seja entendida numa perspectiva de longo prazo.

Hoje em dia, já não existem dúvidas que o treino desportivo é um processo prolongado, desenrolando-se ao longo de muitos anos (Manso *et al.*, 1996).

Deste modo, a formação desportiva dos jovens praticantes com vista a alcançar a excelência desportiva, deve projectar-se no âmbito de uma visão a longo prazo (Ramlow, 1992), sendo a tarefa do treinador adaptar o treino às principais particularidades evolutivas de cada idade (Manno, 1992).

Filin (1996) reforça este pressuposto referindo que os grandes resultados somente poderão ser obtidos através de uma preparação contínua e cuidadosa de vários anos.

Grosser *et al.* (1989) acrescentam também que somente uma planificação do rendimento a longo prazo, originada de forma consciente e sistemática, é coerente e pode levar ao êxito, sendo ao mesmo tempo eficaz e humana.

Também neste contexto, Raposo (2000) evidencia que uma das razões do êxito da preparação dos atletas da actual geração é a organização e a projecção do seu treino a longo prazo. Pois, segundo este autor, só assim é possível obter os melhores resultados desportivos na "idade biológica" mais favorável.

Com efeito, o processo de formação desportiva deverá ser entendido como um conjunto de tarefas a serem realizadas gradualmente num prazo prolongado de tempo que poderá durar aproximadamente oito a dez anos, até se atingir a etapa de alto rendimento (Coelho, 1985; Gonçalves, 1988; Grosser *et al.*, 1988; Vicente, 1995; Filin, 1996; Monteiro, 1997; Nespreira, 1998; Raposo, 2000).

Assim sendo, para que o praticante possa competir de forma consistente e obter um amplo sucesso, parece ser consensual: – a necessidade de se respeitarem as características do praticante, da modalidade desportiva, dos quadros competitivos e estruturar adequadamente o processo de treino ao longo de vários anos.

Neste âmbito, Vieira *et al.* (1999) apresentam alguns pressupostos inerentes ao processo de formação desportiva:

a) a formação desportiva é um processo a longo prazo, organizado em diferentes etapas.
b) as etapas do processo de formação desportiva diferem entre si pelos seus objectivos dominantes, tipo de organização, conteúdos, meios e métodos;
c) existe uma manifesta selectividade no acesso às etapas finais deste percurso: são poucos os que revelam aptidões que lhes permitem entrar no alto rendimento;
d) o desporto para crianças e jovens deve distinguir-se substancialmente, tanto na sua caracterização como nos seus objectivos, do desporto de adultos;
e) o modelo de formação deve garantir a indispensável variedade de experiências motoras e corporais e o adequado ambiente de treino, de aprendizagem e de competição;
f) não há verdadeira especialização sem que os praticantes passem por fases anteriores de formação que promovam um desenvolvimento progressivo, variado e completo de todas as estruturas, funções e capacidades;
g) cada escalão etário reclama processos pedagógicos-didácticos especiais e orientações específicas, na organização e orientação/direcção do treino e da competição.

Todavia, Platonov (1997) lembra-nos que a estrutura e a duração da formação desportiva a longo prazo são condicionadas pelos seguintes factores:

a) estrutura da competição na modalidade ou na disciplina considerada;

b) nível de preparação dos praticantes que potencialmente poderiam garantir a obtenção de resultados elevados;
c) formação e desenvolvimento sistemático e regular das diferentes componentes da excelência desportiva;
d) desenvolvimento constante dos processos de adaptação dos sistemas funcionais, fundamentais para a modalidade ou a disciplina considerada;
e) características individuais dos praticantes e ritmo da sua maturação biológica, que em vários aspectos estão relacionados com o ritmo de desenvolvimento dessa excelência desportiva.

Ainda que a existência desses condicionalismos imponha algumas dificuldades, verificamos a este nível a existência de uma afinidade na definição e na clarificação das exigências que o treino deverá possuir ao longo da formação desportiva.

Neste sentido, o percurso em direcção ao alto rendimento é visto como um processo que pressupõe várias etapas devidamente identificadas e caracterizadas. Nestas procura-se, de forma equilibrada, adequada, progressiva e de acordo com o desenvolvimento biológico do praticante, estabelecer as directrizes que esse percurso deverá assumir.

2.1.1. O percurso para o sucesso: da iniciação ao alto rendimento

O potencial do organismo humano desenvolve-se, sobretudo, mediante a contínua interacção entre a predisposição hereditária e a solicitação do ambiente circundante.

Na opinião de Sánchez (1995), quando a solicitação tenta modificar o processo de desenvolvimento natural por meio da influência ambiental, começamos a falar de treino. Este visa, assim, o desenvolvimento das capacidades/habilidades humanas.

Neste sentido, o processo de treino pode ocorrer em diversas áreas ao longo da vida.

No âmbito desportivo o objectivo do treino é essencialmente promover o aumento do rendimento desportivo.

O treino das capacidades motoras durante a infância e a juventude seguindo um esforço variável (relação esforço-idade) deve adaptar-se ao desenvolvimento biológico, entre outros. Em cada fase do treino, as capacidades trabalhadas e a sua frequência, serão diferentes em função do nível alcançado e da idade do praticante (Sebastiani e González, 2000)

Actualmente, esse aumento é conseguido através da realização de repetições sistemáticas de cargas de treino, as quais induzem adaptações morfológicas e funcionais por parte do organismo, conduzindo assim a um aumento do rendimento (Hahn, 1988).

A análise dos resultados das provas desportivas mais importantes evidencia que os atletas cujos níveis de rendimento são elevados, adquiriram normalmente os pré-requisitos necessários durante a sua infância e juventude (Ramlow, 1992).

Assim sendo, é necessário compreender que o treino desportivo, desde a sua iniciação até à sua mais elevada expressão de alto rendimento, constitui um processo integral e unitário que deve estruturar-se coerentemente (Sánchez, 1995). Isto é, em etapas sucessivas, com características e objectivos naturalmente diferenciados, formando assim um processo contínuo de preparação dos praticantes (Raposo, 2000).

Como salienta Filin (1996), para que seja possível atingir elevados resultados desportivos – *performances* máximas – é necessário que o treino seja dividido em etapas, às quais correspondem cargas de treino – gerais e específicas – diferenciadas, obedecendo às características biológicas de cada faixa etária e de cada praticante.

Face à necessidade de organização e estruturação, vários autores efectuaram diversas classificações, definindo etapas pelas quais transcorre o dito processo de treino (*vd.* Apêndice I).

Habitualmente, encontramos uma divisão em três ou quatro etapas de preparação desportiva, ainda que, ao nível dos diferentes autores, pareça não existir consenso quanto à sua designação.

Não obstante, apesar da divergência quanto à nomenclatura das etapas, constata-se a preocupação em torno da necessidade de organizar a formação desportiva em fases. Estas visam, antes de mais, adequar o desenvolvimento desportivo do praticante ao processo biológico normal da

maturação e crescimento orgânico e funcional (Proença, 1986). Por outro lado, a existência dessas etapas relaciona-se, também, com as variações que a estrutura do treino sofre ao longo do desenvolvimento biológico e psicossocial do praticante.

Ao estabelecer as diferentes etapas, os autores procuram clarificar o seu conteúdo – características, enquadramento, entre outros – por forma a que estas constituam uma orientação na planificação e execução do treino do praticante.

Como refere Proença (1986), o importante é organizar os conteúdos, meios e métodos de treino em função de objectivos que tenham em consideração o processo de crescimento e desenvolvimento individuais, com vista a não antecipar ou retardar a total expressão das potencialidades de cada praticante.

Alguns autores determinam essas etapas em função da idade do praticante. Outros, porém, remetem para o tipo de trabalho que deverá de ser realizado (Fuentes-Guerra, 2000).

Todavia, ainda que, universalmente se procure estabelecer fronteiras temporais para as diferentes modalidades e disciplinas desportivas, tal continua a não ser possível. Cada modalidade ou disciplina desportiva parece exigir a sua própria organização do plano de formação desportiva a longo prazo (*vd.* figura 1 e 2).

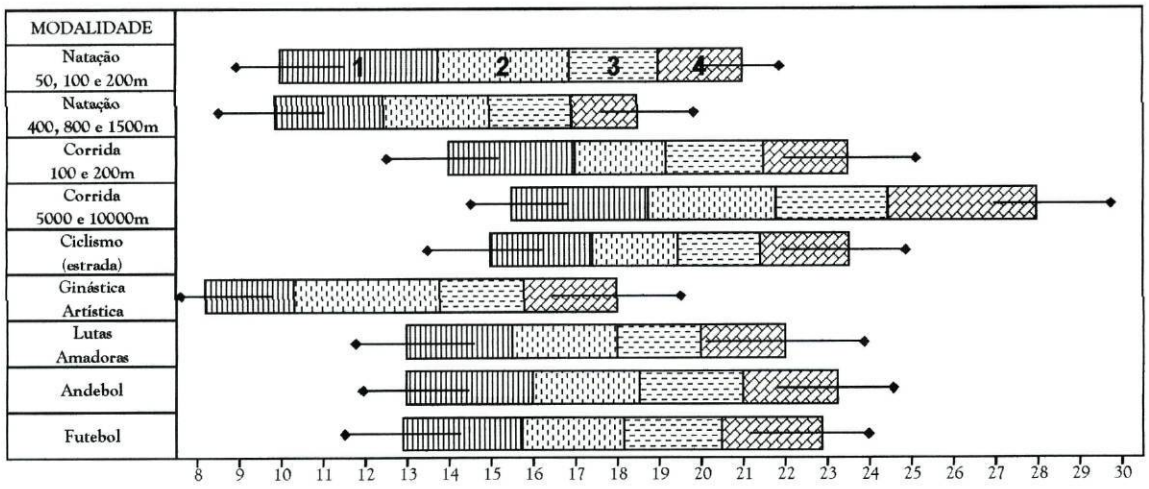


Figura 1 - Duração geral do treino a longo prazo (até à obtenção dos resultados de nível internacional) e duração de cada etapa da preparação a longo prazo nos diferentes tipos de modalidade ou disciplinas desportivas (masculinos).
1 - etapa de iniciação desportiva; 2 - etapa de orientação desportiva; 3 - etapa de especialização desportiva;
4 - etapa de alto rendimento. (adaptado de Platonov, 1997)

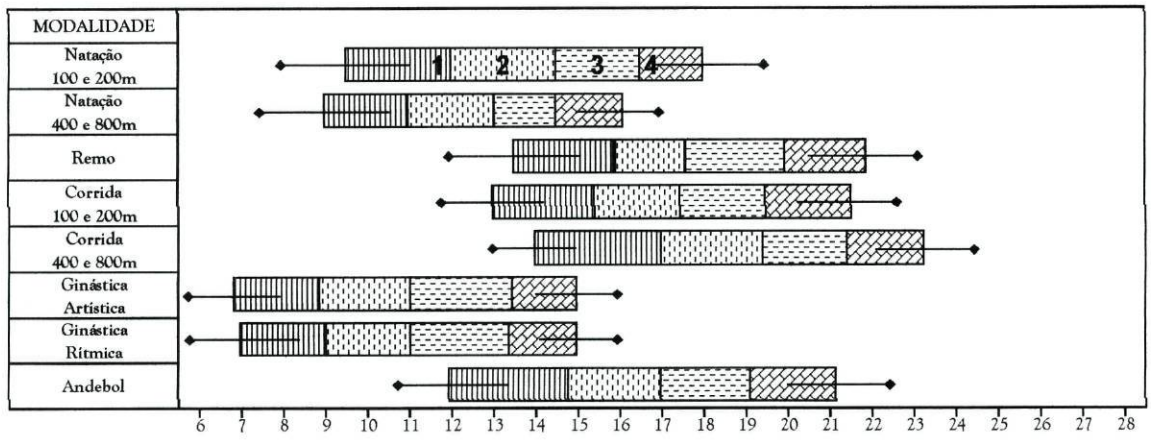


Figura 2 - Duração geral do treino a longo prazo (até à obtenção dos resultados de nível internacional) e duração de cada etapa da preparação a longo prazo nos diferentes tipos de modalidade ou disciplinas desportivas (femininos).
1 - etapa de iniciação desportiva; 2 - etapa de orientação desportiva; 3 - etapa de especialização desportiva;
4 - etapa de alto rendimento. (adaptado de Platonov, 1997)

Na análise das figuras 1 e 2, verifica-se um considerável grau de variabilidade na duração e no período de realização das diferentes etapas, entre as modalidades desportivas, entre as disciplinas de um mesmo desporto e entre o sexo dos praticantes.

Factores como a idade individual do início da prática desportiva, as particularidades do conteúdo e a construção do treino desportivo, o carácter da actividade competitiva, as singularidades individuais do desenvolvimento do praticante (Platonov, 1994; Añó, 1997; Matvéiev,2001), entre outros, são os grandes responsáveis por essa variabilidade.

Com efeito, a orientação do processo de treino nessas etapas, assim como a dimensão das cargas impostas, os meios e métodos de treino e respectivos conteúdos, deverão ser programados em função dos processos e da idade de crescimento dos vários órgãos, sistemas (Platonov, 1997) e nível de maturação psicológica do praticante.

Não obstante, Bompa (1999), com base em informações recolhidas em algumas federações internacionais e em estudos longitudinais efectuados, apresenta alguns dados orientadores organizados por modalidade, no sentido de balizar a idade de início das diferentes etapas (*vd.* Anexo I).

Embora conscientes da dificuldades decorrentes de estabelecer a correlação entre as etapas desportivas e a respectiva idade dos praticantes – ainda que as mesmas apenas procurem ser apenas um referencial de orientação – procurámos, para a modalidade de atletismo, dividir o processo formativo em quatro etapas, enquadrando-as no respectivo escalão desportivo e nível de idade (*vd.* quadro 1). Tomámos por base as concepções da estrutura do treino a longo prazo de Bompa, (1999), Baz (2000) e Garcia e Llpois (2000).

Refira-se também que a passagem de uma etapa para outra não ocorre de uma forma súbita, mas sim gradualmente – uma etapa converte-se em outra.

Quadro 1 - Formação desportiva a longo prazo - processo sequencial de especialização no Atletismo. Sua correspondência com o nível de idade e o escalão desportivo.

Nível de Idade	Etapas da formaçao desportiva		Escalão desportivo
Idade Adulta	**ALTO RENDIMENTO**	**ESPECIALIZAÇÃO DISCIPLINAR** PREPARAÇÃO ESPECIAL Exemplo: Prática do lançamento do dardo	Sénior Sub - 23
Adolescência	**ESPECIALIZAÇÃO**	**ESPECIALIZAÇÃO MULTIDISCIPLINAR** PREPARAÇÃO GERAL ESPECIALIZADA Exemplo: Prática de lançamentos	Júnior Juvenil
Pubescência	**ORIENTAÇÃO DESPORTIVA**	**INICIAÇÃO GLOBAL AO ATLETISMO** PREPARAÇÃO BÁSICA INTEGRAL Prática de corridas, saltos e lançamentos	Iniciado Infantil
Primeira Idade Escolar	**INICIAÇÃO DESPORTIVA**	**INICIAÇÃO MULTIDESPORTIVA** PREPARAÇÃO FÍSICA E TÉCNICA GERAL Prática de desportos individuais e colectivos	Bambi

2.1.1.1. Primeira etapa: "iniciação desportiva"

Frequentemente, o conceito "iniciação desportiva" é utilizado para determinar o período em que o praticante começa a aprender de uma forma específica a prática de um ou de vários desportos (Blázquez, 1986).

Todavia, refira-se a ausência de unanimidade quanto ao facto de esse período ter início no momento em que o praticante toma contacto com os diferentes desportos.

Por exemplo, Diemm (1978) e Romero (1989), referem que a iniciação desportiva pode ocorrer através de actividades coadjuvantes para a posterior prática desportiva, ou seja, muito antes de o praticante contactar com um determinado desporto em concreto.

Nesta perspectiva, pensamos que o processo de iniciação desportiva não deve ser entendido, unicamente, como o momento em que o praticante começa a sua prática desportiva. Entenda-se sim, como uma acção pedagógica que, atendendo à sua dimensão bem como os objectivos a atingir, procure

evoluir de forma gradual e variada por forma a permitir ao praticante atingir o "domínio" dos fundamentos de uma determinada modalidade.

Na opinião de Bayer (1994), a iniciação desportiva é um mero processo de ensino-aprendizagem, o qual deve ter em consideração todos os elementos que participam no processo a fim de se conseguir a máxima eficiência.

Baz (2000), relativamente ao atletismo, refere que a iniciação desportiva deve ser encarada como um processo cronológico, que permitirá ao praticante adquirir os conhecimentos elementares sobre o regulamento de uma ou várias modalidades, assim como o domínio dos fundamentos da execução das diferentes habilidades e destrezas que compõem o património motor deste.

Apesar das dissidências e diferentes interpretações subjacentes a esta temática, é consensual que a iniciação desportiva se assume como a primeira etapa da formação desportiva.

Face a este facto, é oportuno questionarmo-nos sobre qual o momento da vida do praticante em que esta deve ocorrer e qual o carácter das suas actividades.

2.1.1.1.1. Início

Actualmente as crianças/jovens envolvem-se em desportos de competição em fases cada vez mais precoces do seu desenvolvimento. Em algumas modalidades os grandes resultados internacionais são, por vezes, conseguidos em idades jovens. A ginástica é, neste âmbito, um caso exemplar.

Consequentemente, o treino (a preparação desportiva) inicia-se hoje em idades muito baixas, independentemente da natureza ou características da especialidade desportiva (Marques, 1991). Ademais, não são escassos em alguns desportos os exemplos de praticantes de elite mundial que iniciaram a sua prática desportiva competitiva em idades muito baixas. Nadia Comaneci é, neste sentido, um caso paradigmático.

Como razões para o início prematuro da preparação desportiva encontramos, entre outras: (Hahn, 1988)

1. a antecipação da idade de máximo rendimento a nível nacional e internacional;
2. o desenvolvimento de um sistema de competições para crianças/jovens em tudo semelhante à competição dos adultos;
3. as ambições exageradas dos pais que querem converter os seus filhos em "estrelas" do desporto;
4. a procura de êxito por parte dos treinadores, clubes e/ou federações que pretendem alcançar, no menor tempo possível, um aumento do seu prestígio através do sucesso obtido pelos seus atletas.

Sobral (1994), acrescenta ainda que este facto é também consequência de uma maior importância social do desporto, conjuntamente com um aumento da oferta de espectáculos e competições.

Face a este quadro, e tendo também em consideração que o estado biológico e psicossocial do praticante nem sempre corresponde linearmente à sua idade cronológica, continua a ser controverso precisar a idade na qual deve ocorrer a iniciação desportiva.

Segundo Coelho (1988), a idade cronológica fornece elementos insuficientes e pouco seguros sobre o processo de maturação anatómica, fisiológica e psíquica do praticante em desenvolvimento.

Todavia, apesar de não se ter determinado, senão aproximada e empiricamente, o momento em que deve ocorrer a iniciação desportiva, é frequente encontrar na literatura referências ao período compreendido entre os sete e os dez anos (Romero, 1989; Delgado, 1994; Campbell, 1998; Fuentes-Guerra, 2000)

Outros são os autores que remetem o seu início para os primeiros níveis de escolaridade (Kemp, 1985; Matvéiev, 1990; Marques, 1991).

Piaget (1980), refere também que somente aos sete/oito anos a criança se encontra apta, do ponto de vista psicossocial, para a aprendizagem inicial dos desportos, visto já participar em actividades com regras.

Apesar destas referências, é importante realçar que o momento de iniciação desportiva deve ter em consideração, entre outros factores, a especificidade de cada modalidade desportiva.

Neste âmbito, Carnevalli (1985) *apud* Baz (2000), reforça que as provas técnicas – lançamentos, ginástica artística, patinagem, saltos de trampolim, entre outras – apresentam um elevado coeficiente de dificuldade técnica, pelo que é importante iniciar-se a sua prática cedo, de modo a possibilitar um adequado domínio dos mesmos.

Mas se a determinação exacta da idade em que ocorre este período pode ser alvo de algumas controvérsias, a unanimidade é geral quando se trata de referir que a iniciação deve ocorrer antes do início da puberdade (Fuentes-Guerra, 2000).

Não obstante, é interessante registar que, no que se refere ao atletismo, existem alguns casos em que atletas de nível internacional tomaram contacto pela primeira vez com essa modalidade em idades mais avançadas: Marita Koch (14 anos), Rosa Mota (14 anos), Rui Silva (14 anos), Ato Boldon (15 anos), Aurora Cunha (16 anos), António Pinto (16 anos), Daley Thompson (17 anos), Said Auita (19 anos) e Carlos Lopes (19 anos), entre outros.

Bulgakova (1974) *apud* Raposo (2000) num estudo realizado, acrescenta que entre 1952 e 1972 nenhum dos finalistas olímpicos tinha iniciado o seu treino antes dos dez anos.

2.1.1.1.2. Características

Durante a infância e a adolescência ocorrem inúmeras transformações quantitativas e qualitativas ao nível das estruturas e das funções do organismo humano, com um carácter irregular, diferenciado e descontínuo (Coelho, 1988), as quais não podem ser ignoradas. Ademais, segundo Schmolinsky (1992), a iniciação desportiva deverá possuir um carácter especialmente educativo e formativo. Daqui decorre que a sua estrutura e a sua dinâmica assumem, deste modo, um papel fundamental no desenvolvimento psicomotor do praticante, pois, em função das mesmas, o seu nível de aptidão para uma determinada modalidade desportiva será maior ou menor.

Face a este quadro, um dos grandes objectivos da iniciação desportiva é, indubitavelmente, fundar as bases para o posterior desenvolvimento de uma capacidade de rendimento desportivo ao mais elevado nível. Esta deveria realizar-se no âmbito da escola, sob a orientação de "generalistas" – professores de Educação Física. No entanto, por diversas razões, tal não acontece. Assim, é no clube desportivo que a iniciação se realiza, enquadrada no espírito e organização de uma modalidade e orientada por um "especialista" (Sobral, 1994).

Sendo assim, é de todo conveniente a participação em mais do que uma modalidade, de modo a possibilitar uma aprendizagem adaptada ao praticante e rica em diferenciação. Por outro lado, deverá ser composta por uma prática diversificada e recorrer ao uso de uma grande diversidade de meios e métodos, por forma a promover um desenvolvimento o mais abrangente possível.

Os conteúdos do treino nesta etapa devem ser, sobretudo, de carácter multilateral (Coelho, 1985; Ramlow, 1992; Schmolinsky, 1992; Manso *et al.*, 1996; Platonov, 1997; Martin, 1998; Bompa, 1999; Lopez, 2000), ou seja *in*-específico.

Mesquita (1997) salienta que o desenvolvimento multilateral do praticante no início da sua formação constitui uma condição indispensável para a obtenção de elevados níveis de rendimento no futuro.

Neste âmbito, o exercício dos fundamentos das diferentes capacidades coordenativas torna-se obrigatório. Como refere Ramlow (1992), afim de desenvolver as capacidades coordenativas, o praticante deverá participar em tantos exercícios quanto lhe seja possível.

Não obstante, também é nesta etapa que se deverá procurar introduzir algumas formas elementares das técnicas básicas das diversas modalidades. Note-se, no entanto, que uma execução técnica precisa ainda não desempenha um papel importante. Por forma a não contrair estereótipos de carácter motor esta deverá ser evitada (Bedoya, 1995; Platonov, 1997).

Simultaneamente, ainda que de forma moderada, as capacidades condicionais – organico-musculares – deverão ser solicitadas, procurando sempre respeitar o processo de desenvolvimento global do praticante (Bedoya, 1995).

No caso concreto do atletismo e face ao atrás enunciado, a iniciação desportiva deve ter por base as seguintes actividades: (Ballesteros, 1981)

1. Corridas de diferentes ritmos e/ou com obstáculos naturais;

2. Corridas muito curtas com partidas de diferentes posições;
3. Saltos em geral, sem o aprofundamento de técnicas;
4. Lançamentos com bolas, entre outros, de pesos reduzidos.

Com efeito, há uma enorme predominância da preparação geral. Esta, segundo Nespreira (1998) deverá realizar-se numa proporção de 80:20 com a preparação específica, podendo esta diferença ser ainda superior.

Durante a iniciação desportiva, as sessões de treino orientado não deverão ultrapassar o número de duas ou três por semana, nem ter uma duração superior a sessenta minutos (Platonov, 1997), devendo o trabalho desenvolvido incidir essencialmente em volume (Coelho e Silva, 1999).

A este respeito, Martin (1998) sugere, para as modalidades técnico-acrobáticas e natação, um a três treinos por semana com uma duração total de duas a seis horas. Para as outras modalidades, um a dois treinos por semana com uma duração total de duas a quatro horas.

Ainda neste âmbito, Grosser *et al.* (1989), não fazendo distinção entre as diferentes modalidades desportivas, propõem três a quatro unidades de treino por semana.

Independentemente das suas características, a iniciação desportiva deve ainda promover uma melhoria da saúde – física e psicológica – do praticante, bem como reforçar determinadas condutas sociais, tais como o bom comportamento, a ambição, o espírito de sacrifício, entre outras, assim como constituir-se como uma oportunidade de revelação de aptidões.

Ademais, as actividades desenvolvidas devem ser essencialmente lúdicas, proporcionando um espaço de prazer e de divertimento para os praticantes (Graça, 1999).

Se nesta etapa, e concretamente no que respeita ao carácter das actividades, estas devem primar pela diversidade – distinguido-se claramente da prática desportiva dos adultos –, terá aquela diversidade correspondência no sistema de competições? Como é evidente, a resposta a esta questão condiciona, de certa forma, a corroboração da participação ou não das crianças, já nesta etapa, em competições.

2.1.1.1.3. Competições

Nos últimos anos, temos vindo a verificar que as crianças iniciam o treino desportivo em idades cada vez mais precoces, submetendo-se a elevadas exigências – próximas do limite das suas possibilidades – com o objectivo de um rendimento cada vez maior na competição.

Face a este quadro, uma nova questão se coloca: será legitimo, nestas idades, a prática desportiva incluir competições? Ainda que esta questão levante alguma polémica, em nossa opinião a resposta deverá ser apenas uma: afirmativa.

Gonçalves (1988) salienta que ignorar a competição ou até mesmo excluí-la do processo de formação desportiva da criança, não deixaria de constituir um grave erro.

Na opinião de Douge (1999), um dos motivos que leva as crianças e os jovens a praticar desporto relaciona-se com a possibilidade de participarem em competições. Tal facto leva a que estas, ainda que criticadas por alguns, assumam cada vez mais importância no processo de formação desportiva. No entanto, fomentá-las em conformidade e com objectivos semelhantes à dos adultos, é contribuir, salvo raras excepções, para um progresso inadequado.

Como refere Lima (1990), a dinamização do desporto infantil não deve orientar-se para a criação de campeões, já que este é o objectivo fundamental das competições organizadas pelo desporto dos adultos.

Assim sendo, procurar integrar a competição de forma adequada – ajustando-a às condições e particularidades do praticante – deverá ser alvo de atenção para quem tem responsabilidades no sector da formação desportiva de crianças e jovens.

Ainda que exista consciência da necessidade dessa adequação, quando dirigimos um olhar mais atento para a realidade do nosso sistema competitivo, deparamo-nos com o seguinte aspecto que nos parece pouco ortodoxo.

A fomentação em diversas modalidades de competições especializadas[1], entre os jovens, que apenas se destinguem entre si – nos diferentes escalões – em termos quantitativos e que conduzem à formação de *rankings* e à obtenção de títulos distritais, regionais e nacionais, é no presente, ainda que não o quiséssemos, uma realidade.

Não temos dúvidas que a existência de *rankings*, assim como as exigências da competição, conduzirão à especialização do processo de preparação desportiva. Essa especialização torna-se problemática, na medida em que a mesma visa, por excelência, o sucesso. Note-se que o mesmo é, na maior parte das vezes, alcançado por jovens com um desenvolvimento prematuramente acelerado.

Neste contexto, será interessante estudar se os atletas seniores que se encontram actualmente nos primeiros lugares dos *rankings* nacionais das diferentes provas que compõem os quadros competitivos, concretamente no atletismo, se encontravam, enquanto jovens, nos primeiros lugares dos *rankings* dos respectivos escalões.

Segundo estudos longitudinais efectuados na antiga República Democrática Alemã, concluiu-se que nenhum dos seus principais representantes olímpicos tinha sido campeão nas provas nacionais e similares quando tinham doze e treze anos de idade (Bompa, 1999). Em Espanha, por exemplo, estima-se que somente 1,86% dos jovens – escalão iniciado – que figuram entre os primeiros dos *rankings* nacionais das especialidades de 300 a 3000m terão probabilidades de chegar ao escalão sénior (Verdugo e Leibar, 1997). Num outro estudo, realizado em França por Feuillepain (1997), demonstrou-se que os escalões mais baixos parecem não abarcar, salvo raras excepções, a futura elite dos praticantes de atletismo.

Não temos dúvidas que o sistema de competições vigente continua a responsabilizar excessivamente os praticantes. Añó (1997) adverte que, sobretudo em idades inferiores aos doze anos, esta é uma das causas determinantes para o abandono dos praticantes, pois muitos revelam-se incapazes de aguentar a responsabilidade dessa participação e abandonam a prática desportiva.

Independentemente da etapa da preparação desportiva, o modelo de treino, assim como o sistema de competições deveriam orientar-se por uma filosofia e estratégia comuns (Vieira *et al.*, 1999).

Para além disso, ambos, – treino e competição – deveriam apresentar uma especialização crescente. Caso contrário, como refere Vieira *et al.* (1999), estaremos a contribuir para o desenvolvimento de um quadro de formação desportiva caracterizado, essencialmente, por uma: (Ibidem)

1. aprendizagem acelerada visando a obtenção de resultados a curto prazo;
2. progressão exageradamente rápida na intensidade da preparação em detrimento do volume;
3. repetição exaustiva das tarefas e limitação das iniciativas individuais reduzindo o prazer da prática;
4. imitação rígida dos rituais dos adultos.

Por forma a evitar esse quadro, as competições durante a etapa de iniciação desportiva deverão promover a formação dos pressupostos coordenativos, técnico-tácticos e orgânico-musculares, entre outros, que estejam de acordo com o nível de desenvolvimento ontogénico dos jovens (Rost, 1995, *apud* Marques, 1997a).

São as competições que devem servir os propósitos da preparação desportiva e não o contrário (Marques, 1991). O mesmo autor salienta que as competições, nesta etapa, devem constituir uma extensão do treino.

Segundo Rost (2000), a forma mais adequada para o conseguir é através da realização de provas múltiplas com conteúdos tradicionais e não tradicionais que pressupõem a participação em equipa.

Este autor sugere, como exemplo, as competições multilaterais de atletismo, realizadas por equipas e por regiões, para jovens entre os nove e doze anos: (conteúdos não tradicionais) estafetas de corrida ir e vir; percursos de trinta metros; estafetas de salto em comprimento por zonas; lançamento de bola medicinal por equipas, entre outras. Só assim será possível que um maior número de jovens atinja situações de êxito.

[1] Veja-se o exemplo do atletismo, onde no escalão infantil – doze e treze anos – existem *rankings* devidamente organizados para as provas de 60m, 1000m, 60m barreiras, salto em altura, salto em comprimento, lançamento do peso, lançamento do disco, lançamento do martelo, arremesso da bola, 2000m marcha e tetratlo.

Neste âmbito, Lima (1990), lembra-nos também a necessidade de proporcionar actividades em grande quantidade: um grande número de jogos, assim como competições e torneios. As oportunidades de obtenção de êxito desportivo devem ser frequentes e diversificadas, mas sem introduzirem a vertente negativa da competição dos adultos, isto é, a vitória como objectivo (quase) exclusivo.

Pesamos que tal só será possível se estas competições tiveram como pressuposto uma organização simplificada, pluridesportiva e em equipa, por forma a não visar unicamente o sucesso individual, mas também a participação, o equilíbrio entre os participantes, a aprendizagem, entre outros aspectos.

Como referem Proença (1986) e Gonçalves (1988), deve-se privilegiar a organização de competições-convívio. Também Schmolinsky (1992), neste sentido, nos relembra da necessidade de proporcionar experiências competitivas procurando desenvolver no praticante uma atitude correcta – valorizando a amizade em detrimento do confronto.

Face às características da competição e do treino, e ao facto de a competição não decorrer num quadro instituído, não se justifica uma periodização no seu sentido estrito (Marques, 1997a; Baz, 2000).

Nespreira (1998) e Vianna (2001) corroboram esta opinião ao referir que na etapa inicial de treino não é necessário uma periodização muito rígida ou, inclusivamente, poderá mesmo não existir.

Também Grosser *et al.* (1989) não encontram necessidade na existência de um modelo de periodização tradicional. Este facto justifica-se pelos seguintes motivos:

1. os típicos períodos de competição, pelos seus efeitos negativos, não deverão existir;
2. as crianças atingem rapidamente a forma;
3. o nível de forma das crianças destas idades apresenta constantes altos e baixos durante os seis a nove meses de treino;
4. os diferentes períodos de férias, assim como também alguns estados de doença característicos, interrompem só por si os ciclos de treino;

Porém, em virtude de o treino infantil estar sujeito à situação da criança no sistema escolar, aos hábitos dos pais e, até certo ponto, pela oferta de actividades a realizar (Camí, 2000), aquela poderá, assim, estruturar-se segundo a lógica das actividades escolares (Marques, 1997a; Baz, 2000).

2.1.1.2. Segunda etapa: "orientação desportiva"

É na etapa de orientação desportiva que os praticantes, em função das suas aptidões e das suas motivações, irão optar por uma determinada modalidade desportiva.

Como refere Ferreira (2000), esta resulta da acentuação do gosto pela prática desportiva, a qual assume uma particular importância na vida do praticante, resultando na sua fixação numa determinada modalidade.

Carbalho e Vilte (1989) são da mesma opinião. Este autores, referem ser este o momento em que o praticante, apoiado no conhecimento das suas condições externas e internas e no grau de desenvolvimento da sua condição, da sua técnica e táctica, irá optar por uma modalidade ou especialidade desportiva. Assiste-se, assim, à orientação inicial do praticante para a prática regular de uma actividade desportiva e ao desenvolvimento dos fundamentos dessa modalidade desportiva (Marques, 1993).

Segundo Lima (1981) a orientação desportiva constitui-se como a parte inicial e a mais importante da formação desportiva numa determinada modalidade. Pois, trata-se de uma fase em que os praticantes estão prontos para assumir um compromisso que irá determinar a sua prática regular e sistemática (Ferreira, 2000).

É na etapa de orientação desportiva que se começa a verificar uma especialização gradual numa determinada modalidade ou especialidade desportiva.

Face à utilização da expressão especialização, torna-se necessário não confundir essa especialização para a modalidade com a especialização na modalidade.

Tomemos o exemplo do atletismo, onde a preparação começa a ser orientada por grandes sectores: velocidade, saltos e barreiras, fundo e lançamentos (Proença, 1986).

No final desta etapa, deverá estar definida a modalidade ou especialidade desportiva mais adequada às características e motivações do praticante.

2.1.1.2.1. Início

A etapa de orientação desportiva não deve, embora possa acontecer, iniciar-se antes de o praticante ter adquirido um múltiplo repertório motor, assim como uma disponibilidade para aprender novas habilidades motoras de complexidade acrescida.

Segundo Marques (1985) e Bompa (1999) a orientação desportiva, para a maioria das modalidades desportivas, deve ocorrer entre os onze e os catorze anos de idade. Também Lima (1981), Matrin (1985) e Navarro (1993) *apud* Año (1997) apontam estas idades como referenciais para o seu início.

Todavia, compete ao treinador delinear – de acordo com as capacidades, aprendizagens e motivações do praticante – os objectivos do plano de formação e as características da modalidade desportiva e identificar o momento mais oportuno para o início desta nova etapa. Note-se que os jovens destas idades apresentam diferentes estados de desenvolvimento, resultantes das transformações fisiológicas e psicológicas características dessa faixa etária.

Na verdade, não se deverão realizar determinados trabalhos unicamente porque se tem uma determinada idade, nem tão pouco conclui-los por se ter superado essas idades.

Na opinião de Hahn (1988), uma programação rígida segundo as idades – criança, adolescente e adulto – apresenta desequilíbrios e não coincide, por vezes, com a realidade.

Por outro lado, como consequência, em determinados casos, da precocidade dessas mesmas transformações que a criança/jovem sofre, os treinadores são, por vezes, levados a cometer o erro de abreviar o tempo de treino dedicado à etapa de orientação desportiva, introduzindo-lhe um maior grau de especialização. Esquecem-se assim, que o treino deve ainda visar, nesta etapa, a preparação para a especialização e não a própria especialização.

2.1.1.2.2. Características

Nas crianças e adolescentes, o sistema muscular e os outros elementos mecânicos responsáveis pelo movimento, nomeadamente ossos, tendões e cartilagens, encontram-se ainda pouco desenvolvidos (Nunes, 1997).

Com efeito, apesar de estarmos perante uma nova etapa, pensamos que os principais objectivos devem continuar a ser em grande parte, principalmente no início desta, educativos e formativos.

Sendo assim, esta será uma etapa de consolidação das habilidades aprendidas aquando da iniciação desportiva, ou seja, uma continuação do trabalho realizado nos anos anteriores. Há ainda a considerar que é durante este período que se começa gradualmente a dar destaque à aprendizagem das habilidades específicas das modalidades (Ramlow, 1992; Manso *et al.*, 1996; Platonov, 1997; Bompa, 1999), exercitando-as em situações de crescente complexidade e variedade. O mesmo acontece com os fundamentos dos aspectos tácticos, quer ao nível das práticas individuais como colectivas (Cunha, 1999).

Segundo Carvalho (2000), a fase que decorre entre os dez e os treze anos é considerada por diversos autores como o melhor período para a aprendizagem motora.

Neste contexto, Bedoya (1995) alerta-nos para a necessidade de se começar a aprendizagem das habilidades específicas, mediante planeamentos metodológicos adaptados.

No caso concreto do atletismo é necessário modificar as condições de realização das diferentes técnicas, reduzindo distâncias, pesos e formas dos artefactos e as alturas dos obstáculos, entre outros aspectos. Somente assim, será possível tornar a aprendizagem das técnicas básicas mais dependente das capacidades coordenativas e menos da condição física, em especial da força (Baz, 2000).

Por outro lado, se anteriormente o treino das capacidades coordenativas ocupava lugar de destaque em relação ao treino das capacidades condicionais, o mesmo deixa de se verificar à medida que nos aproximamos do fim desta etapa.

De acordo com Matvéiev (1990), no que diz respeito aos desportos individuais, a etapa de orientação desportiva deverá apresentar um carácter de "provas combinadas".

No atletismo, o treino desenvolvido deve ainda privilegiar uma prática global – corridas, saltos e lançamentos (Baz, 2000). Porém, à medida que se aproxima o término desta etapa, a especialização numa das categorias atrás enunciadas deve começar a acentuar-se gradualmente (Schmolinsky, 1992; Suslov *et al*, 1995).

Neste contexto, numa perspectiva mais direccionada para os desportos colectivos, Fuentes-Guerra (2000) refere que nesta etapa deve-se começar a trabalhar de forma específica uma determinada modalidade. Porém, por forma a melhorar as suas habilidades e meios técnico-tácticos, os praticantes deverão se formar em todas as posições e postos específicos, evitando deste modo a especialização, a qual ainda não é desejada.

Todavia, pensamos ser conveniente a existência de uma segunda modalidade. Note-se, no entanto, como refere Coelho e Silva (1999), a prática de uma segunda modalidade em simultâneo deve continuar, mas agora com menor ênfase relativamente à etapa anterior.

Ademais, esta opção não deve ser tomada inconscientemente – entre os desportos eleitos deverá existir um considerável grau de complementaridade e compatibilidade (Lima, 1981; Fuentes-Guerra, 2000).

Como se verifica, a multilateralidade que na etapa anterior era absoluta, toma agora em consideração as exigências da modalidade ou disciplina desportiva, interpretando-as como compatíveis e, portanto, não opostas à especialidade que se pratica (Manno, 1992).

Não obstante, ainda que o treino se dirija cada vez mais para objectivos particulares, o principio da variabilidade nunca deve ser desprezado na preparação de crianças e jovens (Schmolinsky, 1992).

Logo, não é, de modo algum, conveniente privilegiar determinada capacidade em prol de outra, pois ao fazê-lo poder-se-á comprometer o desenvolvimento equilibrado das diferentes capacidades, que continua a ser uma máxima.

Aliás, Lima (1981) lembra-nos que nesta etapa ainda não se deve visar um domínio profundo das técnicas específicas de uma determinada modalidade, visto que o desenvolvimento e o crescimento das crianças e adolescentes poderá alterar as suas opções desportivas.

Como refere Manno (1992), as características motoras, biológicas e psicológicas do praticante não lhe permitem cargas prolongadas e/ou monótonas.

Com efeito, atendendo às diversas transformações que o praticante sofre durante a puberdade ao nível dos diferentes sistemas anatomofisiológicos, é de considerável importância que o treinador domine as diferentes variáveis que determinam essas transformações (Raposo, 2000). Sobretudo, por forma a poder organizar adequadamente todo o processo de treino desportivo.

Para além do atrás enunciado e tendo em consideração o facto de nesta fase estarmos perante um período de transição para a adolescência, as actividades desenvolvidas durante a etapa de orientação desportiva devem também possibilitar um espaço de "diversão" e de convívio social. Isto por forma a possibilitar ao adolescente um desenvolvimento equilibrado, assim como uma adequada integração no seio do grupo.

É durante a etapa de orientação desportiva que o processo de treino irá adquirindo paulatinamente as características do treino desportivo (Lima, 1981; Matvéiev, 1990). Também Gonçalves (1988) reforça esta opinião ao referir que as actividades constantes no programa de formação dos praticantes, nesta etapa, devem começar a ser apresentadas e consideradas sob a forma de treino desportivo. Este deve ser entendido como meio indispensável para o acesso à participação nas competições desportivas estruturadas e mais exigentes, mas ainda não como um processo que vise a obtenção de períodos de forma desportiva.

Como consequência de um aumento da especificidade do treino (ainda que se observe um rápido crescimento dos resultados), os especialistas desaconselham vivamente uma especialização prematura nesta etapa. Esta conduziria à estabilização do desenvolvimento das possibilidades físicas funcionais dos praticantes (Suslov *et al.*, 1995).

Também Ramlow (1992) nos lembra que a consolidação de um elevado nível técnico não pode ser obtido imediatamente, devido à falta de pré-requisitos físicos e coordenativos.

Com efeito, é sugerido que a preparação específica se realize numa proporção de 50:50 com a preparação geral (Grosser *et al.*, 1988; Carbalho e Vilte, 1989; Suslov *et al.*, 1995; Nespreira, 1998), situando-se o número de unidades de treino por semana entre as quatro e as oito (Grosser *et al.*, 1988).

Neste âmbito, Martin (1998) propõe para as modalidades técnico-acrobáticas e natação três a cinco treinos por semana com uma duração total de seis a doze horas e para as outras modalidades dois a quatro treinos por semana com uma duração total de três a oito horas.

Contudo, se a nível nacional é vulgar encontrar praticantes dos escalões infantil e iniciado que se enquadram nas referências apontadas, em outros países, nomeadamente nos Estados Unidos da América, são inúmeras as crianças desses escalões a treinarem ou fazerem jogos enérgicos, como por exemplo futebol, durante três ou mais horas, todos os dias depois das aulas. A grande preocupação – assumida por elas e pelos seus pais e treinadores – é o rendimento desportivo.

Neste sentido, Raposo (1989) alerta-nos referindo que a obtenção de grandes resultados, nas idades jovens, como consequência de cargas de treino desajustadas à idade do praticante – super-treino –, conduz a uma futura incapacidade de criar novas adaptações funcionais, conduzindo igualmente o praticante para o abandono.

2.1.1.2.3. Competições

Nesta etapa verifica-se nas actividades programadas um gradual aumento da preparação desportiva visando a participação em competições.

O treino caracteriza-se por uma especialização sistematicamente progressiva, à qual também as competições devem ser submetidas (Rost, 1997).

Não obstante, ainda que se verifique este caminhar para a especialização, continua a ser absolutamente necessário desenvolver modelos de competição específicos para crianças e jovens, onde o carácter formal dos mesmos esteja dissimulado e não haja exigência de resultados.

Devemos estar conscientes do facto de a competição formal determinar consideravelmente os objectivos, os conteúdos e o métodos do processo de treino. Entenda-se por competição formal "aquela que é regulamentada por uma federação [ou associação] desportiva, que se integra num quadro organizativo escalonado por idades e categorias de praticantes, perseguindo objectivos de excelência, culminando na atribuição de títulos de expressão nacional ou regional" (Sobral, 1994).

Sendo assim, não podemos esquecer que a competição só é aceitável se a sua estrutura estiver devidamente adaptada às capacidades dos jovens participantes. Por outro lado, também os jovens devem estar preparados para competir, não só do ponto de vista físico mas também cognitivo e social.

Neste caso, as competições ainda deverão ter como principais objectivos a observação do comportamento do praticante e a avaliação da sua formação desportiva nos vários domínios.

Lima (1988) reforça esta opinião ao referir que em nenhum momento se deve pretender que os praticantes, nesta etapa, conquistem recordes/máximos absolutos e participem nas competições em regime de esforços maximais. Ao pretende-lo, é condená-los a um envelhecimento desportivo precoce, é impedi-los de atingir a excelência desportiva.

Marques (1997a), neste âmbito, realça que, com vista a alcançar uma formação alargada ainda se deve realizar, nesta etapa, competições em vários desportos. Estas devem ser simplificadas e o regulamento facilitado e adaptado à idade dos praticantes. Lima (1981) acrescenta que estas devem ser organizadas a nível interno, local ou regional e com participação dos praticantes na organização do quadro competitivo.

Também Vieira *et al.* (1999) exalta a necessidade de os quadros competitivos privilegiarem uma organização local e regional, não sendo aconselhável a realização de competições nacionais nesta etapa.

Ademais, as competições devem ter uma curta duração, acontecerem com frequência, proporcionando várias possibilidades de sucesso aos seus intervenientes, reduzindo, dentro do possível, a eliminação dos derrotados (Mesquita, 1997; Rost, 1997; Vieira *et al.*, 1999). Devem ser encaradas como um momento de convívio entre grupos equilibrados de praticantes – com níveis de aprendizagem e desenvolvimento técnico semelhante.

Desta forma, os responsáveis – treinadores, clubes, associações e federações – devem contribuir para que a competição se articule com as necessidades, interesses e características dos praticantes, concedendo-lhes oportunidades de participar, aprender e crescer através do desporto (Coelho, 1988).

Schmolinsky (1992) salienta que a participação em competições deve aumentar de modo sensível e, gradualmente, limitar-se a um pequeno número de disciplinas.

No caso concreto do atletismo, pela sua múltipla variedade de disciplinas, as competições deverão ocorrer na forma de provas múltiplas – combinadas (Proença, 1986).

À medida que nos aproximamos do termino da etapa de orientação desportiva, as competições destinadas aos jovens praticantes, deverão começar a ser realizadas de forma calendarizada (Rost, 1997), com calendários ajustados à avaliação periódica do desenvolvimento das capacidades (Lima, 1981). Estas, poderão, agora, servir para avaliar os pré-requisitos necessários para o início da especialização desportiva.

Pelo facto de a competição começar a ser organizada em quadros institucionais e se começarem a evidenciar diferenças entre esta e o treino, justifica-se, no planeamento das actividades, o início da periodização do treino (Marques, 1997a).

Fface ao número e às características que a competição ainda deve assumir, não deve orientar-se pelo ciclo competitivo dos adultos (Hahn, 1988), isto é, não são as competições que devem determinar a estruturação da época desportiva em períodos.

Tendo por base essa preocupação, Camí (2000) salienta que a periodização do treino deverá ser composta por ciclos de três a quatro meses de duração, baseados no volume e na multilateralidade, usando as competições como mais um conteúdo de treino, fazendo coincidir os períodos de descanso com as férias escolares.

Na mesma perspectiva, Marques (1997a) e Flores (1995) propõem uma harmonia entre a lógica da periodização e o quadro organizativo em que se realizam as actividades escolares.

Tschiene (1976) *apud* Hahn (1988) divide a temporada em vários ciclos de actividade, de acordo com as interrupções para as férias escolares – são estas que determinam o final de cada período de preparação. As competições são distribuídas ao longo da temporada/época (*vd.* figura 3). Trata-se de um modelo que considera, para além da evolução motora, a evolução cognitiva, afectiva e sócio-integrativa.

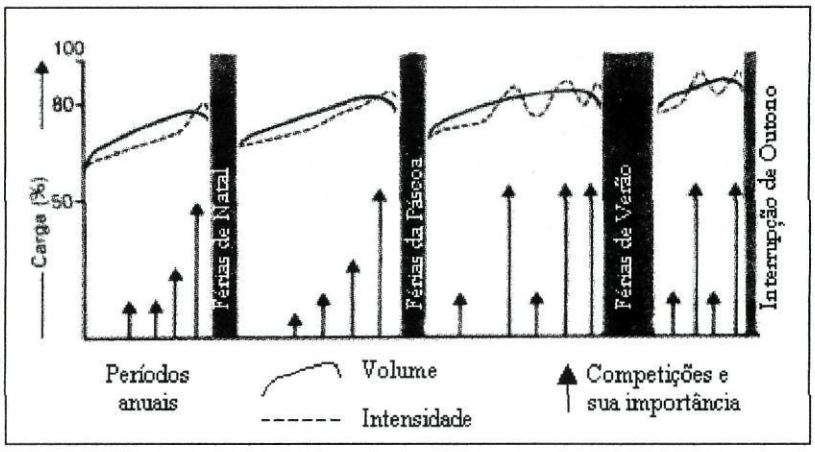


Figura 3 – Modelo de periodização do treino, articulado com o calendário escolar (Hahn, 1988; Adaptado de Tschiene, 1976)

A essência deste modelo, proposto por Tschiene, tem merecido um considerável grau de aceitação (Marques, 1997a). Segundo Nespreira (1998) esta aceitação deve-se porque:

1. não é importante que as crianças obtenham grandes resultados a curto prazo mediante um treino duro e específico; estas necessitam sim, de uma prática polidesportiva multilateral;
2. as crianças apresentam uma reacção aos estímulos do treino mais rápida que os adultos, razão pela qual estas não precisam tanto de um trabalho específico e de um período de competições delimitado;

3. não é relevante um desenvolvimento da forma desportiva para obter triunfos e marcas, pois quando estes não surgem verifica-se uma acentuada diminuição da motivação;
4. o parâmetro intensidade é consideravelmente perigoso, uma vez que supõe efeitos breves e instáveis. Como tal, o mesmo deverá ser baixo uma vez que a combinação volume-intensidade é suficiente, durante estes primeiros anos como nível de carga. Ademais, permite a posterior possibilidade de incrementar ambos os parâmetros;
5. o domínio técnico se encontra num nível baixo, podendo assim fixarem-se erros;
6. permite repetir o trabalho técnico com intensidades médias;
7. ao ser menor a frequência de treinos, não é preciso uma descida da carga para recuperar;
8. apresenta uma dinâmica de progressão muito suave, permite ser assimilada de forma contínua e possibilita o aumento contínuo da carga por forma a evitar paragens no rendimento;
9. a competição é utilizada como um meio de treino.

Neste contexto, Marques (1997a) alerta-nos para o facto de os três momentos de preparação não serem encarados como diferentes períodos da periodização – preparatório, competitivo e transição. O mesmo autor refere que cada período escolar, neste caso, período de preparação, deverá conter, de forma não discriminada um período predominantemente "preparatório" e um suave "período de competições". As férias correspondem ao "período de transição".

Todavia, Nespreira (1998) e Camí (2000) lembram-nos que este modelo de planificação descende das antigas URSS e RDA, onde o sistema social, educativo e político, contribuíam de forma determinante para a concepção do treino a longo prazo dos desportistas escolares.

Face à nossa realidade, de características sociais bem diferentes, estes autores sugerem também que se aproveitem as férias como final dos ciclos de treino e se faça coincidir os períodos de descanso com os momentos das avaliações escolares ou de maior carga escolar.

Mota (1988) reforça esta opinião ao salientar que o quadro escolar em Portugal não se encontra bem estruturado – aulas durante a manhã e uma grande parte da tarde, ou vice-versa, caracterizam a actividade escolar da criança. Este facto leva a que lhe seja concedido pouco espaço para o treino e estudo além de constituir uma "carga" quotidiana elevada, não só do ponto de vista físico mas também psicológico. A agravar esta situação encontramos algumas crianças, que para além das actividades "obrigatórias" têm ainda actividades suplementares, tais como aulas de música, apoios educativos, entre outras.

2.1.1.3. Terceira etapa: "Especialização desportiva"

Após um considerável período de treino que visou essencialmente desenvolver o praticante de uma forma geral/global – procurando prepará-lo para obter resultados progressivamente melhores –, chega o momento em que é necessário especializá-lo, tanto numa modalidade como numa disciplina, posto, ou técnica desportiva (Raposo, 2000).

Segundo Añó (1997) a especialização é a consequência da opção de um praticante – motivada pela sua condição física/técnica e pela sua personalidade – por um desporto em concreto, da qual resulta uma prática contínua, regular e exclusiva.

Noutra perspectiva, Manno (1992) refere a especialização como sendo o resultado do treino orientado por forma a alcançar as possibilidades individuais de alta prestação numa modalidade, ou numa disciplina ou numa função colectiva.

Martin (1993), por seu lado, entende-a como o concentrar do treino em alguns pressupostos e elementos da subsequente actividade competitiva.

Como se pode verificar, na especialização desportiva, a prática (o treino) está circunscrita a uma preparação que visa a qualidade da prestação competitiva, ou seja, a superação dos resultados.

Não obstante, Añó (1997) distingue dois tipos de especialização, a especialização externa e a especialização interna. A primeira corresponde à eleição de uma modalidade desportiva. A segunda refere-se a uma disciplina desportiva, como por exemplo o salto em altura, ou a um "posto específico" que um praticante ocupa dentro desse desporto, como por exemplo "pivot" no andebol.

2.1.1.3.1. Início

A especialização desportiva é um processo sequencial que só tem sentido existir quando precedido de uma formação desportiva multilateral, ou seja, tendo antes os jovens passado por uma fase na qual se visou um desenvolvimento progressivo, variado e completo de todas as estruturas, funções e capacidades.

Desta maneira, é consensual que o rendimento obtido será tanto mais consistente quanto mais alargada e sólida for a formação desportiva.

A especialização pressupõe que os jovens, motivados pelas suas capacidades físicas, iniciem uma prática contínua, regular e exclusiva numa determinada modalidade desportiva.

Esta, por vezes, ocorre em virtude de ser o único desporto que se pratica num determinado lugar, escola ou clube, ou, ainda, por vontade dos pais (Añó, 1997).

O seu início é um dos aspectos que causa, actualmente, uma importante incógnita no âmbito do treino desportivo.

Na opinião de Marques (1991), o contributo científico dos estudos realizados tem levado a recuar o início da especialização para idades mais baixas.

Embora se pretenda generalizar, Año (1997) lembra-nos que a idade do início da especialização não é a mesma para as diferentes modalidades desportivas nem para todos os praticantes.

Sendo assim, o desenvolvimento físico (idade biológica do atleta) e a sua capacidade de suportar as cargas de treino que progressivamente serão aumentadas, deverão ser levadas em consideração para o início da especialização.

Todavia, são alguns os autores que têm avançado com idades para o seu início.

Segundo Bompa (1999), a partir dos dezasseis ou dezassete anos (idade de júnior), inicia-se a especialização, o que significa incidir a preparação realizada de modo mais persistente no tipo de treino necessário a uma determinada modalidade desportiva. Isto, para tentar alcançar bons resultados desportivos, ou pelo menos, tentar satisfazer as necessidades dos praticantes.

Consciente das particularidades de cada modalidade, o mesmo autor apresenta alguns dados orientadores para cada uma, no que respeita às idades do início da especialização (*vd.* Anexo I).

Ainda neste contexto, outros são os autores que referem o período compreendido entre os treze e os quinze ou dezasseis anos como o mais adequado para o início da especialização desportiva (Nespreira, 1998; Raposo, 2000).

Añó (1997), por exemplo, recomenda que a especialização tenha o seu início aos catorze anos, para as modalidades desportivas cuja idade de alto rendimento se situa acima dos vinte anos.

Embora as idades da especialização desportiva variem de acordo com o perfil motor do praticante e as características próprias da especialidade desportiva, a especialização correcta – entenda-se não prematura – na maioria dos desportos, será aquela que ocorre depois da puberdade ou simultaneamente com ela (Hahn, 1988; Grosser, *et al.*, 1989).

Triess (1983) *apud* Bedoya (1995), corrobora essa opinião ao alertar-nos para a necessidade de se evitar, em regra geral, uma especialização demasiado acentuada num só desporto antes dos 12 anos.

2.1.1.3.2. Características

Nesta nova etapa, as actividades são orientadas para a qualidade da prestação competitiva (consecução do rendimento) e subordinadas, gradualmente, às leis e princípios específicos do treino desportivo.

No seu início, segundo Fuentes-Guerra (2000), a especialização começa por ser pouco profunda.

Em conformidade Añó (1997), salienta que a especialização, para além de não acontecer de forma súbita, necessita de cumprir determinados requisitos para que seja produtiva, nomeadamente:

1. a conveniência de realizar uma especialização globalizada por áreas próximas em vez de uma especialização directa numa só especialidade ou posto específico;

2. evitar a especialização desportiva precoce, a qual anula a possibilidade de um desenvolvimento posterior em outros desportos, modalidades ou postos específicos.

Sendo assim, a especialização deverá basear-se num trabalho contínuo e prolongado, onde a carga de treino irá paulatinamente sendo cada vez mais individualizada.

Raposo (2000), a este respeito, alerta-nos para que não haja precipitações, por forma a não se cometerem erros de especialização precoce. Constata-se a existência de muitos jovens que treinam unicamente na prova onde obtém melhores resultados.

Face a este quadro de especialização crescente, o processo de treino passará a ter, para além das preocupações constantes com a elevação do nível atlético e técnico-táctico dos atletas, o objectivo de criar situações de exigência progressiva ao esforço, semelhantes, ou mesmo idênticas, às da competição da modalidade (Gonçalves, 1988; Bedoya, 1995).

Consequentemente, esse incremento da especificidade da preparação física – o aumento do volume, a intensificação das cargas de treino, assim como a ampliação da participação competitiva – fazem com que o rendimento obtido comece, cada vez mais, a depender, entre outros aspectos, da quantidade e qualidade da preparação específica.

Começa-se, assim, a utilizar maioritariamente os meios que permitam aumentar as potencialidades funcionais do organismo do praticante, sem aplicar um grande volume de carga, embora aproximando-se, dentro do possível, às características da actividade competitiva (Platonov, 1997).

Neste âmbito, Pintor (1989), mais direccionado para os desportos colectivos, refere que o treino deve promover a especialização das habilidades motoras em função das características individuais do praticante; o incremento da capacidade física geral; a ampliação e o aperfeiçoamento da prática de meios colectivos básicos; o início da táctica colectiva complexa; o aprofundamento do conhecimento do regulamento; a ampliação do conhecimento teórico de factores tácticos, estratégicos e de condição física; e a melhoria da aplicação de noções estratégicas individuais e colectivas.

Numa perspectiva mais enquadrada com os desportos individuais, Suslov *et al.* (1995) apresenta como propósitos essenciais, a especialização em uma ou duas provas com a utilização dos meios e métodos de treino; aperfeiçoamento da técnica das provas seleccionadas; desenvolvimento das qualidades morais e volutivas; preparação física variada; e preparação teórica e psicológica.

De acordo com esta nova dimensão do processo de treino, é necessário estar sensível à resposta do praticante, uma vez que, segundo Hahn (1988), essa especialização poderá exigir um nível de dedicação, uma intensidade e uma capacidade para o treino, que alguns não dispõem ou não estão preparados para aguentar.

Segundo Schmolinsky (1992), na etapa de especialização desportiva, há necessidade de inculcar aos praticantes dois aspectos muitos importantes: uma atitude positiva em relação à preparação desportiva e uma forte vontade de evoluir.

Uma atitude positiva em relação à preparação implica assiduidade ao treino e cooperação activa no respectivo trabalho. O treino justifica-se como uma necessidade para a obtenção do sucesso desportivo. Em relação ao segundo aspecto, a forte vontade de evoluir implica o indomável desejo de triunfar perante as dificuldades que se deparam no decurso da preparação desportiva, de lutar incansavelmente contra os opositores e de prescindir de determinadas comodidades de vida.

Nesta etapa, em virtude das suas características, registam-se alterações significativas nas proporções dos vários tipos de preparação, de entre as quais se destaca o aumento substancial da preparação específica em detrimento da geral (Platonov,1997).

Todavia, o início da especialização desportiva não põe termo à preparação geral.

Como refere Marques (1997), o planeamento do treino deverá contemplar um período de preparação consagrado às tarefas e objectivos mais gerais da formação e outro consagrado aos objectivos da formação especifica. O mesmo autor (1998) realça, no entanto, a necessidade de não se recorrer a uma preparação geral desligada da modalidade desportiva. Isto é, a generalidade da preparação em cada modalidade deve ser determinada pela estrutura do rendimento.

Também Matveiev (1990) reforça esse pressuposto ao referir que a especialização desportiva não exclui o desenvolvimento múltiplo do praticante. Segundo este autor, somente através de um desenvolvimento geral das possibilidades funcionais do organismo e do desenvolvimento múltiplo das possibilidades físicas e psicológicas é possível alcançar um maior progresso numa determinada modalidade desportiva.

De acordo com esta conjectura, Baz (2000), no caso concreto do atletismo, sugere que a especialização desportiva se inicie com uma especialização multidisciplinar, isto é, centrada num grupo de provas comuns, como por exemplo a disciplina dos lançamentos.

Poder-se-á sugerir que, em virtude de esta etapa geralmente corresponder aos escalões juvenil e júnior, o praticante no escalão juvenil opte por uma disciplina desportiva, e que no escalão júnior confirme essa especialização. Também Schmolinsky (1992), refere que é nestes escalões que o praticante se especializa num grupo de provas – corridas, saltos ou lançamentos. A disciplina específica/especialidade em que o praticante se fixará será definida mais tarde.

No escalão júnior, segundo Coelho e Silva (1999) haverá uma aproximação às cargas máximas, juntamente com uma avaliação dos comportamentos competitivos e a definição de objectivos da carreira desportiva – aspiração a atleta profissional, a participação em competições internacionais, entre outras.

Face a este quadro, é sugerido que a preparação específica se realize numa proporção de 60:40 a 70:30 com a preparação geral (Hahn, 1988; Suslov *et al.*, 1995; Raposo, 2000).

De acordo com as considerações enunciadas, também o número de unidades de treino por semana será alvo de alterações significativas. Este deverá evoluir paulatinamente ao longo da etapa.

Grosser *et al.* (1988) propõem entre seis e dez unidades de treino por semana.

Por seu lado, Martin (1998), propõe, para as modalidades técnico-acrobáticas e natação, doze a vinte horas de treino semanal distribuído por cinco a dez unidades de treino. Para as outras modalidades, oito a catorze horas de treino distribuídas por quatro a seis unidades de treino.

Os valores mais baixos devem ser considerados para o início da etapa, enquanto os mais altos para o final desta. Da leitura destes números, quando comparados com os treinos realizados pelos jovens portugueses nesta etapa de preparação, verifica-se, para a maioria das modalidades, uma grande discrepância entre a realidade e os valores apontados.

Ferreira (2000), neste âmbito, coloca três questões que nos ajudam a compreender o porquê desta discrepância: (ibidem)

1. quantos são os jovens que hoje conseguem ter uma vida ajustada de forma a responderem a um processo de treino exigente ao nível dos valores que se apontam para o volume e frequência semanal?
2. quantos são os clubes que oferecem condições humanas, financeiras, estruturais e materiais capazes de proporcionar um tipo de preparação dentro das exigências referidas?
3. quantos treinadores fazem ou podem fazer da sua profissão o ensino e treino de jovens nestas idades, tão importantes na vida do atleta?

Embora esta realidade não se possa generalizar a todas as modalidades desportivas, ao tentarmos responder às questões colocadas, os números seriam obviamente baixos. Consequentemente, verifica-se que os resultados dos praticantes nacionais não são alheios a esta situação, nomeadamente quando comparados os praticantes de outros países, nos quais as estruturas envolventes propiciam a obtenção de sucesso.

Uma realidade que a alterar-se não se ficaria só pelo sistema desportivo.

Em conclusão, é nesta etapa que se começarão a distinguir os atletas que reúnem as condições para seguir a via da obtenção de altos rendimentos desportivos (Cunha, 1999). Pois, como refere Greco *et al.* (1997) é a partir da especialização que o praticante está em condições físicas e psíquicas de acentuar o desenvolvimento das potencialidades adquiridas.

Não obstante, Schmolinsky (1992) lembra-nos que caso um praticante não tenha uma forte vontade de evoluir, nem uma atitude consciente em relação à verdadeira dimensão do treino e que não esteja preparado para enfrentar exigências ainda mais penosas, não deve iniciar os treinos que visam o alto rendimento. Pois, segundo este autor, isso redundaria em desperdício do seu tempo e do próprio treinador – tempos que fazem falta à nossa sociedade.

2.1.1.3.3. Competições

Actualmente, a competição desportiva obriga a uma especialização que resulta no alcance de níveis de rendimento em idades impensáveis há alguns anos.

Por outro lado, se nas etapas anteriores o nível de *performance* em competições resultava principalmente dos processos de crescimento e desenvolvimento, na etapa de especialização esse nível atingiu um patamar que é justificado, fundamentalmente, pelas adaptações decorrentes do treino.

Na etapa de especialização desportiva, à medida que o praticante vai evoluindo e aperfeiçoando o seu rendimento desportivo, o processo de competição torna-se mais individualizado (Matveiev, 1991). Ademais, este começa a assumir uma maior importância em relação ao processo de treino (Marques, 1993). Consequentemente, a participação em competições oficiais assim como o grau de exigência destas deve aumentar progressivamente com a idade de treino e com a consequente melhoria da participação (*Op. cit.*).

As preocupações com o rendimento são agora mais evidentes, fazendo com que sejam maiores as exigências competitivas (Maldonado, 1992).

O número de competições é maior, estas estão mais regulamentadas e há um maior interesse pelo êxito nas mesmas. Esse maior interesse é positivo, desde que nunca se chegue a uma postura do tipo "o fim justifica os meios". Pois, esses meios, contrários à formação do praticante e à essência da própria actividade, em nada beneficiam a sua formação (*Op. cit.*).

É importante que o atleta participe em diversas situações competitivas, que se confronte com adversários, diferentes condições climatéricas e locais, entre outros, por forma a possibilitar a aquisição de uma diversidade de experiências, em tudo benéfico para o futuro.

Neste contexto, Schmolinsky (1992), destaca também a importância de treinar sob condições tão semelhantes quanto possível às condições das competições, ou ainda, participar em competições de treino realizadas sob condições extremamente diversificadas – incluindo condições adversas.

Segundo Mataruna e Mello (2000), no final desta etapa deverão iniciar-se as competições de nível internacional, contribuindo-se deste modo para uma diversificada acumulação de experiências. Estas irão traduzir-se num forte contributo para a obtenção do alto rendimento.

Todavia, é necessário não esquecer que em cada competição existe tanto a possibilidade de vencer como de sair derrotado (Hahn, 1988). Logo, ambas as vivências (vitória e derrota) devem ser encaradas como elementos de formação (Vieira *et al.*, 1999).

Face a este quadro, no caso concreto do atletismo, Proença (1986) realça que a competição deve acontecer na forma de provas individuais.

Atendendo ao aumento da participação em competições e à progressão da carga, torna-se necessário introduzir nesta etapa uma periodização adaptada às circunstâncias (Vianna, 2001).

Marques (1997a), salienta que face a essa importância crescente das competições, se justifica a existência de um modelo de periodização próximo do adoptado no desporto de alto rendimento, embora com traços muito próprios.

Matveiev propõe um sistema de periodização simples (composto por um ciclo que se subdivide em três períodos) que pelo carácter da carga, adapta-se perfeitamente ao treino dos jovens (Marques, 1997a; Nespreira, 1998; Rolim, 1998; Vianna, 2001) (*vd.* figura 4).

De acordo com este modelo, verifica-se a existência de um período de preparação mais alargado, com uma etapa consagrada a uma formação mais geral e outra a uma formação mais especifica. Face a este facto, Vianna (2001) alerta-nos para a necessidade de encontrar a proporção ideal entre o treino geral e o específico, próprios para a etapa de treino e para a faixa etária. Isto, por forma a contribuir para o harmonioso desenvolvimento do potencial do praticante.

Ainda Marques (1997a), neste âmbito, nos alerta para o facto de ser necessário continuar a elevar o nível geral do treino, pelo que a relação entre cargas e recuperação não pode atingir níveis de intensidade como no desporto de alto rendimento.

Não obstante, atendendo à diversidade de modalidades desportivas, Grosser *et al.* (1989) admitem como possibilidade, mediante a modalidade em causa, que a preparação seja dividida em um, dois ou três ciclos, os quais por sua vez são subdivididos em períodos – preparatório, competitivo e transitório.

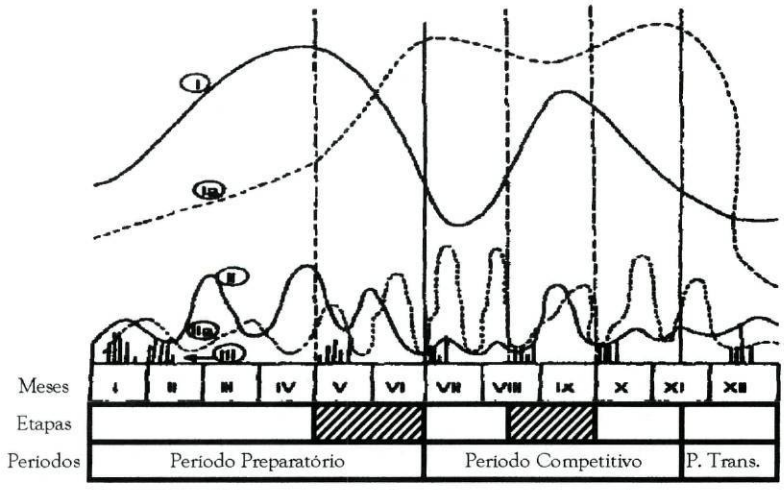


Figura 4 - Modelo da periodização do treino ao longo de um ciclo anual (adaptado de Matveiev, 1990)

2.1.1.4. Quarta etapa: "Alto Rendimento"

Para muitos autores, esta trata-se da etapa terminal do processo de formação desportiva (Lima, 1981; Pintor, 1987; Hahn, 1988; Grosser *et al.*, 1988; Romero, 1989; Schmolinsky, 1992; Vicente, 1995; Garcia Llopis, 1997; Nespreira, 1998; Bompa, 1999; Baz, 2000; Raposo, 2000).

Todo o processo de formação desportiva anterior visou preparar o praticante para atingir esta etapa e nela obter o máximo rendimento possível durante as competições (Raposo, 2000), procurando manter esses resultados durante um período de tempo o mais prolongado possível.

Sendo assim, o alto rendimento corresponde a um modelo do sistema de treino desportivo que permite o desenvolvimento e o aperfeiçoamento do potencial do praticante até aos seus limites máximos, tendo em consideração as estruturas do treino, a competição e a regeneração com os seus respectivos subsistemas (Greco *et al.*, 1997)

Ademais, o alto rendimento constitui-se, ainda, numa etapa de síntese e de integração de todas as capacidades humanas que, fundamentada nas conquistas da investigação científica, pretende contribuir para o conhecimento e alargamento dos limites do homem (Lima, 1981).

2.1.1.4.1. Início

O processo de formação desportiva culmina na etapa de alto rendimento, onde, mediante o seu potencial, o praticante procurará alcançar a máxima *performance* em situação competitiva.

Assim sendo, para que esta etapa seja alcançada, é necessário que durante os oito a dez anos anteriores (Coelho, 1985; Grosser *et al.*, 1988; Vicente, 1995; Nespreira, 1998; Raposo, 2000), todos os envolvidos, directa ou indirectamente, no processo de treino – nomeadamente dirigentes, treinadores e encarregados de educação – tenham a sabedoria e a serenidade necessária para levar o praticante a alcançar grandes registos, entenda-se, sucesso desportivo.

Actualmente, a etapa de alto rendimento realiza-se em momentos diferentes consoante a modalidade: (Añó, 1997)

1. na idade de crescimento, como por exemplo na ginástica rítmica e artística, ténis (sobretudo o feminino), esqui e natação, entre outros;
2. nas idades coincidentes com o término do crescimento, ainda que em determinados casos os níveis de exigência solicitados nas etapas de crescimento e de desenvolvimento sejam semelhantes aos de alto rendimento.

Face a este quadro, e tendo em consideração as transformações resultantes do processo de crescimento e de desenvolvimento, o início desta etapa deverá coincidir, em nossa opinião, na maioria dos desportos, com o momento em que o organismo atinge a idade adulta, ou seja, quando o processo de crescimento está praticamente concluído e o organismo se encontra em condições de suportar e tolerar os requisitos técnicos e físicos exigidos para o rendimento.

De acordo com esse pressuposto, Marques (1985) e Bompa (1996) *apud* Cunha (1999) apontam os dezanove anos como a idade para se proceder ao início do "alto rendimento".

Também nesse sentido, Verdugo & Leibar (1997) referem que todos os resultados de alto rendimento alcançados em idades inferiores aos dezasseis-dezassete anos, se assumem como o produto de um trabalho incorrectamente planeado e orientado, o qual impedirá o jovem de atingir o seu máximo potencial.

Schmolinsky (1992) acrescenta ainda que, embora a etapa de alto rendimento não deva começar antes dos dezassete anos, também não deve iniciar-se depois dos vinte e dois anos, sob pena de se começar demasiadamente tarde. Pois, em determinadas modalidades, os melhores resultados são obtidos somente até determinada idade.

Esta é, sem dúvida, a etapa mais dinâmica da prática desportiva. A sua duração assume uma forte relação com o nível desportivo desenvolvido nas etapas anteriores. Segundo Matvéiev (1990), esta prolonga-se até aos trinta e cinco ou quarenta anos.

Porém, para além da influência que a preparação desenvolvida nas etapas anteriores exerce na duração da etapa de alto rendimento, em nossa opinião, não menos importante é a correcta preparação desportiva, o apoio da família, dos técnicos e de todos os envolvidos no processo, a vontade própria do praticante, a existência de instalações/equipamentos adequados e o apoio institucional – escola, clube, associação, federação, entre outros.

2.1.1.4.2. Características

O grande objectivo na etapa de alto rendimento é, indubitavelmente, elevar as qualidades físicas para as colocar ao serviço da técnica e da táctica na competição (Coelho, 1985). Assim, através da optimização dos diferentes sistemas e recursos do treino, procura-se alcançar o máximo rendimento desportivo em uma especialidade concreta (Grosser *et al.*, 1988), tendo como limite as condicionantes genéticas dos praticantes envolvidos (Bompa, 1999).

Esta é a etapa onde se procura preparar o praticante para participar em competições nacionais e internacionais de modo a estabelecer registos de elevado nível (Schmolinsky, 1992; Cunha, 1999). O sucesso desportivo relaciona-se, agora, principalmente com a obtenção da vitória ou com o nível de classificação, em detrimento da mera participação ou demonstração do saber fazer (Lima, 1988).

À luz desta perspectiva, é nesta etapa que a formação desportiva adopta os aspectos que caracterizam o aperfeiçoamento profundo da preparação desportiva dos atletas e onde se reflecte com maior realismo as exigências e as pressões sociais exercidas sobre o desporto (Lima, 1981).

Face a este quadro, Schmolinsky (1992) destaca que somente devem ingressar na etapa de alto rendimento praticantes que obtiveram sucesso na etapa de especialização desportiva. Monteiro (1997) acrescenta que a esta etapa deverão ascender, fundamentalmente, os praticantes escolhidos através de rigorosos processos de selecção, a quem vai ser solicitado o maior rendimento.

Os outros atletas, ainda que não devam abandonar o treino, devem, em nossa opinião, encará-lo numa perspectiva menos intensiva.

Todavia, a etapa de alto rendimento admite diferentes níveis de *performance* que correspondem aos limites atingidos no desenvolvimento das capacidades individuais e à maturidade alcançada pelo

praticante. Esse rendimento avalia-se directamente pelo nível das competições em que os atletas participam e pelos resultados obtidos (Lima, 1981).

A etapa de alto rendimento é caracterizada por um grande volume e intensidade de treino (Lima, 1981; Marques, 1985; Raposo, 2000), com grande incidência em exercícios de preparação especial (Matvéiev, 1990, Cunha, 1999) e de competição (Lima, 1981; Marques, 1985). Estes têm como grande objectivo estimular e acelerar o processo de adaptação, conduzindo à superação do praticante.

A preparação específica torna-se, assim, a base do treino, tanto no desenvolvimento das qualidades motoras como no suporte técnico, devendo existir uma estreita ligação entre ambas (Bedoya, 1995).

Nesta etapa destaca-se, também, o elevado volume de treino da técnica principal, conduzindo a uma potenciação máxima das capacidades motoras específicas que influem na competição, acompanhado de um desenvolvimento máximo das qualidades tácticas e de um aperfeiçoamento do controlo emocional, por forma a assegurar a participação do praticante na competição em perfeitas condições psicológicas (Raposo, 2000).

Veja-se o caso específico do atletismo, no qual toda a preparação é dirigida para a consecução do máximo rendimento em uma prova ou, por vezes, duas de carácter similar.

Ainda que estes valores sejam susceptíveis de modificações, consoante os desportos e as características individuais, a preparação física específica abrange a maior parte do tempo dedicado aos conteúdos do treino – cerca de 80 a 90% (Nespreira, 1998; Bompa, 1999; Raposo, 2000).

Os restantes 10 a 20% são ocupados por trabalho genérico dedicado à recuperação activa ou podem assumir um carácter de reabilitação (Nespreira, 1998), conforme as circunstâncias.

O número semanal de unidades de treino é variável, dependendo de inúmeros factores: as características do esforço da prova; as tarefas concretas do treino; a intensidade das sessões de treino; a capacidade de recuperação do praticante; entre outros (Ghibu *et al.*, 1970). Não obstante, alguns autores avançam propostas neste sentido. Platonov (1997) propõe entre quinze e vinte ou até mesmo mais. Também Grosser *et al.* (1988) apontam para uma frequência semanal de treinos elevada – entre oito e vinte e dois.

Como se verifica, todas as componentes da preparação desportiva são direccionadas no sentido da aquisição da forma desportiva, visando assim a obtenção de resultados de elevado nível (Lima, 1988).

Assim sendo, é extremamente importante, segundo Platonov (1997), fazer coincidir o momento em que estão garantidas as condições que determinam a máxima predisposição do organismo do praticante para a obtenção dos seus melhores resultados, com o período na qual sejam utilizadas cargas de treino mais intensas e complexas.

Com efeito, todas as actividades passam, nesta fase, a ser regidas pelas leis e metodologia do treino desportivo (Marques, 1985; Matvéiev, 1990), estabelecendo-se a periodização em função dos ciclos olímpicos (Marques, 1985).

Segundo Monteiro (1997), as diferentes tarefas que compõem o treino deverão ser devidamente adequadas às particularidades do atleta, das diferentes modalidades e enquadradas por técnicos, ou equipas de técnicos, especializados em diferentes domínios.

Também neste contexto, Lima (1988) refere que a integração de todos os factores que intervêm e condicionam a aquisição da forma desportiva é a condição primordial desta etapa.

A qualidade da prestação desportiva demonstrada pelo praticante em competição vai traduzir com rigor a qualidade do trabalho desenvolvido nas etapas anteriores. Face a este quadro, poderemos ser levados a concluir que, chegados a esta etapa, os praticantes já terminaram a sua formação e o que não foi aprendido e aperfeiçoado dificilmente o será neste momento. Embora esta ocorrência possa ser, em teoria, uma realidade, na prática não o deverá ser. Como refere Fuentes-Guerra (2000), independentemente da idade, o praticante deve seguir a formação visando o aperfeiçoamento das suas habilidades, corrigindo erros, procurando variantes para os diferentes meios técnico-tácticos, ou seja, complementar-se por forma a tornar-se um praticante mais completo.

Também Maldonado (1992) considera que um jogador nunca está formado, ou seja, a formação desportiva dura até ao final da sua vida desportiva.

Assim sendo, ainda que a unilateralidade da preparação assuma contornos muito acentuados é necessária uma variação do trabalho específico através da combinação e modificação dos métodos de preparação (Nespreira, 1998).

Deste modo, dever-se-á promover a variação dos meios e métodos de treino utilizados, a aplicação de exercícios complementares (que anteriormente não foram aplicados), bem como a criação de novas estruturas de treino que estejam em condições de estimular tanto a capacidade de prestação como a eficácia na execução da actividade motora (Platonov, 1997).

Por outro lado, especialmente na primeira parte do período preparatório, ou durante o período de transição ou após as grandes competições, há igualmente vantagem em recorrer à preparação geral, mesmo para atletas de alto rendimento (Bompa, 1999).

2.1.1.4.3. Competições

Alcançada esta etapa, o praticante está apto a participar nas competições de organização formal, calendarizadas e apoiadas por estruturas organizativas institucionalizadas tais como clubes, associações e federações (Lima, 1981).

O quadro competitivo, na etapa de alto rendimento, deve caracterizar-se por uma exigência contínua de nível qualitativo, independentemente do grau de competição em que o praticante participe (Gonçalves, 1988). Este assume, agora, uma grande importância na estrutura e conteúdo do treino (Matvéiev, 1990).

A competição é um meio importante para orientar a melhoria do rendimento desportivo. Como refere Raposo (1989) é ela o motor de todo o treino desportivo.

Com efeito, o planeamento da preparação desportiva encontra-se, assim, subordinado ao quadro competitivo, o qual pode ser caracterizado por curtos períodos ou por um longo período de competições. Isto é, a organização dos treinos é feita em função das principais competições que, segundo Schmolinsky (1992), para uma minoria de atletas (os mais destacados), são as competições nacionais e internacionais.

Não obstante, como refere Matveiev (1990), as competições, pela sua importância e finalidade, devem diferenciar-se. Sendo assim, pelo carácter de participação, estas podem dividir-se em principais e secundárias.

As competições secundárias são realizadas, na maior parte das vezes, durante o período preparatório (Raposo, 1989; Schmolinsky, 1992), com os seguintes objectivos: controle do nível de preparação do praticante; familiarização com a situação de competição; reforço da sua auto-confiança; e treino das particularidades específicas da actividade (Polletti e Beraldo, 1991; Zakharov e Gomes, 1992).

A participação nestas competições deve, no entanto, ter por base uma condição física necessária para a concretização das tarefas solicitadas (Raposo, 1989). O mesmo autor alerta para a necessidade de evitar competir quase exclusivamente contra adversários conhecidos, sob pena de se estereotipar um modo de comportamento que irá ser prejudicial em situações novas, face a adversários desconhecidos.

As competições principais são realizadas, no período competitivo – período estabelecido fundamentalmente pelo calendário desportivo (Matvéiev, 1990) –, com o objectivo de obter elevados resultados.

São as competições principais que vão determinar o momento ou os momentos da temporada em que o praticante deve apresentar um elevado nível de *performance* (Raposo, 1989; Polletti e Beraldo, 1991; Manso *et al.*, 1996).

Se no princípio do processo de formação desportiva a prioridade estava direccionada para a participação, agora o objectivo fundamental, é fazer coincidir o melhor nível de forma desportiva com a(s) competição(ões) mais importante(s) por forma a obter o melhor resultado.

Consequentemente, assiste-se, nesta etapa, a uma elevada participação em competições nacionais e internacionais (Marques, 1985), a qual deve aumentar de ano para ano (Raposo, 1989).

Os limites dessa participação dependem essencialmente das características da modalidade desportiva, das capacidades físicas do praticante e dos anos de treino (Matveiev, 1990; Manso *et al.*, 1996). Manso *et al.* (1996) citam o caso surpreendente de R. Clarke que no ano 1965 correu vinte e uma vezes em cinquenta e um dias, obtendo três recordes mundiais.

Matvéiev (1990), neste sentido, alerta-nos para a necessidade da existência de intervalos entre as competições, indispensáveis para a recuperação e desenvolvimento da capacidade de trabalho do praticante.

Todavia, a crescente participação nem sempre se relaciona apenas com a obtenção de grandes resultados quer nacionais, quer internacionais. Razões financeiras são, hoje em dia, cada vez mais comuns. Como refere Sameiro Araújo (2001): "*Já não se faz um planeamento a pensar nas grandes provas internacionais, mas sim para as competições de fim-de-semana.*"

Neste contexto, Lima (1981) relembra que as competições não deverão constituir um fim mas sim um meio de avaliação de motivação do desenvolvimento alcançado e a alcançar pelos praticantes.

Face a esta crescente participação em competições, vários são, ao longo da temporada/época, os momentos em que os praticantes têm que apresentar elevados níveis de rendimento. Consequentemente, a periodização desportiva assume uma enorme importância.

Como refere Nespreira (1998), a divisão cíclica do treino tem uma função importantíssima, uma vez que se relaciona intimamente com o processo de aquisição da forma desportiva.

Como forma de procurar responder às necessidades impostas pela competição, vários são os autores que têm apresentado diferentes modelos de periodização.

Actualmente encontramos esses diferentes modelos agrupados em duas categorias: (Manso *et al.*, 1996)

1. Modelos tradiconais – com cargas diluídas. Exemplos: Matveiev (Aplicação de Cargas de Trabalho); Aroseiev (Pêndulo); Tschiene (Altas Cargas);
2. Modelos contemporâneos – com cargas concentradas. Exemplos: Verjochanski (A.T.R.); Bondarchuk (Modelo Integrador); Bompa (Modelo de Prolongado Estado de Redimento).

Não obstante, existem formulas intermédias, variantes e combinações das mesmas que segundo os objectivos, nível de treino, *etc.*, se podem combinar para alcançar os objectivos pre-estabelecidos (Verdugo e Leibar, 1997).

Deste modo, compete ao treinador, em função dos objectivos definidos, do calendário competitivo, do nível do atleta, entre outros aspectos, estabelecer o modelo de periodização a adoptar.

O nível de exigências da preparação desportiva de alto nível confronta frequentemente o praticante com a necessidade de se dedicar, por vezes em exclusivo, à sua carreira desportiva num determinado período da sua vida (Pataco, 1997).

Como refere Lima (1985), para se obter uma posição de mérito no desporto de alto rendimento, não é suficiente seguir uma preparação de mil horas por ano. Além de se exigir mais, é ainda necessário: horas e horas para as deslocações e viagens; competir com atletas diferentes em países diferentes; tempo para repouso e recuperação de esforços; fazer estágios; e tempo para "viver fora do desporto".

Face a este crescente grau de exigência, irá chegar o momento em que os praticantes serão confrontados com duas realidades distintas de prática desportiva, pelas quais terão de optar:

1. se, por um lado, optam por investir num emprego em detrimento da prática desportiva, esta torna-se secundária, na medida em que a disponibilidade de tempo e de frescura física é limitada, condicionando, consequentemente, os resultados obtidos;
2. por outro lado, se enveredam pela profissionalização, os níveis de rendimento atingem, naturalmente, proporções mais elevadas, imprimindo uma maior dinâmica na prática competitiva a longo prazo. Assim, atingem-se resultados apenas possíveis através do protagonismo que assume a actividade desportiva na vida do atleta.

No caso concreto do atletismo, este parece ainda não ser uma boa aposta do ponto de vista profissional (Kowalski, 1995). Segundo a autora, outros incentivos da vida social, económica, educativa e cultural têm um maior significado. Estes incentivos acabam por contribuir para um menor rendimento desportivo. Envolvidos por outros afazeres, os praticantes direccionam os seus ideais para o trabalho remunerado em outras ocupações profissionalizantes, estudo e vida familiar.

Consequentemente, o atletismo perde espaço para a família, o emprego, o estudo e os deveres quotidianos. E os êxitos, tornam-se meros sonhos para alguns.

Independentemente destas dificuldades, é interessante verificar que o desporto é um dos poucos sectores da sociedade portuguesa onde tem sido possível alcançar, por vezes, níveis de excelência que têm resultado numa importante afirmação de Portugal no mundo (Pataco, 1997).

2.1.2. A precipitação para o (in)sucesso

Como pudemos verificar, um planeamento de treino adequadamente estruturado para jovens exige um processo a longo prazo, subdividido em etapas bem definidas, com os seus próprios objectivos, conteúdos e sistemas de competição (Martin, 1998).

Se tivermos em consideração que um praticante de elite somente terá uma condição física excepcional mediante uma preparação muito intensa, resulta difícil planificar essa mesma preparação nas crianças e jovens (Cannavo, 2001). Não obstante, ao treinador que trabalha com estes praticantes exige-se que saiba planificá-la (saiba o como e o que fazer em cada etapa de preparação), uma vez que há uma escala de prioridades (Zotko, 2001).

Hahn (1988), neste sentido, alerta-nos que a ignorância a respeito do desenvolvimento infantil, a informação irregular acerca da gestão das cargas, assim como ambições exageradas, são factores que prejudicam e interferem negativamente o desenvolvimento desportivo da criança.

Sendo assim, como refere Pereira (1998), treinar jovens pode também ser um risco. Veja-se que, segundo este autor, são raros aqueles que, conseguindo atingir altos níveis de rendimento nos escalões de formação, conseguem manifestá-los, com a mesma excelência, quando adultos.

Uma pesquisa conduzida por Garcia e Rolim (1994), no âmbito do atletismo com atletas dos escalões de formação (infantil, iniciado e juvenil) considerados os melhores de sempre nas disciplinas de meio-fundo e fundo, permitiu concluir que a quase totalidade dos mesmos afastou-se antes de atingida a idade sénior ou revelavam resultados medíocres.

Marques (1998) explica que esta situação poderá ser resultado da aplicação de cargas de treino muito intensas (das quais resulta uma especialização precoce) ou do facto de os pressupostos básicos (os fundamentos da prestação de alto nível) não terem sido desenvolvidos da forma mais adequada no processo desportivo com os mais jovens.

Face a este quadro, o percurso da formação desportiva pode resultar em duas direcções distintas: a excelência ou a falência desportiva.

A questão da falência desportiva deve constituir motivo de preocupação para todos aqueles que directa ou indirectamente estão envolvidos no desporto. Esta persistirá enquanto a formação desportiva (no sistema educativo e no sistema desportivo) continuar a ser orientada por critérios de especialização precoce e de permanente selectividade que se regem por objectivos de exaltada competição, em que o mais importante é ganhar, obter a vitória e conquistar campeonatos (Lima, 1998).

A prática desportiva das crianças e jovens está marcadamente condicionada por uma única referência de sucesso: a vitória. Esta, é geralmente é apoiada por todos os que directa ou indirectamente intervêm no processo desportivo.

Em consequência, como refere Lima (1998), é criado um quadro de grandes pressões sobre os treinadores que, na maioria das vezes, são levados a proceder a uma formação desportiva centrada numa especialização precoce, a qual contribui para o afastamento antecipado dos jovens praticantes e para o abandono das práticas desportivas de numerosas crianças.

Neste contexto, treinar jovens poderá verdadeiramente ser um risco. E como salienta Pereira (1998) será tanto maior quanto menor fôr a preparação do treinador.

2.1.2.1. Especialização desportiva precoce

Segundo Hahn (1988), a antecipação da idade de máximo rendimento, em determinadas modalidades desportivas, incentiva as federações, clubes e treinadores a iniciar o processo de treino dirigido ao alto rendimento em idades cada vez mais precoces.

Por outro lado, a enorme capacidade de aprendizagem das crianças, fomenta também a especialização precoce, a qual se acentua sobretudo em determinados desportos individuais, como por exemplo a natação, patinagem, ginástica rítmica e artística.

Como consequência, nos dias de hoje, o treino inicia-se em idades cada vez mais baixas (Cannavo, 2001). Porém, esse acontecimento não pode, nem deve ser confundido com uma especialização precoce. Iniciar cedo a preparação desportiva não é necessariamente iniciar precocemente.

Candeias (1999), afirma que não existe especialização precoce unicamente pelo facto de um jovem praticar desde tenra idade uma determinada actividade desportiva. Pelo contrário, revela-se positiva a preocupação generalizada de se fazer o início da preparação cada vez mais cedo, no sentido em que a preparação desportiva deve ser um processo permanente e ao longo de muitos anos (Kovaci, 1988; Marques, 1991).

Não obstante, apesar de alguns autores julgarem conveniente iniciar a preparação desportiva cada vez mais cedo, de acordo com o conhecimento que dispomos do meio envolvente, esse facto, por vezes, poderá não contribuir para a formação do praticante da forma mais desejada. Infelizmente, a ênfase atribuída à vitória e à obtenção de resultados pelos agentes desportivos tem canalizado a preparação desportiva para uma especialização em idades impróprias (especialização precoce), ignorando os problemas inerentes.

Personne (1987), salienta que toda a actividade desportiva desenvolvida antes da puberdade, caracterizada por uma alta dedicação ao treino (mais de 10 horas por semana) e com finalidade competitiva e não formativa, resulta numa especialização precoce.

Na opinião de Añó (1997), especialização precoce é um termo utilizado para ilustrar uma prática sistematizada, regular e intensa dos praticantes antes das idades consideradas apropriadas para esse feito.

De acordo com os autores, verifica-se que esta corresponde a uma especialização antecipada cronologicamente numa determinada modalidade ou disciplina desportiva, desenvolvida na ausência de condições de maturação psico-fisiológicas adequadas e que visa por excelência a obtenção de elevados resultados desportivos em escalões jovens.

A especialização precoce está associada, na maioria das vezes, a desportos em que se alcança o alto rendimento em idades jovens ou mais baixas que o habitual. Nesse sentido, muito tem contribuído a vulgarização dos campeonatos internacionais de juvenis e de juniores, que em determinados casos, tem: (Marques, 1991),

1. conduzido à redução do tempo de treino destinado ao desenvolvimento dos fundamentos da actividade numa modalidade;
2. provocado efeitos gravosos sobre a alteração das estruturas básicas de cada uma das etapas de treino;
3. pressionado os treinadores para especializações não justificadas.

Ademais, da análise dos quadros competitivos portugueses, da maioria das modalidades desportivas, concluímos que a similaridade existente entre as provas do escalão sénior e as provas dos escalões de formação, contribui fortemente para que a preparação desportiva nos escalões de formação seja desenvolvida de acordo com princípios semelhantes, se não idênticos, aos da preparação desportiva dos adultos.

Por outro lado, um outro aspecto importante a salientar é o modo como alguns treinadores se comportam perante os jovens nas competições. Os seus comportamentos, na maior parte das vezes, indiciam uma elevada obsessão pela vitória. Esta obsessão traduz-se, certamente, num trabalho orientado para a especialização precoce dos praticantes. Segundo Bompa (1999) conseguem-se melhorias rápidas quando se pratica uma actividade quase em exclusivo, centrada unicamente numa modalidade.

Sendo assim, ainda que não o queiramos, a especialização precoce torna-se inevitável. Infelizmente, parece estar distante o dia em que essa realidade será diferente.

Face a este quadro, o treino na infância está irremediavelmente direccionado, em numerosas ocasiões, para a obtenção de resultados a curto prazo, constituindo uma forma de alto rendimento em tenras idades. Porém, esse não poderá ser de modo algum o percurso a percorrer na formação do praticante.

É nesta situação que os valores educativos do desporto e os seus presumíveis efeitos positivos sobre a saúde se vêm comprometidos por interesses eminentemente competitivos (Andújar & Soto, 2000).

Conscientes dessa realidade, vários são os autores que têm tratado esta temática com uma opinião crítica, mas consensual (*vd.* Apêndice II).

Como se pode verificar através dos autores mencionados, existe unanimidade quanto aos inconvenientes de uma especialização precoce. A forma como esta se produz poderá condicionar

irremediavelmente o percurso desportivo do praticante, além de não contribuir, deste modo, para a correcta promoção do desporto.

Assim, a formação desportiva das crianças e jovens não poderá deixar de se traduzir num processo contínuo, evolutivo, desenvolvendo-se por etapas com características e objectivos naturalmente diferenciados e adaptados. Estas etapas devem acompanhar a evolução psico-biológica e respeitar as características do praticante.

3 ESTUDO UM

Atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões de formação, entre os anos 1986 a 1990 *inclusive*

3.1. METODOLOGIA

3.1.1. Amostra

Em função dos objectivos definidos, foram tomados como elemento de análise os *rankings* nacionais das provas de pista dos escalões infantil, iniciado e juvenil publicados anualmente nas décadas de oitenta e noventa pela revista *Atletismo*.

A amostra foi constituída pela totalidade das atletas do sexo feminino (trezentas e vinte e nove) que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* nacionais de atletismo das diferentes provas de pista (*vd.* apêndice III) nos escalões de formação (infantil, iniciado e juvenil), entre 1986 e 1990.

No escalão infantil, num total de duzentos e vinte lugares disponíveis, encontravam-se cento e trinta e duas atletas.

No escalão iniciado, num total de trezentos lugares disponíveis, encontravam-se cento e quarenta e nove atletas. Contudo, trinta e seis atletas já haviam ocupado, entre 1986 e 1990, os primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão infantil. Deste modo, o número de atletas a analisar, nos *rankings* do escalão iniciado, passou para cento e treze.

No escalão juvenil, num total de trezentos e cinquenta lugares disponíveis, encontravam-se cento e trinta e três atletas. Neste escalão verificou-se uma situação idêntica à verificada anteriormente. Quarenta e nove atletas já haviam ocupado, entre 1986 e 1990, os primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões precedentes (trinta e sete no escalão iniciado e doze no escalão infantil e iniciado). Assim, o número de atletas a analisar, nos *rankings* do escalão juvenil, passou para oitenta e quatro.

Na constituição da amostra aplicaram-se os seguintes critérios para todos os escalões:

a) consideraram-se todas as provas de pista dos principais campeonatos da modalidade de atletismo (Campeonatos Nacionais e Olímpico Jovem), exceptuando a prova de maratona, por forma a que as conclusões obtidas possam ser generalizadas a esta modalidade e não apenas a um grupo restrito de provas. Optámos por não incluir a prova de maratona por esta se encontrar associada unicamente ao escalão sénior e se realizar, em Portugal, pouquíssimas vezes;
b) estabeleceu-se um período de cinco anos, por forma a imprimir profundidade ao estudo e a traduzir com mais clareza o que se passa na modalidade;
c) circunscreveram-se aos primeiros cinco lugares dos *rankings* de modo a dar mais consistência aos dados estudados. Ademais, nas fontes que tivemos acesso, em alguns *rankings* dos escalões de formação apenas eram contemplados os primeiros cinco lugares, inviabilizando uma maior profundidade do estudo;
d) optou-se pela não inclusão do escalão júnior, porque a esmagadora maioria das atletas deste escalão já se encontravam nos *rankings* do escalão sénior. Por outro lado, nas fontes a que tivemos acesso não estavam disponíveis *rankings* do escalão júnior;
e) iniciou-se a partir do ano 1986 porque foi a partir deste ano que o atletismo nos escalões de formação, através do DN Jovem (mais tarde viria a chamar-se Olímpico Jovem), abrangeu todo o país. Até então, o atletismo resumia-se a corridas de média e longa duração e o contacto com as provas técnicas era raro.

3.1.2. Procedimento de análise dos dados

Determinada a amostra, elaborou-se uma base de dados para cada escalão, organizada em colunas (campos) e linhas (registos). Nas colunas constará o nome da atleta, a data de nascimento e o ano da(s) prova(s). Nas linhas constará o percurso de cada atleta nos *rankings* das provas realizadas.

Por forma a facilitar a introdução e o respectivo tratamento dos dados, atribuímos previamente uma referência numérica às diferentes provas de pista dos diferentes *rankings* em análise.

Em seguida, registámos o percurso de cada atleta nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos diferentes escalões.

Pelo facto de constatarmos que as provas que compõem os quadros competitivos são diferentes consoante o escalão em causa e que estas têm sofrido alterações ao longo dos anos em análise, optámos por agrupar as diferentes provas de acordo com as suas características (*vd.* apêndice IV). Por forma a facilitar a introdução e o tratamento dos dados, atribuímos uma referência alfabética a cada grupo de provas.

Posteriormente, elaborámos uma base de dados para cada escalão e outra para cada um dos grupos de provas de cada escalão, com vista a proceder à introdução da identificação e do percurso das atletas distintamente, nos escalões e nos grupos de provas.

Uma vez agrupadas as atletas pelos diferentes escalões e pelos grupos de provas, procedemos à análise dos dados.

Em todos os grupos de provas e para todos os escalões, procurámos analisar o número de atletas que:

a) se encontravam nos lugares em estudo[1];
b) ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão em que se encontravam nos *rankings*;
c) se encontravam simultaneamente em dois ou mais grupos de provas;
d) se encontravam nos *rankings* pela primeira vez entre 1986 e 1990;
e) surgem nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões seguintes;
f) surgem, no mesmo grupo de provas, nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Ulteriormente, procurámos avançar explicações para os resultados por nós apresentados.

[1] Importa referir que a soma do número de atletas nos diferentes grupos de provas é superior ao número total de atletas em estudo, uma vez que algumas atletas se encontravam em vários *rankings*.

3.2. RESULTADOS

3.2.1. POR ESCALÃO

3.2.1.1. Infantil

Analisados os *rankings* entre 1986 e 1990, verificámos que nos duzentos e vinte lugares em estudo se encontravam cento e trinta e duas atletas (quarenta e uma surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas infantis.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes grupos de provas, apresenta valores compreendidos entre 72% (saltos verticais) e 88% (saltos horizontais). A média é 81% (*vd.* figura 5).

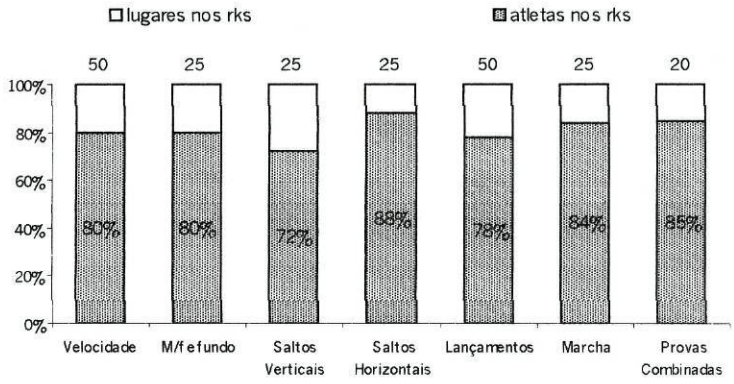


Figura 5 - Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos diferentes grupos de provas do escalão infantil

Neste grupo de cento e trinta e duas atletas, vinte e oito encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* de dois ou mais grupos de provas.

A taxa de presença das vinte e oito atletas, nos diferentes grupos de provas, está compreendida entre 0% (marcha) e 88% (provas combinadas). A média é 44% (*vd.* figura 6).

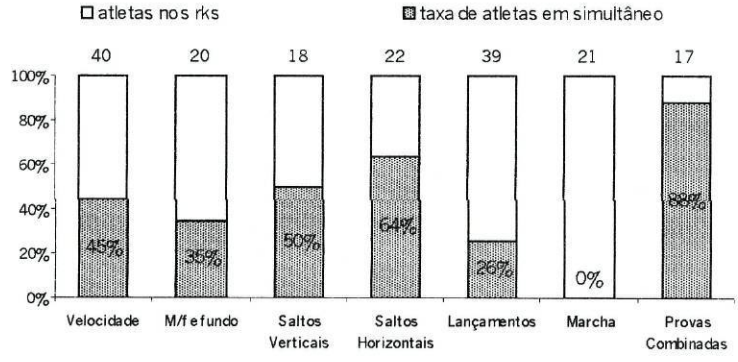


Figura 6 - Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão infantil, simultaneamente em dois ou mais grupos de provas

Analisado o percurso desportivo das cento e trinta e duas atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) cinquenta e cinco no escalão iniciado – vinte encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas;
b) trinta e seis no escalão juvenil – dezassete encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas;
c) quinze no escalão sénior – três encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas (*vd.* quadro 2).

Quadro 2 - Escalão infantil: número de atletas que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão infantil	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Unicamente num grupo	104	35	19	12
Simultaneamente em dois ou mais grupos	28	20	17	3
Total	132	55	36	15
Obs.	Todas infantis			

A taxa de presença das cento e trinta e duas atletas, nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões superiores dos diferentes grupos de provas, está compreendida:

a) para o escalão iniciado, entre 19% (marcha) e 82% (provas combinadas). A média é 54%;
b) para o escalão juvenil, entre 0% (marcha) e 53% (provas combinadas). A média é 36%;
c) para o escalão sénior, entre os 0% (marcha) e 29% (provas combinadas). A média é 17% (*vd.* figura 7).

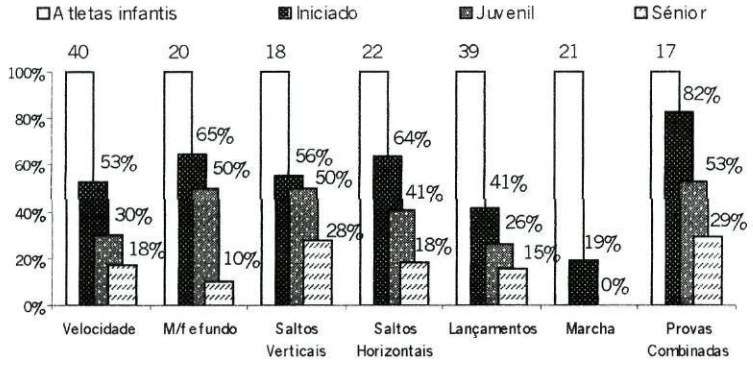


Figura 7 - Primeiros cinco lugares dos rks do escalão infantil: taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos rks do escalão iniciado, juvenil e sénior

No mesmo grupo de provas, a taxa de presença das cento e trinta e duas atletas, está compreendida:

a) para o escalão iniciado, entre 19% (marcha) e 60% (meio-fundo e fundo). A média é 37%;
b) para o escalão juvenil, entre 0% (marcha) e 45% (meio-fundo e fundo). A média é 24%;
c) para o escalão sénior, entre 0% (marcha) e 17% (saltos verticais). A média é 9% (*vd.* figura 8).

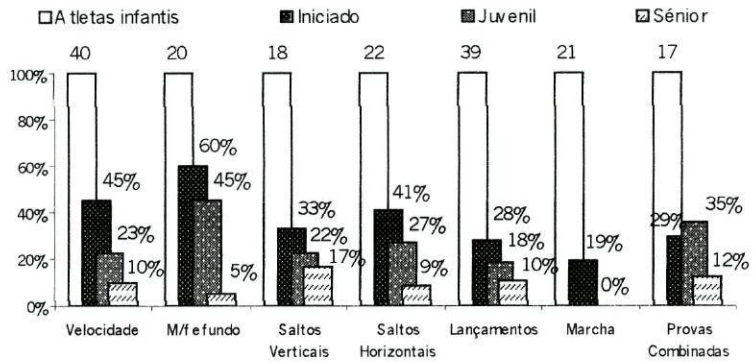


Figura 8 - Primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão infantil: taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo de provas, os primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão iniciado, juvenil e sénior

3.2.1.2. Iniciado

Analisados os *rankings* entre 1986 e 1990, verificámos que nos trezentos lugares em estudo se encontravam cento e quarenta e nove atletas (sessenta e sete surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Duas atletas ainda não apresentavam a idade correspondente a este escalão

A taxa de presença das atletas, nos diferentes grupos de provas, apresenta valores compreendidos entre 51% (lançamentos) e 84% (provas combinadas). A média é 67% (*vd.* figura 9).

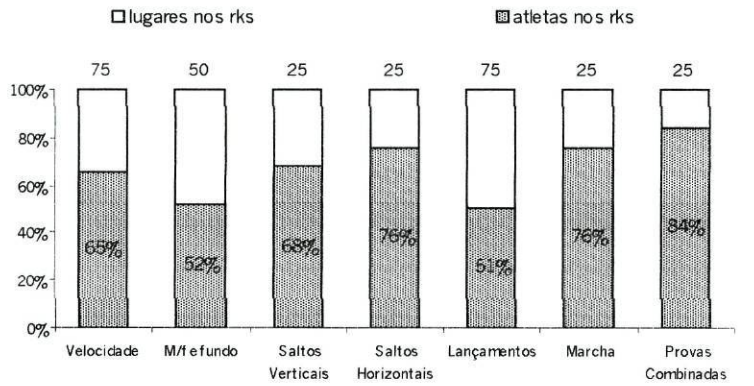


Figura 9 - Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos diferentes grupos de provas do escalão iniciado

Do total das atletas:

a) trinta e seis já se encontravam, enquanto infantis e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares;
b) cento e treze surgiram pela primeira vez nos primeiros cinco lugares. A taxa de presença destas atletas, nos diferentes grupos de provas, está compreendida entre 62% (provas combinadas) e 82% (lançamentos). A média é 72% (*vd.* figura 10).

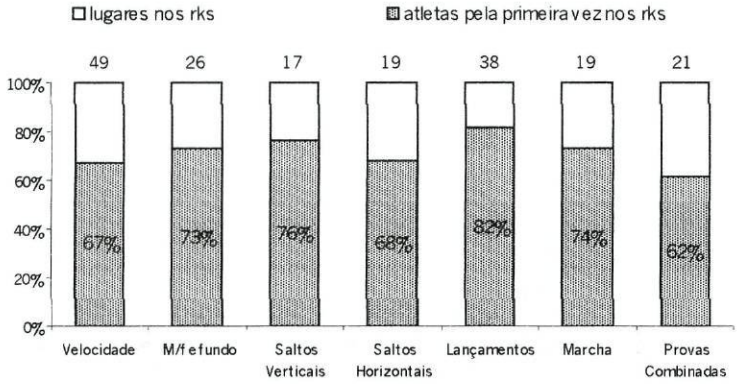


Figura 10 - Taxa de atletas que pela primeira vez se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão iniciado

Das cento e treze atletas, dezoito encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* de dois ou mais grupos de provas.

A taxa de presença das dezoito atletas, nos diferentes grupos de provas, está compreendida entre 0% (marcha) e 85% (provas combinadas). A média é 35% (*vd.* figura 11).

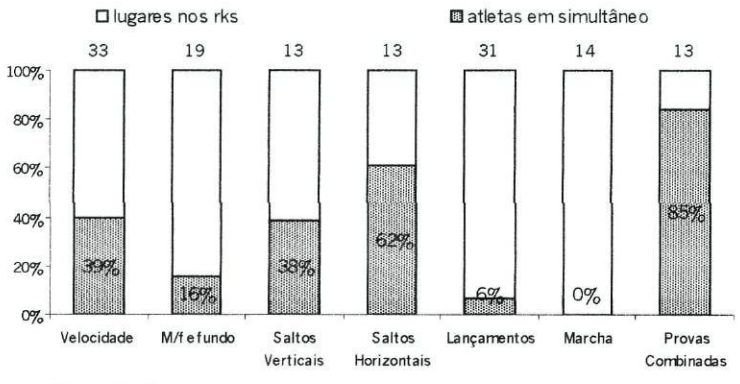


Figura 11 - Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão iniciado, simultaneamente em dois ou mais grupos de provas

Analisado o percurso desportivo das cento e treze atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) quarenta e quatro no escalão juvenil – onze encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas;
b) quinze no escalão sénior – cinco encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas (*vd.* quadro 3).

Quadro 3 - Escalão iniciado: número de atletas que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Unicamente num grupo	95	33	10
Simultaneamente em dois ou mais grupos	18	11	5
Total	113	44	15
Obs.	Todas iniciadas		

A taxa de presença das cento e treze atletas, nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões superiores dos diferentes grupos de provas, está compreendida:
a) para o escalão juvenil, entre 31% (saltos verticais) e 48% (velocidade). A média é 42%;
b) para o escalão sénior, entre 5% (meio-fundo e fundo) e 38% (provas combinadas). A média é 19% (*vd.* figura 12).

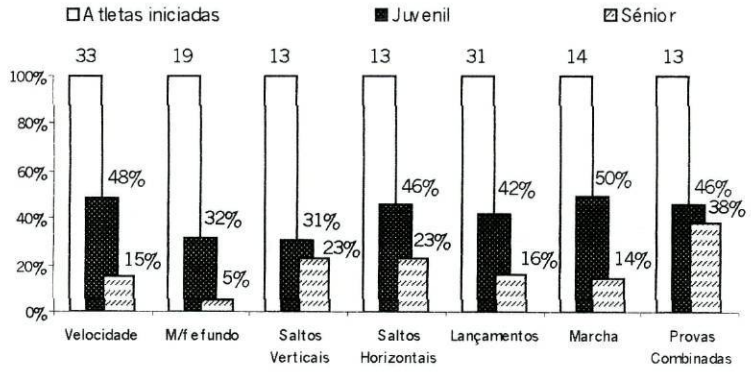


Figura 12 - Primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão iniciado: taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão juvenil e sénior

No mesmo grupo de provas, a taxa de presença das cento e treze atletas, está compreendida:
a) para o escalão juvenil, entre 16% (meio-fundo e fundo) e 50% (marcha). A média é 34%;
b) para o escalão sénior, entre 5% (meio-fundo e fundo) e 23% (provas combinadas). A média é 14% (*vd.* figura 13).

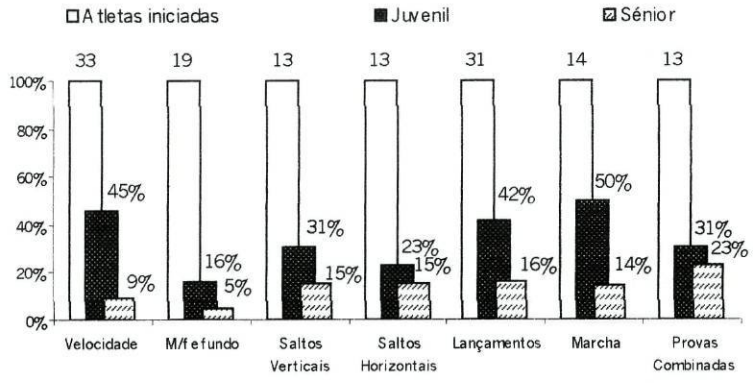


Figura 13 - Primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão iniciado: taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo de provas, os primeiros cinco lugares dos rks do escalão juvenil e sénior

3.2.1.3. Juvenil

Analisados os *rankings* entre 1986 e 1990, verificámos que nos trezentos e cinquenta lugares em estudo se encontravam cento e trinta e três atletas (oitenta e três surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Trinta e cinco atletas ainda não apresentavam a idade correspondente a este escalão.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes grupos de provas, apresenta valores compreendidos entre 38% (velocidade) e 64% (provas combinadas). A média é 55% (*vd.* figura 14).

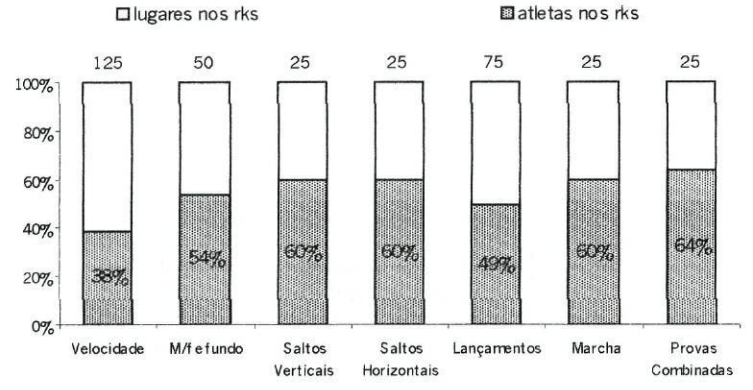


Figura 14 - Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos diferentes grupos de provas do escalão juvenil

Do total das atletas:

a) doze já se encontravam, enquanto infantis e iniciadas e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings*;
b) trinta e sete já se encontravam, enquanto iniciadas e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings*;

c) oitenta e quatro surgiram pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*, sendo todas juvenis. A taxa de presença destas atletas, nos diferentes grupos de provas, está compreendida entre 40% (marcha) e 78% (meio-fundo e fundo). A média é 58% (*vd.* figura 15).

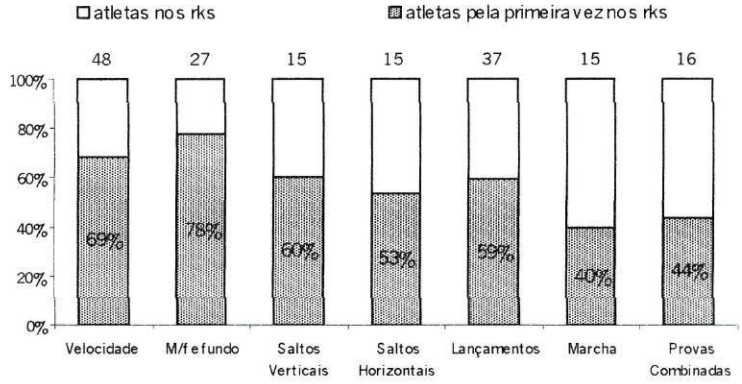


Figura 15 - Taxa de atletas que pela primeira vez se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão juvenil

Das oitenta e quatro atletas, catorze encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* de dois ou mais grupos de provas.

A taxa de presença das catorze atletas, nos diferentes grupos de provas, está compreendida entre 0% (marcha) e 88% (saltos horizontais). A média é 35% (*vd.* figura 16).

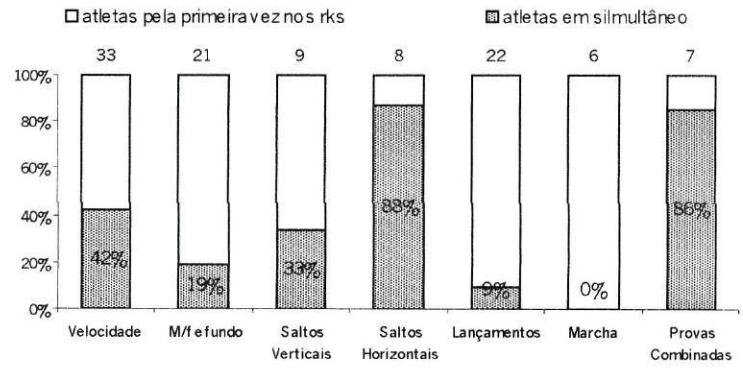


Figura 16 - Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão juvenil, simultaneamente em dois ou mais grupos de provas

Analisado o percurso desportivo das oitenta e quatro atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que vinte e duas surgem nos primeiros cinco lugares do escalão sénior – cinco encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas (*vd.* quadro 4).

Quadro 4 - Escalão juvenil: número de atletas que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

Grupos de provas	Escalão juvenil	Escalão sénior
Unicamente num grupo	70	17
Simultaneamente em dois ou mais grupos	14	5
Total	84	22
Obs.	Todas juvenis	

A taxa de presença das oitenta e quatro atletas, nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior dos diferentes grupos de provas, está compreendida entre 0% (marcha) e 39% (velocidade). A média é 24% (*vd.* figura 17).

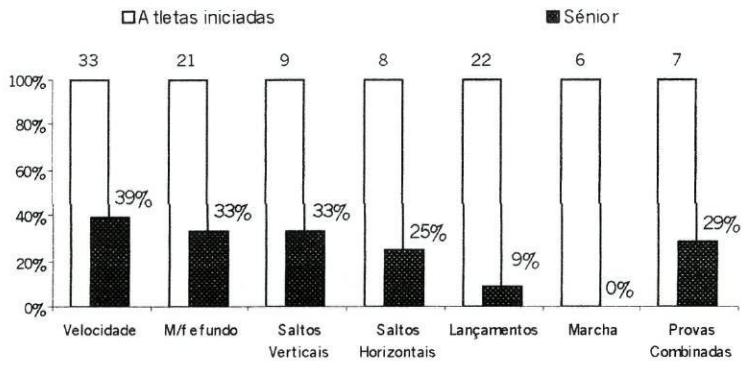


Figura 17 - Primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão juvenil: taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão sénior

No mesmo grupo de provas, a taxa de presença das oitenta e quatro atletas, está compreendida entre 0% (marcha e provas combinadas) e 36% (velocidade). A média é 19% (*vd.* figura 18).

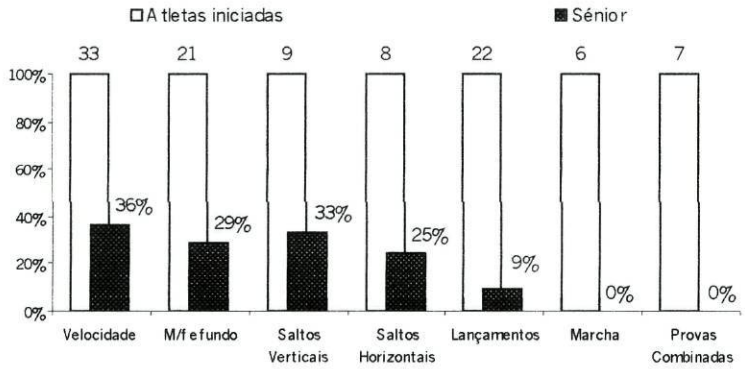


Figura 18 - Primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão juvenil: taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo de provas, os primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão sénior

3.2.2. POR GRUPO DE PROVAS

3.2.2.1. VELOCIDADE

3.2.2.1.1. Infantis

Analisados os *rankings* do escalão infantil do grupo das provas de velocidade (60m e 60m barreiras) entre 1986 e 1990, verificámos que nos cinquenta lugares em estudo se encontravam quarenta atletas (sete surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas infantis.

Neste grupo de quarenta atletas, dezoito encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das quarenta atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) vinte e uma no escalão iniciado. Dezoito encontravam-se no grupo das provas de velocidade – destas, nove encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;
b) doze no escalão juvenil. Nove encontravam-se no grupo das provas de velocidade – destas, sete encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;
c) sete no escalão sénior. Quatro encontravam-se no grupo das provas de velocidade – destas, duas encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas (*vd.* quadro 5).

Quadro 5 - Grupo das provas de velocidade: número de atletas do escalão infantil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão infantil	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Velocidade	22	9	2	2
Velocidade + outro(s) grupo(s)	18 B=2, C=7, D=10, E=6, G=7	9 B=1, C=4, D=5, E=2, G=6	7 B=1, C=3, D=5, E=1, G=4	2 C=2, D=2, E=1, G=2
Outro(s) grupo(s)	–	3 C=2, E=2, G=2	3 B=1, C=1, E=1, G=1	3 C=1, G=1
Total	40	21	12	7
Obs.	Todas infantis	Todas iniciadas	Todas juvenis	5 seniores 2 não seniores

Legenda: B - Meio/Fundo e Fundo, C - Saltos Verticais, D - Saltos Horizontais, E - Lançamentos, G - Provas Combinadas.

3.2.2.1.2. Iniciadas

Analisados os *rankings* do escalão iniciado do grupo das provas de velocidade (80m, 300m e 60m barreiras) entre 1986 e 1990, verificámos que nos setenta e cinco lugares em estudo se encontravam quarenta e nove atletas (quinze surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas iniciadas. Destas:

a) dezasseis já se encontravam, enquanto infantis e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings*;
b) trinta e três surgem pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*. Destas, treze encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das trinta e três atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) dezasseis no escalão juvenil. Quinze encontravam-se no grupo das provas de velocidade – destas, cinco encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;
b) cinco no escalão sénior. Três encontravam-se no grupo das provas de velocidade – destas, duas encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas (*vd.* quadro 6).

Quadro 6 - Grupo das provas de velocidade: número de atletas do escalão iniciado que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Velocidade	20	10	1
Velocidade + outro(s) grupo(s)	13 B=3, D=6, G=5	5 D=4, E=1, G=4	2 C=1, D=2, E=1, G=2
Outro(s) grupo(s)	–	1 D	2 D=2, G=1
Total	33	16	5
Obs.	Todas iniciadas	15 juvenis 1 não juvenis	Todas seniores

Legenda: B - Meio/Fundo e Fundo, C - Saltos Verticais, D - Saltos Horizontais, E - Lançamentos, G - Provas Combinadas.

3.2.2.1.3. Juvenis

Analisados os *rankings* do escalão juvenil do grupo das provas de velocidade (100m, 200m, 400m, 80m barreiras e 300m barreiras) entre 1986 e 1990, verificámos que nos centos e vinte cinco lugares em estudo se encontravam quarenta e oito atletas (trinta e uma surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo que sete ainda não eram juvenis. Destas:

a) duas já se encontravam, enquanto infantis e iniciadas e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings*;
b) treze já se encontravam, enquanto iniciadas e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings*;
c) trinta e três surgem pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*, sendo todas juvenis. Destas, catorze encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das trinta e três atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que treze surgem nos primeiros cinco lugares do escalão sénior. Doze encontravam-se no grupo das provas de velocidade – destas, cinco encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas (*vd.* quadro 7).

Quadro 7 - Grupo das provas de velocidade: número de atletas do escalão juvenil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

Grupos de provas	Escalão juvenil	Escalão seniór
Velocidade	19	7
Velocidade + outro(s) grupo(s)	14 B=4, C=3, D=7, E=2, G=6	5 B=1, C=1, D=3, G=1
Outro(s) grupo(s)	–	1 B
Total	33	13
Obs.	Todas juvenis	12 seniores 1 não seniores

Legenda: B - Meio/Fundo e Fundo, C - Saltos Verticais, D - Saltos Horizontais, E - Lançamentos, G - Provas Combinadas.

3.2.2.1.4. Resultados globais

Analisados os *rankings* dos escalões de formação do grupo das provas de velocidade entre 1986 e 1990, verificámos que nos duzentos e cinquenta lugares em estudo se encontravam cento e trinta e sete atletas (cinquenta e três surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Sete atletas ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão em que concorriam.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 38% (escalão juvenil) e 80% (escalão infantil) (*vd.* figura 19).

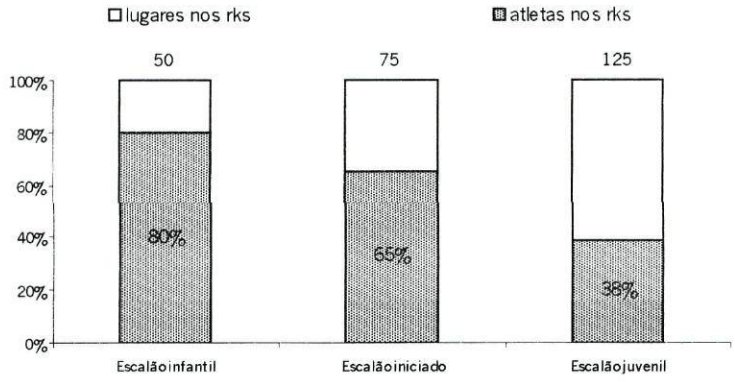


Figura 19 - Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (velocidade)

Do total das atletas, cento e seis encontravam-se, entre 1986 e 1990, pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*[2] .

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 67% (escalão iniciado) e 100% (escalão infantil) (*vd.* figura 20).

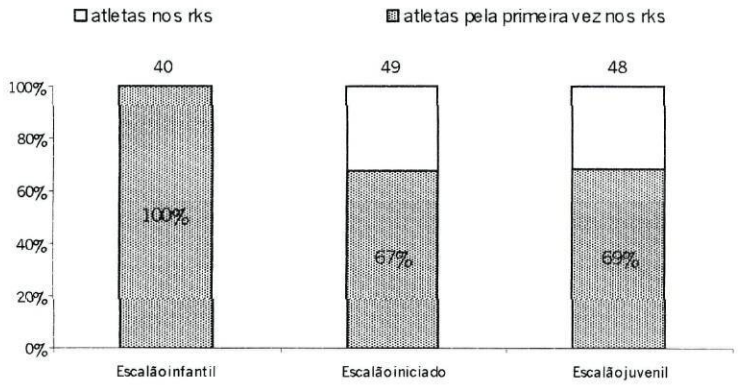


Figura 20 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (velocidade)

[2] No período de tempo considerado – entre 1986 e 1990 –, as cento e seis atletas não ocuparam os primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões anteriores àquele em que se encontravam.

Das cento e seis atletas, quarenta e cinco encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

A taxa de presença das quarenta e cinco atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 39% (escalão iniciado) e 45% (escalão infantil) (*vd.* figura 21).

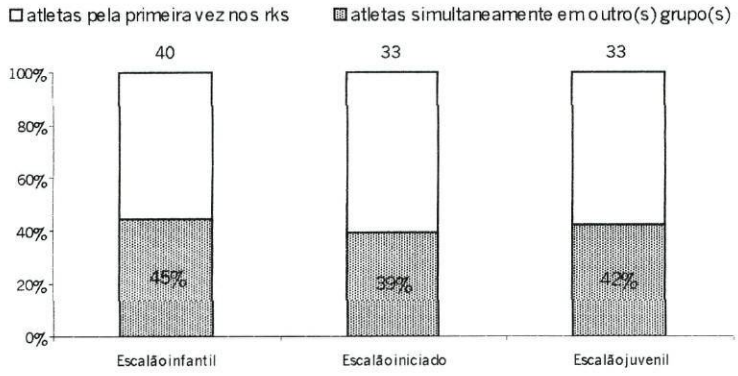


Figura 21 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação simultaneamente no grupo da velocidade e em outro(s) grupo(s)

Analisado o percurso desportivo das cento e seis atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que vinte e cinco surgem nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 15% (escalão iniciado) e 39% (escalão juvenil) (*vd.* figura 22).

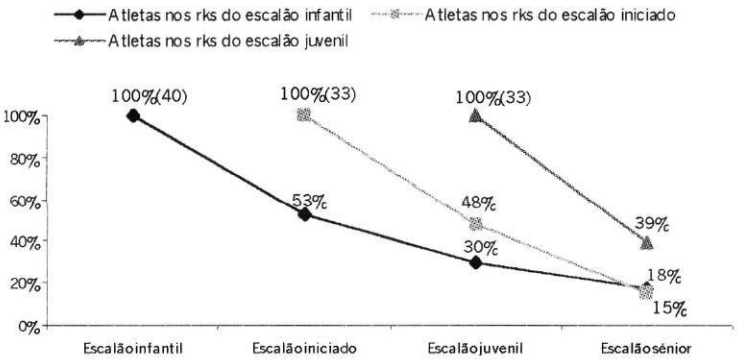


Figura 22 - Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (velocidade): taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores

Analisado, no mesmo grupo de provas (velocidade), o percurso desportivo das cento e seis atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que dezanove surgem nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 9% (escalão iniciado) e 36% (escalão juvenil) (*vd.* figura 23).

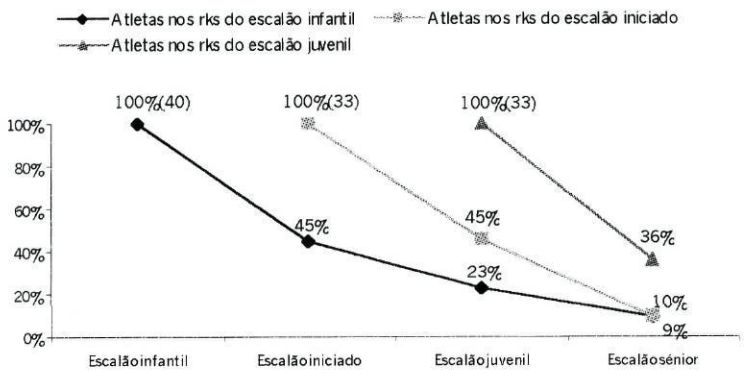


Figura 23 - Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (velocidade): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores

3.2.2.2. MEIO-FUNDO E FUNDO

3.2.2.2.1. Infantis

Analisados os *rankings* do escalão infantil do grupo das provas de meio-fundo e fundo (1000m) entre 1986 e 1990, verificámos que nos vinte cinco lugares em estudo se encontravam vinte atletas (quatro surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas infantis.

Neste grupo de vinte atletas, sete encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das vinte atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) treze no escalão iniciado. Doze encontravam-se no grupo das provas de meio-fundo e fundo – destas, três encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;
b) dez no escalão juvenil. Nove encontravam-se no grupo das provas de meio-fundo e fundo – destas, quatro encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;
c) duas no escalão sénior. Uma encontrava-se no grupo das provas de meio-fundo e fundo (*vd.* quadro 8).

Quadro 8 - Grupo das provas de meio-fundo e fundo: número de atletas do escalão infantil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão infantil	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
M-F e Fundo	13	9	5	1
M-F e Fundo + outro(s) grupo(s)	7 A=2, C=1, D=1, E=1, G=5	3 A=3, G=1	4 A=4	0
Outro(s) grupo(s)	–	1 C, G	1 A	1 A
Total	20	13	10	2
Obs.	Todas infantis	Todas iniciadas	9 juvenis 1 não juvenis	Todas seniores

Legenda: A - Velocidade, C - Saltos Verticais, D - Saltos Horizontais, E - Lançamentos, G - Provas Combinadas; M-F - Meio-Fundo.

3.2.2.2.2. Iniciadas

Analisados os *rankings* do escalão iniciado do grupo das provas de meio-fundo e fundo (800m e 1500m) entre 1986 e 1990, verificámos que nos cinquenta lugares em estudo se encontravam vinte e seis atletas (onze surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas iniciadas. Destas:

a) sete já se encontravam, enquanto infantis e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings*;
b) dezanove surgem pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*. Destas, três encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das dezassete atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) seis no escalão juvenil. Três encontravam-se no grupo das provas de meio-fundo e fundo – destas, uma encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;
b) uma no escalão sénior. Esta, encontrava-se no grupo das provas de meio-fundo e fundo e simultaneamente em outro(s) grupo(s) (*vd.* quadro 9).

Quadro 9 - Grupo das provas de meio-fundo e fundo: número de atletas do escalão iniciado que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
M-F e Fundo	16	2	0
M-F e Fundo + outro(s) grupo(s)	3 A=3	1 A	1 A
Outro(s) grupo(s)	–	3 A=3	0
Total	19	6	1
Obs.	Todas iniciadas	5 juvenis 1 não juvenil	Senior

Legenda: A - Velocidade; M-F - Meio-Fundo.

3.2.2.2.3. Juvenis

Analisados os *rankings* do escalão juvenil do grupo das provas de meio-fundo e fundo (800m e 1500m) entre 1986 e 1990, verificámos que nos cinquenta lugares em estudo se encontravam vinte e sete atletas (quatro surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo que cinco ainda não eram juvenis. Destas:

a) quatro já se encontravam, enquanto infantis e iniciadas e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings*;
b) duas já haviam figurado, enquanto iniciadas e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings*;
c) vinte e uma surgem pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*, sendo todas juvenis. Destas, quatro encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das vinte e uma atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que sete surgem nos primeiros cinco lugares do escalão sénior. Seis encontravam-se no grupo das provas de meio-fundo e fundo – destas, uma encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas (*vd.* quadro 10).

Quadro 10 - Grupo das provas de meio-fundo e fundo: número de atletas do escalão juvenil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

Grupos de provas	Escalão juvenil	Escalão sénior
M-F e Fundo	17	5
M-F e Fundo + outro(s) grupo(s)	4 (A=4)	1 (A)
Outro(s) grupo(s)	–	1 (A)
Total	21	7
Obs.	Todas juvenis	Todas seniores

Legenda: A - Velocidade; M-F - Meio-Fundo.

3.2.2.2.4. Resultados globais

Analisados os *rankings* dos escalões de formação do grupo das provas de meio-fundo e fundo entre 1986 e 1990, verificámos que nos cento e vinte cinco lugares em estudo se encontravam setenta e três atletas (dezanove surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Cinco atletas ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão em que concorriam.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 52% (escalão iniciado) e 80% (escalão infantil) (*vd.* figura 24).

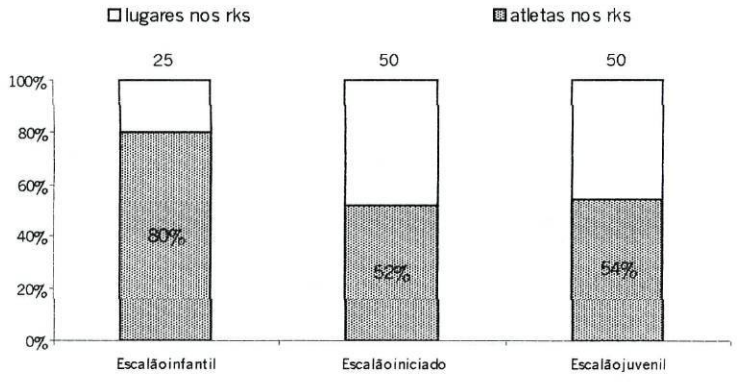


Figura 24 - Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (meio-fundo e fundo)

Do total das atletas, sessenta encontravam-se, entre 1986 e 1990, pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*[3].

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 73% (escalão iniciado) e 100% (escalão infantil) (*vd.* figura 25).

[3] No período de tempo considerado – entre 1986 e 1990 –, as sessenta atletas não ocuparam os primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões anteriores àquele em que se encontravam.

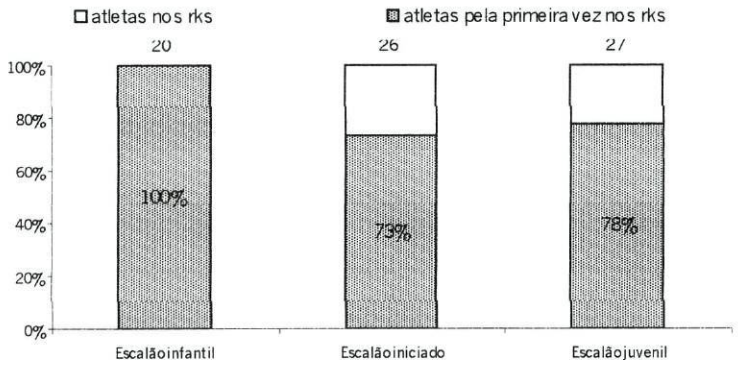


Figura 25 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (meio fundo e fundo)

Das sessenta atletas, catorze encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

A taxa de presença das catorze atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 16% (escalão iniciado) e 35% (escalão infantil) (*vd.* figura 26).

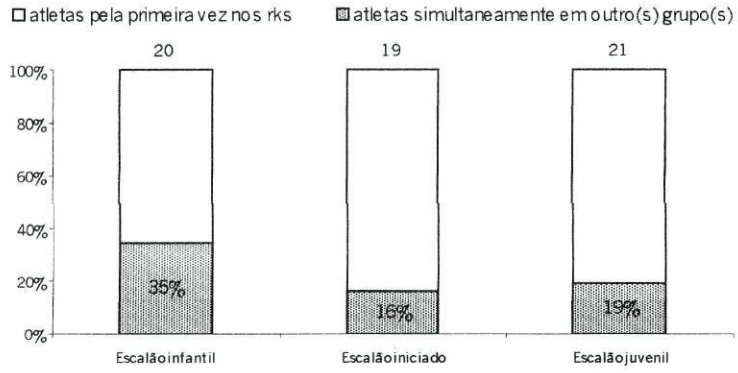


Figura 26 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação simultaneamente no grupo do meio-fundo e fundo e em outro(s) grupo(s)

Analisado o percurso desportivo das sessenta atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que dez surgem nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 5% (escalão iniciado) e 33% (escalão juvenil) (*vd.* figura 27).

Analisado, no mesmo grupo de provas (meio-fundo e fundo), o percurso desportivo das sessenta atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que oito surgem nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 5% (escalão infantil e iniciado) e 29% (escalão juvenil) (*vd.* figura 28).

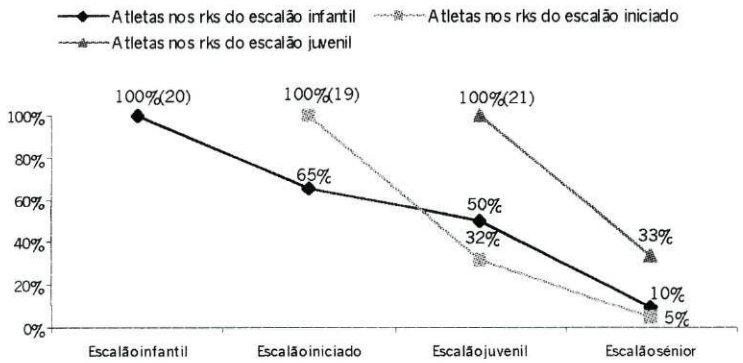


Figura 27 - Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (meio-fundo e fundo): taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores

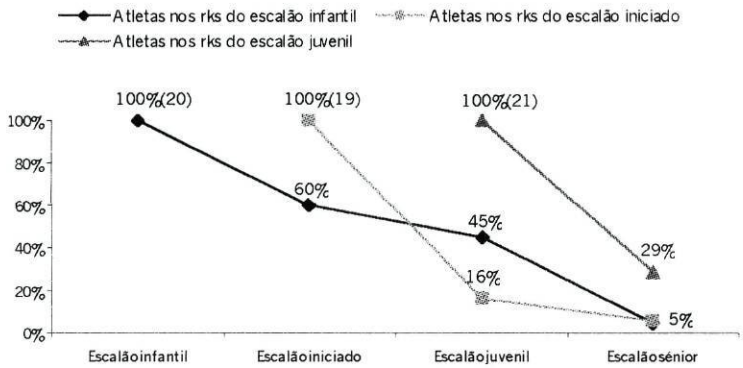


Figura 28 - Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (meio-fundo e fundo): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores

3.2.2.3. SALTOS VERTICAIS

3.2.2.3.1. Infantis

Analisados os *rankings* do escalão infantil do grupo das provas de saltos verticais (salto em altura) entre 1986 e 1990, verificámos que nos vinte e cinco lugares em estudo se encontravam dezoito atletas (seis surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas infantis.

Neste grupo de dezoito atletas, nove encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das dezoito atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) dez no escalão iniciado. Seis encontravam-se no grupo das provas de saltos verticais – destas, cinco encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s);
b) nove no escalão juvenil. Quatro encontravam-se no grupo das provas de saltos verticais – destas, três encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s);
c) cinco no escalão sénior. Três encontravam-se no grupo das provas de altos verticais – destas, duas encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) (*vd.* quadro 11).

Quadro 11 - Grupo das provas de saltos verticais: número de atletas do escalão infantil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão infantil	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Saltos verticais	9	1	1	1
Saltos verticais + outro(s) grupo(s)	9 A=7, B=1, D=5, E=4, G=5	5 A=3, D=2, E=3, G=5	3 A=2, D=2, E=1, G=3	2 A=2, D=2, E=1, G=2
Outro(s) grupo(s)	–	4 A=2, D=2, E=2, G=1	5 A=2, D=2, E=1, G=2	2 D=1, G=1
Total	18	10	9	5
Obs.	Todas infantis	Todas iniciadas	Todas juvenis	4 seniores 1 não senior

Legenda: A - Velocidade, B - Meio-Fundo e Fundo, D - Saltos Horizontais, E - Lançamentos, G - Provas Combinadas.

3.2.2.3.2. Iniciadas

Analisados os *rankings* do escalão iniciado do grupo das provas de saltos verticais (salto em altura) entre 1986 e 1990, verificámos que nos vinte cinco lugares em estudo se encontravam dezassete atletas (quatro surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo que uma ainda não era iniciada. Destas:

a) quatro já se encontravam, enquanto infantis e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings*;
b) treze surgem pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*. Destas, cinco encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das treze atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) quatro no escalão juvenil. Todas as atletas se encontravam no grupo das provas de saltos verticais – destas, três encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s);
b) três no escalão sénior. Duas encontravam-se no grupo das provas de saltos verticais (*vd.* quadro 12).

Quadro 12 - Grupo das provas de saltos verticais: número de atletas do escalão iniciado que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Saltos verticais	8	1	2
Saltos verticais + outro(s) grupo(s)	5 D=1, E=2, G=5	3 A=2, D=1, E=2, G=3	0
Outro(s) grupo(s)	–	0	1 E, G
Total	13	4	3
Obs.	Todas iniciadas	Todas juvenis	Nenhuma sénior

Legenda: A - Velocidade, D - Saltos Horizontais, E - Lançamentos, G - Provas Combinadas

3.2.2.3.3. Juvenis

Analisados os *rankings* do escalão juvenil do grupo das provas de saltos verticais (salto em altura) entre 1986 e 1990, verificámos que nos vinte cinco lugares em estudo se encontravam quinze

atletas (quatro surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo que quatro ainda não eram juvenis. Destas:

a) duas já se encontravam, enquanto infantis e iniciadas e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings*;
b) quatro já se encontravam, enquanto iniciadas e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings*;
c) nove surgem pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*, sendo todas juvenis. Destas, três encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das nove atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que três surgem nos primeiros cinco lugares do escalão sénior. Todas se encontravam no grupo das provas de saltos verticais (*vd.* quadro 13).

Quadro 13 - Grupo das provas de saltos verticais: número de atletas do escalão juvenil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

Grupos de provas	Escalão juvenil	Escalão sénior
Saltos verticais	6	3
Saltos verticais + outro(s) grupo(s)	3 A=3, D=1, E=2, G=3	0
Outro(s) grupo(s)	_	0
Total	9	3
Obs.	Todas juvenis	Todas seniores

Legenda: A - Velocidade, D - Saltos Horizontais, E - Lançamentos, G - Provas Combinadas.

3.2.2.3.4. Resultados globais

Analisados os *rankings* dos escalões de formação do grupo das provas de saltos verticais entre 1986 e 1990, verificámos que nos setenta e cinco lugares em estudo se encontravam cinquenta atletas (catorze surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Cinco atletas ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão em que concorriam.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 60% (escalão juvenil) e 72% (escalão infantil) (*vd.* figura 29).

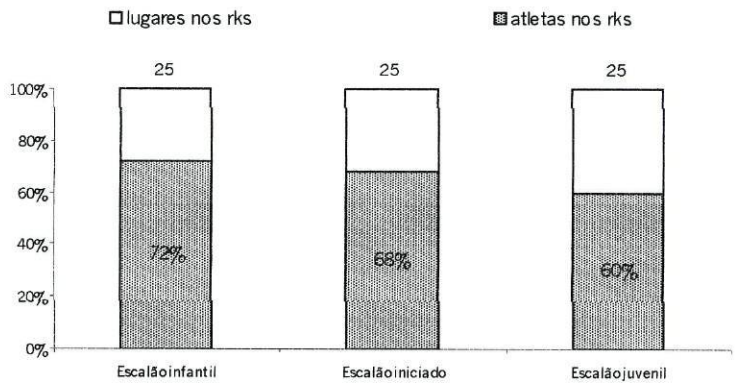


Figura 29 - Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais)

Do total das atletas, quarenta encontravam-se, entre 1986 e 1990, pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*[4] .

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 60% (escalão juvenil) e 100% (escalão infantil) (*vd.* figura 30).

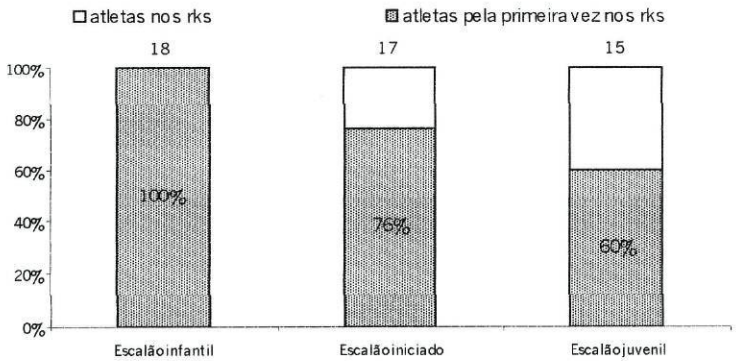


Figura 30 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais)

Das quarenta atletas, dezassete encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 33% (escalão juvenil) e 50% (escalão infantil) (*vd.* figura 31).

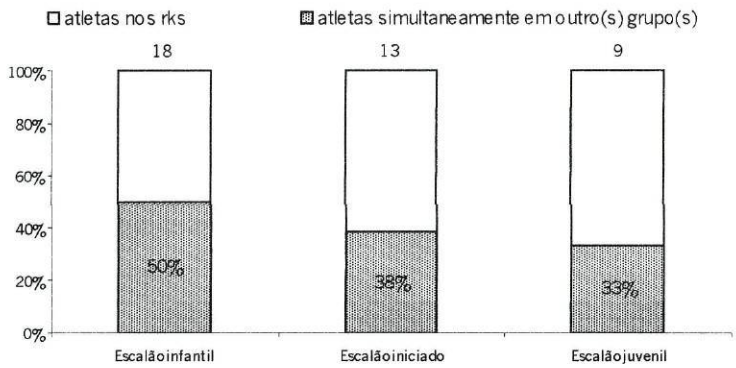


Figura 31 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais) e simultaneamente em outro(s) grupo(s)

Analisado o percurso desportivo das quarenta atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que onze surgem nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 23% (escalão iniciado) e 33% (escalão juvenil) (*vd.* figura 32).

[4] No período de tempo considerado – entre 1986 e 1990 –, as cinquenta atletas não ocuparam os primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões anteriores àquele em que se encontravam.

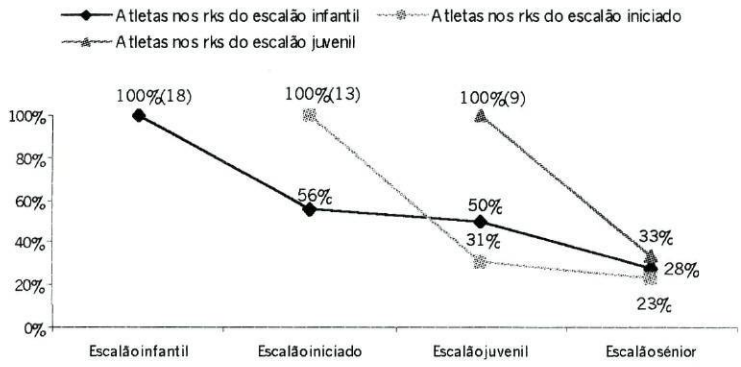


Figura 32 - Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais): taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores

Analisado, no mesmo grupo de provas (saltos verticais), o percurso desportivo das quarenta atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que oito surgem nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 15% (escalão iniciado) e 33% (escalão juvenil) (*vd.* figura 33).

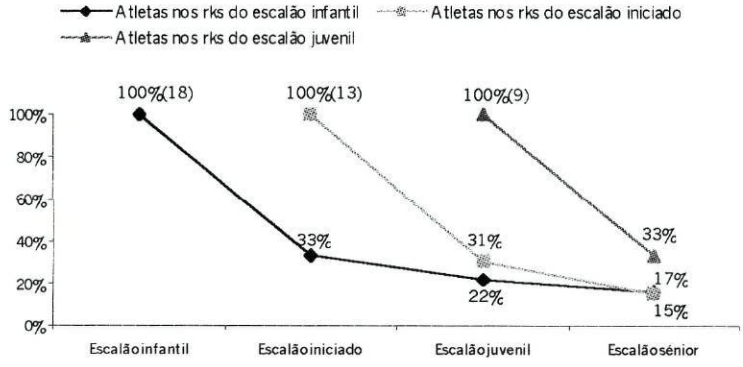


Figura 33 - Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores

3.2.2.4. SALTOS HORIZONTAIS

3.2.2.4.1. Infantis

Analisados os *rankings* do escalão infantil do grupo das provas de saltos horizontais (salto em comprimento) entre 1986 e 1990, verificámos que nos vinte cinco lugares em estudo se encontravam vinte e duas atletas (três surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas infantis.

Neste grupo de vinte e duas atletas, catorze encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das vinte e duas atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) catorze no escalão iniciado. Nove encontravam-se no grupo das provas de saltos horizontais – destas, oito encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s);
b) nove no escalão juvenil. Seis encontravam-se no grupo das provas de saltos horizontais e simultaneamente em outro(s) grupo(s);
c) quatro no escalão sénior. Duas encontravam-se no grupo das provas de saltos horizontais e simultaneamente em outro(s) grupo(s) (*vd.* quadro 14).

Quadro 14 - Grupo das provas de saltos horizontais: número de atletas do escalão infantil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão infantil	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Saltos horizontais	8	1	0	0
Saltos horizontais + outro(s) grupo(s)	14 A=10, B=1, C=5, E=4, G=6	8 A=7, C=4, E=1, G=7	6 A=4, C=3, E=1, G=5	2 A=2, C=2, F=1, G=2
Outro(s) grupo(s)	–	5 A=3, B=1, E=1	3 A=2, B=1, G=1	2 A=1, G=1
Total	22	14	9	4
Obs.	Todas infantis	Todas iniciadas	8 juvenis 1 não juvenil	Todas seniores

Legenda: A - Velocidade, B - Meio-Fundo e Fundo, C - Saltos Verticais, E - Lançamentos, G - Provas Combinadas.

3.2.2.4.2. Iniciadas

Analisados os *rankings* do escalão iniciado do grupo das provas de saltos horizontais (salto em comprimento) entre 1986 e 1990, verificámos que nos vinte cinco lugares em estudo se encontravam dezanove atletas (cinco surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo que uma ainda não era iniciada. Destas:

a) seis já se encontravam, enquanto infantis e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings* desse escalão;
b) treze surgem pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*. Destas, oito encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das treze atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) seis no escalão juvenil. Três encontravam-se no grupo das provas de saltos horizontais – destas, duas encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s);
b) três no escalão sénior. Duas encontravam-se no grupo das provas de saltos horizontais – destas, uma encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) (*vd.* quadro 15).

Quadro 15 - Grupo das provas de saltos horizontais: número de atletas do escalão iniciado que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Saltos horizontais	5	1	1
Saltos horizontais + outro(s) grupo(s)	8 A=6, C=1, G=4	2 A=2, G=1	1 G
Outro(s) grupo(s)	–	3 A=2, C=1	1 C
Total	13	6	3
Obs.	Todas iniciadas	Todas juvenis	2 seniores 2 não seniores

Legenda: A - Velocidade, C - Saltos Verticais, G - Provas Combinadas

3.2.2.4.3. Juvenis

Analisados os *rankings* do escalão juvenil do grupo das provas de saltos horizontais (salto em comprimento) entre 1986 e 1990, verificámos que nos vinte cinco lugares em estudo se encontravam quinze atletas (cinco surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo que quatro ainda não eram juvenis. Destas:

a) uma já se encontrava, enquanto infantil e iniciada e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings*;
b) seis já se encontravam, enquanto iniciadas e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings* desse escalão;
c) oito surgem pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*, sendo todas juvenis. Destas, sete encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das oito atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que duas surgem nos primeiros cinco lugares do escalão sénior. Ambas as atletas se encontravam no grupo das provas de saltos horizontais (*vd.* quadro 16).

Quadro 16 - Grupo das provas de saltos horizontais: número de atletas do escalão juvenil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

Grupos de provas	Escalão juvenil	Escalão sénior
Saltos horizontais	1	0
Saltos horizontais + outro(s) grupo(s)	7 A=7, C=1, E=1, G=3	2 A=2
Outro(s) grupo(s)	_	0
Total	8	2
Obs.	Todas juvenis	Ambas seniores

Legenda: A - Velocidade, C - Saltos Verticais, E - Lançamentos, G - Provas Combinadas.

3.2.2.4.4. Resultados globais

Analisados os *rankings* dos escalões de formação do grupo das provas de saltos horizontais entre 1986 e 1990, verificámos que nos setenta e cinco lugares em estudo se encontravam cinquenta e seis atletas (treze surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Cinco atletas ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão em que concorriam.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 60% (escalão juvenil) e 88% (escalão infantil) (*vd.* figura 34).

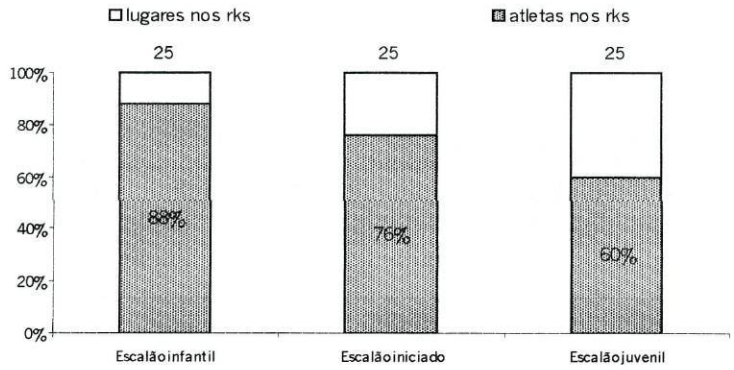


Figura 34 - Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (saltos horizontais)

Do total das atletas, quarenta e três encontravam-se, entre 1986 e 1990, pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*[5] .

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 53% (escalão juvenil) e 100% (escalão infantil) (*vd.* figura 35).

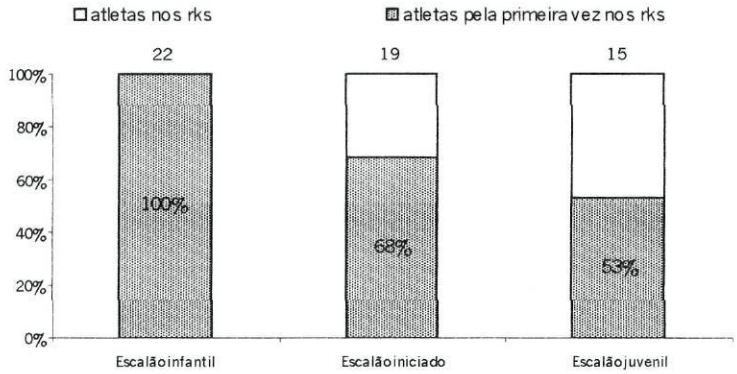


Figura 35 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (saltos horizontais)

Das quarenta e três atletas, vinte e nove encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 62% (escalão iniciado) e 88% (escalão juvenil) (*vd.* figura 36).

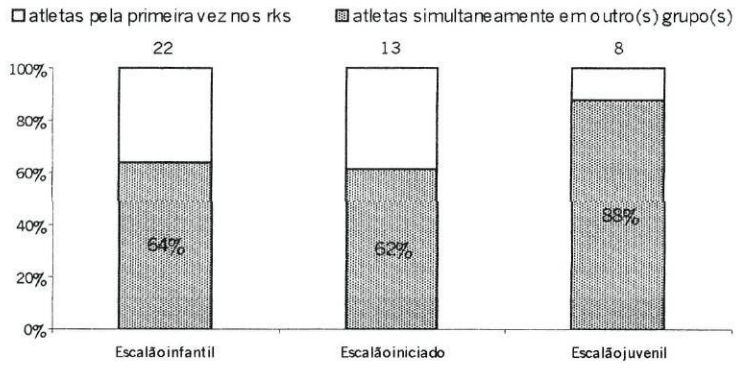


Figura 36 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação simultaneamente no grupo dos saltos horizontais e em outro(s) grupo(s)

Analisado o percurso desportivo das quarenta e três atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que nove surgem nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

[5] No período de tempo considerado – entre 1986 e 1990 –, as vinte e nove atletas não ocuparam os primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões anteriores àquele em que se encontravam.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 18% (escalão infantil) e 25% (escalão juvenil) (*vd.* figura 37).

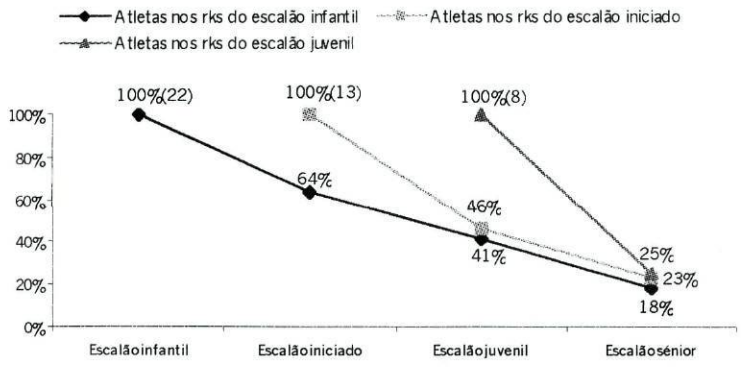


Figura 37 - Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (saltos horizontais): taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores

Analisado, no mesmo grupo de provas (saltos horizontais), o percurso desportivo das quarenta e três atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que seis surgem nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 9% (escalão infantil) e 25% (escalão juvenil) (*vd.* figura 38).

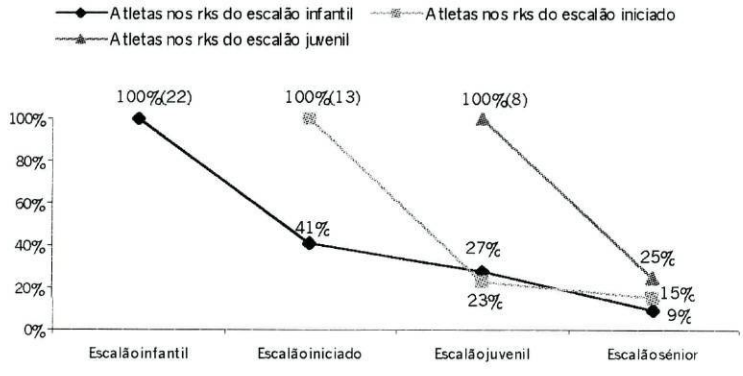


Figura 38 - Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (saltos horizontais): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores

3.2.2.5. LANÇAMENTOS

3.2.2.5.1. Infantis

Analisados os *rankings* do escalão infantil do grupo das provas de lançamentos (lançamento do peso e arremesso da bola) entre 1986 e 1990, verificámos que nos cinquenta lugares em estudo se

encontravam trinta e nove atletas (dez surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas infantis.

Neste grupo de trinta e nove atletas, dez encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das trinta e nove atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) dezasseis no escalão iniciado. Onze encontravam-se no grupo das provas de lançamentos – destas, quatro encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s);
b) dez no escalão juvenil. Sete encontravam-se no grupo das provas de lançamentos – destas, duas encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s);
c) seis no escalão sénior. Quatro encontravam-se no grupo das provas de lançamentos – destas, uma encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) (*vd.* quadro 17).

Quadro 17 - Grupo das provas de lançamentos: número de atletas do escalão infantil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão infantil	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Lançamentos	29	7	5	3
Lançamentos + outro(s) grupo(s)	10 A=6, B=1, C=4, D=4, G=5	4 A=1, C=3, D=2, G=2	2 A=1, C=1, D=1, G=2	1 A, C, D, G
Outro(s) grupo(s)	–	5 A=3, B=1, D=1, G=1	3 A=1, C=1, D=1, G=1	2 C=1, D=1
Total	39	16	10	6
Obs.	Todas infantis	Todas iniciadas	9 juvenis 1 não juvenil	3 seniores 3 não seniores

Legenda: A - Velocidade, B - Meio-Fundo e Fundo, C - Saltos Horizontais, D - Saltos Horizontais, G - Provas Combinadas.

3.2.2.5.2. Iniciadas

Analisados os *rankings* do escalão iniciado do grupo das provas de lançamentos (lançamento do peso, lançamento do disco e lançamento do dardo) entre 1986 e 1990, verificámos que nos setenta e cinco lugares em estudo se encontravam trinta e oito atletas (dezoito surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo que uma ainda não era iniciada. Destas:

a) sete já se encontravam, enquanto infantis e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings*;
b) trinta e uma surgem pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*. Destas, duas encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das trinta e uma atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) treze no escalão juvenil. Todas as atletas se encontravam no grupo das provas de lançamentos – destas, três encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s);
b) cinco no escalão sénior. Todas as atletas se encontravam no grupo das provas de lançamentos – destas, uma encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) (*vd.* quadro 18).

Quadro 18 - Grupo das provas de lançamentos: número de atletas do escalão iniciado que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Lançamentos	29	10	4
Lançamentos + outro(s) grupo(s)	2 C=2, G=2	3 C=1, G=3	1 G
Outro(s) grupo(s)	_	0	0
Total	31	13	5
Obs.	Todas iniciadas	Todas juvenis	3 seniores 3 não seniores

Legenda: A - Velocidade, C - Saltos Verticais, D - Saltos Horizontais, G - Provas Combinadas

3.2.2.5.3. Juvenis

Analisados os *rankings* do escalão juvenil do grupo das provas de lançamentos (lançamento do peso, lançamento do disco e lançamento do dardo) entre 1986 e 1990, verificámos que nos setenta e cinco lugares em estudo se encontravam trinta e sete atletas (três surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo que oito ainda não eram juvenis. Destas:

a) duas já se encontravam, enquanto infantis e iniciadas e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings*;
b) treze já se encontravam, enquanto iniciadas e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings*;
c) vinte e duas surgem pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*, sendo todas juvenis. Destas, duas encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das vinte e duas atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que duas surgem nos primeiros cinco lugares do escalão sénior. Ambas se encontravam no grupo das provas de lançamentos (*vd.* quadro 19).

Quadro 19 - Grupo das provas de lançamentos: número de atletas do escalão juvenil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

Grupos de provas	Escalão juvenil	Escalão sénior
Lançamentos	20	2
Lançamentos + outro(s) grupo(s)	2 A=2, C=2, D=1, G=2	0
Outro(s) grupo(s)	_	0
Total	22	2
Obs.	Todas juvenis	Ambas seniores

Legenda: A - Velocidade, C - Saltos Verticais, D - Saltos Horizontais, G - Provas Combinadas.

3.2.2.5.4. Resultados globais

Analisados os *rankings* dos escalões de formação do grupo das provas de lançamentos entre 1986 e 1990, verificámos que nos duzentos lugares em estudo se encontravam cento e catorze atletas

(trinta e uma surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Nove atletas ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão em que concorriam.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 49% (escalão juvenil) e 78% (escalão infantil) (*vd.* figura 39).

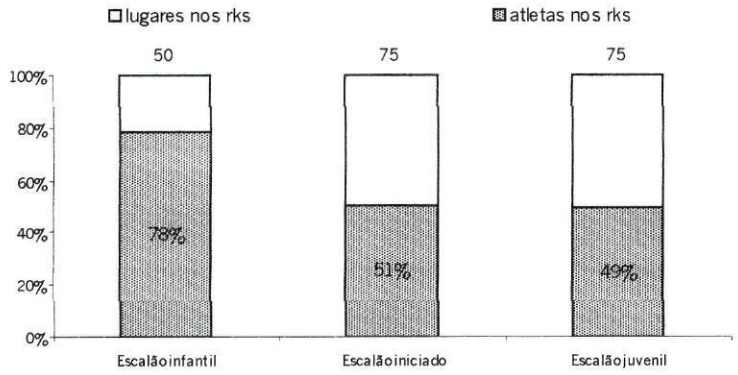


Figura 39 - Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (lançamentos)

Do total das atletas, noventa e duas encontravam-se, entre 1986 e 1990, pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*[6] .

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 59% (escalão juvenil) e 100% (escalão infantil) (*vd.* figura 40).

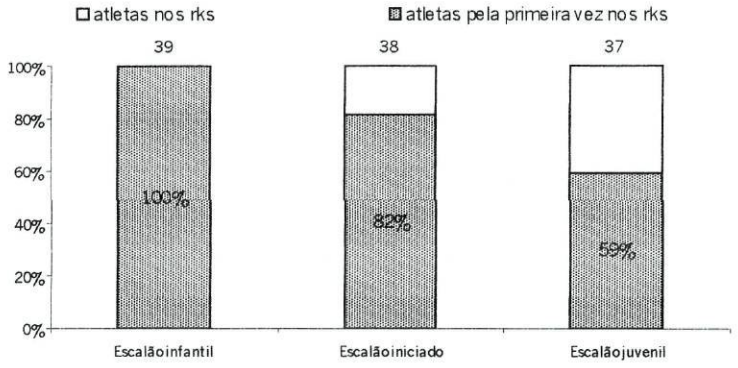


Figura 40 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (lançamentos)

Das noventa e duas atletas, catorze encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 6% (escalão iniciado) e 26% (escalão infantil) (*vd.* figura 41).

[6] No período de tempo considerado – entre 1986 e 1990 –, as noventa e duas atletas não ocuparam os primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões anteriores àquele em que se encontravam.

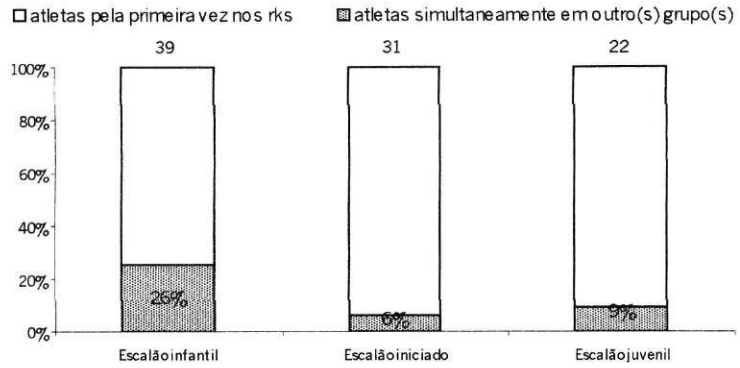


Figura 41 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação simultaneamente no grupo dos lançamentos e em outro(s) grupo(s)

Analisado o percurso desportivo das noventa e duas atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que treze surgem nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 9% (escalão juvenil) e 16% (escalão iniciado) (*vd.* figura 42).

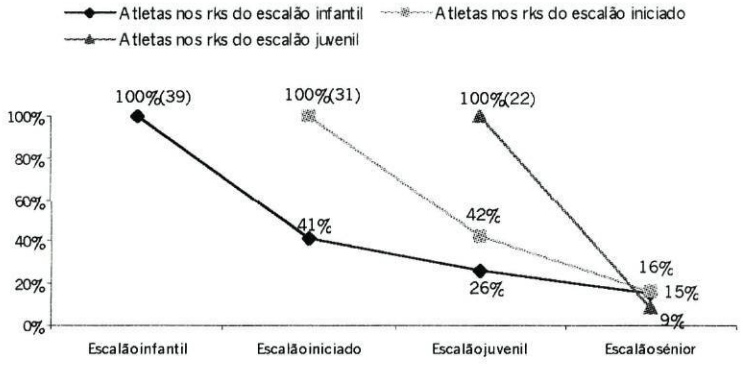


Figura 42 - Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (lançamentos): taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores

Analisado, no mesmo grupo de provas (lançamentos), o percurso desportivo das noventa e duas atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que onze surgem nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 9% (escalão juvenil) e 16% (escalão iniciado) (*vd.* figura 43).

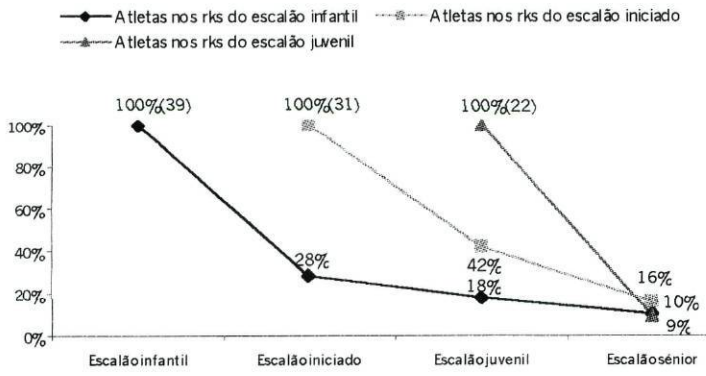


Figura 43 - Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (lançamentos): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores

3.2.2.6. MARCHA

3.2.2.6.1. Infantis

Analisados os *rankings* do escalão infantil do grupo das provas de marcha (1000m marcha) entre 1986 e 1990, verificámos que nos vinte cinco lugares em estudo se encontravam vinte e uma atletas (quatro surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas infantis.

Neste grupo de vinte e uma atletas, nenhuma se encontrava simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das vinte e uma atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que quatro surgem nos primeiros cinco lugares no escalão iniciado. Todas as atletas se encontravam no grupo das provas de marcha. Nenhuma se encontrava no escalão juvenil e sénior (*vd.* quadro 20).

Quadro 20 - Grupo das provas de marcha: número de atletas do escalão infantil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão infantil	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Marcha	21	4	0	0
Marcha + outro(s) grupo(s)	0	0	0	0
Outro(s) grupo(s)	_	0	0	0
Total	21	4	0	0
Obs.	Todas infantis	3 iniciadas 1 não iniciada		

3.2.2.6.2. Iniciadas

Analisados os *rankings* do escalão iniciado do grupo das provas de marcha (2000m marcha) entre 1986 e 1990, verificámos que nos vinte cinco lugares em estudo se encontravam dezanove atletas (cinco surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas iniciadas. Destas:

a) cinco já se encontravam, enquanto infantis e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings*;
b) catorze surgem pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*. Nenhuma se encontrava simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das catorze atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) sete no escalão juvenil. Todas se encontravam no grupo das provas de marcha;
b) duas no escalão sénior. Ambas se encontravam no grupo das provas de marcha (*vd.* quadro 21).

Quadro 21 - Grupo das provas de marcha: número de atletas do escalão iniciado que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Marcha	14	7	2
Marcha + outro(s) grupo(s)	0	0	0
Outro(s) grupo(s)	_	0	0
Total	14	7	2
Obs.	Todas iniciadas	3 juvenis 4 não juvenis	1 sénior 1 não sénior

3.2.2.6.3. Juvenis

Analisados os *rankings* do escalão juvenil do grupo das provas de marcha (3000m marcha) entre 1986 e 1990, verificámos que nos vinte cinco lugares em estudo se encontravam quinze atletas (oito surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo que oito ainda não eram juvenis. Destas:

a) duas já se encontravam, enquanto infantis e iniciadas e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings*;
b) sete já se encontravam, enquanto iniciadas e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings*;
c) seis surgem pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*, sendo todas juvenis. Destas, nenhuma se encontrava simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das seis atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que nenhuma surge nos primeiros cinco lugares do escalão sénior (*vd.* quadro 22).

Quadro 22 - Grupo das provas de marcha: número de atletas do escalão juvenil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

Grupos de provas	Escalão juvenil	Escalão sénior
Marcha	6	0
Marcha + outro(s) grupo(s)	0	0
Outro(s) grupo(s)	_	0
Total	6	0
Obs.	Todas juvenis	_

3.2.2.6.4. Resultados globais

Analisados os *rankings* dos escalões de formação do grupo das provas de marcha entre 1986 e 1990, verificámos que nos setenta e cinco lugares em estudo se encontravam cinquenta e cinco atletas (dezassete surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Oito atletas ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão em que concorriam.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 60% (escalão juvenil) e 84% (escalão infantil) (*vd.* figura 44).

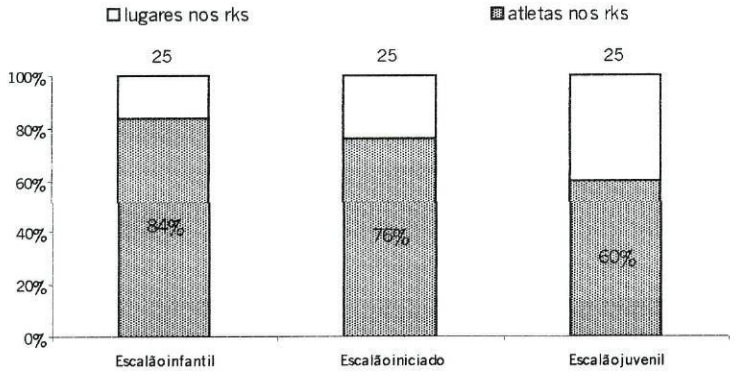


Figura 44 - Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (marcha)

Do total das atletas, quarenta e uma encontravam-se, entre 1986 e 1990, pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*[7] .

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 40% (escalão juvenil) e 100% (escalão infantil) (*vd.* figura 45).

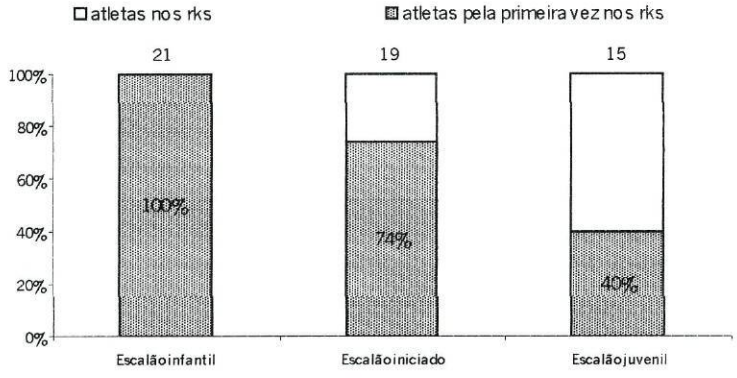


Figura 45 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (marcha)

Das quarenta e uma atletas, nenhuma se encontrava simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

[7] No período de tempo considerado – entre 1986 e 1990 –, as quarenta e uma atletas não ocuparam os primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões anteriores àquele em que se encontravam.

Analisado o percurso desportivo das quarenta e uma atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que duas surgem nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 0% (escalão infantil e juvenil) e 14% (escalão iniciado) (*vd.* figura 46).

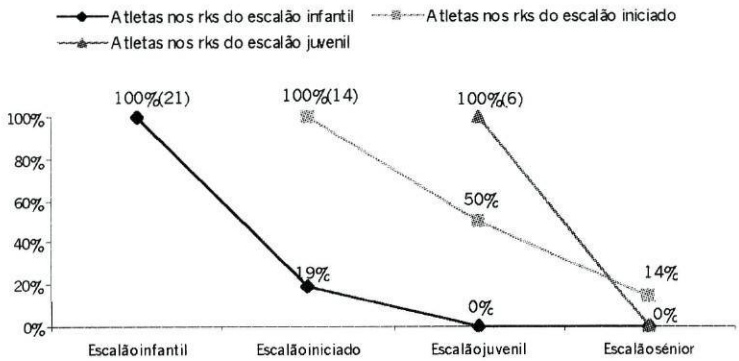


Figura 46 - Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (marcha): taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores

Analisado, no mesmo grupo de provas (marcha), o percurso desportivo das quarenta e uma atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que duas surgem nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 0% (escalão infantil e juvenil) e 14% (escalão iniciado) (*vd.* figura 47).

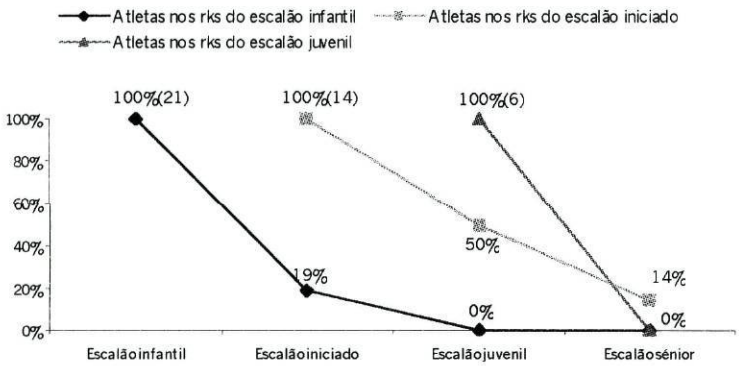


Figura 47 - Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (marcha): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores

3.2.2.7. PROVAS COMBINADAS

3.2.2.7.1. Infantis

Analisados os *rankings* do escalão infantil do grupo das provas combinas (tetratlo) entre os anos 1987 a 1990[8], verificámos que nos vinte lugares em estudo se encontravam dezassete atletas (três surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas infantis.

Neste grupo de dezassete atletas, quinze encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das dezassete atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) catorze no escalão iniciado. Cinco encontravam-se no grupo das provas combinadas. Estas, encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s);
b) nove no escalão juvenil. Seis encontravam-se no grupo das provas combinadas. Estas, encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s);
c) cinco no escalão sénior. Duas encontravam-se no grupo das provas combinadas – destas, uma encontrava-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) (*vd.* quadro 23).

Quadro 23 - Grupo das provas combinadas: número de atletas do escalão infantil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão infantil	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Provas combinadas	2	0	0	1
Provas combinadas + outro(s) grupo(s)	15 A=7, B=5, C=5, D=6, E=5	5 A=4, B=1, C=3, D=3, E=1	6 A=3, C=2, D=4, E=2	1 A, C, D, E
Outro(s) grupo(s)	–	9 A=3, B=2, D=2, E=2	3 A=3, B=1	3 A=1, D=1, E=1
Total	17	14	9	5
Obs.	Todas infantis	Todas iniciadas	Todas juvenis	Todas seniores

Legenda: A - Velocidade, B - Meio-Fundo e Fundo, C - Saltos Verticais, D - Saltos Horizontais, E - Lançamentos.

3.2.2.7.2. Iniciadas

Analisados os *rankings* do escalão iniciado do grupo das provas combinadas (pentatlo[9]) entre 1986 e 1990, verificámos que nos vinte cinco lugares em estudo se encontravam vinte e uma atletas (três surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas iniciadas. Destas:

a) oito já se encontravam, enquanto infantis e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings*;
b) treze surgem pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*. Destas, onze encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das treze atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) seis no escalão juvenil. Quatro encontravam-se no grupo das provas combinadas. Estas, encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s);
b) cinco no escalão sénior. Três encontravam-se no grupo das provas combinadas. Estas, encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) (*vd.* quadro 24).

[8] **Esta prova não integrava os quadros competitivos no ano 1986.**
[9] No ano 1986 a prova realizada foi o tetratlo.

Quadro 24 - Grupo das provas combinadas: número de atletas do escalão iniciado que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Provas combinadas	2	0	0
Provas combinadas + outro(s) grupo(s)	11 A=5, C=5, D=4, E=2	4 A=3, C=1, D=2, E=2	3 A=1, C=1, D=2, E=2
Outro(s) grupo(s)	–	2 A=1, C=1	2 A=1, C=1
Total	13	6	5
Obs.	Todas iniciadas	Todas juvenis	3 seniores 2 não seniores

Legenda: A - Velocidade, C - Saltos Verticais, D - Saltos Horizontais, E - Lançamentos.

3.2.2.7.3. Juvenis

Analisados os *rankings* do escalão juvenil do grupo das provas combinadas (hexatlo) entre 1986 e 1990, verificámos que nos vinte cinco lugares em estudo se encontravam dezasseis atletas (seis surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo que duas ainda não eram juvenis. Destas:

a) uma já se encontrava, enquanto infantil e iniciada e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings* desses escalões;
b) oito já se encontravam, enquanto iniciadas e nesse mesmo período, nos primeiros cinco lugares dos *rankings* desse escalão;
c) sete surgem pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*, sendo todas juvenis. Destas, seis encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das sete atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que duas surgem nos primeiros cinco lugares do escalão sénior. Nenhuma atleta se encontrava no grupo das provas combinadas (*vd.* quadro 25).

Quadro 25 - Grupo das provas combinadas: número de atletas do escalão juvenil que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

Grupos de provas	Escalão juvenil	Escalão sénior
Provas combinadas	1	0
Provas combinadas + outro(s) grupo(s)	6 A=6, C=3, D=3, E=2	0
Outro(s) grupo(s)	–	2 A=2, D=1
Total	7	2
Obs.	Todas juvenis	1 sénior 1 não sénior

Legenda: A - Velocidade, C - Saltos Verticais, D - Saltos Horizontais, E - Lançamentos.

3.2.2.7.4. Resultados globais

Analisados os *rankings* dos escalões de formação do grupo das provas combinadas entre 1986 e 1990, verificámos que nos setenta lugares em estudo se encontravam cinquenta e quatro atletas (doze surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Duas atletas ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão em que concorriam.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 64% (escalão juvenil) e 85% (escalão infantil) (*vd.* figura 48).

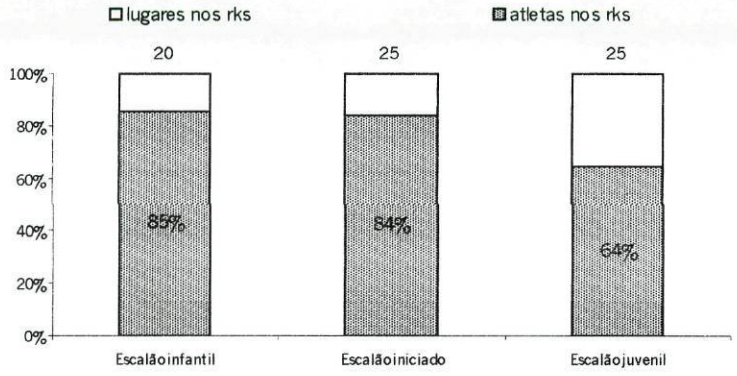


Figura 48 - Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (provas combinadas)

Do total das atletas, trinta e sete encontravam-se, entre 1986 e 1990, pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings*[10].

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 44% (escalão juvenil) e 100% (escalão infantil) (*vd.* figura 49).

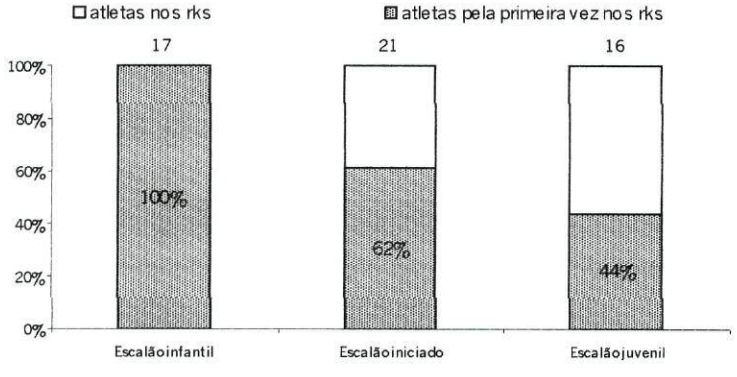


Figura 49 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (provas combinadas)

[10] No período de tempo considerado – entre 1986 e 1990 –, as trinta e sete atletas não ocuparam os primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões anteriores àquele em que se encontravam.

Das trinta e sete atletas, trinta e duas encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 85% (escalão iniciado) e 88% (escalão infantil) (*vd.* figura 50).

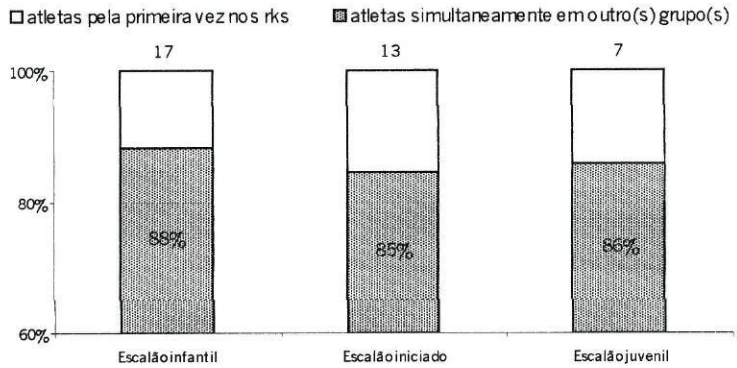


Figura 50 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação simultaneamente no grupo das provas combi. e em outro(s) grupo(s)

Analisado o percurso desportivo das trinta e sete atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que doze surgem nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 29% (escalão infantil e juvenil) e 38% (escalão iniciado) (*vd.* figura 51).

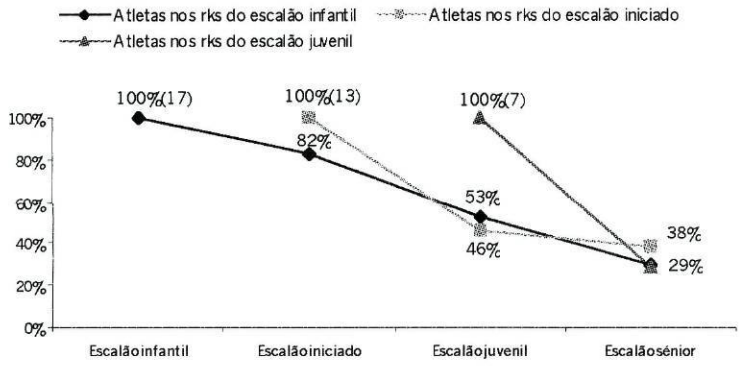


Figura 51 - Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (provas combinadas): taxa de atletas que viriam a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores

Analisado, no mesmo grupo de provas (provas combinadas), o percurso desportivo das trinta e sete atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que cinco surgem nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 0% (escalão juvenil) e 23% (escalão iniciado) (*vd.* figura 52).

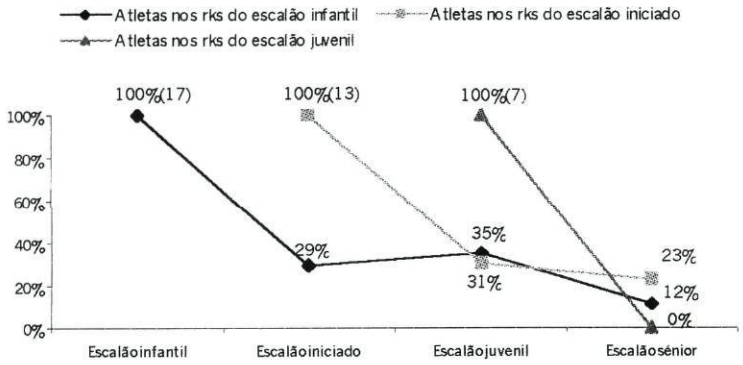


Figura 52 - Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (provas combinadas): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, os primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões superiores

3.3. DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS

3.3.1. Caracterização dos *rankings* dos diferentes grupos de provas

3.3.1.1. Atletas que se encontravam nos *rankings*

Após o levantamento do número de atletas, relacionámo-lo com o número total de lugares em estudo. As taxas de presença situavam-se em 60% (escalão infantil), 50% (escalão iniciado) e 38% (escalão juvenil).

À medida que o escalão em estudo é superior, menor é a taxa das atletas que se encontravam nesses lugares.

Partindo do pressuposto que os diferentes escalões correspondem a um processo sequencial de especialização no atletismo (*cf.* quadro 1, revisão da literatura), os resultados apresentados parecem inicialmente indiciar que quanto maior é o nível de especialização do treino mais difícil se torna figurar entre os primeiros cinco lugares dos *rankings*.

Não obstante, este quadro de diminuição das taxas também decorre da redução dos níveis de participação desportiva com o aumento da idade por parte dos jovens de ambos os sexos (Knopp, *et al.*, 1998).

A diminuição das taxas de presença proporcionalmente à subida dos escalões é mais notória no grupo das provas de velocidade[11].

A solicitação de níveis de exigência técnica e fisiológica semelhantes, associado ao acréscimo de provas neste grupo nos escalões superiores, poderão ter como consequência um maior número de atletas em mais do que uma prova. Estariam assim explicados estes resultados.

Com uma tendência descendente menos pronunciada, encontramos as provas combinadas[12]. O carácter multidisciplinar destas provas parece favorecer a ocorrência de um elevado número de atletas neste grupo. Ademais, o facto de este ser constituído, em todos os escalões, unicamente por uma prova (provas combinadas) poderá resultar na ocorrência de um maior número de atletas. Pois, em cada ano analisado cada atleta só pode ocupar obviamente, uma posição.

3.3.1.2. Atletas que ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão em que se encontravam nos *rankings*

Analisadas as idades das atletas em estudo, verificámos que 0% (escalão infantil), 2% (escalão iniciado) e 25% (escalão juvenil), ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão em que se encontravam nos *rankings*.

Como se comprova, à medida que o escalão em estudo é superior, maior é a taxa das atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares sem apresentar a idade correspondente ao escalão considerado.

De imediato, poderíamos ser levados a inferir que há uma maior aproximação em termos de rendimento entre as atletas do escalão iniciado e juvenil. Não obstante, essa conclusão é controversa. O facto de cada escalão desportivo reclamar o seu próprio quadro competitivo e este ser mais reduzido no escalão infantil (*vd.* apêndice III), limita desde logo a possibilidade de essas atletas se encontrarem entre as melhores do escalão iniciado.

Em virtude de cada escalão etário invocar processos pedagógicos-didácticos e metodológicos especiais assim como orientações específicas, quer na organização, orientação/direcção e dinâmica das cargas do treino, quer no âmbito da competição (Vieira *et al.*, 1999), estes resultados poderão indiciar

[11] **Escalão infantil – 80%; escalão iniciado – 65%; escalão juvenil – 38%.**

[12] **Escalão infantil – 85%; escalão iniciado – 84%; escalão juvenil – 64%.**

alguma especialização por parte das atletas que ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão em que se encontravam nos *rankings*.

Todavia, poderá ser prematuro avançar com tal conclusão. Segundo Coelho (1988), a idade cronológica fornece elementos insuficientes e pouco seguros sobre o processo maturacional do praticante em desenvolvimento. Ademais, na opinião de Hahn (1988), uma programação rígida, segundo as idades, habitualmente apresenta desequilíbrios e não coincide, por vezes, com a realidade.

Assim sendo, é de admitir que estes resultados não se devam única e exclusivamente à especialização do treino, mas também a diferentes ritmos de crescimento e desenvolvimento das jovens atletas.

Observando os resultados em cada grupo de provas, verifica-se que a taxa das atletas que ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão em que se encontravam nos *rankings* está compreendida:

a) no escalão iniciado, entre 0% (velocidade, meio-fundo e fundo, marcha e provas combinadas) e 6% (saltos verticais);
b) no escalão juvenil, entre 13% (provas combinadas) e 53% (marcha);

Como se constata, a ocorrência de atletas com idades inferiores à idade correspondente ao escalão em que se encontravam é mais evidente nos grupos das provas de saltos verticais (escalão iniciado) e de marcha (escalão juvenil).

Relativamente ao grupo das provas de saltos verticais, pensamos que o aumento da força, resultante da elevada produção hormonal (típica destas idades) associado ao ainda baixo peso corporal, poderão favorecer a ocorrência de um maior número de atletas com idades inferiores às dos escalões considerados.

Quanto ao grupo das provas de marcha, estamos convictos que as suas características específicas contribuem para estes resultados. Estas, além de favorecerem uma acentuada especialização condicionam a adesão a estas provas, por parte das atletas.

3.3.1.3. Atletas que se encontravam nos *rankings* pela primeira vez

Em relação à taxa das atletas que se encontravam nos *rankings* pela primeira vez, o seu valor é de 100% (escalão infantil), 76% (escalão iniciado) e 63% (escalão juvenil);

Como se observa, parte das atletas dos escalões iniciado e juvenil entre 1986 e 1990, já se encontravam num desses lugares nos *rankings* dos escalões anteriores, no período de tempo considerado. No escalão infantil, essa ocorrência não se verifica pelo facto de não existirem *rankings* formalizados para o escalão precedente ao escalão infantil (benjamins).

Analisado os resultados obtidos em cada grupo de provas, verifica-se que a taxa das atletas que se encontravam nos *rankings* pela primeira vez está compreendida:

a) no escalão iniciado, entre 62% (provas combinadas) e 82% (lançamentos);
b) no escalão juvenil, entre 40% (marcha) e 78% (meio-fundo e fundo).

Estes dados permitem inferir que a renovação de atletas nos *rankings* dos escalões de formação não se processa de igual modo nos diferentes grupos de provas. Esta flutuabilidade do rendimento deve-se, entre outros, aos seguintes factores:

a) período agitado no desenvolvimento das capacidades motoras;
b) diferentes níveis de maturação;
c) grandes assimetrias nas cargas de treino utilizadas;
d) instabilidade psicológica;
e) grande entrada e saída de novas atletas.

Não obstante, estes dados parecem insuficientes para ajuizarmos do percurso desportivo das atletas em causa.

3.3.1.4. Atletas que se encontravam simultaneamente nos *rankings* de dois ou mais grupos de provas

Relativamente às atletas que ocupavam os lugares em estudo, pela primeira vez, verificámos que algumas se encontravam simultaneamente em dois ou mais grupos de provas. As taxas situavam-se em 21% (escalão infantil), 16% (escalão iniciado) e 17% (escalão juvenil).

Sob o ponto de vista da formação desportiva, as taxas das atletas que se encontravam simultaneamente em dois ou mais grupos de provas, principalmente nos escalões infantil e iniciado, parecem-nos ser relativamente reduzidas e por isso preocupantes. Estes dados, em nosso entender, poderão indiciar a adopção antecipada de uma formação desportiva unidireccional, provavelmente centrada na lógica do rendimento.

Conquanto esta prática possa resultar vantajosa no imediato, apresenta-se, na maior parte das vezes, limitativa quanto à progressão dos jovens na modalidade. Neste contexto, Bompa (1999) relembra que embora se obtenham progressos rápidos quando se realiza uma actividade quase em exclusivo, centrada unicamente numa modalidade, esta prática não é desejável nos escalões de formação, sob pena de hipotecar o futuro desportivo do praticante.

Recorde-se que, no caso concreto do atletismo, o treino desenvolvido durante a etapa de "orientação desportiva" (etapa correspondente a estes escalões) deve ainda privilegiar uma prática global – corridas, saltos e lançamentos (Baz, 2000). Porém, à medida que se aproxima o término desta etapa, a especialização numa das categorias atrás enunciadas deve começar a acentuar-se gradualmente (Schmolinsky, 1992; Suslov *et al*, 1995).

Quando se analisa os resultados obtidos nos diferentes grupos de provas, verifica-se que em todos os escalões as taxas das atletas que se encontravam simultaneamente em dois ou mais grupos de provas os valores são mais baixas no grupo das provas de marcha. De realçar os baixos valores apurados nos grupos das provas de lançamentos e de meio-fundo e fundo[13].

Na situação oposta a estes grupos de provas encontram-se, em todos os escalões, os grupos das provas combinadas e de saltos horizontais[14].

Em relação às provas de marcha, lançamentos e meio-fundo e fundo parece existir um direccionamento do treino para as componentes específicas destas modalidades. O treino é mais acentuado, desde o escalão infantil no grupo das provas de marcha. Acrescem ao grupo das provas de lançamentos os factores morfológicos, os quais poderão condicionar a selecção das atletas à partida e uma prática quase exclusiva neste grupo de provas. Além disso, o factor de rendimento passa a ter uma base mais condicional (força) e menos técnica como acontece na marcha e no meio-fundo e fundo – aqui tendo por base a resistência.

Os valores superiores ocorridos no grupo das provas combinadas justificam-se naturalmente pelo carácter multidisciplinar do mesmo. Ademais, em relação ao grupo das provas de saltos horizontais, pode depreender-se ser aquele em que a especialização é menor, ou ocorre subsequentemente aos escalões analisados. A base de rendimento tem uma forte componente técnico-coordenativa e não exclusivamente condicional, levando os treinadores a diversificar o treino e a ter outro tipo de preocupações.

3.3.2. Percurso das atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões de formação, entre 1986 e 1990

A nossa preocupação inicial foi assegurar que o intervalo de tempo considerado no estudo permitisse:

a) abranger a entrada das atletas na etapa de alto rendimento;

[13] **Marcha: escalão infantil – 0%; escalão iniciado – 0%; escalão juvenil – 0%. Lançamentos: escalão infantil – 26%; escalão iniciado – 6%; escalão juvenil – 9%. Meio-fundo e fundo: escalão infantil – 35%; escalão iniciado – 16%; escalão juvenil – 19%.**

[14] **Provas combinadas: escalão infantil – 88%; escalão iniciado – 85%; escalão juvenil – 86%. Saltos horizontais: escalão infantil – 64%; escalão iniciado – 62%; escalão juvenil – 88%.**

b) que as atletas efectuassem alguns anos de treino nesta etapa.

Partimos do pressuposto que o início da etapa de alto rendimento deverá coincidir, para a maioria dos desportos, com o momento em que o organismo atinge a idade adulta, ou seja, quando o processo de crescimento está concretizado e o organismo se encontra em condições de suportar e tolerar cargas de treino compatíveis com o alto rendimento.

Com base no exposto, verificámos que no período contemplado, todas as atletas teriam tempo para voltarem a conhecer o sucesso nos *rankings* do escalão sénior. Todavia, estamos conscientes que, para se conhecer, na integra, o percurso das atletas em estudo, ainda é necessário aguardar mais alguns anos.

Analisado nos *rankings* até ao ano 2000 o percurso das atletas em estudo, verificámos que 11% (escalão infantil), 13% (escalão iniciado) e 26% (escalão juvenil) surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

Observando os valores em causa, verifica-se que a maioria das atletas dos escalões de formação não surgiram entre as melhores do escalão sénior. Embora exista uma manifesta selectividade no acesso às etapas finais deste percurso, sendo relativamente reduzido o número de atletas a revelar aptidões que lhes permitam entrar no alto rendimento (Vieira *et al.*,1999), consideram-se manifestamente baixas as taxas verificadas, particularmente nos escalões infantil e iniciado. As taxas obtidas são tanto menores quanto mais baixo é o escalão.

Com efeito, podemos inferir em relação às atletas que se encontravam entre as melhores nos *rankings* dos escalões infantil, iniciado e juvenil, durante os anos 1986 e 1990, que a maioria não conseguiu confirmar no escalão sénior os resultados evidenciados nos escalões de formação.

Neste contexto, estudos desenvolvidos por alguns autores parecem corroborar a nossa perspectiva.

Pereira (1998), refere serem raros os praticantes que, conseguindo atingir altos níveis de rendimento nos escalões de formação, conseguem manifestá-los, com a mesma excelência, quando adultos.

Uma pesquisa conduzida por Garcia e Rolim (1994), no âmbito do atletismo com atletas dos escalões de formação (infantil, iniciado e juvenil) considerados os melhores de sempre nas disciplinas de meio-fundo e fundo, permitiu concluir que a quase totalidade dos mesmos abandonou a actividade desportiva antes de atingida a idade sénior ou, se continuavam a competir, revelavam resultados medíocres no escalão sénior.

Por seu lado, Verdugo e Leibar (1997) estimam que somente 1,86% dos jovens espanhóis do escalão iniciado que se encontram entre os primeiros dos *rankings* nacionais das especialidades de 300 a 3000 metros, terão probabilidades de surgir no escalão sénior.

Face a este quadro, podemos concluir que, apesar de algumas excepções, o êxito obtido nos escalões de formação não oferece garantias quanto ao êxito no futuro.

Um dos factores que parece concorrer para a discrepância entre o êxito nos escalões de formação e o sucesso no escalão sénior, é o facto de a prática desportiva das crianças e jovens seguir a lógica do rendimento imediato e estar frequentemente condicionada por apenas uma referência de sucesso – a vitória[15]. Geralmente, o triunfo é apoiado por todos os que directa ou indirectamente intervêm no processo desportivo, nomeadamente treinadores, familiares, dirigentes e público em geral. Ignora-se assim, a preocupação com o desenvolvimento a longo prazo.

Em consequência, como refere Lima (1998), é gerado um quadro de acentuadas pressões sobre os treinadores. Estes, na maioria das vezes, são induzidos a proceder a uma formação desportiva centrada numa especialização precoce, que contribui, segundo este autor, para a eliminação antecipada dos jovens praticantes e para o abandono de imensas crianças. Hahn (1988), neste sentido, adverte para o facto de a ignorância a respeito do desenvolvimento infantil, a informação equívoca acerca da dosificação das cargas, assim como as ambições exageradas, representam factores que prejudicam e interferem negativamente no desenvolvimento desportivo da criança.

[15] O ganhar não é efémero. É positivo treinar os atletas para ganhar (mas não a qualquer preço). Todavia é bom e positivo preparar os jovens para perder e sobretudo para ver a derrota como um veículo e ponto de partida para organizar e reflectir o processo de treino no sentido de partir para tentar alcançar novas vitórias.

Todavia, os resultados obtidos poderão não traduzir apenas uma estagnação do rendimento desportivo. Embora ultrapasse o âmbito do presente estudo, assinale-se que estes valores podem também resultar, em alguns casos, de processos de abandono desportivo resultantes de conflitos de interesse ou lesões, bem como de transferência para outras modalidades.

Considerando a existência de inúmeras causas que ao longo da vida desportiva vão afastando os jovens do treino, torna-se necessário em futuros estudos conhecê-las de modo aprofundado por forma a melhor compreender este fenómeno e, simultaneamente, procurar inverter a tendência de quebra verificada.

3.3.2.1. Análise nos diferentes grupos de provas

Analisado comparativamente em cada grupo de provas o percurso das atletas em estudo, verificámos que a taxa das atletas dos escalões de formação que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior se encontra compreendida entre 5% (marcha) e 32% (provas combinadas).

Em particular, os valores encontram-se compreendidos:

a) no escalão infantil, entre 0% (marcha) e 29% (provas combinadas);
b) no escalão iniciado, entre 5% (provas de meio-fundo e fundo) e 38% (provas combinadas);
c) no escalão juvenil, entre 0% (marcha) e 39% (velocidade).

Com efeito, podemos inferir em relação às atletas que se encontravam entre as melhores nos *rankings* dos escalões infantil, iniciado e juvenil, durante os anos 1986 e 1990, que a maioria não conseguiu confirmar no escalão sénior o êxito evidenciado nos escalões de formação, sendo isso mais manifesto nas disciplinas cuja base de rendimento é sobretudo condicional.

Nos escalões infantil e iniciado, o grupo das provas combinadas apresenta a taxa mais elevada de presença das atletas no escalão sénior.

Pensamos que o carácter multilateral desse grupo contribui consideravelmente para este resultado. Face a este quadro, parece-nos legítimo inferir que uma prática variada (corridas, saltos, lançamentos e até mesmo a prática de outras modalidades) não deve ser reprovada nem rejeitada, sobretudo durante as duas primeiras etapas do processo de formação desportiva – iniciação e orientação desportiva.

Corroborando a nossa perspectiva, Matvéiev (1990), em relação aos desportos individuais, exalta a necessidade de nesta fase o treino apresentar um carácter de "provas combinadas". Também a este respeito, Schmolinsky (1992) relembra que, embora o treino se dirija cada vez mais para objectivos particulares, o princípio da variabilidade nunca deve ser desprezado na preparação de crianças e jovens.

Na situação inversa à do grupo das provas combinadas encontramos no escalão infantil o grupo das provas de marcha e no escalão iniciado o grupo das provas de meio-fundo e fundo (0% e 5%, respectivamente).

Pelas características desses grupos de provas, de entre as quais destacamos a estrutura de rendimento ancorada em capacidades condicionais – resistência –, supomos que este resultado poderá evidenciar um acentuado nível de especialização imposto durante os escalões infantil e iniciado. Esta circunstância poderá ter condicionado o rendimento das atletas nos escalões superiores.

Marques (1998) explica que estas situações poderão resultar da aplicação de cargas de treino muito intensas, as quais predispõem para uma especialização precoce, ou do facto de os pressupostos básicos, ou seja, os fundamentos da prestação de alto nível, não terem sido desenvolvidos da forma mais adequada durante o processo desportivo com os mais jovens.

A assunção do treino específico desde muito cedo permite ao jovem praticante destacar-se entre os melhores num intervalo temporal mais reduzido, não obstante a monotonia resultante dos métodos utilizados. Contudo, em nossa opinião, não deverá ser este o caminho a seguir.

Segundo Suslov *et al.* (1995), os especialistas desaconselham vivamente a adopção de uma especialização prematura nesta etapa. No entanto, por consequência de um aumento da especificidade do treino, observa-se uma amplificação imediata dos resultados. Esta conduziria, todavia, à estabilização do desenvolvimento das possibilidades físicas funcionais dos praticantes.

Sendo assim, não é aconselhável nesta fase do processo de formação desportiva visar o domínio profundo das técnicas específicas de uma determinada modalidade/disciplina, visto que o desenvolvimento e o crescimento das crianças e adolescentes podem alterar as suas opções desportivas (Lima, 1981).

Não obstante, é de considerar no grupo das provas de meio-fundo e fundo a possibilidade de as atletas deste grupo não terem competido no escalão sénior, uma vez que as provas de estrada e de corta mato afastam muitos praticantes da pista. Por outro lado, o elevado nível de competitividade registado no meio-fundo e fundo, resultando numa maior dificuldade de determinadas atletas se imporem nos *rankings*, poderá contribuir para o resultado verificado neste grupo. A verificar-se estas ocorrências, estariam assim justificados os reduzidos valores registados neste grupo.

No escalão juvenil, o grupo das provas de velocidade apresenta a mais elevada taxa (39%). Sendo este o escalão no qual a especialização desportiva se começa a acentuar, embora não disponhamos de informações sobre o passado (currículo) desportivo das atletas em estudo, os resultados levam-nos a considerar que:

a) as mesmas realizaram nos escalões anteriores uma formação mais multilateral;
b) o processo de especialização nesse grupo de provas resulta de um trabalho contínuo e prolongado, no qual a carga de treino foi gradualmente individualizada.

Nos grupos das provas de marcha e de lançamentos encontram-se os resultados mais baixos (0% e 9%, respectivamente).

Provavelmente, a acentuada especialização imposta, desde cedo, nestes grupos de provas está na origem destes resultados. Sendo os mesmos constituídos por provas em que a base de rendimento é sobretudo condicional (resistência e força), embora o domínio da técnica se apresente como parte indispensável para o êxito, não será de estranhar que o treino seja direccionado de forma mais acentuada para o desenvolvimento das capacidades solicitadas por essas provas. Ademais, as características morfológicas solicitadas no grupo das provas de lançamentos parece condicionar uma prática quase exclusiva no mesmo. Como consequência, a especialização torna-se inevitável. Todavia, é de relembrar que um lançador, particularmente enquanto jovem, deve privilegiar o desenvolvimento da velocidade. Logo, convém retardar a especialização numa só prova.

Embora no escalão juvenil a especialização comece a acentuar-se, esta no seu início, segundo Fuentes-Guerra (2000), deve começar por ser pouco profunda.

Em conformidade, Añó (1997), salienta que a especialização, para além de não acontecer de forma súbita, necessita de cumprir determinados requisitos com vista a ser produtiva. De entre estes, destacam-se:

a) a conveniência em realizar uma especialização globalizada por áreas próximas em vez de uma especialização directa numa só especialidade ou posto específico;
b) a necessidade de evitar a especialização desportiva precoce, a qual anula a possibilidade de um desenvolvimento posterior em outros desportos, modalidades ou postos específicos.

Com efeito, podemos apurar que a especialização só tem sentido se anteriormente os praticantes usufruíram de uma formação que tenha promovido o desenvolvimento progressivo, variado e completo das funções e capacidades.

Raposo (2000), a este respeito, alerta para a necessidade de não haver precipitações, por forma a não se cometerem erros de especialização precoce. Ainda mais porque se constata a existência de muitos jovens a treinarem acentuada e quase exclusivamente na prova em que obtém melhores resultados, em detrimento de uma formação global.

De acordo com esta perspectiva consensual, Baz (2000), no caso concreto do atletismo, sugere que a especialização desportiva se inicie com uma especialização multidisciplinar, isto é, centrada num grupo de provas comuns, como por exemplo a disciplina dos lançamentos. Poder-se-á sugerir que, em virtude de esta etapa geralmente corresponder aos escalões juvenil e júnior, o praticante no escalão juvenil opte por uma disciplina desportiva e confirme essa especialização no escalão júnior.

Também Schmolinsky (1992), refere ser este o momento em que o praticante se especializa num grupo de provas – corridas, saltos ou lançamentos. A opção por um grupo disciplinar não deve implicar o início do treino exclusivamente específico. A disciplina específica/especialidade na qual o praticante se fixará deverá ser definida mais tarde.

No escalão júnior, segundo Coelho e Silva (1999) haverá uma aproximação às cargas máximas[16], juntamente com uma avaliação dos comportamentos competitivos e a definição de objectivos da carreira desportiva – aspiração a atleta profissional, a participação em competições internacionais, entre outras.

Uma vez mais, a prática multilateral parece ser responsável por resultados mais consistentes. Segundo Matveiev (1990), somente através do desenvolvimento geral das possibilidades funcionais do organismo e do desenvolvimento múltiplo das possibilidades físicas e psicológicas é possível alcançar um maior progresso numa determinada modalidade desportiva.

3.3.2.1.1. Atletas que surgiram nos *rankings* do escalão sénior, no mesmo grupo de provas

Analisado o percurso no mesmo grupo de provas, verificámos que a taxa das atletas que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior até ao ano 2000 se encontrava compreendida entre 5% (marcha) e 22% (saltos verticais).

Genericamente, as taxas de presença nos primeiros cinco lugares do escalão sénior agora registadas, são inferiores comparativamente às taxas registadas quando não se teve a preocupação de as analisar no mesmo grupo de provas. Ressalve-se as excepções, dignas de registo, observadas nos grupos das provas de marcha (todos os escalões) e de lançamentos (escalões iniciado e juvenil). Estes resultados parecem reforçar o pressuposto segundo o qual as características destes grupos de provas favorecem uma prática quase exclusiva dos mesmos.

Os resultados obtidos, permitem inferir que a formação desportiva no grupo das provas de saltos verticais, comparativamente aos outros grupos de provas, foi sistematizada mais numa perspectiva de longo prazo. O facto de a base de rendimento dos saltos verticais ser essencialmente tecnico-coordenativa e não exclusivamente condicional, poderá favorecer a ocorrência deste resultado. Todavia, ainda se consideram baixos os valores registados.

De facto, pensamos que a delineação da formação desportiva a longo prazo deverá ser uma preocupação permanente. Pois, com vista a alcançar a excelência desportiva, essa formação deve projectar-se no âmbito de uma visão a longo prazo (Ramlow, 1992), sendo tarefa do treinador adaptar o treino às principais particularidades evolutivas de cada idade (Manno, 1992). Filin (1996) e Grosser *et al.* (1989) reforçam este pressuposto salientado que os grandes resultados só poderão ser obtidos através de uma preparação contínua e cuidadosa de vários anos, programada de forma consciente e sistemática.

Em particular, as taxas de presença nos primeiros cinco lugares do escalão sénior encontram-se compreendidas, para:

a) o escalão infantil, entre 0% (marcha) e 17% (saltos verticais);
b) o escalão iniciado, entre 5% (meio-fundo e fundo) e 23% (provas combinadas);
c) o escalão juvenil, entre 0% (marcha e provas combinadas) e 36% (velocidade);

O percurso nos *rankings* das atletas em estudo, continua a revelar-se diferente para cada grupo de provas e para cada escalão. À semelhança da análise anterior, confirma-se que a maioria das atletas dos escalões de formação não surgiu entre os primeiros lugares do escalão sénior.

Face a este quadro, podemos agora inferir que em todos os grupos de provas, a maioria das atletas que se encontravam entre as melhores nos *rankings* dos escalões infantil, iniciado e juvenil, durante os anos 1986 e 1990, não conseguiu confirmar no escalão sénior, no mesmo grupo de provas, o êxito evidenciado nos escalões de formação.

Estes resultados apontam para a inadequação do treino específico, principalmente nos escalões infantil e iniciado. Nestes escalões verifica-se uma elevada flutuabilidade das atletas (entrada e saída de determinado grupo de provas ou modalidade), pelo que a submissão dos jovens a uma especialização precoce, salvo raras excepções, pouco contribui para que os mesmos alcancem a excelência desportiva no escalão sénior.

Corroborando a nossa opinião, Lima (1981) lembra-nos que nos escalões mais baixos ainda não se deve visar um profundo domínio das técnicas específicas de uma determinada modalidade, visto que

[16] O nível de aproximação será maior ou menor em função das características das diferentes disciplinas.

o desenvolvimento e o crescimento das crianças e adolescentes poder alterar as suas opções desportivas. Deste modo, segundo Mesquita (1997), o desenvolvimento multilateral do praticante no início da sua formação constitui uma condição indispensável para a obtenção de elevados níveis de rendimento no futuro.

Não obstante, o sistema de competições vigente parece continuar a contrariar o carácter multilateral pelo qual o treino dos mais jovens deve ser pautado. Segundo Marques (1991) são as competições que devem servir os propósitos da preparação desportiva, não o contrário.

Embora exista consciência da necessidade de adequar o sistema de competições aos diferentes escalões desportivos, a sua concretização no terreno parece ser pouco consistente. O fomento de competições especializadas nos escalões de formação, é no presente, ainda que não o quiséssemos, uma realidade. Estas, distinguem-se entre si (nos diferentes escalões) apenas em termos quantitativos. Ademais, conduzem à formação de *rankings* e à obtenção de títulos distritais, regionais e nacionais. Por outro lado, os critérios vigentes de acesso ao percurso de alta competição, assim como as exigências colocadas para a acessibilidade aos estágios regionais e nacionais, continuam a basear-se nas *performances*, favorecendo o elitismo e o resultado imediato.

Confrontados com esta realidade, não temos dúvidas de que estas vicissitudes resultam na especialização do processo de preparação desportiva. Esta torna-se problemática, na medida em que a mesma visa, por excelência, o sucesso imediato. Emerge assim de forma clara a necessidade de retardar a entrada dos jovens no elitista sistema de classificações.

Face a este quadro, exige-se que a prática desportiva (treino e competição) dos jovens apresente, obrigatoriamente, características diferentes da prática do adulto, quer quanto às motivações para a prática, quer quanto aos condicionamentos decorrentes da evidente imaturidade biológica e psíquica (Barata, 1999). Pensamos que só assim será possível inverter os baixos valores registados.

4 ESTUDO DOIS

Atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões de formação, entre os anos 1986 a 1990 *inclusive*

4.1. METODOLOGIA

4.1.1. Amostra

A amostra foi constituída pela totalidade das atletas do sexo feminino (noventa) que se encontravam no primeiro lugar dos *rankings* nacionais de atletismo das diferentes provas de pista (*vd.* apêndice III) nos escalões de formação, entre 1986 e 1990.

No escalão infantil, num total de quarenta e quatro lugares disponíveis, encontravam-se trinta e uma atletas.

No escalão iniciado, num total de sessenta lugares disponíveis, encontravam-se trinta e seis atletas.

Contudo, três atleta já haviam ocupado, entre 1986 e 1990, o primeiro lugar dos *rankings* no escalão infantil. Deste modo, o número de atletas a analisar, nos *rankings* do escalão iniciado, passou para trinta e três.

No escalão juvenil, num total de setenta lugares disponíveis, encontravam-se trinta e cinco atletas. Neste escalão verificou-se uma situação idêntica à verificada anteriormente. Nove atletas já haviam ocupado, entre 1986 e 1990, o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes (oito no escalão iniciado e uma no escalão infantil e iniciado). Assim, o número de atletas a analisar, nos *rankings* do escalão juvenil, passou para vinte e seis.

4.1.2. Procedimento de análise dos dados

Procedimento similar ao do primeiro estudo (*cf.* sub-capítulo 3.1.2.).

Em todos os grupos de provas e para todos os escalões, procurámos analisar o número de atletas que:

a) se encontravam no primeiro lugar;
b) ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão em que se encontravam nos *rankings*;
c) se encontravam simultaneamente em dois ou mais grupos de provas;
d) se encontravam nos *rankings* pela primeira vez entre 1986 e 1990;
e) surgem no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões seguintes;
f) surgem, no mesmo grupo de provas, no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Posteriormente, procurámos avançar explicações para os resultados por nós apresentados.

4.2. RESULTADOS

4.2.1. POR ESCALÃO

4.2.1.1. Infantil

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos quarenta e quatro lugares em estudo se encontravam trinta e uma atletas (oito surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas infantis.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes grupos de provas, apresenta valores compreendidos entre 60% (saltos verticais) e 100% (saltos horizontais e provas combinadas). A média é 87% (*vd.* figura 53).

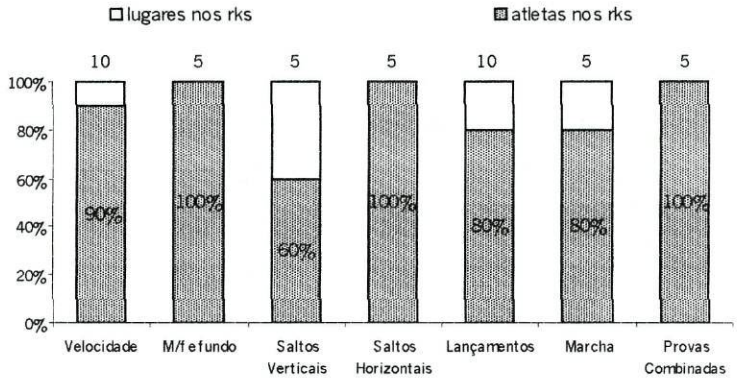


Figura 53 - Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos diferentes grupos de provas do escalão infantil

Neste grupo de trinta e uma atletas, quatro encontravam-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* de dois ou mais grupos de provas.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes grupos de provas, está compreendida entre 0% (meio-fundo e fundo e marcha) e 67% (saltos verticais). A média é 32% (*vd.* figura 54).

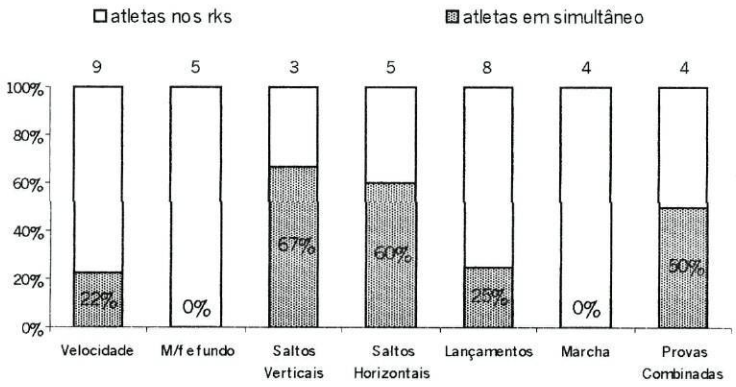


Figura 54 - Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* do escalão infantil, simultaneamente em dois ou mais grupos de provas

Analisado o percurso desportivo das trinta e uma atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) nove no escalão iniciado – quatro encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas;
b) Oito no escalão juvenil – três encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas;
c) Duas no escalão sénior – estas encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas (*vd.* quadro 26).

Quadro 26 - Escalão infantil: número de atletas que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão infantil	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Unicamente num grupo	27	5	5	0
Simultaneamente em dois ou mais grupos	4	4	3	2
Total	31	9	8	2

Obs. Todas infantis

A taxa de presença das trinta e uma atletas, no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões superiores dos diferentes grupos de provas, está compreendida:

a) para o escalão iniciado, entre 0% (marcha) e 100% (saltos verticais). A média é 37%;
b) para o escalão juvenil, entre 0% (marcha) e 100% (saltos verticais). A média é 40%;
c) para o escalão sénior, entre 0% (meio-fundo e fundo e marcha) e 33% (saltos verticais). A média é 15% (*vd.* figura 55).

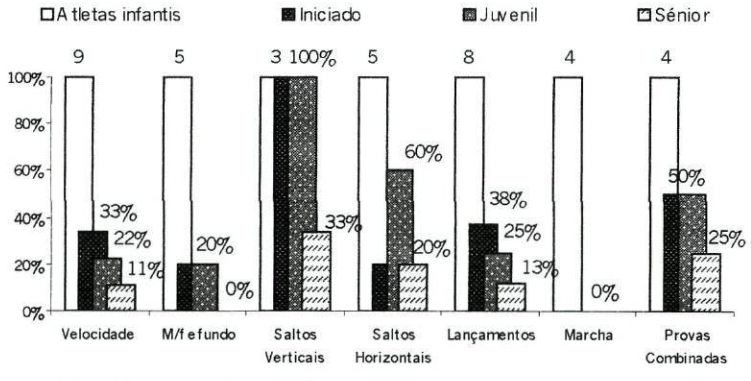


Figura 55 - Primeiro lugar dos *rks* do escalão infantil: taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* do escalão iniciado, juvenil e sénior

No mesmo grupo de provas, a taxa de presença das trinta e uma atletas, está compreendida:

a) para o escalão iniciado, entre 0% (marcha) e 67% (saltos verticais). A média é 23%;

b) para o escalão juvenil, entre 0% (marcha) e 67% (saltos verticais). A média é 24%;
c) para o escalão sénior, entre 0% (todos, excepto saltos horizontais) e 20% (saltos horizontais). A média é 3% (*vd.* figura 56).

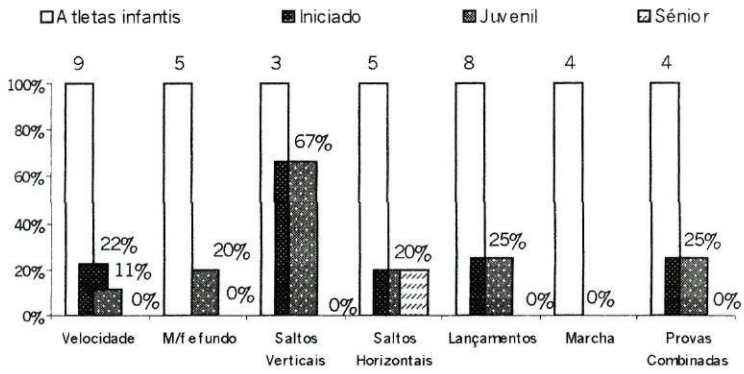


Figura 56- Primeiro lugar dos *rks* do escalão infantil: taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo de provas, o primeiro lugar dos *rks* do escalão iniciado, juvenil e sénior

4.2.1.2. Iniciado

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos sessenta lugares em estudo se encontravam trinta e seis atletas (quinze surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas iniciadas.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes grupos de provas, apresenta valores compreendidos entre 60% (meio-fundo e fundo, saltos horizontais e marcha) e 100% (provas combinadas). A média é 71% (*vd.* figura 57).

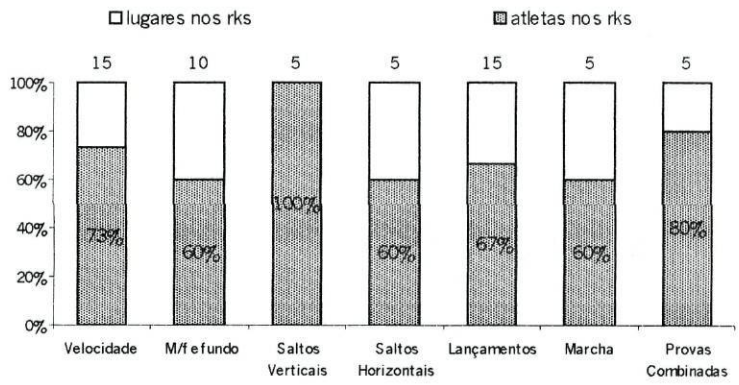


Figura 57 - Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos diferentes grupos de provas do escalão iniciado

Do total das atletas atletas:
a) três já se encontravam, enquanto infantis e nesse mesmo período, no primeiro lugar;

b) trinta e três surgiram pela primeira vez no primeiro lugar. A taxa de presença destas atletas, nos diferentes grupos de provas, está compreendida entre 60% (saltos verticais) e 100% (meio-fundo e fundo, saltos horizontais, marcha e provas combinadas. A média é 90% (*vd.* figura 58).

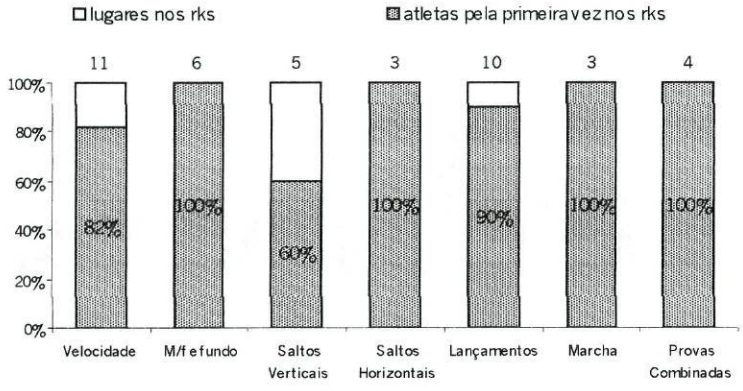


Figura 58 - Taxa de atletas que pela primeira vez se encontravam no primeiro lugar dos *rks* do escalão iniciado

Das trinta e três atletas, três encontravam-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* de dois ou mais grupos de provas.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes grupos de provas, está compreendida entre 0% (meio-fundo e fundo, saltos verticais, lançamentos e marcha) e 100% (saltos horizontais). A média é 19% (*vd.* figura 59).

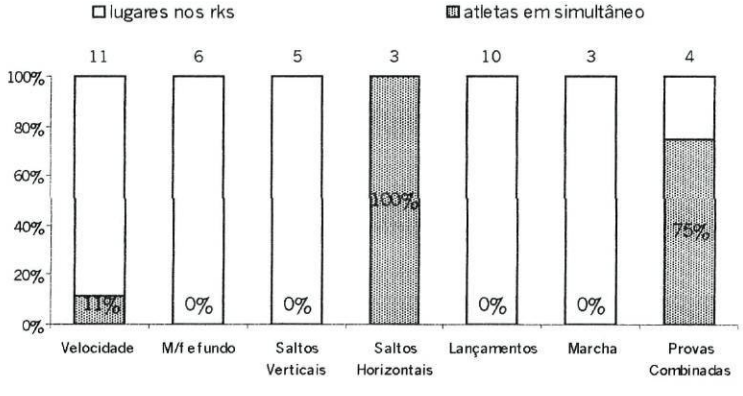


Figura 59 - Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* do escalão iniciado, simultaneamente em dois ou mais grupos de provas

Analisado o percurso desportivo das trinta e três atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) treze no escalão juvenil – duas encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas;

b) quatro no escalão sénior – nenhuma se encontrava simultaneamente em dois ou mais grupos de provas (*vd.* quadro 27).

Quadro 27 - Escalão iniciado: número de atletas que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Unicamente num grupo	30	11	4
Simultaneamente em dois ou mais grupos	3	2	0
Total	33	13	4
Obs.	Todas iniciadas		

A taxa de presença das cento e trinta e três atletas, no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões superiores dos diferentes grupos de provas, está compreendida:

a) para o escalão juvenil, entre 25% (provas combinadas) e 67% (marcha). A média é 41%;
b) para o escalão sénior, entre 0% (meio-fundo e fundo) e 33% (saltos verticais e marcha). A média é 18% (*vd.* figura 60).

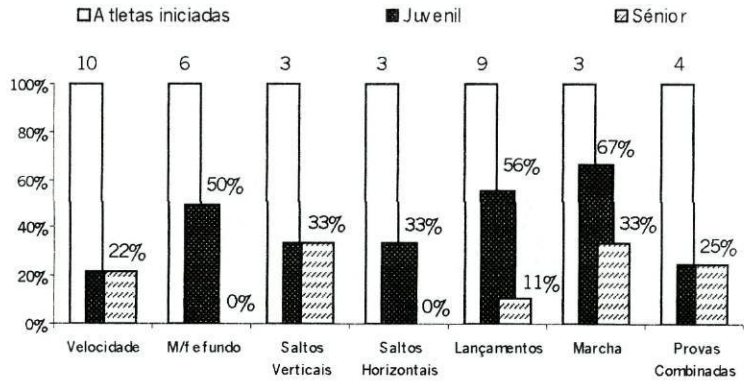


Figura 60 - Primeiro lugar dos *rks* do escalão iniciado: taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil e sénior

No mesmo grupo de provas, a taxa de presença das cento e trinta e duas atletas, está compreendida:

a) para o escalão juvenil, entre 22% (velocidade) e 67% (marcha). A média é 38%;
b) para o escalão sénior, entre 0% (meio-fundo e fundo e saltos horizontais) e 33% (saltos verticais). A média é 16% (*vd.* figura 61).

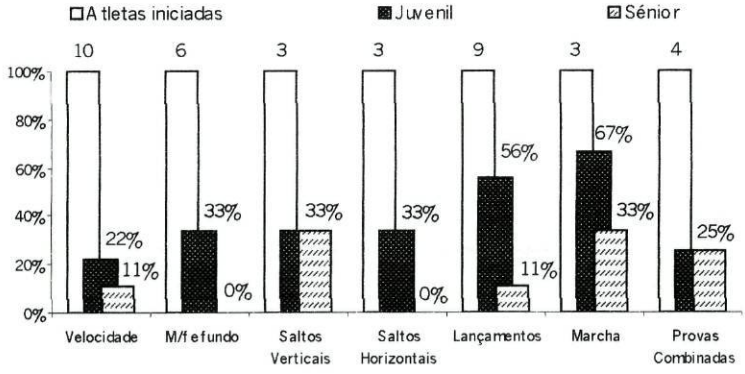


Figura 61 - Primeiro lugar dos *rks* do escalão iniciado: taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo de provas, o primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil e sénior

4.2.1.3. Juvenil

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos setenta lugares em estudo se encontravam trinta e cinco atletas (trinta e duas surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Duas atletas ainda não apresentam a idade correspondente a esse escalão.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes grupos de provas, apresenta valores compreendidos entre os 40% (saltos verticais) e os 80% (provas combinadas). A média é 61% (*vd.* figura 62).

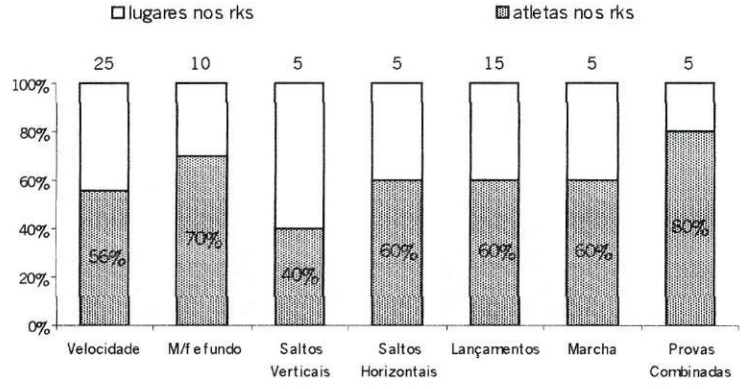


Figura 62 - Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos diferentes grupos de provas do escalão juvenil

Do total das atletas:

a) nove já se encontravam, enquanto iniciadas e nesse mesmo período, no primeiro lugar dos *rankings*;
b) vinte e seis surgiram pela primeira vez no primeiro lugar dos *rankings*, sendo todas juvenis. A taxa de presença destas atletas, nos diferentes grupos de provas, está compreendida

entre 33% (marcha) e 100% (saltos verticais, saltos horizontais e provas combinadas). A média é 80% (*vd.* figura 63).

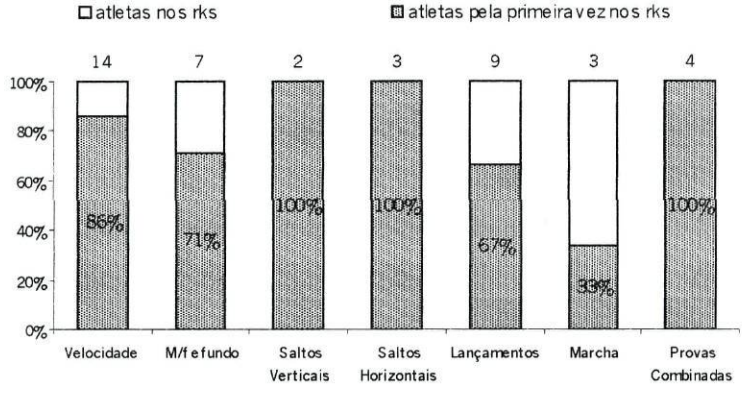


Figura 63 - Taxa de atletas que pela primeira vez se encontravam no primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil

Das vinte e seis atletas, dez encontravam-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* de dois ou mais grupos de provas.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes grupos de provas, está compreendida entre 0% (marcha) e os 67% (saltos horizontais). A média é 39% (*vd.* figura 64).

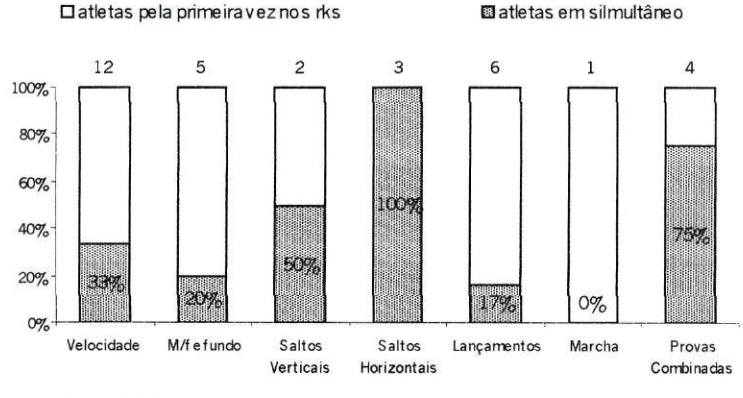


Figura 64 - Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil, simultaneamente em dois ou mais grupos de provas

Analisado o percurso desportivo das vinte e seis atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que nove surgem no primeiro lugar do escalão sénior – uma encontrava-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas (*vd.* quadro 28).

Quadro 28 - Escalão juvenil: número de atletas que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior.

Grupos de provas	Escalão juvenil	Escalão sénior
Unicamente num grupo	20	8
Simultaneamente em dois ou mais grupos	6	1
Total	26	9
Obs.	Todas juvenis	

A taxa de presença das vinte e seis atletas, no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior dos diferentes grupos de provas, está compreendida entre 0% (marcha) e 67% (saltos horizontais). A média é 33% (*vd.* figura 65).

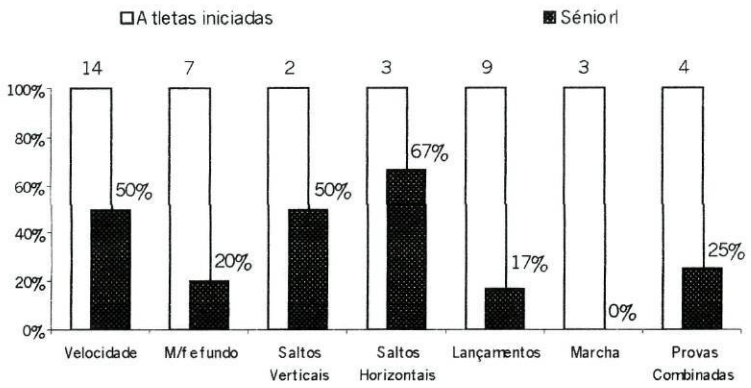


Figura 65 - Primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil: taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* do escalão sénior

No mesmo grupo de provas, a taxa de presença das vinte e seis atletas, está compreendida entre 0% (marcha e provas combinadas) e 50% (saltos verticais). A média é 22% (*vd.* figura 66).

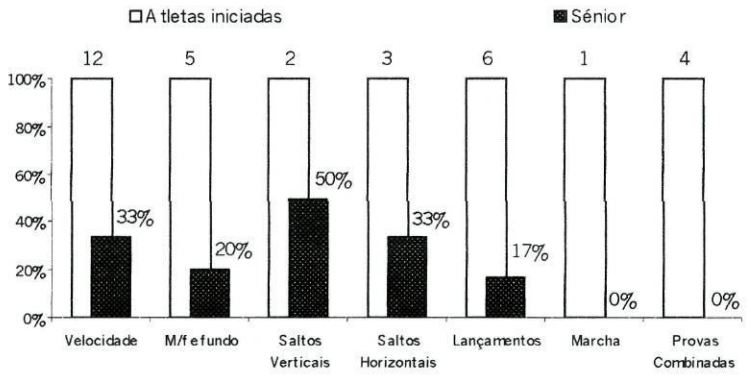


Figura 66 - Primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil: taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo de provas, o primeiro lugar dos *rks* do escalão sénior

4.2.2. POR GRUPO DE PROVAS

4.2.2.1. VELOCIDADE

4.2.2.1.1. Infantis

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos dez lugares em estudo se encontravam nove atletas (uma surgiu nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas infantis.

Neste grupo de nove atletas, duas encontravam-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das nove atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) três no escalão iniciado. Destas, duas encontravam-se no grupo das provas de velocidade;
b) duas no escalão juvenil. Destas, uma encontrava-se no grupo das provas de velocidade e simultaneamente em outro(s) grupo(s);
c) uma no escalão sénior. Esta não se encontrava no grupo das provas de velocidade (*vd.* quadro 29).

Quadro 29 - Grupo das provas de velocidade: número de atletas do escalão infantil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão infantil	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Velocidade	7	2	0	0
Velocidade + outro(s) grupo(s)	2 D=1, E=1	0	1 D	0
Outro(s) grupo(s)	–	1 D, G	1 G	1 C, G
Total	9	3	2	1
Obs.	Todas infantis	Todas iniciadas	Todas juvenis	Todas seniores

Legenda: C - Saltos Verticais, D - Saltos Horizontais, E - Lançamentos, G - Provas Combinadas.

4.2.2.1.2. Iniciadas

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos quinze lugares em estudo se encontravam onze atletas (quatro surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas iniciadas. Destas:

a) duas já se encontravam, enquanto infantis e nesse mesmo período, no primeiro lugar dos *rankings*;
b) nove surgem pela primeira vez no primeiro lugar dos *rankings*. Destas, uma encontrava-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das nove atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) duas no escalão juvenil. Ambas se encontravam no grupo das provas de velocidade – destas, uma encontrava-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;
b) duas no escalão sénior. Uma encontrava-se no grupo das provas de velocidade (*vd.* quadro 30).

Quadro 30 - Grupo das provas de velocidade: número de atletas do escalão iniciado que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Velocidade	8	1	1
Velocidade + outro(s) grupo(s)	1 G	1 G	0
Outro(s) grupo(s)	–	0	1 G
Total	9	2	2
Obs.	Todas iniciadas	Todas juvenis	Todas seniores

Legenda: G - Provas Combinadas.

4.2.2.1.3. Juvenis

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos vinte cinco lugares em estudo se encontravam catorze atletas (cinco surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas juvenis. Destas:

a) duas já se encontravam, enquanto iniciadas e nesse mesmo período, no primeiro lugar dos *rankings*;
b) doze surgem pela primeira vez no primeiro lugar dos *rankings*, sendo todas juvenis. Destas, quatro encontravam-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das doze atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que seis surgem no primeiro lugar do escalão sénior. Quatro encontravam-se no grupo das provas de velocidade – destas, uma encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas (*vd.* quadro 31).

Quadro 31 - Grupo das provas de velocidade: número de atletas do escalão juvenil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior.

Grupos de provas	Escalão juvenil	Escalão seniór
Velocidade	8	3
Velocidade + outro(s) grupo(s)	4 B=1, D=3, G=1	1 D
Outro(s) grupo(s)	–	2 B=1, D=1
Total	12	6
Obs.	Todas juvenis	Todas seniores

Legenda: B - Meio/Fundo e Fundo, D - Saltos Horizontais, G - Provas Combinadas.

4.2.2.1.4. Resultados globais

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos cinquenta lugares em estudo se encontravam trinta e quatro atletas (dez surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Todas as atletas apresentavam a idade correspondente ao escalão em que concorriam.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 56% (escalão juvenil) e 90% (escalão infantil) (*vd.* figura 67).

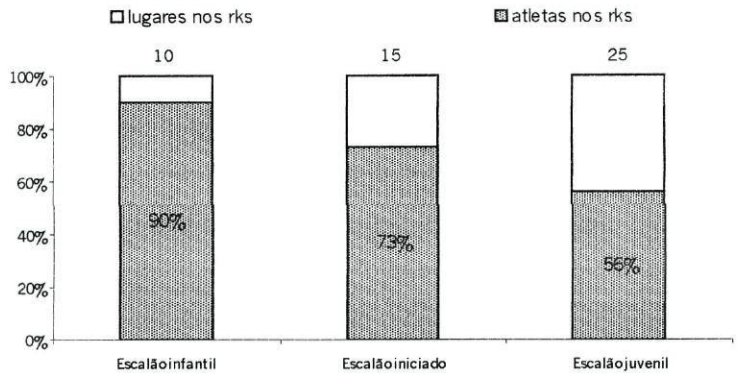


Figura 67 - Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (velocidade)

Do total das atletas, trinta encontravam-se, entre 1986 e 1990, pela primeira vez no primeiro lugar dos *rankings*[1] .

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 82% (escalão iniciado) e 100% (escalão infantil) (*vd.* figura 68).

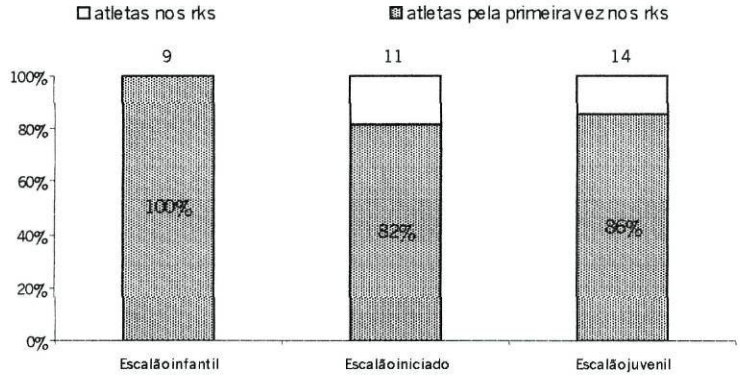


Figura 68 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (velocidade)

Das trinta atletas, sete encontravam-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

A taxa de presença das sete atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 11% (escalão iniciado) e 33% (escalão juvenil) (*vd.* figura 69).

[1] No período de tempo considerado – entre 1986 e 1990 –, as trinta atletas não ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões anteriores àquele em que se encontravam.

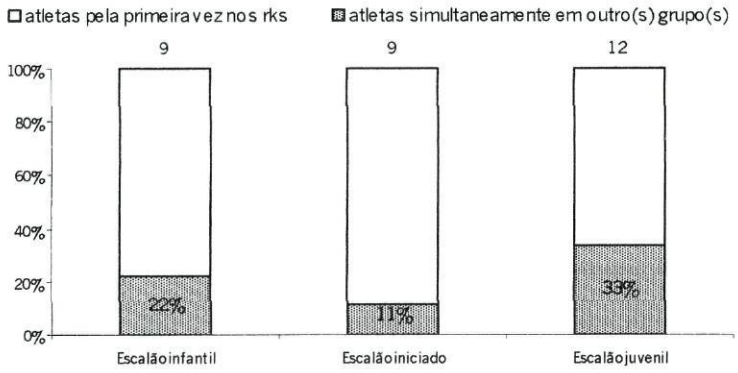


Figura 69 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação simultaneamente no grupo das provas de velocidade e em outro(s) grupo(s)

Analisado o percurso desportivo das trinta atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que nove surgem no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior. A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 11% (escalão infantil) e 50% (escalão juvenil) (*vd.* figura 70).

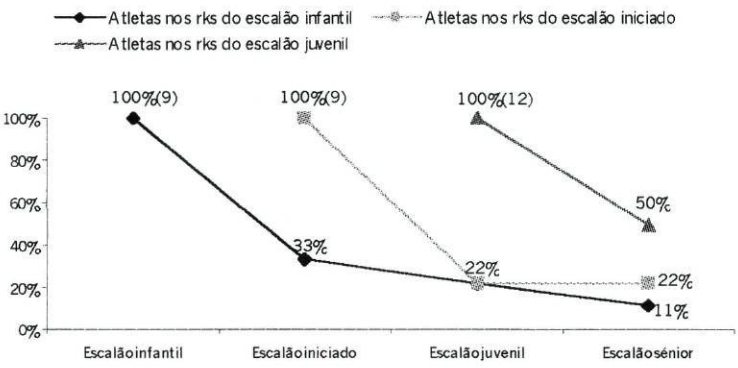


Figura 70 - Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (velocidade): taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores

Analisado, ao nível do mesmo grupo de provas (velocidade), o percurso desportivo das trinta atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que cinco surgem no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior. A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 0% (escalão infantil) e 33% (escalão juvenil) (*vd.* figura 71).

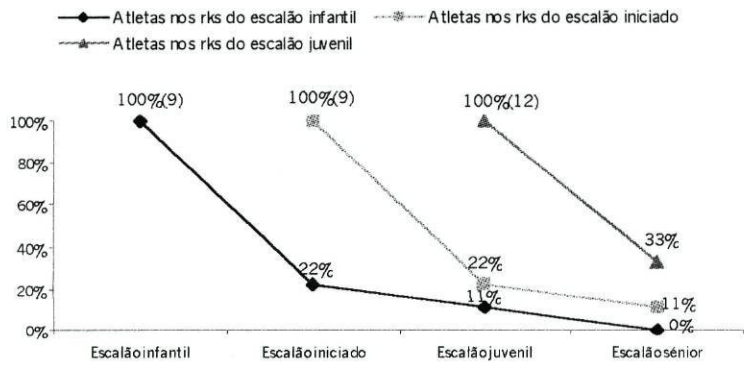


Figura 71 - Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (velocidade): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores

4.2.2.2. MEIO-FUNDO E FUNDO

4.2.2.2.1. Infantis

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos cinco lugares em estudo se encontravam cinco atletas, sendo todas infantis.

Neste grupo de cinco atletas, nenhuma se encontrava simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das cinco atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) uma no escalão iniciado. Esta encontrava-se no grupo das provas de meio-fundo e fundo;

b) uma no escalão juvenil. Esta encontrava-se no grupo das provas de meio-fundo e fundo;

Nenhuma atleta surgiu no primeiro lugar no escalão sénior (*vd.* quadro 32).

Quadro 32 - Grupo das provas de meio-fundo e fundo: número de atletas do escalão infantil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão infantil	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
M-F e Fundo	5	0	0	0
M-F e Fundo + outro(s) grupo(s)	0	1 A	1 A	0
Outro(s) grupo(s)	_	0	0	0
Total	5	1	1	0
Obs.	Todas infantis	Iniciada	Juvenil	_

Legenda: A - Velocidade.

4.2.2.2.2. Iniciadas

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos dez lugares em estudo se encontravam seis atletas (três surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas iniciadas.

Nenhuma atleta se encontrava, enquanto infantil e nesse mesmo período, no primeiro lugar dos *rankings*.

Destas atletas, nenhuma se encontrava simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das seis atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que três surgem no primeiro lugar no escalão juvenil. Todas se encontravam no grupo das provas de meio-fundo e fundo – destas, uma encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas. Nenhuma atleta se encontrava no escalão sénior (*vd.* quadro 33).

Quadro 33 - Grupo das provas de meio-fundo e fundo: número de atletas do escalão iniciado que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
M-F e Fundo	6	2	0
M-F e Fundo + outro(s) grupo(s)	0	1 (A)	0
Outro(s) grupo(s)	_	0	0
Total	6	3	0
Obs.	Todas iniciadas	2 juvenis 1 não juvenil	_

Legenda: A - Velocidade; M-F - Meio-Fundo.

4.2.2.2.3. Juvenis

Quanto analisado unicamente o primeiro lugar, verificámos que nos dez lugares em estudo se encontravam sete atletas (três surgiram nos rankings mais do que uma vez), sendo que uma ainda não era juvenil. Destas:

a) duas já se encontravam, enquanto iniciadas e nesse mesmo período, no primeiro lugar dos *rankings*;
b) cinco surgem pela primeira vez no primeiro lugar dos *rankings*, sendo todas juvenis. Destas, uma encontrava-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das cinco atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que uma surge no primeiro lugar do escalão sénior. Esta encontravam-se no grupo das provas de meio-fundo e fundo (*vd.* quadro 34).

Quadro 34 - Grupo das provas de meio-fundo e fundo: número de atletas do escalão juvenil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior.

Grupos de provas	Escalão juvenil	Escalão sénior
M-F e Fundo	4	1
M-F e Fundo + outro(s) grupo(s)	1 (A)	0
Outro(s) grupo(s)	_	0
Total	5	1
Obs.	Todas juvenis	Sénior

Legenda: A - Velocidade; M-F - Meio-Fundo.

4.2.2.2.4. Resultados globais

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos vinte e cinco lugares em estudo se encontravam dezoito atletas (seis surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Uma atleta ainda não apresentava a idade correspondente ao escalão em que concorria.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 60% (escalão iniciado) e 100% (escalão infantil) (*vd.* figura 72).

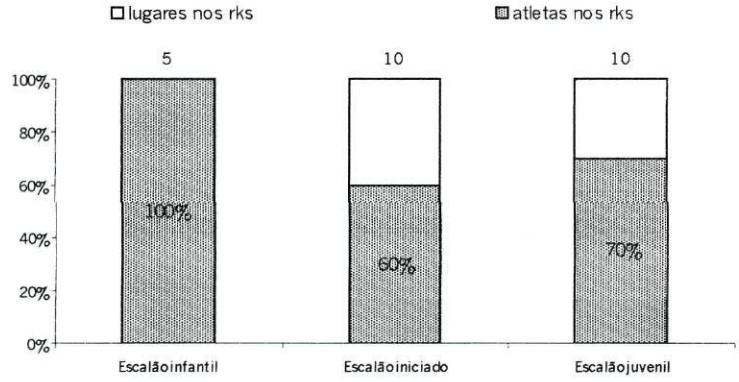


Figura 72 - Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (meio-fundo e fundo)

Do total das atletas, dezasseis encontravam-se, entre 1986 e 1990, pela primeira vez no primeiro lugar dos *rankings*[2] .

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 71% (escalão juvenil) e 100% (escalão infantil e iniciado) (*vd.* figura 73).

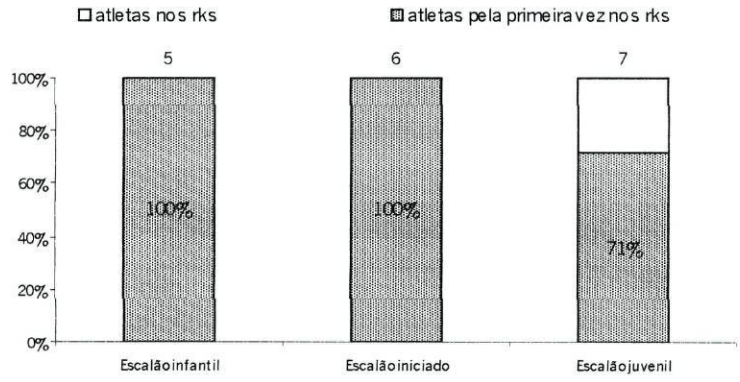


Figura 73 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (meio-fundo e fundo)

Das dezasseis atletas, uma encontrava-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

[2] No período de tempo considerado – entre 1986 e 1990 –, as trinta atletas não ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões anteriores àquele em que se encontravam.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 0% (escalão infantil e iniciado) e 20% (escalão juvenil) (*vd.* figura 74).

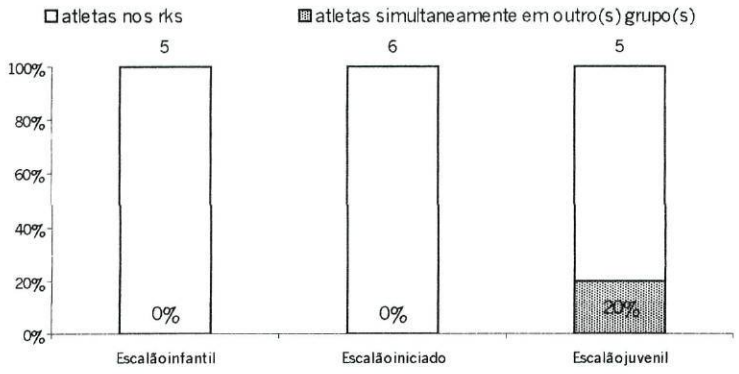


Figura 74 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação simultaneamente no grupo das provas de meio-fundo e fundo e em outro(s) grupo(s)

Analisado o percurso desportivo das dezasseis atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que uma surge no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior. A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 0% (escalão infantil e iniciado) e 20% (escalão juvenil) (*vd.* figura 75).

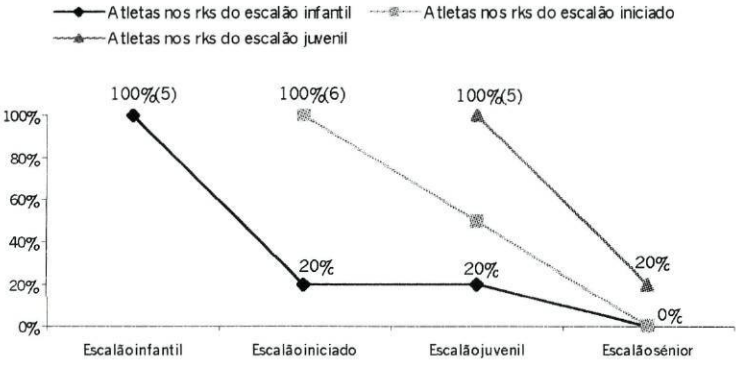


Figura 75 - Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (meio-fundo e fundo): taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores

Analisado, ao nível do mesmo grupo de provas (meio-fundo e fundo), o percurso desportivo das dezasseis atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que uma surge no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 0% (escalão infantil e iniciado) e 20% (escalão juvenil) (*vd.* figura 76).

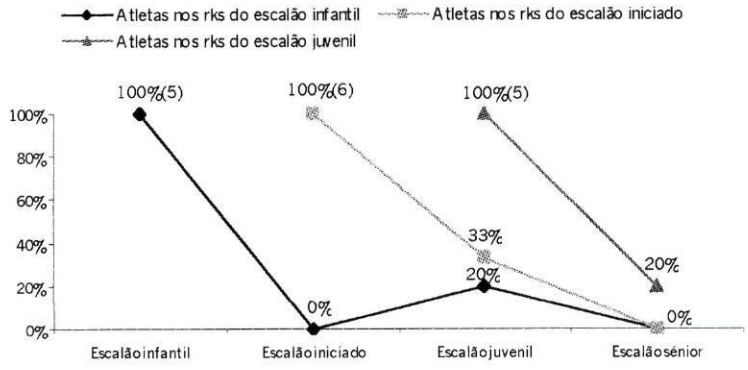


Figura 76 - Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (meio-fundo e fundo): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores

4.2.2.3. SALTOS VERTICAIS

4.2.2.3.1. Infantis

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos cinco lugares em estudo se encontravam três atletas (duas surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas infantis.

Neste grupo de três atletas, duas encontravam-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das três atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) três no escalão iniciado. Duas encontravam-se no grupo das provas de saltos verticais – destas, uma encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s);
b) três no escalão juvenil. Duas encontravam-se no grupo das provas de saltos verticais – destas, uma encontrava-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s);
c) uma no escalão sénior. Esta não se encontrava no grupo das provas de saltos verticais (*vd.* quadro 35).

Quadro 35 - Grupo das provas de saltos verticais: número de atletas do escalão infantil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão infantil	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Saltos verticais	1	1	1	0
Saltos verticais + outro(s) grupo(s)	2 D=2, E=1, G=2	1 A, E	1 A, E, G	0
Outro(s) grupo(s)	–	1 D, G	1 D	1 A, D
Total	3	3	3	1
Obs.	Todas infantis	Todas iniciadas	Todas juvenis	Sénior

Legenda: A - Velocidade, D - Saltos Horizontais, E - Lançamentos, G - Provas Combinadas.

4.2.2.3.2. Iniciadas

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos cinco lugares em estudo se encontravam cinco atletas, sendo que uma ainda não era iniciada. Destas:

a) duas já se encontravam, enquanto infantis e nesse mesmo período, no primeiro lugar dos *rankings*;
b) três surgem pela primeira vez no primeiro lugar dos *rankings*. Destas, nenhuma se encontrava simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das três atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) uma no escalão juvenil. Esta encontrava-se no grupo das provas de saltos verticais e simultaneamente em outro(s) grupo(s);
b) uma no escalão sénior. Esta encontrava-se no grupo das provas de saltos verticais (*vd.* quadro 36).

Quadro 36 - Grupo das provas de saltos verticais: número de atletas do escalão iniciado que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Saltos verticais	3	0	1
Saltos verticais + outro(s) grupo(s)	0	1 G	0
Outro(s) grupo(s)	_	0	0
Total	3	1	1
Obs.	Todas iniciadas	Juvenil	Não sénior

Legenda: G - Provas Combinadas

4.2.2.3.3. Juvenis

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos cinco lugares em estudo se encontravam duas atletas (estas surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo ambas juvenis.

Nenhuma atleta se encontrava, enquanto infantil ou iniciada e nesse mesmo período, no primeiro lugar dos *rankings*.

Dessas duas atletas, uma encontrava-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo destas duas atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que uma surge no primeiro lugar do escalão sénior. Esta encontrava-se no grupo das provas de saltos verticais (*vd.* quadro 37).

Quadro 37 - Grupo das provas de saltos verticais: número de atletas do escalão juvenil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior.

Grupos de provas	Escalão juvenil	Escalão sénior
Saltos verticais	1	1
Saltos verticais + outro(s) grupo(s)	1 G	0
Outro(s) grupo(s)	_	0
Total	2	1
Obs.	Ambas juvenis	Sénior

Legenda: G - Provas Combinadas.

4.2.2.3.4. Resultados globais

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos quinze lugares em estudo se encontravam dez atletas (quatro surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Uma atleta ainda não apresentava a idade correspondente ao escalão em que concorria.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 40% (escalão juvenil) e 100% (escalão iniciado) (*vd.* figura 77).

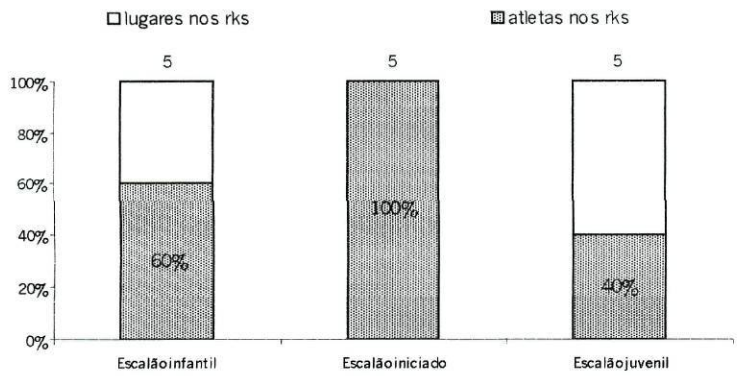


Figura 77 - Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais)

Do total das atletas, oito encontravam-se, entre 1986 e 1990, pela primeira vez no primeiro lugar dos *rankings*[3].

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 60% (escalão infantil e iniciado) e 100% (escalão juvenil) (*vd.* figura 78).

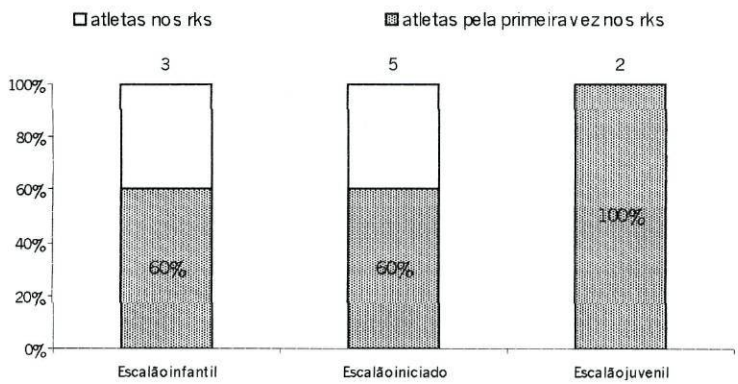


Figura 78 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais)

Das oito atletas, três encontravam-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

[3] No período de tempo considerado – entre 1986 e 1990 –, as oito atletas não ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões anteriores àquele em que se encontravam.

A taxa de presença das três atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 0% (escalão iniciado) e 67% (escalão infantil) (*vd.* figura 79).

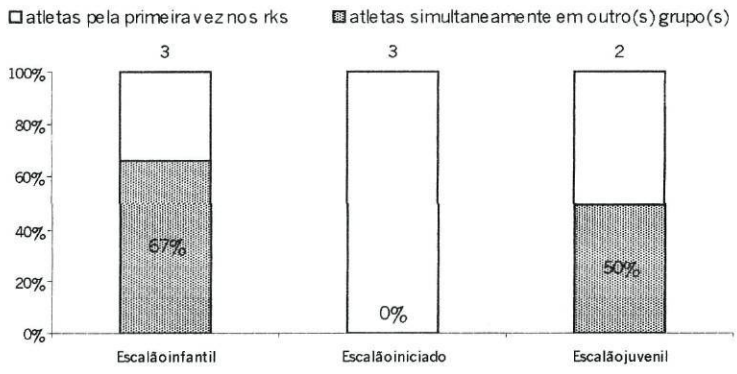


Figura 79 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais) e simultaneamente em outro(s) grupo(s)

Analisado o percurso desportivo das oito atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que três surgem no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior. A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 33% (escalão infantil e iniciado) e 50% (escalão juvenil) (*vd.* figura 80).

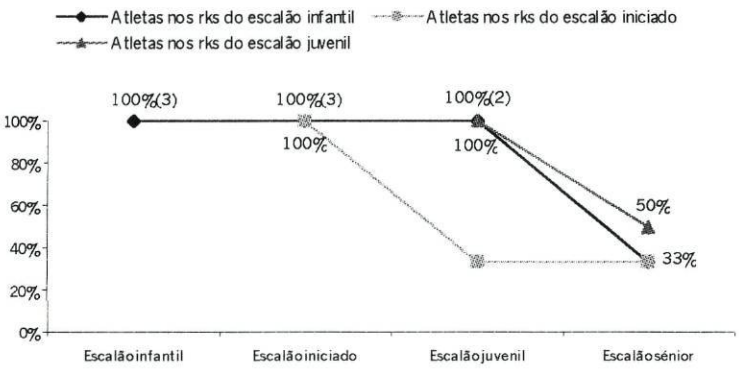


Figura 80 - Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais): taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores

Analisado, ao nível do mesmo grupo de provas (saltos verticais), o percurso desportivo das oito atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que duas surgem no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 0% (escalão infantil) e 50% (escalão juvenil) (*vd.* figura 81).

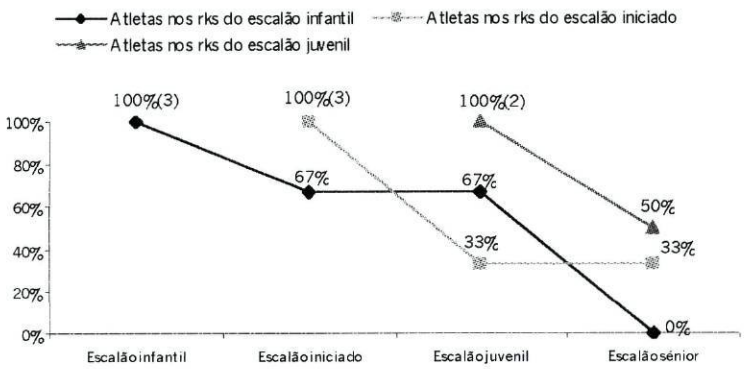


Figura 81 - Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (saltos verticais): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores

4.2.2.4. SALTOS HORIZONTAIS

4.2.2.4.1. Infantis

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos cinco lugares em estudo se encontravam cinco atletas, sendo todas infantis.

Neste grupo de cinco atletas, três encontravam-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das cinco atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) três no escalão iniciado. Destas, uma encontrava-se no grupo dos saltos horizontais e simultaneamente em outro(s) grupo(s);
b) três no escalão juvenil. Destas, uma encontrava-se no grupo das provas de saltos horizontais;
c) uma no escalão sénior. Esta encontrava-se no grupo das provas de saltos horizontais e simultaneamente em outro(s) grupo(s) (*vd.* quadro 38).

Quadro 38 - Grupo das provas de saltos horizontais: número de atletas do escalão infantil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão infantil	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Saltos horizontais	2	0	1	0
Saltos horizontais + outro(s) grupo(s)	3 A=1, C=2, E=1, G=2	1 G	0	1 A, D
Outro(s) grupo(s)	–	2 A=2, C=1, E=1	2 A=2, C=1, E=1, G=1	0
Total	5	3	3	1
Obs.	Todas infantis	Todas iniciadas	Todas juvenis	Sénior

Legenda: A - Velocidade, C - Saltos Verticais, E - Lançamentos, G - Provas Combinadas.

4.2.2.4.2. Iniciadas

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos cinco lugares em estudo se encontravam três atletas (uma surgiu nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas iniciadas. Nenhuma atleta havia figurado, enquanto infantil e nesse mesmo período, no primeiro lugar dos *rankings*.

Todas as atletas se encontravam simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das três atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verifica-se que no escalão juvenil uma surge no primeiro lugar. Esta encontrava-se no grupo das provas de saltos horizontais. No escalão sénior, nenhuma se encontrava no primeiro lugar (*vd.* quadro 39).

Quadro 39 - Grupo das provas de saltos horizontais: número de atletas do escalão iniciado que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Saltos horizontais	1	1	0
Saltos horizontais + outro(s) grupo(s)	2 G=2	0	0
Outro(s) grupo(s)	_	0	0
Total	3	1	0
Obs.	Todas iniciadas	Juvenil	_

Legenda: G - Provas Combinadas

4.2.2.4.3. Juvenis

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos cinco lugares em estudo se encontravam três atletas (uma surgiu nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas juvenis. Nenhuma atleta havia surgido, enquanto infantil ou iniciada e nesse mesmo período, no primeiro lugar dos *rankings*.

Destas três atletas, todas se encontravam simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das três atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que duas surgem no primeiro lugar do escalão sénior. Destas, uma encontrava-se no grupo das provas de saltos horizontais (*vd.* quadro 40).

Quadro 40 - Grupo das provas de saltos horizontais: número de atletas do escalão juvenil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior.

Grupos de provas	Escalão juvenil	Escalão sénior
Saltos horizontais	0	1
Saltos horizontais + outro(s) grupo(s)	3 A=3, G=1	0
Outro(s) grupo(s)	_	1 A
Total	3	2
Obs.	Todas juvenis	Ambas seniores

Legenda: A - Velocidade, G - Provas Combinadas.

4.2.2.4.4. Resultados globais

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos quinze lugares em estudo se encontravam onze atletas (duas surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Todas as atletas apresentavam a idade correspondente ao escalão em que concorriam.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 60% (escalão iniciado e juvenil) e 100% (escalão infantil) (*vd.* figura 82).

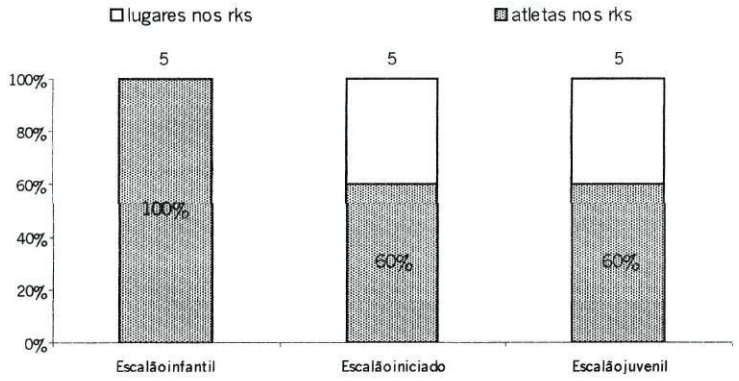


Figura 82 - Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (saltos horizontais)

Todas as atletas se encontravam, entre 1986 e 1990, pela primeira vez no primeiro lugar dos *rankings*[4].

Das onze atletas, nove encontravam-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

A taxa de presença das nove atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 60% (escalão infantil) e 100% (escalão iniciado e juvenil) (*vd.* figura 83).

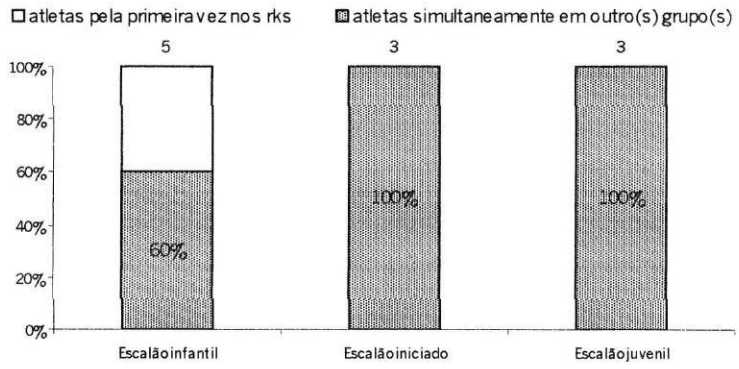


Figura 83 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação simultaneamente no grupo das provas de saltos horizontais e em outro(s) grupo(s)

[4] No período de tempo considerado – entre 1986 e 1990 –, nenhuma atleta ocupou o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões anteriores àquele em que se encontravam.

Analisado o percurso desportivo das onze atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que três surgem no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior. A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 0% (escalão iniciado) e 67% (escalão juvenil) (*vd.* figura 84).

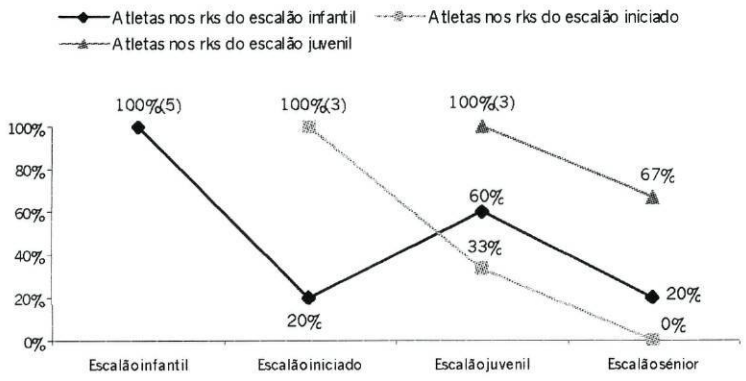


Figura 84 - Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (saltos horizontais): taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores

Analisado, ao nível do mesmo grupo de provas (saltos horizontais), o percurso desportivo das oito atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que duas surgem no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 0% (escalão iniciado) e 33% (escalão juvenil) (*vd.* figura 85).

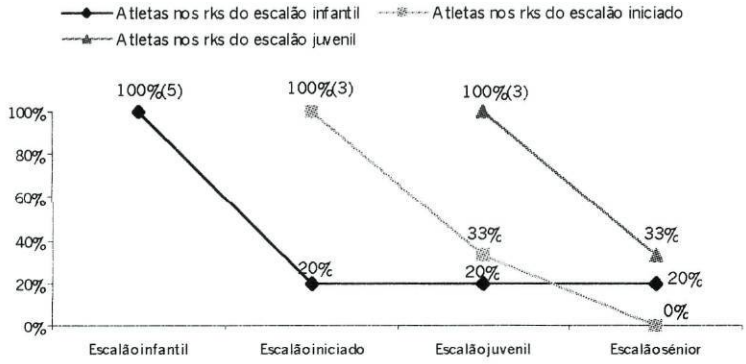


Figura 85 - Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (saltos horizontais): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores

4.2.2.5. LANÇAMENTOS

4.2.2.5.1. Infantis

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos dez lugares em estudo se encontravam oito atletas (duas surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas infantis.

Neste grupo de oito atletas, duas encontravam-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das oito atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) três no escalão iniciado. Duas encontravam-se no grupo das provas de lançamentos – destas, uma encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s);
b) duas no escalão juvenil. Estas encontravam-se no grupo das provas de lançamentos – destas, uma encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s);
c) uma no escalão sénior. Esta não se encontrava no grupo das provas de lançamentos (*vd.* quadro 41).

Quadro 41 - Grupo das provas de lançamentos: número de atletas do escalão infantil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão infantil	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Lançamentos	6	1	1	0
Lançamentos + outro(s) grupo(s)	2 A=1, C=1, D=1, G=1	1 A, C	1 A, C, G	0
Outro(s) grupo(s)	–	1 A	0	1 A, D
Total	8	3	2	1
Obs.	Todas infantis	Todas iniciadas	1 juvenil 1 não juvenil	Sénior

Legenda: A - Velocidade, C - Saltos Horizontais, D - Saltos Horizontais, G - Provas Combinadas.

4.2.2.5.2. Iniciadas

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos quinze lugares em estudo se encontravam dez atletas (cinco surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas iniciadas. Destas:

a) uma já se encontrava, enquanto infantil e nesse mesmo período, no primeiro lugar dos *rankings*;
b) nove surgem pela primeira vez no primeiro lugar dos *rankings*. Nenhuma se encontrava simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das nove atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem nos primeiro lugar:

a) cinco no escalão juvenil. Estas encontravam-se no grupo das provas de lançamentos;
b) uma no escalão sénior. Esta encontrava-se no grupo das provas de lançamentos (*vd.* quadro 42).

Quadro 42 - Grupo das provas de lançamentos: número de atletas do escalão iniciado que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Lançamentos	9	5	1
Lançamentos + outro(s) grupo(s)	0	0	0
Outro(s) grupo(s)	–	0	0
Total	9	5	1
Obs.	Todas iniciadas	Todas juvenis	Sénior

4.2.2.5.3. Juvenis

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos quinze lugares em estudo se encontravam nove atletas (quatro surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo que duas ainda não eram juvenis. Destas:

a) três já se encontravam, enquanto iniciadas e nesse mesmo período, no primeiro lugar dos *rankings*;
b) seis surgem pela primeira vez no primeiro lugar dos *rankings*. Destas, uma encontrava-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo destas seis atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que uma surge no primeiro lugar do escalão sénior. Esta encontrava-se no grupo das provas de lançamentos (*vd.* quadro 43).

Quadro 43 - Grupo das provas de lançamentos: número de atletas do escalão juvenil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior.

Grupos de provas	Escalão juvenil	Escalão sénior
Lançamentos	5	1
Lançamentos + outro(s) grupo(s)	1 G	0
Outro(s) grupo(s)	_	0
Total	6	1
Obs.	Todas juvenis	Sénior

Legenda: G - Provas Combinadas.

4.2.2.5.4. Resultados globais

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos quarenta lugares em estudo se encontravam vinte e sete atletas (onze surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Duas atletas ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão em que concorriam.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 60% (escalão juvenil) e 80% (escalão infantil) (*vd.* figura 86).

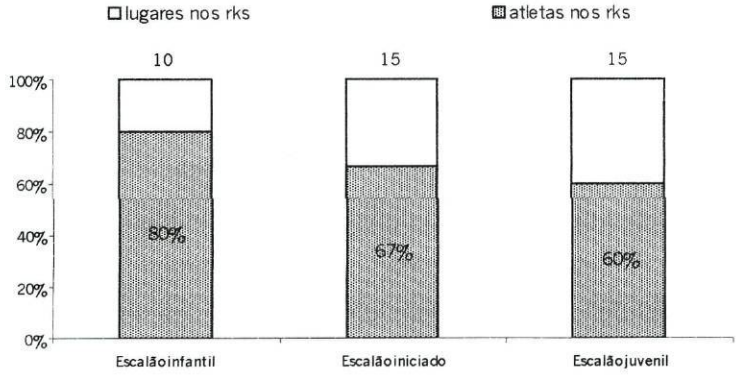


Figura 86 - Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (lançamentos)

Do total das atletas, vinte e três encontravam-se, entre 1986 e 1990, pela primeira vez no primeiro lugar dos *rankings*[5] .

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 67% (escalão juvenil) e 100% (escalão infantil) (*vd.* figura 87).

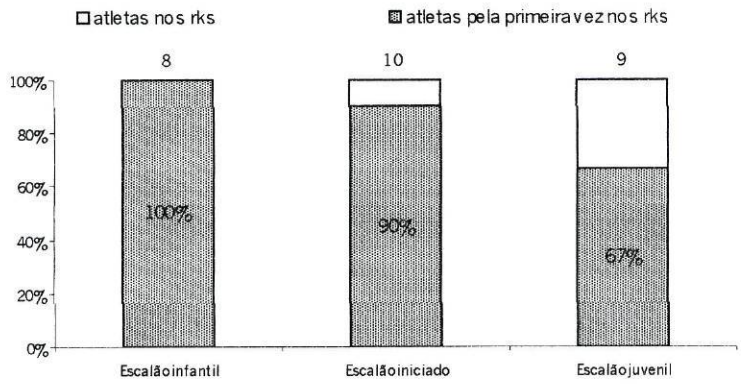


Figura 87 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (lançamentos)

Das vinte e três atletas, três encontravam-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

A taxa de presença das três atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 0% (escalão iniciado) e 25% (escalão infantil) (*vd.* figura 88).

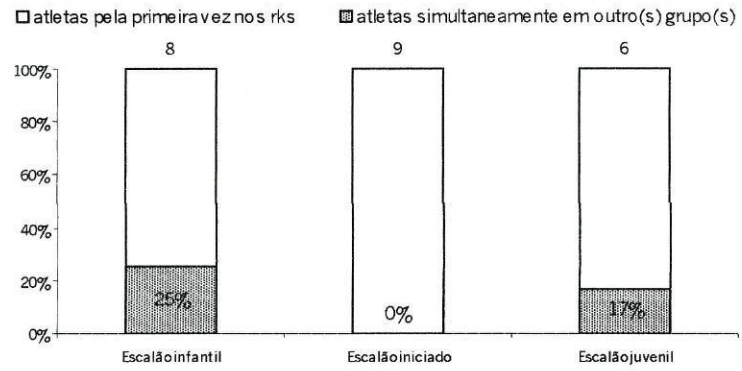


Figura 88 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação simultaneamente no grupo das provas de lançamentos e em outro(s) grupo(s)

Analisado o percurso desportivo das vinte e três atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que três surgem no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior. A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 11% (escalão iniciado) e 17% (escalão juvenil) (*vd.* figura 89).

[5] No período de tempo considerado – entre 1986 e 1990 –, as vinte e três atletas não ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões anteriores àquele em que se encontravam.

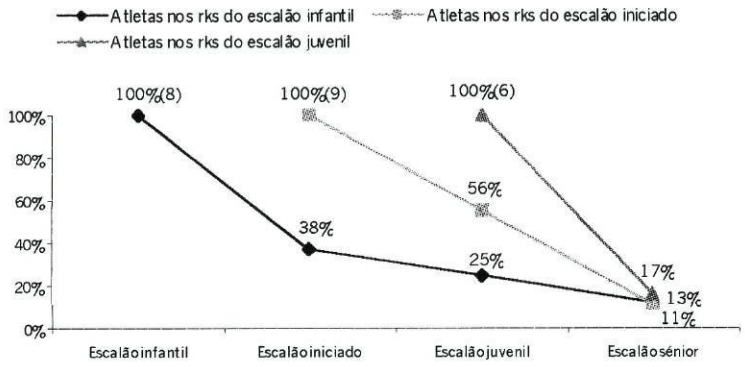


Figura 89 - Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (lançamentos): taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores

Analisado, ao nível do mesmo grupo de provas (lançamentos), o percurso desportivo das vinte e três atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que duas surgem no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 0% (escalão infantil) e 17% (escalão juvenil) (*vd.* figura 90).

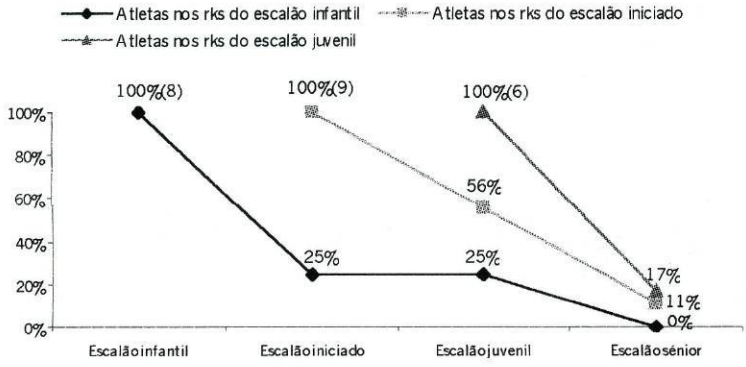


Figura 90 - Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (lançamentos): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores

4.2.2.6. MARCHA

4.2.2.6.1. Infantis

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos cinco lugares em estudo se encontravam quatro atletas (uma surgiu nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas infantis.

Neste grupo de quatro atletas, nenhuma se encontrava simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo destas quatro atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que nenhuma atleta surge no primeiro lugar dos escalões iniciado, juvenil e sénior (*vd.* quadro 44).

Quadro 44 - Grupo das provas de marcha: número de atletas do escalão infantil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão infantil	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Marcha	4	0	0	0
Marcha + outro(s) grupo(s)	0	0	0	0
Outro(s) grupo(s)	_	0	0	0
Total	4	0	0	0
Obs.	Todas infantis			

4.2.2.6.2. Iniciadas

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos cinco lugares em estudo se encontravam três atletas (duas surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas iniciadas. Nenhuma atleta se encontrava, enquanto infantil e nesse mesmo período, no primeiro lugar dos *rankings*.

Dessas três atletas, nenhuma se encontrava simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das três atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) duas no escalão juvenil. Estas encontravam-se no grupo das provas de marcha;
b) uma no escalão sénior. Esta encontrava-se no grupo das provas de marcha (*vd.* quadro 45).

Quadro 45 - Grupo das provas de marcha: número de atletas do escalão iniciado que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Marcha	3	2	1
Marcha + outro(s) grupo(s)	0	0	0
Outro(s) grupo(s)	_	0	0
Total	3	2	1
Obs.	Todas iniciadas	Ambas juvenis	Sénior

4.2.2.6.3. Juvenis

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos cinco lugares em estudo se encontravam três atletas (duas surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo que duas ainda não eram juvenis. Destas:

a) duas já se encontravam, enquanto iniciadas e nesse mesmo período, no primeiro lugar dos *rankings*;

b) uma surge pela primeira vez no primeiro lugar dos *rankings*, sendo juvenil. Esta, encontrava-se unicamente no primeiro lugar dos *rankings* deste grupo de provas.

Analisado o percurso desportivo dessa atleta nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que a mesma não surgiu no primeiro lugar do escalão sénior (*vd.* quadro 46).

Quadro 46 - Grupo das provas de marcha: número de atletas do escalão juvenil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior.

Grupos de provas	Escalão juvenil	Escalão sénior
Marcha	1	0
Marcha + outro(s) grupo(s)	0	0
Outro(s) grupo(s)	_	0
Total	1	0
Obs.	Juvenil	_

4.2.2.6.4. Resultados globais

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos quinze lugares em estudo se encontravam dez atletas (cinco surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Duas atletas ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão em que concorriam.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 60% (escalão juvenil) e 80% (escalão infantil) (*vd.* figura 91).

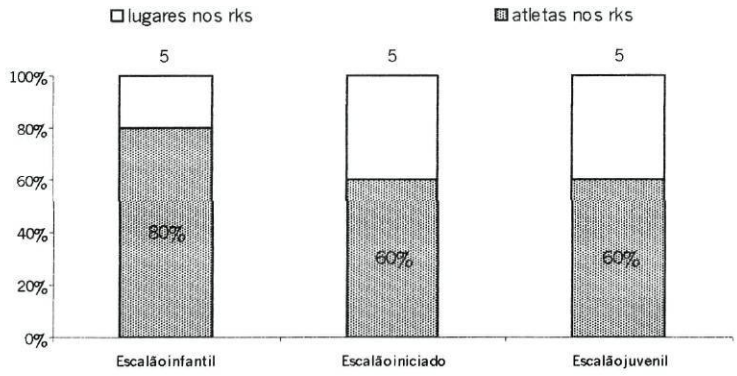


Figura 91 - Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (marcha)

Do total das atletas, oito encontravam-se, entre 1986 e 1990, pela primeira vez no primeiro lugar dos *rankings*[6].

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 33% (escalão juvenil) e 100% (escalão infantil e iniciado) (*vd.* figura 92).

[6] No período de tempo considerado – entre 1986 e 1990 –, as oito atletas não ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões anteriores àquele em que se encontravam.

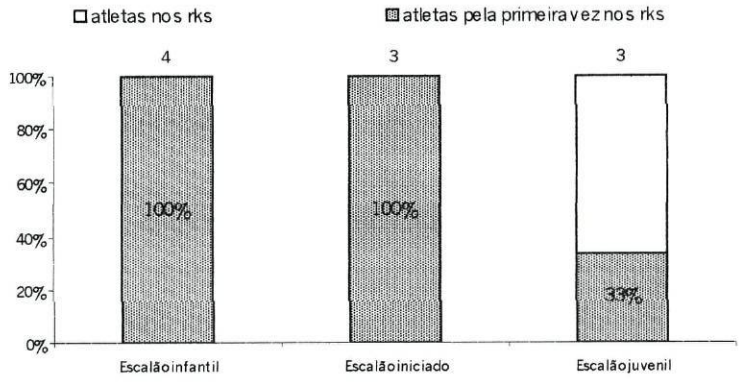


Figura 92 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (marcha)

Das oito atletas, nenhuma se encontrava simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das oito atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que uma surge no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior. A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 0% (escalão infantil e juvenil) e 33% (escalão iniciado) (*vd.* figura 93).

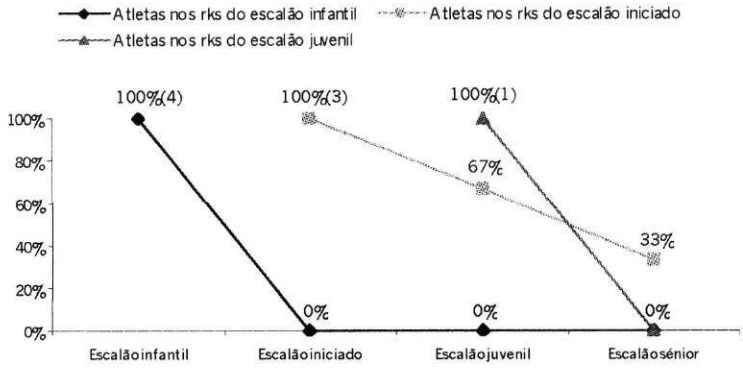


Figura 93 - Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (marcha): taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores

Analisado, ao nível do mesmo grupo de provas (marcha), o percurso desportivo das oito atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que uma surge no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 0% (escalão infantil e juvenil) e 33% (escalão iniciado) (*vd.* figura 94).

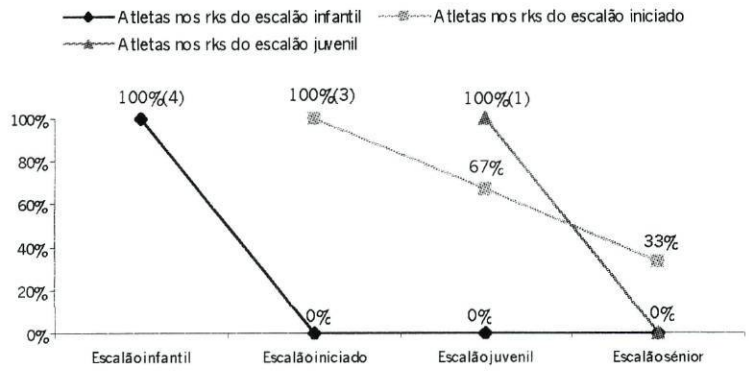


Figura 94 - Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (marcha): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores

4.2.2.7. PROVAS COMBINADAS

4.2.2.7.1. Infantis

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos quatro lugares em estudo se encontravam quatro atletas, sendo todas infantis.

Neste grupo de quatro atletas, duas encontravam-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das quatro atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) duas no escalão iniciado. Uma encontrava-se no grupo das provas combinadas e simultaneamente em outro(s) grupo(s);
b) duas no escalão juvenil. Uma encontrava-se no grupo das provas combinadas e simultaneamente em outro(s) grupo(s);
c) uma no escalão sénior. Esta atleta não se encontrava no grupo das provas combinadas (*vd.* quadro 47).

Quadro 47 - Grupo das provas combinadas: número de atletas do escalão infantil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão infantil	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Provas combinadas	2	0	0	0
Provas combinadas + outro(s) grupo(s)	2 C=2, D=2, E=1	1 D	1 A, C, E	0
Outro(s) grupo(s)	–	1 A, C, E	1 D	1 A, D
Total	4	2	2	1
Obs.	Todas infantis	Ambas iniciadas	Ambas juvenis	Sénior

Legenda: A - Velocidade, C - Saltos Verticais, D - Saltos Horizontais, E - Lançamentos.

4.2.2.7.2. Iniciadas

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos cinco lugares em estudo se encontravam quatro atletas (uma surgiu nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas iniciadas. Nenhuma se encontrava, enquanto infantil e nesse mesmo período, no primeiro lugar dos *rankings*.

Dessas quatro atletas, três encontravam-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das quatro atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) uma no escalão juvenil. Esta encontrava-se no grupo das provas combinadas e simultaneamente em outro(s) grupo(s);
b) uma no escalão juvenil. Esta encontrava-se no grupo das provas combinadas (*vd.* quadro 48).

Quadro 48 - Grupo das provas combinadas: número de atletas do escalão iniciado que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões subsequentes.

Grupos de provas	Escalão iniciado	Escalão juvenil	Escalão sénior
Provas combinadas	1	0	1
Provas combinadas + outro(s) grupo(s)	3 A=1, D=2	1 A	0
Outro(s) grupo(s)	–	0	0
Total	4	1	1
Obs.	Todas iniciadas	Juvenil	Sénior

Legenda: A - Velocidade, D - Saltos Horizontais.

4.2.2.7.3. Juvenis

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos cinco lugares em estudo se encontravam quatro atletas (uma surgiu nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas juvenis.

Nenhuma se encontrava, enquanto infantil ou iniciada e nesse mesmo período, no primeiro lugar dos *rankings*.

Dessas quatro atletas, três encontravam-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das quatro atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que uma surge no primeiro lugar do escalão sénior. Esta não se encontrava no grupo das provas combinadas (*vd.* quadro 49).

Quadro 49 - Grupo das provas combinadas: número de atletas do escalão juvenil que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior.

Grupos de provas	Escalão juvenil	Escalão sénior
Provas combinadas	1	0
Provas combinadas + outro(s) grupo(s)	3 A=1, C=1, D=1, E=1	0
Outro(s) grupo(s)	–	1 D
Total	4	1
Obs.	Todas juvenis	Sénior

Legenda: A - Velocidade, C - Saltos Verticais, D - Saltos Horizontais, E - Lançamentos.

4.2.2.7.4. Resultados globais

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos catorze lugares em estudo se encontravam doze atletas (duas surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Todas as atletas apresentavam a idade correspondente ao escalão em que concorriam.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 80% (escalão iniciado e juvenil) e 100% (escalão infantil) (*vd.* figura 95).

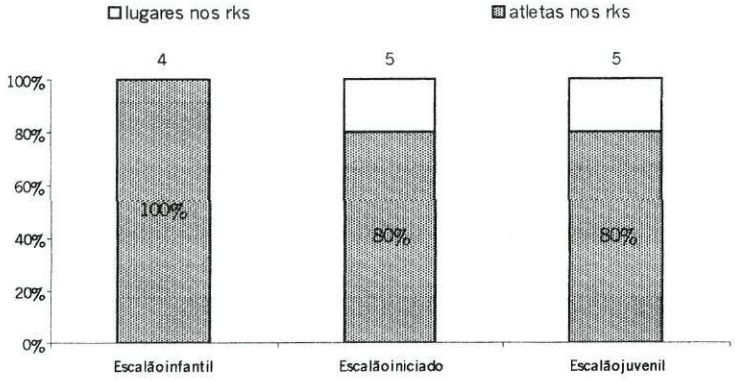


Figura 95 - Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (provas combinadas)

Todas as atletas se encontravam, entre 1986 e 1990, pela primeira vez no primeiro lugar dos *rankings*[7].

Das doze atletas, oito encontravam-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

A taxa de presença oito das atletas, nos diferentes escalões, apresenta-se compreendida entre 50% (escalão infantil) e 75% (escalão iniciado e juvenil) (*vd.* figura 96).

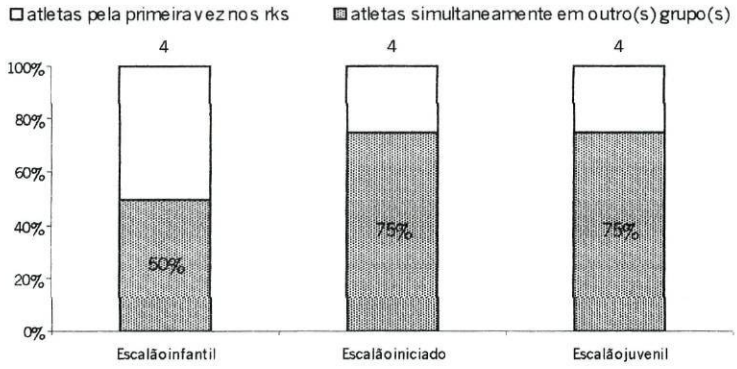


Figura 96 - Taxa de atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação simultaneamente no grupo das provas combinadas e em outro(s) grupo(s)

[7] No período de tempo considerado – entre 1986 e 1990 –, nenhuma destas atletas ocupou o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões anteriores àquele em que se encontravam.

Analisado o percurso desportivo das doze atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que três surgem no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior. A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se nos 25% (escalão infantil, iniciado e juvenil) (*vd.* figura 97).

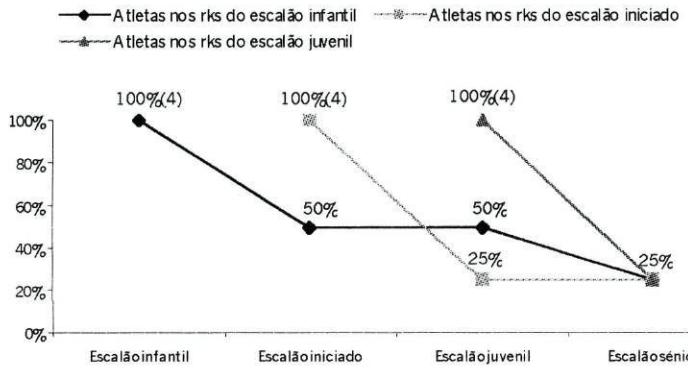


Figura 97 - Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (provas combinadas): taxa de atletas que viriam a ocupar o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores

Analisado, ao nível do mesmo grupo de provas (provas combinadas), o percurso desportivo das doze atletas nos *rankings* dos escalões superiores até ao ano 2000, verificámos que uma surge no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior.

A taxa de presença das atletas no escalão sénior, apresenta-se compreendida entre 0% (escalão infantil e juvenil) e 25% (escalão iniciado) (*vd.* figura 98).

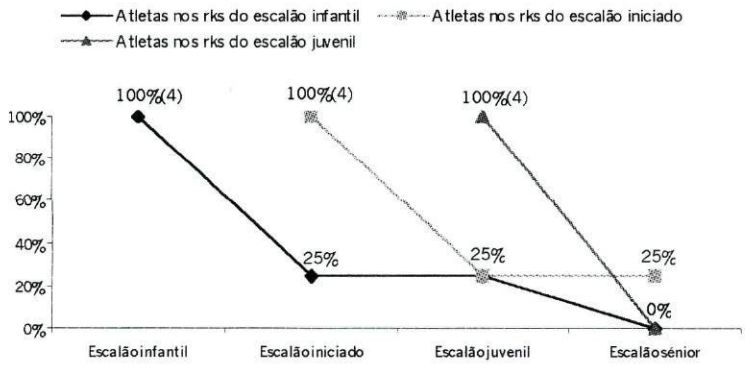


Figura 98 - Primeiro lugar dos *rks* dos escalões de formação (provas combinadas): taxa de atletas que viriam a ocupar, no mesmo grupo, o primeiro lugar dos *rks* dos escalões superiores

4.3. DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS

4.3.1. Caracterização dos *rankings* dos diferentes grupos de provas

4.3.1.1. Atletas que se encontravam nos *rankings*

Após o levantamento do número de atletas, relacionámo-lo com o número total de lugares em estudo. As taxas de presença situavam-se em 68% (escalão infantil), 60% (escalão iniciado) e 50% (escalão juvenil).

Como se constata, à medida que o escalão em estudo é superior, menor é a taxa de presença das atletas que se encontravam no primeiro lugar.

A diminuição das taxas de presença proporcionalmente à subida dos escalões é mais notória no grupo das provas de velocidade[8]. Com uma tendência descendente menos pronunciada, encontramos nos escalões de formação, as provas combinadas[9].

A interpretação realizada no primeiro estudo para resultados similares a estes, parece tornar inteligível este resultado (*cf.* sub-capítulo 3.3.1.1.).

4.3.1.2. Atletas que ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão em que se encontravam nos *rankings*

Analisadas as idades das atletas em estudo, verifica-se que 0% (escalão infantil), 1% (escalão iniciado) e 4% (escalão juvenil), ainda não apresentam a idade correspondente ao escalão em que se encontravam nos *rankings*.

Embora com uma tendência crescente, os valores registados revelam-se baixos. Em nossa opinião, parece-nos ajustado. É necessário não esquecer que cada escalão etário invoca processos pedagógicos-didácticos especiais e orientações metodológicas específicas, quer na organização e orientação/direcção do treino, quer no âmbito da competição (Vieira *et al.*, 1999). Assim, os jovens devem competir e comparar-se dentro do seu escalão.

Observando os resultados obtidos em cada grupo de provas, verifica-se que a taxa se encontra compreendida:

a) no escalão iniciado, entre 0% (todos os grupos excepto saltos verticais) e 20% (saltos verticais);
b) no escalão juvenil, entre 0% (velocidade, saltos verticais, saltos horizontais e provas combinadas) e 67% (marcha).

A ocorrência de atletas com idades inferiores à idade correspondente ao escalão em que se encontravam é mais evidente nos grupos das provas de saltos verticais (escalão iniciado) e de marcha (escalão juvenil).

A interpretação realizada no primeiro estudo para resultados similares a estes, parece explicar este resultado (*cf.* sub-capítulo 3.3.1.2.).

4.3.1.3. Atletas que se encontravam nos *rankings* pela primeira vez

Em relação à taxa das atletas que se encontravam nos *rankings* pela primeira vez, o seu valor era de 100% (escalão infantil), 92% (escalão iniciado) e 74% (escalão juvenil).

Como se constata, apenas uma reduzida parte das atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões iniciado e juvenil dos diferentes grupos de provas, entre 1986 e 1990, já haviam ocupado esse lugar nos *rankings* dos escalões anteriores. No escalão infantil essa ocorrência

[8] Escalão infantil – 90%; escalão iniciado – 73%; escalão juvenil – 56%.
[9] Escalão infantil – 100%; escalão iniciado – 80%; escalão juvenil – 80%.

não se verifica pelo facto de não existirem *rankings* formalizados para o escalão precedente ao escalão infantil (benjamins).

Analisados os resultados obtidos em cada grupo de provas, verifica-se que estas taxas se encontram compreendidas:

a) no escalão iniciado, entre 60% (saltos verticais) e 100% (meio-fundo e fundo, saltos horizontais, marcha e provas combinadas);
b) no escalão juvenil, entre 33% (marcha) e 100% (saltos verticais, saltos horizontais e provas combinadas).

Uma vez mais se verifica que a renovação das atletas nos *rankings* dos escalões de formação não se processa de igual modo nos diferentes grupos de provas. Ademais, não segue nenhum critério, o que nos leva a supor ser fruto de uma circunstância/situação conjuntural.

4.3.1.4. Atletas que se encontravam simultaneamente nos *rankings* de dois ou mais grupos de provas

Relativamente às atletas que ocupavam o primeiro lugar, pela primeira vez, verificámos que algumas se encontravam simultaneamente em dois ou mais grupos de provas. As taxas situavam-se em 13% (escalão infantil), 9% (escalão iniciado) e 38% (escalão juvenil).

Os valores registados nos escalões infantil e iniciado deixam antever uma acentuada especialização das atletas, o que poderá revelar-se preocupante. Todavia, partindo do pressuposto de que o processo de especialização é crescente em cada escalão desportivo (*cf.* quadro 1, revisão da literatura), não deixa de ser curioso o valor registado no escalão juvenil. Este resultado aponta no sentido de um considerável número de atletas não se revelar um talento específico mas sim genérico.

Quando se analisam os resultados obtidos nos diferentes grupos de provas, verifica-se que em todos os escalões esses valores são mais baixos no grupo das provas de marcha. De realçar também os baixos valores apurados nos grupos das provas de lançamentos e de meio-fundo e fundo[10].

Na situação oposta encontram-se, em todos os escalões, os grupos das provas combinadas e de saltos horizontais[11].

A interpretação realizada no primeiro estudo para resultados similares a estes, parece tornar inteligível este resultado (*cf.* sub-capítulo 3.3.1.4.).

4.3.2. Percurso das atletas que se encontravam pela primeira vez no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões de formação, entre 1986 e 1990

Analisado nos *rankings* o percurso das atletas em estudo, verifica-se que 6% (escalão infantil), 12% (escalão iniciado) e 35% (escalão juvenil) surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior.

Observando os valores registados, constata-se que apenas uma minoria de entre as atletas dos escalões de formação surgiu no primeiro lugar do escalão sénior. O seu número é tanto menor quanto mais baixo é o escalão.

Com efeito, podemos inferir em relação às atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões infantil e iniciado, durante os anos 1986 e 1990, que a quase totalidade não conseguiu confirmar no escalão sénior, pelo menos com o mesmo nível, o sucesso evidenciado nos escalões de formação. Todavia, no escalão juvenil, observa-se que uma boa parte das atletas (35%) consegue impor-se no escalão sénior. Esta constatação observada em atletas do sexo feminino, permite afirmar que neste escalão já começa a ser visível, com alguma segurança, a tendência futura em termos

[10] **Marcha: escalão infantil – 0%; escalão iniciado – 0%; escalão juvenil – 0%. Lançamentos: escalão infantil – 25%; escalão iniciado – 0%; escalão juvenil – 17%. Meio-fundo e fundo: escalão infantil – 0%; escalão iniciado – 0%; escalão juvenil – 20%.**

[11] **Provas combinadas: escalão infantil – 50%; escalão iniciado – 75%; escalão juvenil – 75%. Saltos horizontais: escalão infantil – 60%; escalão iniciado – 100%; escalão juvenil – 100%.**

de rendimento – uma boa juvenil irá resultar numa boa sénior. No entanto, há que ressalvar que essa tendência poderá não ser igual em todas as disciplinas.

De facto, ser o melhor nos escalões de formação, particularmente nos infantis e iniciados, não oferece garantias de se ser o melhor quando adulto.

Na opinião de Raposo (1989), nas idades jovens a obtenção de resultados notáveis como consequência de cargas de treino desajustadas à idade do praticante (super-treino), conduz a uma futura incapacidade de criar novas adaptações funcionais, levando, na maior parte das vezes, o praticante ao abandono. A este respeito, Lima (1990) sugere que a dinamização do desporto infantil não se deve orientar para a obtenção de campeões, já que esse é o objectivo fundamental das competições organizadas pelo desporto dos adultos.

Por conseguinte, fica claro que para a obtenção da excelência do rendimento em adulto, não basta possuir elevadas capacidades/habilidades (ser-se o melhor) enquanto jovem, mas sim algo mais. Neste caso, será interessante em futuros estudos averiguar-se quais os pré-requisitos necessários para a obtenção de sucesso na idade adulta e qual o nível do seu contributo.

4.3.2.1. Análise nos diferentes grupos de provas

Analisado comparativamente nos *rankings* de cada grupo de provas o percurso das atletas em estudo, verifica-se que a taxa das atletas que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior está compreendida entre 7% (meio-fundo e fundo) e 39% (saltos verticais).

Em particular, os valores encontram-se compreendidos:

a) no escalão infantil, entre 0% (meio-fundo e fundo e marcha) e 33% (saltos verticais);
b) no escalão iniciado, entre 0% (meio-fundo e fundo e saltos horizontais) e 33% (saltos verticais e marcha);
c) no escalão juvenil, entre 0% (marcha) e 67% (saltos horizontais).

Estes dados permitem-nos inferir que o percurso nos *rankings* das atletas em estudo se revela diferente para cada grupo de provas e para cada escalão. O significado de rendimento na idade jovem traduziu-se de forma diferente no escalão sénior.

A maioria das atletas dos escalões de formação não surgiu no primeiro lugar do escalão sénior. As excepções verificam-se no escalão juvenil, nos grupos das provas de velocidade, saltos verticais e saltos horizontais.

Assim sendo, confirma-se que em todos os grupos de provas, particularmente nos escalões infantil e iniciado, apenas uma minoria das atletas conseguiu confirmar até ao ano 2000 o nível de sucesso obtido nos escalões de formação.

O grupo das provas de meio-fundo e fundo surge nos escalões infantil e iniciado com os resultados mais baixos (0%). Nenhuma das atletas deste grupo de provas ocuparia o primeiro lugar no escalão sénior. Atendendo às características deste grupo de provas, supomos que este resultado poderá ser consequência de um acentuado nível de especialização imposto na preparação das atletas durante os escalões infantil e iniciado. Esta circunstância poderá ter condicionado, consequentemente, o rendimento das mesmas nos escalões superiores.

Não obstante, também é de considerar, face ao elevado nível do meio-fundo e fundo português, que não é tarefa fácil aceder ao primeiro lugar[12]. Por outro lado, o facto de as adaptações provenientes do treino da resistência demorarem alguns anos a estabelecer-se, poderá também ter reflexos neste resultado.

Garcia e Rolim (1994), numa pesquisa realizada no âmbito das disciplinas de meio-fundo e fundo do atletismo, já haviam alertado para a discrepância entre o sucesso nos escalões de formação e o êxito no escalão sénior (*cf.* revisão da literatura, pág. 57).

Na situação oposta ao grupo de provas de meio-fundo e fundo encontramos os saltos verticais (33%). Se atendermos ao facto de este grupo de provas, aquando do primeiro estudo (primeiros cinco

[12] **O elevado nível das atletas Carla Sacramento e Fernanda Ribeiro tem resultado na sua presença assídua no primeiro lugar dos *rankings* deste grupo de provas, nos últimos anos. Com efeito, torna-se difícil em situações normais a ocupação deste lugar por parte de hipotéticas candidatas.**

lugares), ter apresentado a segunda maior taxa, então os valores aqui obtidos permitem reforçar que, neste grupo, a formação desportiva foi delineada denotando preocupação com os resultados a prazo. Ademais, o facto de a base de rendimento deste grupo de provas ser essencialmente tecnico-coordenativa e não exclusivamente condicional, poderá favorecer a ocorrência deste resultado.

No escalão juvenil, o grupo das provas de marcha apresenta a taxa mais baixa (0%). Face à taxa registada no primeiro estudo (0%), outros valores não seriam de esperar. Assim sendo, a fundamentação apresentada nessa análise é também passível de explicar este resultado (*cf.* sub-capítulo 3.3.2.1.).

Em contraposição ao grupo das provas de marcha, encontra-se o grupo das provas de saltos horizontais, em 67% das atletas surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior .

Embora não disponhamos de informações sobre o passado desportivo das atletas em estudo, o facto de estas se encontrarem simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas, poderá indiciar que a sua formação desportiva foi pautada pela multilateralidade de conteúdos. Com efeito, não subestimando o talento individual de cada atleta e outros eventuais factores, a sua formação multilateral poderá, provavelmente, estar na origem deste resultado.

De facto, a prática multilateral em idades jovens parece, uma vez mais, encaminhar para resultados mais consistentes.

4.3.2.1.1. Atletas que surgiram nos *rankings* do escalão sénior, no mesmo grupo de provas

Analisado o percurso no mesmo grupo de provas, verifica-se que a taxa das atletas que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior está compreendida entre 7% (meio-fundo e fundo) e 28% (saltos verticais).

Os resultados mais baixos continuam a registar-se no grupo das provas de meio-fundo e fundo. A fundamentação expressa anteriormente (*cf.* sub-capítulo 4.3.2.1.), em nossa opinião, parecem adequar-se aos resultados aqui considerados.

Com resultados mais elevados encontra-se o grupo das provas de saltos verticais. Pensamos que as características deste grupo de provas, as quais favorecem uma maior variedade do treino, poderão ter contribuido para este resultado. Este, aponta no sentido de que a formação desportiva terá sido delineada e concretizada numa perspectiva a longo prazo, em especial quando comparada com os restantes grupos de provas.

Embora algumas taxas registadas nesta análise continuem a ser inferiores comparativamente às taxas registadas quando o grupo de provas não foi considerado, a percentagem é menor em relação à verificada na análise realizada no primeiro estudo. Nos grupos das provas de meio-fundo e fundo e marcha essas taxas são iguais em todos os escalões. Estes resultados parecem reforçar, uma vez mais, o pressuposto segundo o qual as características destes grupos de provas favorecem uma prática quase exclusiva dos mesmos.

Em particular, os valores encontram-se compreendidos:

a) no escalão infantil, entre 0% (todos os grupos de provas, excepto saltos horizontais) e 20% (saltos horizontais);
b) no escalão iniciado, entre 0% (meio-fundo e fundo e saltos horizontais) e 33% (saltos verticais e marcha);
c) no escalão juvenil, entre 0% (marcha e provas combinadas) e 50% (saltos verticais).

Uma vez mais se verifica que o percurso nos *rankings* das atletas em estudo se revela diferente para cada grupo de provas e para cada escalão.

Estas taxas são inferiores comparativamente às taxas registadas quando o grupo de provas não foi considerado. Ressalvem-se as excepções, dignas de registo, observadas nos grupos das provas de meio-fundo e fundo e marcha. Estes resultados parecem reforçar o pressuposto segundo o qual as características destes grupos de provas favorecem uma prática quase exclusiva dos mesmos. O facto de não requererem grandes condições de treino (recursos materiais, *etc.*), permitirem o treino em conjunto (correr/marchar em grupo) e não exigirem, numa primeira fase, grandes conhecimentos teóricos dos

treinadores, poderá contribuir para essa exclusividade. Ademais, em relação ao meio-fundo e fundo, é de acrescentar o elevado número de competições existentes para todos os escalões ao longo do ano e um grande número de prémios para os vencedores.

Conquanto existam algumas diferenças, no geral, os resultados obtidos na análise do primeiro lugar apresentam uma considerável similitude com os valores registados no primeiro estudo (*cf.* sub-capítulo 3.3.2.1.1.).

5 ESTUDO TRÊS

Atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões de formação, entre 1986 e 1990, e que obtiveram, quando seniores, "mínimos" para participação em CE, CM e JO

5.1. METODOLOGIA

5.1.1. Amostra

Amostra idêntica à do primeiro estudo (*cf.* sub-capítulo 3.1.1.).

5.1.2. Procedimento de análise dos dados

Determinada a amostra e introduzido na base de dados o percurso nos *rankings* das atletas consideradas, registámos em cada grupo de provas e para cada escalão o número de atletas que obtiveram até ao ano 2000 "mínimos" para participação em campeonatos internacionais (CE, CM e JO).

Posteriormente, procurámos avançar explicações para os resultados por nós apresentados.

5.2. RESULTADOS

5.2.1. POR ESCALÃO

5.2.1.1. Infantil

Das cento e trinta e duas atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos diferentes grupos de provas, entre 1986 a 1990, apenas uma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitiram participar em campeonatos internacionais.

5.2.1.2. Iniciado

Das cento e treze atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos diferentes grupos de provas, entre 1986 a 1990, apenas duas obtiveram, quando seniores, "mínimos" que lhes permitiram participar em campeonatos internacionais.

5.2.1.3. Juvenil

Das oitenta e quatro atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos diferentes grupos de provas, entre 1986 a 1990, oito obtiveram, quando seniores, "mínimos" que lhes permitiram participar em campeonatos internacionais.

5.2.2. POR GRUPO DE PROVAS

5.2.2.1. VELOCIDADE

5.2.2.1.1. Infantis

Das quarenta atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão infantil do grupo das provas de velocidade, entre 1986 a 1990, apenas uma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitiram participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.1.2. Iniciadas

Das trinta e três atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão iniciado do grupo das provas de velocidade, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.1.3. Juvenis

Das trinta e três atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão juvenil do grupo das provas de velocidade, entre 1986 a 1990, cinco obtiveram, quando seniores, "mínimos" que lhes permitiram participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.1.4. Resultados globais

Das cento e seis atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões de formação do grupo das provas de velocidade, entre 1986 a 1990, seis obtiveram, quando seniores, "mínimos" que lhes permitiram participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

A taxa de atletas dos diferentes escalões que obtiveram "mínimos", apresenta-se compreendida entre 0% (escalão iniciado) e 15% (escalão juvenil) (*vd.* figura 99).

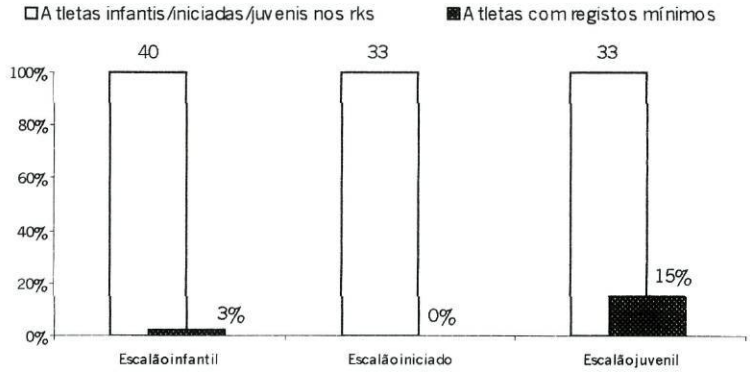


Figura 99 - Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (velocidade): taxa de atletas que viriam a obter, quando seniores, "mínimos" para participação em campeonatos internacionais

5.2.2.2. MEIO-FUNDO E FUNDO

5.2.2.2.1. Infantis

Das vinte atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão infantil do grupo das provas de meio-fundo e fundo, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.2.2. Iniciadas

Das dezanove atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão iniciado do grupo das provas de meio-fundo e fundo, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.2.3. Juvenis

Das vinte e uma atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão juvenil do grupo das provas de meio-fundo e fundo, entre 1986 a 1990, três obtiveram, quando seniores, "mínimos" que lhes permitiram participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.2.4. Resultados globais

Das sessenta atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões de formação do grupo das provas de meio-fundo e fundo, entre 1986 a 1990, três obtiveram, quando seniores, "mínimos" que lhes permitiram participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

A taxa de atletas dos diferentes escalões que obtiveram "mínimos", apresenta-se compreendida entre 0% (escalão infantil e iniciado) e 14% (escalão juvenil) (*vd.* figura 100).

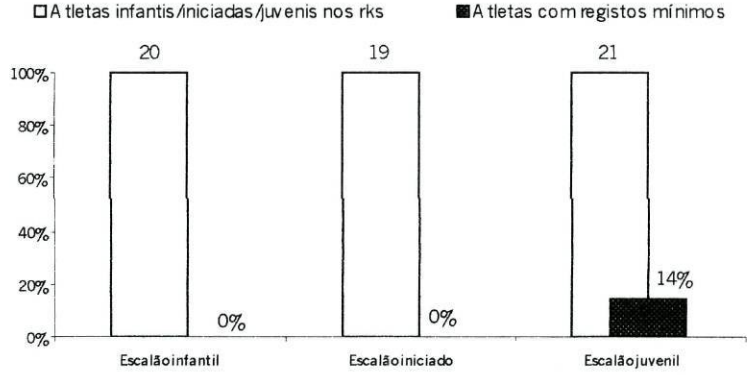


Figura 100 - Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (meio-fundo e fundo): taxa de atletas que viriam a obter, quando seniores, "mínimos" para participação em campeonatos internacionais

5.2.2.3. SALTOS VERTICAIS

5.2.2.3.1. Infantis

Das dezoito atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão infantil do grupo das provas de saltos verticais, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.3.2. Iniciadas

Das treze atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão iniciado do grupo das provas de saltos verticais, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.3.3. Juvenis

Das nove atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão juvenil do grupo das provas de saltos verticais, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando seniores, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.3.4. Resultados globais

Das quarenta atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões de formação do grupo das provas de saltos verticais, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.4. GRUPO DAS PROVAS DE SALTOS HORIZONTAIS

5.2.2.4.1. Infantis

Das vinte e duas atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão infantil do grupo das provas de saltos horizontais, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.4.2. Iniciadas

Das treze atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão iniciado do grupo das provas de saltos horizontais, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.4.3. Juvenis

Das oito atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão juvenil do grupo das provas de saltos horizontais, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando seniores, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.4.4. Resultados globais

Das quarenta e três atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões de formação do grupo das provas de saltos horizontais, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.5. GRUPO DAS PROVAS DE LANÇAMENTOS

5.2.2.5.1. Infantis

Das trinta e nove atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão infantil do grupo das provas de velocidade, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.5.2. Iniciadas

Das trinta e uma atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão iniciado do grupo das provas de velocidade, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.5.3. Juvenis

Das vinte e duas atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão juvenil do grupo das provas de lançamentos, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.5.4. Resultados globais

Das noventa e duas atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões de formação do grupo das provas de lançamentos, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.6. GRUPO DAS PROVAS DE MARCHA

5.2.2.6.1. Infantis

Das quarenta atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão infantil do grupo das provas de velocidade, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.6.2. Iniciadas

Das catorze atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão iniciado do grupo das provas de velocidade, entre 1986 a 1990, apenas uma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitiram participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.6.3. Juvenis

Das seis atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão juvenil do grupo das provas de marcha, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.6.4. Resultados globais

Das quarenta e uma atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões de formação do grupo das provas de marcha, entre 1986 a 1990, apenas uma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitiram participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

A taxa de atletas dos diferentes escalões que obtiveram "mínimos", apresenta-se compreendida entre 0% (escalão infantil e juvenil) e 7% (escalão iniciado) (*vd.* figura 101).

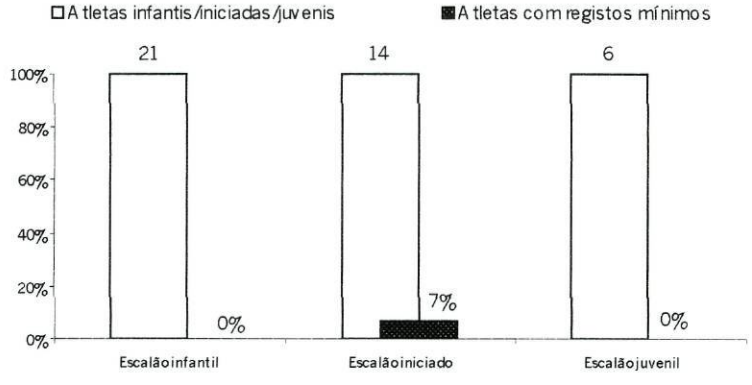


Figura 101 - Primeiros cinco lugares dos *rks* dos escalões de formação (marcha): taxa de atletas que viriam a obter, quando seniores, "mínimos" para participação em campeonatos internacionais

5.2.2.7. GRUPO DAS PROVAS COMBINADAS

5.2.2.7.1. Infantis

Das dezassete atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão infantil do grupo das provas de velocidade, entre 1987 a 1990, nenhuma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.7.2. Iniciadas

Das treze atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão iniciado do grupo das provas combinadas, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.7.3. Juvenis

Das treze atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão juvenil do grupo das provas combinadas, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.2.2.7.4. Resultados globais

Das trinta e sete atletas que se encontravam pela primeira vez nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões de formação do grupo das provas de marcha, entre 1986 a 1990, nenhuma obteve, quando sénior, "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

5.3. DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS

Analisado o percurso desportivo das atletas em estudo (primeiros cinco lugares) verifica-se que 1% (escalão infantil), 2% (escalão iniciado) e 10% (escalão juvenil) obtiveram, quando seniores e até ao ano 2000, "mínimos" para participação em campeonatos internacionais.

Comparando estes resultados com os obtidos no primeiro estudo[1], constata-se que os mesmos são inferiores. De facto, apenas uma reduzida parte das atletas que surgiu entre as melhores seniores nacionais se notabilizou a nível internacional.

Face a este quadro, estes dados permitem apontar para a existência de uma considerável discrepância entre o nível de rendimento das melhores atletas lusas e o das atletas internacionais. Para figurar entre as melhores internacionais não é apenas suficiente destacar-se entre as melhores a nível nacional. São poucas as atletas que surgiram entre as melhores internacionais. Por conseguinte, para uma melhor compreensão destes dados, será interessante, em futuros estudos, procurar compreender quais os pré-requisitos necessários à obtenção de "mínimos" para participação em campeonatos internacionais.

Analisando comparativamente em cada grupo de provas a taxa de atletas que obtiveram "mínimos" verifica-se que nos grupos das provas de saltos verticais, saltos horizontais, lançamentos e provas combinadas nenhuma atleta os obteve. Nos restantes grupos, as taxas são de 6% na velocidade, 5% no meio-fundo e fundo e 2% na marcha.

Como se constata, na maioria dos grupos de provas nenhuma atleta obteve "mínimos". Ademais, são baixas as taxas verificadas nos grupos em que os obtiveram, sendo isso particularmente preocupante nas disciplinas técnicas de saltos e lançamentos. Aliás, assinale-se que até ao ano 2000, nos grupos das provas de saltos verticais e provas combinadas ainda não tinham surgido representantes em provas internacionais. Nos restantes grupos de provas essa representação tem sido muito baixa.

Centrando a atenção sobre cada escalão em particular, é no escalão juvenil, no grupo das provas de velocidade e meio-fundo e fundo, que se registam as taxas mais elevadas, 15% e 14% respectivamente. Como se verifica, neste escalão e especialmente nestes grupos de provas, já começa a ser visível a tendência futura em termos de obtenção de êxito a nível internacional.

Estes resultados levantam algumas questões. Serão estes resultados fruto do acaso? O que motiva estes baixos resultados? Serão favorecidas determinadas disciplinas em detrimento de outras? Enquanto não nos debruçarmos sobre estas questões, entre outras, não poderemos compreender a razão destes fracos resultados.

Com efeito, os resultados obtidos reportam-nos para uma significante discrepância entre a eficácia do processo de formação desportiva em Portugal e em outros países. Este desfasamento remete-nos para segundo plano a nível internacional, em consequência da fraca representatividade das atletas nacionais em provas além-fronteiras.

Se ambicionamos obter sucesso a nível internacional, é urgente estudar as causas que motivaram a actual "crise" de valores internacionais, para que esta realidade seja alterada.

[1] Relembre-se: 11%(escalão infantil), 13% (escalão iniciado) e 26% (escalão juvenil) surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

6 ESTUDO QUATRO

Atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares do escalão sénior, entre os anos de 1996 a 2000 *inclusive*

6.1. METODOLOGIA

6.1.1. Amostra

A amostra foi constituída pela totalidade das atletas do sexo feminino (cento e dezoito) que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* nacionais de atletismo das diferentes provas de pista (*vd.* apêndice III) no escalão sénior, entre 1996 e 2000.

6.1.2. Procedimento de análise dos dados

Procedimento similar ao do primeiro estudo (*cf.* sub-capítulo 3.1.2.).

Todavia, em virtude de não dispormos de *rankings* anteriores ao ano 1981 e pelo facto de existirem atletas que, pela longevidade da sua carreira desportiva, eventualmente poderiam ter figurado nos primeiros cinco lugares dos *rankings* nacionais anteriores a este ano, contactámo-las telefonicamente para confirmar se o mesmo se tinha verificado. Em nenhum caso se verificou tal ocorrência.

No escalão sénior e em cada grupo de provas, procurámos analisar o número de atletas que:

a) se encontravam nos lugares em estudo;
b) ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão sénior ;
c) se encontravam simultaneamente em dois ou mais grupos de provas;
d) surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões de formação (juvenil, iniciado e infantil);
e) surgiram, no mesmo grupo de provas, nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões de formação (juvenil, iniciado e infantil).

Posteriormente, procurámos avançar explicações para os resultados por nós apresentados.

6.2. RESULTADOS

Analisados os *rankings* entre 1996 e 2000, verificámos que nos quatrocentos e setenta e cinco lugares em estudo se encontravam cento e dezoito atletas (oitenta e três surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo que trinta e quatro ainda não apresentavam a idade correspondente a esse escalão.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes grupos de provas, apresenta valores compreendidos entre 26% (velocidade) e 40% (provas combinadas). A média é 32% (*vd.* figura 102).

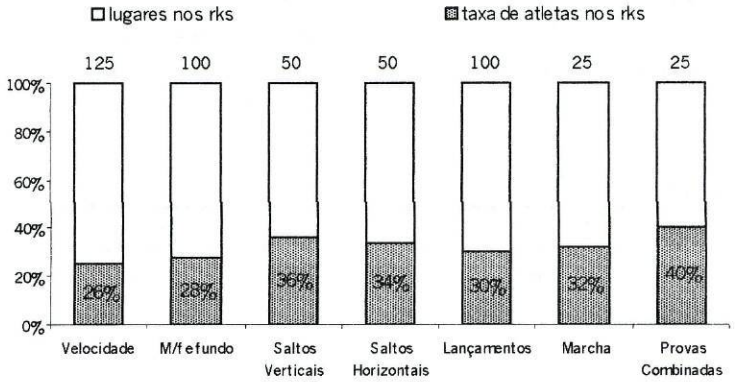


Figura 102 - Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* dos diferentes grupos de provas do escalão sénior

Neste grupo de cento e dezoito atletas, dezasseis encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes grupos de provas, está compreendida entre 0% (marcha) e 70% (provas combinadas). A média é 31% (*vd.* figura 103).

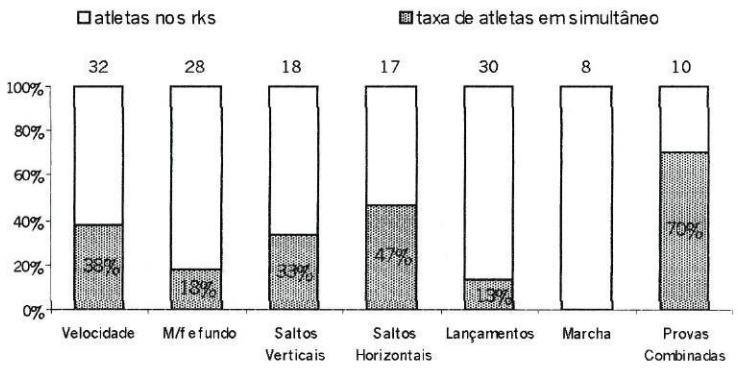


Figura 103 - Taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão sénior, simultaneamente em dois ou mais grupos de provas

Analisado o percurso desportivo das cento e dezoito atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) oitenta e sete no escalão juvenil – trinta e seis encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas;
b) cinquenta e nove no escalão iniciado – vinte e oito encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas;
c) vinte e seis no escalão infantil – nove encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas (*vd.* quadro 50).

Quadro 50 - Escalão sénior: número de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
Unicamente num grupo	102	51	31	17
Simultaneamente em dois ou mais grupos	16	36	28	9
Total	118	87	59	26
Obs.	82 seniores 36 não seniores			

A taxa de presença das cento e dezoito atletas, nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões de formação – juvenil, iniciado e infantil – dos diferentes grupos de provas, está compreendida:
a) para o escalão juvenil, entre 50% (marcha) e 100% (saltos horizontais). A média é 76%;
b) para o escalão iniciado, entre 32% (meio-fundo e fundo) e 88% (saltos horizontais). A média é 57%;
c) para o escalão infantil, entre 7% (meio-fundo e fundo) e 50% (provas combinadas). A média é 29% (*vd.* figura 104).

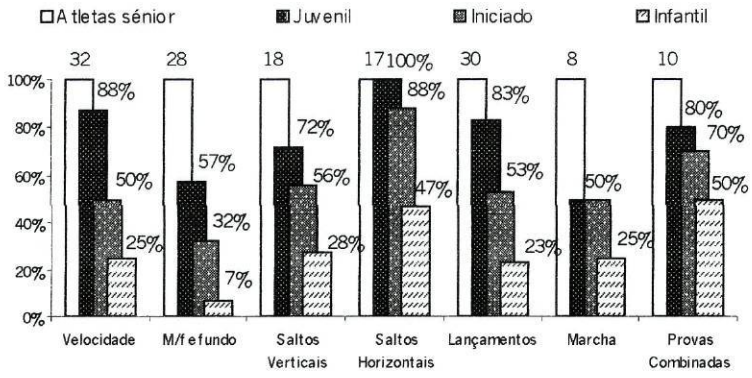


Figura 104 - Primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão sénior: taxa de atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão juvenil, iniciado e infantil

Ao nível do mesmo grupo de provas, a taxa de presença das cento e dezoito atletas, está compreendida:

a) para o escalão juvenil, entre 50% (meio-fundo e fundo e marcha) e 94% (saltos horizontais). A média é 69%;
b) para o escalão iniciado, entre 32% (meio-fundo e fundo) e 71% (saltos horizontais). A média é 52%;
c) para o escalão infantil, entre 7% (meio-fundo e fundo) e 35% (provas combinadas). A média é 22% (*vd.* figura 105).

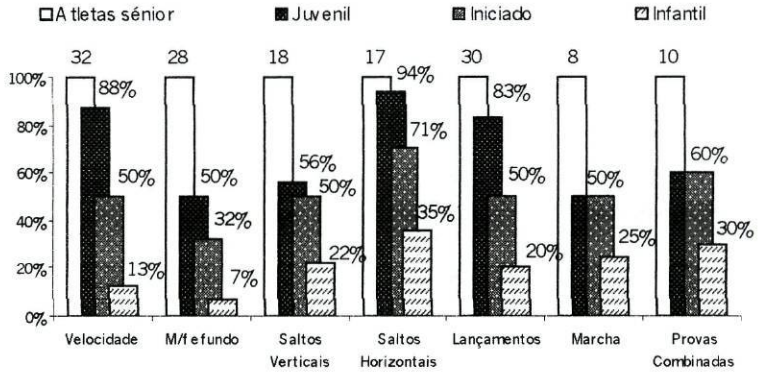


Figura 105 - Primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão sénior: taxa de atletas que se encontravam, no mesmo grupo de provas, nos primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão juvenil, iniciado e infantil

6.2.1. POR GRUPOS DE PROVAS

6.2.1.1. VELOCIDADE

Analisados os *rankings* do grupo das provas de velocidade (100m, 200m, 400m, 100m barreiras e 400m barreiras) entre 1996 e 2000, verificámos que nos cento e vinte cinco lugares em estudo se encontravam trinta e duas atletas (vinte e seis surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Cinco atletas ainda não eram seniores.

Neste grupo de trinta e duas atletas, doze encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das trinta e duas atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) vinte e oito no escalão juvenil. Todas as atletas se encontravam no grupo das provas de velocidade – destas, dezassete encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;
b) dezasseis no escalão iniciado. Todas as atletas se encontravam no grupo das provas de velocidade – destas, catorze encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;
c) oito no escalão infantil. Quatro encontravam-se no grupo das provas de velocidade – destas, três encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas (*vd.* quadro 51).

Quadro 51 - Grupo das provas de velocidade: número de atletas do escalão sénior que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
Velocidade	20	11	2	1
Velocidade + outro(s) grupo(s)	12 B=5, C=3, D=7, E=1, G=4	17 B=5, C=2, D=10, E=1, G=6	14 B=3, C=4, D=7, E=2, G=8	3 C=1, D=3, E=1, G=1
Outro(s) grupo(s)	_	0	0	4 B=1, C=1, D=2
Total	32	28	16	8
Obs.	27 seniores 5 não seniores			

Legenda: B - Meio/Fundo e Fundo, C - Saltos Verticais, D - Saltos Horizontais, E - Lançamentos, G - Provas Combinadas.

6.2.1.2. MEIO-FUNDO E FUNDO

Analisados os *rankings* do grupo das provas de meio-fundo e fundo (800m, 1500m, 5000m e 10000m) entre 1996 e 2000, verificámos que nos cem lugares em estudo se encontravam vinte e oito atletas (dezoito surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Uma atleta ainda não era sénior.

Neste grupo de vinte e oito atletas, cinco encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das vinte e oito atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) dezasseis no escalão juvenil. Catorze encontravam-se no grupo das provas de meio-fundo e fundo – destas, seis encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;

b) nove no escalão iniciado. Todas as atletas se encontravam no grupo das provas de meio-fundo e fundo – destas, três encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;
c) duas no escalão infantil. Ambas as atletas se encontravam no grupo das provas de meio-fundo e fundo (*vd.* quadro 52).

Quadro 52 - Grupo das provas de meio-fundo e fundo: número de atletas do escalão sénior que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
M-F e Fundo	23	8	6	2
M-F e Fundo + outro(s) grupo(s)	5 A=5	6 A=6	3 A=3, G=1	0
Outro(s) grupo(s)	–	2 A=2	0	0
Total	28	16	9	2
Obs.	26 seniores 2 não seniores			

Legenda: A - Velocidade, G - Provas Combinadas.

6.2.1.3. SALTOS VERTICAIS

Analisados os *rankings* do grupo das provas de saltos verticais (salto em altura e salto com vara) entre 1996 e 2000, verificámos que nos cinquenta lugares em estudo se encontravam dezoito atletas (treze surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Oito atletas ainda não eram seniores.

Neste grupo de dezoito atletas, seis encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das dezoito atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) treze no escalão juvenil. Dez encontravam-se no grupo das provas de saltos verticais – destas, seis encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;
b) dez no escalão iniciado. Nove encontravam-se no grupo das provas de saltos verticais – destas, seis encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;
c) cinco no escalão infantil. Quatro encontravam-se no grupo das provas de saltos verticais – destas, duas encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas (*vd.* quadro 53).

Quadro 53 - Grupo das provas de saltos verticais: número de atletas do escalão sénior que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
Saltos verticais	12	4	3	2
Saltos verticais + outro(s) grupo(s)	6 A=3, D=5, E=3, G=5	6 A=3, D=5, E=2, G=3	6 A=3, D=3, E=3, G=4	2 A=2, D=1, E=1, G=2
Outro(s) grupo(s)	–	3 A=3, D=1, E=1, G=1	1 A, G	1 A, D
Total	18	13	10	5
Obs.	10 seniores 8 não seniores			

Legenda: A - Velocidade, D - Saltos Horizontais, E - Lançamentos, G - Provas Combinadas.

6.2.1.4. SALTOS HORIZONTAIS

Analisados os *rankings* do grupo das provas de saltos horizontais (salto em comprimento e triplo salto) entre 1996 e 2000, verificámos que nos cinquenta lugares em estudo se encontravam dezassete atletas (nove surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Cinco atletas ainda não eram seniores.

Neste grupo de dezassete atletas, oito encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das dezassete atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) dezassete no escalão juvenil. Dezasseis encontravam-se no grupo das provas de saltos horizontais – destas, treze encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;
b) quinze no escalão iniciado. Doze encontravam-se no grupo das provas de saltos horizontais – destas, onze encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;
c) oito no escalão infantil. Seis encontravam-se no grupo das provas de saltos horizontais e simultaneamente em outro(s) grupo(s) de provas (*vd.* quadro 54).

Quadro 54 - Grupo das provas de saltos horizontais: número de atletas do escalão sénior que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
Salt. horizontais	9	3	1	0
Salt. horizontais + outro(s) grupo(s)	8 A=5, C=5, E=2, G=5	13 A=11, C=4, E=4, G=9	11 A=9, C=4, E=4, G=6	6 A=5, C=2, E=3, G=4
Outro(s) grupo(s)	–	1 A	3 A=3, C=1, E=1, G=2	2 C=1, E=1
Total	17	17	15	8
Obs.	12 seniores 5 não seniores			

Legenda: A - Velocidade, C - Saltos Verticais, E - Lançamentos, G - Provas Combinadas.

6.2.1.5. LANÇAMENTOS

Analisados os *rankings* do grupo das provas de lançamentos (lançamento do peso, lançamento do disco, lançamento do martelo e lançamento do dardo) entre 1996 e 2000, verificámos que nos cem lugares em estudo se encontravam trinta atletas (vinte e uma surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Treze atletas ainda não eram seniores.

Neste grupo de trinta atletas, quatro encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das trinta atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) vinte e cinco no escalão juvenil. Todas as atletas se encontravam no grupo das provas de lançamentos – destas, cinco encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;
b) dezasseis no escalão iniciado. Quinze encontravam-se no grupo das provas de lançamentos – destas, uma encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;
c) sete no escalão infantil. Seis encontravam-se no grupo das provas de lançamentos – destas, uma encontrava-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas (*vd.* quadro 55).

Quadro 55 - Grupo das provas de lançamentos: número de atletas do escalão sénior que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
Lançamentos	26	20	14	5
Lançamentos + outro(s) grupo(s)	4 A=1, C=3, D=2, G=3	5 A=2, C=1, D=2, G=5	1 A, C, D, G	1 A, C, D, G
Outro(s) grupo(s)	_	0	1 A, G	1 G
Total	30	25	16	7
Obs.	16 seniores 14 não seniores			

Legenda: A - Velocidade, C - Saltos Verticais, D - Saltos Horizontais, G - Provas Combinadas.

6.2.1.6. MARCHA

Analisados os *rankings* do grupo das provas de marcha (10Km marcha[1]) entre 1996 e 2000, verificámos que nos vinte cinco lugares em estudo se encontravam oito atletas (cinco surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Duas atletas ainda não eram seniores.

Neste grupo de oito atletas, nenhuma se encontrava simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das oito atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) quatro no escalão juvenil. Todas as atletas se encontravam no grupo das provas de marcha;
b) quatro no escalão iniciado. Todas as atletas se encontravam no grupo das provas de marcha;
c) duas no escalão infantil. Todas as atletas se encontravam no grupo das provas de marcha (*vd.* quadro 56).

Quadro 56 - Grupo das provas de marcha: número de atletas do escalão sénior que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
Marcha	8	4	4	2
Marcha + outro(s) grupo(s)	0	0	0	0
Outro(s) grupo(s)	_	0	0	0
Total	8	4	4	2
Obs.	6 seniores 2 não seniores			

[1] Esta prova foi substituída pelos 20Km marcha desde o ano 1999.

6.2.1.7. PROVAS COMBINADAS

Analisados os *rankings* do grupo das provas combinadas (heptatlo) entre 1996 e 2000, verificámos que nos vinte cinco lugares em estudo se encontravam dez atletas (seis surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Duas atletas ainda não eram seniores.

Neste grupo de dez atletas, sete encontravam-se simultaneamente entre os primeiros cinco lugares dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo das dez atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) oito no escalão juvenil. Seis encontravam-se no grupo das provas combinadas e simultaneamente em outro(s) grupo(s);
b) sete no escalão iniciado. Seis encontravam-se no grupo das provas combinadas e simultaneamente em outro(s) grupo(s);
c) cinco no escalão infantil. Três encontravam-se no grupo das provas combinadas e simultaneamente em outro(s) grupo(s) (*vd.* quadro 57).

Quadro 57 - Grupo das provas combinadas: número de atletas do escalão sénior que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
Provas combinadas	3	0	0	0
Prov. combinadas + outro(s) grupo(s)	7 A=4, C=4, D=5, E=3	6 A=5, C=3, D=5, E=4	6 A=6, C=4, D=4, E=3	3 A=3, C=2, D=3, E=2
Outro(s) grupo(s)	–	2 A=2	1 E	2 A=1, C=1, D=1
Total	10	8	7	5
Obs.	8 seniores 2 não seniores			

Legenda: A - Velocidade, C - Saltos Verticais, D - Saltos Horizontais, E - Lançamentos.

6.3. DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS

6.3.1. Caracterização dos *rankings* dos diferentes grupos de provas

6.3.1.1. Atletas que se encontravam nos *rankings*

Após o levantamento do número de atletas, relacionámo-lo com o número total de lugares em estudo. A taxa de atletas que se encontravam nesses lugares situava-se em 25%.

Como se constata, a taxa obtida é manifestamente baixa, significando que um número considerável de atletas ocupou repetidamente esses lugares dos *rankings*. Face a este quadro, podemos inferir a existência de estabilidade em termos de permanência nos *rankings*. Esta estabilidade poderá ser fruto de um baixo nível de competitividade no atletismo português, a qual resulta numa fraca renovação das atletas nos *rankings*.

A taxa mais baixa verifica-se no grupo das provas de velocidade (26%). Na situação oposta, encontra-se o grupo das provas combinadas com a taxa mais elevada (40%).

A interpretação realizada no primeiro estudo para resultados similares a estes, parece tornar inteligível estes resultados (*cf.* sub-capítulo 3.3.1.1.).

6.3.1.2. Atletas que ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão sénior

Analisadas as idades das atletas em estudo, verifica-se que 29% destas ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão sénior[2]. Nos diferentes grupos de provas essa taxa encontra-se compreendida entre 4% (meio-fundo e fundo) e 44% (saltos verticais).

De facto, é evidente a existência de um considerável número de atletas, quer juvenis, quer juniores, a ocupar os primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior.

O grupo das provas de saltos verticais é aquele em que é mais evidente a presença de atletas ainda não seniores. Provavelmente, o aumento da força, resultante da elevada produção hormonal (típica destas idades) associado ao ainda baixo peso corporal, poderá estar na origem desses resultados.

O grupo das provas de meio-fundo e fundo é aquele em que se encontram menos atletas de escalões precedentes ao escalão sénior. Pensamos que as limitações esqueléticas, fisiológicas (ao nível dos processos aeróbios e lácticos, entre outros) e motivacionais poderão contribuir para os baixos valores obtidos. Ademais, o elevado nível das marcas registadas no meio-fundo e fundo português dificulta o acesso aos primeiros lugares dos *rankings*. Na maior parte das vezes são necessários vários anos de treino para se figurar entre as melhores.

No escalão sénior, através da optimização dos diferentes sistemas e recursos do treino, procura-se alcançar o máximo rendimento desportivo numa especialidade concreta (Grosser *et al.*, 1988), tendo como limite as condicionantes genéticas dos praticantes envolvidos (Bompa, 1999). Logo, não é pacífico reconhecer a presença de atletas (principalmente) do escalão juvenil, entre os primeiros cinco lugares.

Serão estes resultados fruto de uma menor qualidade das atletas com idade sénior? Ou, pelo contrário, serão eles a consequência de um treino específico nos escalões de formação desde muito cedo, encurtando-se assim as etapas do processo de formação desportiva?

Embora se reconheça alguma carência em termos de profundidade de resultados de alto nível, pensamos que a primeira hipótese, face a alguns resultados obtidos em Portugal e além-fronteiras pelas nossas atletas, será a menos plausível. Provavelmente, estaremos perante procedimentos que deturpam as diferentes etapas do processo de formação desportiva.

Atente-se que a formação desportiva das crianças e jovens deverá resultar num processo contínuo, evolutivo, desenvolvendo-se por etapas com características e objectivos naturalmente

[2] Primeiros cinco lugares: 14,4% (escalão juvenil) e 14,4% (escalão júnior).

diferenciados e adaptados. Estas etapas deverão acompanhar impreterivelmente a evolução psico-biológica do praticante e respeitar as suas características morfológicas. A procura do máximo rendimento só deverá acontecer quando o processo de crescimento está concretizado e o organismo se encontra em condições de suportar e tolerar os requisitos técnicos e físicos exigidos.

Verdugo & Leibar (1997) relembram que uma boa parte dos resultados de nível elevado alcançados em idades inferiores aos dezasseis/dezassete anos são, na maior parte das vezes, produto de um trabalho incorrectamente planeado e orientado, podendo obstar o jovem de atingir o seu máximo potencial no escalão sénior.

Ignorar estes princípios, partindo unicamente do pressuposto que "de pequenino é que se torce o pepino" pode resultar na falência desportiva das atletas quando seniores, ou mesmo antes.

6.3.1.3. Atletas que se encontravam simultaneamente nos *rankings* de dois ou mais grupos de provas

De entre as atletas em estudo, 14% encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas.

Analisado os resultados obtidos em cada grupo de provas, verifica-se que essa taxa se encontra compreendida entre 0% (marcha) e 70% (provas combinadas).

Todavia, uma vez que neste nível (alto rendimento) deve imperar a lógica da especialização e do rendimento, estes dados não apresentam qualquer tipo de preocupação.

O grupo das provas de marcha apresenta-se como aquele em que a especificidade da prática é maior. O grupo das provas combinadas, como seria de prever pelo seu carácter multidisciplinar, é aquele em que essa especificidade é menor.

6.3.2. Percurso das atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior, entre 1996 e 2000

Analisado nos *rankings* o percurso das atletas em estudo, verifica-se que 74% (escalão juvenil), 50% (escalão iniciado) e 22% (escalão infantil) se encontravam nos primeiros cinco lugares desses escalões.

Face a este quadro, podemos inferir que uma parte significativa das atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior, durante os anos 1996 e 2000 *inclusive*, também esteve presente entre as melhores nos escalões de formação, particularmente nos escalões juvenil e iniciado. Todavia, essa presença é tanto menor quanto mais baixo é o escalão considerado, sendo notoriamente baixa no escalão infantil.

Feuillepain (1997), num estudo realizado em França, corrobora esta perspectiva. Segundo este autor, os escalões mais baixos (benjamins e infantis) parecem não abarcar, salvo raras excepções, a futura elite dos praticantes de atletismo.

No caso da mulher atleta, estes resultados permitem depreender que, a partir dos catorze/quinze anos de idade começam a definir-se com mais clareza as aptidões motoras que favorecem o desempenho neste ou naquele grupo de provas.

Para uma melhor compreensão dos baixos resultados verificados no escalão infantil emerge a necessidade de conhecer quando se iniciou e como se processou a formação desportiva destas atletas na modalidade de atletismo.

De facto, sem um conhecimento profundo acerca da processo de formação desportiva destas mesmas atletas, não é possível aprofundar muito mais a discussão acerca desta problemática. Porém, face ao quadro teórico prescrito, pensamos que a sua formação teve em consideração as suas necessidades, o respeito pelos seus ritmos de maturação e que foi entendida unicamente numa perspectiva de longo prazo. Justificar-se-ia assim que uma considerável parte das atletas comece a emergir nos primeiros cinco lugares dos *rankings* nas últimas etapas do processo de formação desportiva (especialização desportiva e alto rendimento).

6.3.2.1. Análise nos diferentes grupos de provas

Analisado comparativamente nos *rankings* de cada grupo de provas o percurso das atletas, verifica-se que, em função do grupo analisado, o mesmo apresenta diferentes particularidades.

Nos diferentes grupos de provas, a taxa de atletas seniores que se encontravam entre as melhores nos escalões de formação está compreendida entre 32% (meio-fundo e fundo) e 78% (saltos horizontais).

Em particular, essa taxas encontram-se compreendidos:

a) no escalão juvenil, entre 50% (marcha) e 100% (saltos horizontais);
b) no escalão iniciado, entre 32% (meio-fundo e fundo) e 88% (saltos horizontais);
c) no escalão infantil, entre 7% (meio-fundo e fundo) e 50% (provas combinadas);

Tomando os resultados na sua globalidade, os mesmos permitem inferir que grande parte das atletas seniores consideradas já se evidenciava nos escalões iniciado e juvenil.

Nesse âmbito, o grupo das provas de saltos horizontais apresenta os valores mais elevados. Não obstante, face à natureza deste estudo e em virtude de desconhecermos o *curriculum* desportivo destas atletas, mantemos algumas reservas quanto às possíveis justificações para o sucedido. Porém, mais adiante (sub-capítulo seguinte) estaremos em condições de confirmar se essas atletas estiveram entre as melhores nos escalões de formação no mesmo grupo de provas.

Por seu lado, o grupo das provas de meio-fundo e fundo é aquele em que uma menor percentagem das atletas consideradas conheceu o sucesso nos *rankings* dos escalões de formação. Este resultado poderá indiciar que uma parte considerável dessas atletas realizou a respectiva especialização a montante do escalão juvenil, o que de acordo com o quadro teórico referenciado, nos parece ajustado. Todavia, também é de considerar a possibilidade de terem começado mais tarde a prática do atletismo.

Relativamente ao grupo das provas combinadas, é importante frisar que 50% das atletas consideradas neste grupo já se destacavam das demais no escalão infantil. Embora pelos motivos acima enunciados nos reservemos quanto à pretensão de justificar estes resultados, certo é que desde praticamente o início da sua prática no atletismo, o sucesso nos *rankings* foi uma constante. Face a este quadro, pensamos ser pertinente em futuros estudos procurar conhecer como se processou a formação desportiva destas atletas.

À luz dos resultados obtidos, embora grande parte das atletas consideradas tenha surgido bem posicionada nos *rankings* dos escalões de formação, a verdade é que continua a haver lugar entre as melhores do escalão sénior para atletas que não se tenham evidenciado nos escalões de formação, principalmente nos mais baixos. Os grupos das provas de marcha e de meio-fundo e fundo são aqueles em que essa ocorrência é mais evidente.

6.3.2.1.1. Atletas que surgiram nos *rankings* dos escalões de formação, no mesmo grupo de provas

Analisado o percurso no mesmo grupo de provas, verifica-se que a taxa de atletas que surgiram nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões de formação se encontra compreendida entre 30% (meio-fundo e fundo) e 67% (saltos horizontais).

Genericamente, as taxas registadas nesta análise são inferiores comparativamente às taxas registadas quando o grupo de provas não foi considerado. Velocidade, meio-fundo e fundo e marcha são os grupos de provas nos quais esta tendência é menor. Neste último grupo, essa tendência nem se verifica, pois nenhuma das atletas surge nos primeiros cinco lugares dos *rankings* de outro(s) grupo(s) de provas.

Estes resultados parecem reforçar o pressuposto de que as características destes grupos de provas contribuem para uma prática quase exclusiva dessas provas, sobretudo no meio-fundo e fundo e marcha.

Em particular, os valores encontram-se compreendidos:

a) no escalão juvenil, entre 50% (meio-fundo e fundo e marcha) e 94% (saltos horizontais);
b) no escalão iniciado, entre 32% (meio-fundo e fundo) e 71% (saltos horizontais);
c) no escalão infantil, entre 7% (meio-fundo e fundo) e 35% (saltos horizontais);

Tomando os resultados na sua generalidade, os mesmos permitem inferir que grande parte das atletas seniores consideradas já se evidenciava no mesmo grupo de provas nos escalões iniciado e juvenil.

O grupo das provas de meio-fundo e fundo continua a figurar como o grupo em que uma menor percentagem das atletas consideradas conheceu o sucesso nos *rankings* dos escalões de formação. A interpretação realizada anteriormente (*cf.* sub-capítulo 3.3.1.1.) parece, em nossa opinião, adequar-se aos resultados aqui registados.

Confirma-se que para a obtenção de sucesso na idade adulta, no grupo das provas de meio-fundo e fundo, não é condição necessária figurar entre as melhores dos *rankings* nesse mesmo grupo de provas, nos escalões de formação. Assim sendo, ainda que seja vulgar neste grupo de provas, devido às suas características, a utilização desde cedo de meios e métodos exclusivamente de natureza específica como forma de atingir rapidamente o sucesso, estes parecem não ter fundamento a longo prazo, pelo que são de desaconselhar. Baz (2000) sugere que o treino desenvolvido nos escalões de formação mais baixos privilegie uma prática global – corridas, saltos e lançamentos

Uma pesquisa conduzida por Garcia e Rolim (1994) com atletas dos escalões de formação (infantil, iniciado e juvenil) considerados os melhores de sempre nas disciplinas de meio-fundo e fundo, corrobora esta perspectiva. Estes autores concluíram que a quase totalidade desses atletas se afastou da modalidade antes de atingida a idade sénior ou revelavam então resultados medíocres no escalão sénior.

Infelizmente, a ênfase atribuída à vitória e à obtenção de resultados pelos treinadores, dirigentes, familiares, entre outros, tem direccionado a preparação desportiva para uma especialização em idades impróprias, ignorando os seus malefícios. Uma formação desportiva realizada à semelhança do treino de atletas adultos e excessivamente centrada no desenvolvimento de conteúdos específicos revela-se contraproducente no desenvolvimento a prazo das capacidades físicas.

Estamos conscientes de que não é fácil, face às crescentes pressões exercidas, principalmente sobre os treinadores, gerir todo esse processo. Na opinião de Zotko (2001), é ao treinador que cabe assumir conscientemente todo o processo, isto é, saiba o que fazer em cada etapa de preparação, uma vez que há uma escala de prioridades.

Na situação oposta ao grupo das provas de meio-fundo e fundo, encontra-se o grupo das provas de saltos horizontais. Este grupo, conjuntamente com o grupo das provas combinadas, apresenta as taxas mais elevadas de atletas simultaneamente nesse e em outro(s) grupo(s), podendo indiciar que a formação desportiva destas atletas teve por base uma especialização menos profunda.

Por conseguinte, estes resultados permitem inferir que a especialização desportiva nos escalões de formação (particularmente, nos escalões iniciado e juvenil) em determinados grupos de provas (como por exemplo os saltos horizontais) parece ser menos perniciosa a longo prazo comparativamente a outros grupos de provas. Todavia, em termos de resultados internacionais essa especialização não é, até ao momento, frutuosa.

Contrastando com o prescrito pelo quadro teórico de referência para a formação desportiva, estes resultados não eram de prever, em parte, nestes escalões, particularmente no escalão iniciado e sobretudo no grupo das provas de saltos horizontais. Na maioria das vezes, na base da obtenção de elevados níveis de rendimento está a utilização de meios e métodos de natureza específica e similares aos utilizados pelas atletas seniores.

As idades da especialização desportiva variem de acordo com o desenvolvimento maturacional do praticante, perfil motor e as características próprias da especialidade desportiva (Hahn, 1988; Grosser, *et al.*, 1989). Logo, o treino específico nos escalões mais baixos, por exigir um constante apelo a meios e métodos monótonos, não se constitui, em determinadas grupos de provas, como referência para manter os jovens motivados e ligados à sua prática. Todavia, embora estes dados indiciem a existência de uma antecipada especialização, também são passíveis de supor que as variáveis que conduzem ao sucesso são mais estáveis em determinados grupos.

Assim sendo, não temos qualquer dúvida de que o conhecimento do *curriculum* desportivo das atletas seria um auspicioso contributo para uma melhor compreensão dos resultados obtidos.

7 ESTUDO CINCO

Atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior, entre os anos 1996 a 2000 *inclusive*

7.1. METODOLOGIA

7.1.1. Amostra

A amostra foi constituída pela totalidade das atletas do sexo feminino (trinta e uma) que se encontravam no primeiro lugar dos *rankings* nacionais de atletismo das diferentes provas de pista (*vd.* apêndice III) no escalão sénior, entre 1996 e 2000.

7.1.2. Procedimento de análise dos dados

Procedimento similar ao do primeiro estudo (*cf.* sub-capítulo 3.1.2.).
No escalão sénior e em cada grupo de provas, procurámos analisar o número de atletas que:

a) se encontravam no primeiro lugar;
b) ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão sénior ;
c) se encontravam simultaneamente em dois ou mais grupos de provas;
d) surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões de formação;
e) surgiram, no mesmo grupo de provas, no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões de formação.

Posteriormente, procurámos avançar explicações para os resultados por nós apresentados.

7.2. RESULTADOS

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos noventa e cinco lugares em estudo se encontravam trinta e uma atletas (dezanove surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Sete atletas ainda não apresentavam a idade correspondente a esse escalão.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes grupos de provas, apresenta valores compreendidos entre 20% (meio-fundo e fundo e marcha) e 70% (saltos verticais). A média é 39% (*vd.* figura 106).

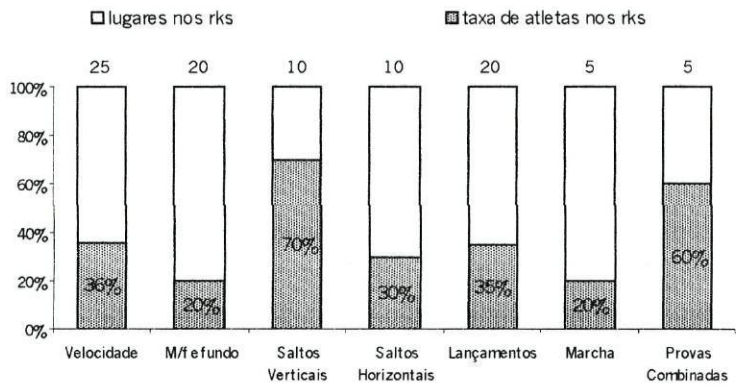


Figura 106 - Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* dos diferentes grupos de provas do escalão sénior

Neste grupo de trinta e uma atletas, três encontravam-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes grupos de provas, está compreendida entre 0% (meio-fundo e fundo, lançamentos e marcha) e 67% (provas combinadas). A média é 20% (*vd.* figura 107).

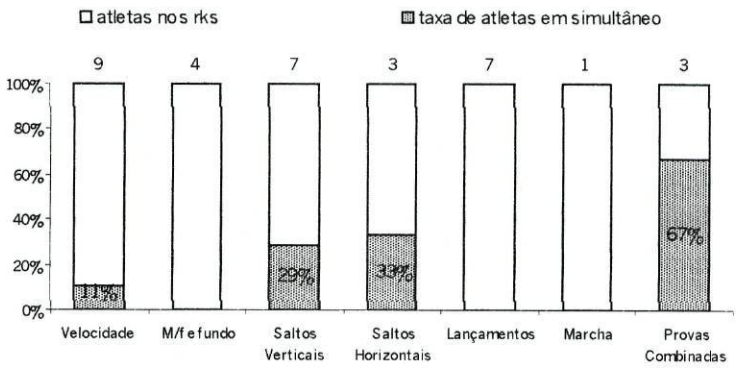


Figura 107 - Taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* do escalão sénior, simultaneamente em dois ou mais grupos de provas

Analisado o percurso desportivo das trinta e uma atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) vinte uma no escalão juvenil. Destas, oito encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas;
b) quinze no escalão iniciado. Destas, seis encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas;
c) cinco no escalão infantil. Destas, duas encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas (*vd.* quadro 58).

Quadro 58 - Escalão sénior: número de atletas que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
Unicamente num grupo	28	13	9	3
Simultaneamente em dois ou mais grupos	3	8	6	2
Total	31	21	15	5
Obs.	23 seniores 8 não seniores			

A taxa de presença das trinta e uma atletas, no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões de formação – juvenil, iniciado e infantil – dos diferentes grupos de provas, está compreendida:

a) para o escalão juvenil, entre 43% (lançamentos) e 100% (saltos horizontais, marcha e provas combinadas). A média era 81%;
b) para o escalão iniciado, entre 14% (lançamentos) e 100% (marcha e provas combinadas). A média era 65%;
c) para o escalão infantil, entre 0% (lançamentos e marcha) e 67% (saltos horizontais). A média era 24% (*vd.* figura 108).

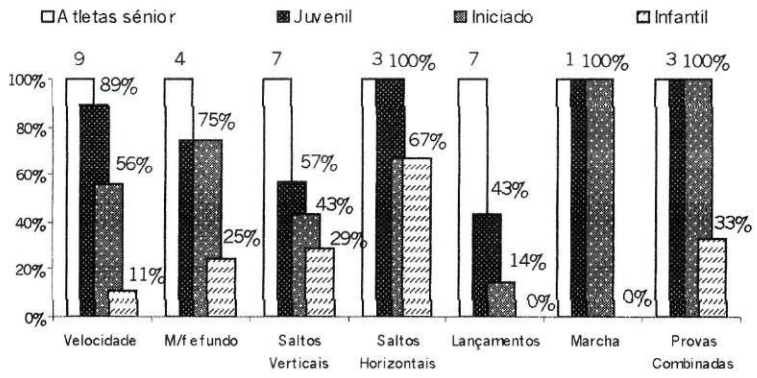


Figura 108 - Primeiro lugar dos *rks* do escalão sénior: taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil, iniciado e infantil

Ao nível do mesmo grupo de provas, a taxa de presença das trinta e uma atletas, está compreendida:

a) para o escalão juvenil, entre 29% (saltos verticais) e 100% (marcha). A média é 62%;
b) para o escalão iniciado, entre 14% (lançamentos) e 100% (marcha). A média é 53%;
c) para o escalão infantil, entre 0% (velocidade, lançamentos, marcha e provas combinadas) e 33% (saltos horizontais). A média é 10% (*vd.* figura 109).

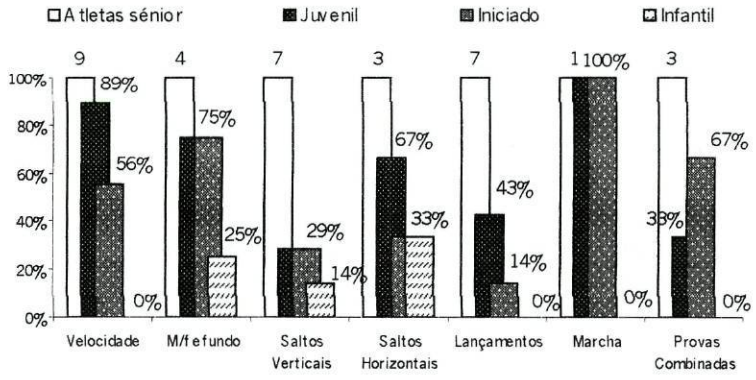


Figura 109 - Primeiro lugar dos *rks* do escalão sénior: taxa de atletas que se encontravam, no mesmo grupo de provas, no primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil, iniciado e infantil

7.2.1. POR GRUPO DE PROVAS

7.2.1.1. VELOCIDADE

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos vinte cinco lugares em estudo se encontravam nove atletas (cinco surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Uma atleta ainda não era sénior.

Neste grupo de nove atletas, uma encontrava-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo destas nove atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que surgem no lugar:

a) oito no escalão juvenil. Todas as atletas se encontravam no grupo das provas de velocidade – destas, três encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;
b) cinco no escalão iniciado. Todas as atletas se encontravam no grupo das provas de velocidade – destas, três encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;
c) uma no escalão infantil. Esta atleta não se encontrava no grupo das provas de velocidade (*vd.* quadro 59).

Quadro 59 - Grupo das provas de velocidade: número de atletas do escalão sénior que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
Velocidade	8	5	2	0
Velocidade + outro(s) grupo(s)	1 D	3 C=1, D=2, E=1, G=1	3 C=1, D=1, E=1, G=2	0
Outro(s) grupo(s)	–	0	0	1 C, D, E
Total	9	8	5	1
Obs.	8 seniores 1 não sénior			

Legenda: C - Saltos Verticais, D - Saltos Horizontais, E - Lançamentos, G - Provas Combinadas.

7.2.1.2. MEIO-FUNDO E FUNDO

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos vinte lugares em estudo se encontravam quatro atletas (duas surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas seniores.

Neste grupo de quatro atletas, nenhuma se encontrava simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo destas quatro atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) três no escalão juvenil. Todas as atletas se encontravam no grupo das provas de meio-fundo e fundo – destas, uma encontrava-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s) de provas;
b) três no escalão iniciado. Todas as atletas se encontravam no grupo das provas de meio-fundo e fundo.
c) uma no escalão infantil. Esta atleta encontrava-se no grupo das provas de meio-fundo e fundo (*vd.* quadro 60).

Quadro 60 - Grupo das provas de meio-fundo e fundo: número de atletas do escalão sénior que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
M-F e Fundo	4	2	3	1
M-F e Fundo + outro(s) grupo(s)	0	1 (A)	0	0
Outro(s) grupo(s)	_	0	0	0
Total	4	3	3	1
Obs.	Todas seniores			

Legenda: A - Velocidade.

7.2.1.3. SALTOS VERTICAIS

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos dez lugares em estudo se encontravam sete atletas (catorze surgiram nos *rankings* mais do que uma vez). Duas atletas ainda não eram seniores.

Neste grupo de sete atletas, duas encontravam-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo destas sete atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) quatro no escalão juvenil. Destas, duas encontravam-se no grupo das provas de saltos verticais;
b) três no escalão iniciado. Destas, duas encontravam-se no grupo das provas de saltos verticais;
c) duas no escalão infantil. Destas, uma encontrava-se no grupo das provas de saltos verticais (*vd.* quadro 61).

Quadro 61 - Grupo das provas de saltos verticais: número de atletas do escalão sénior que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
Saltos verticais	5	2	2	1
Saltos verticais + outro(s) grupo(s)	2 (G=2)	0	0	0
Outro(s) grupo(s)	_	2 (A=2, D=1)	1 (D, G)	1 (A)
Total	7	4	3	2
Obs.	4 seniores 3 não seniores			

Legenda: A - Velocidade, D - Saltos Horizontais, G - Provas Combinadas.

7.2.1.4. SALTOS HORIZONTAIS

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos dez lugares em estudo se encontravam três atletas (duas surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo que uma ainda não era sénior.

Neste grupo de três atletas, uma encontrava-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo destas três atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) três no escalão juvenil. Destas, duas encontravam-se no grupo das provas de saltos horizontais e simultaneamente em outro(s) grupo(s);
b) duas no escalão iniciado. Destas, uma encontrava-se no grupo das provas de saltos horizontais e simultaneamente em outro(s) grupo(s);
c) duas no escalão infantil. Destas, uma encontrava-se no grupo das provas de saltos horizontais e simultaneamente em outro(s) grupo(s) (*vd.* quadro 62).

Quadro 62 - Grupo das provas de saltos horizontais: número de atletas do escalão sénior que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
Salt. horizontais	2	0	0	0
Salt. horizontais + outro(s) grupo(s)	1 A	2 A=1, G=2	1 A, C, G	1 C, E
Outro(s) grupo(s)	–	1 A, C, E, G	1 A, C, E	1 A, E, G
Total	3	3	2	2
Obs.	2 seniores 1 não sénior			

Legenda: A - Velocidade, C - Saltos Verticais, E - Lançamentos, G - Provas Combinadas.

7.2.1.5. LANÇAMENTOS

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos vinte lugares em estudo se encontravam sete atletas (cinco surgiram nos *rankings* mais do que uma vez), sendo que três ainda não eram seniores.

Neste grupo de sete atletas, nenhuma se encontrava simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo destas sete atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que surgem nos primeiros cinco lugares:

a) três no escalão juvenil. Todas as atletas se encontravam no grupo das provas de lançamentos;
b) uma no escalão iniciado. Esta atleta encontrava-se no grupo das provas de lançamentos.

Nenhuma atleta se encontrava no escalão infantil (*vd.* quadro 63).

Quadro 63 - Grupo das provas de lançamentos: número de atletas do escalão sénior que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
Lançamentos	7	3	1	0
Lançamentos + outro(s) grupo(s)	0	0	0	0
Outro(s) grupo(s)	–	0	0	0
Total	7	3	1	0
Obs.	4 seniores 3 não seniores			

7.2.1.6. MARCHA

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos cinco lugares em estudo se encontrava uma atleta (esta surgiu nos *rankings* mais do que uma vez), a qual era sénior.

Esta atleta encontrava-se unicamente no primeiro lugar dos *rankings* do grupo das provas de marcha.

Analisado o percurso desportivo desta atleta nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que esta surgiu no primeiro lugar dos escalões juvenil e iniciado (*vd.* quadro 64).

Quadro 64 - Grupo das provas de marcha: número de atletas do escalão sénior que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
Marcha	1	1	1	0
Marcha + outro(s) grupo(s)	0	0	0	0
Outro(s) grupo(s)	_	0	0	0
Total	1	1	1	0
Obs.	Sénior			

7.2.1.7. PROVAS COMBINADAS

Quando analisado unicamente o primeiro lugar, constatámos que nos cinco lugares em estudo se encontravam três atletas (uma surgiu nos *rankings* mais do que uma vez), sendo todas seniores.

Neste grupo de três atletas, duas encontravam-se simultaneamente no primeiro lugar dos *rankings* deste e de outro(s) grupo(s) de provas.

Analisado o percurso desportivo destas três atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) três no escalão juvenil. Destas, uma encontrava-se no grupo das provas combinadas e simultaneamente em outro(s) grupo(s);
b) três no escalão iniciado. Destas, duas encontravam-se no grupo das provas combinadas e simultaneamente em outro(s) grupo(s);
c) uma no escalão infantil. Esta não se encontrava no grupo das provas combinadas (*vd.* quadro 65).

Quadro 65 - Grupo das provas combinadas: número de atletas do escalão sénior que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
Provas combinadas	1	0	0	0
Prov. combinadas + outro(s) grupo(s)	2 C=2	1 A	2 A=1, D=1	0
Outro(s) grupo(s)	–	2 A=2, D=1	1 C	1 A
Total	3	3	3	1
Obs.	Todas seniores			

Legenda: A - Velocidade, C - Saltos Verticais, D - Saltos Horizontais.

7.3. DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS

7.3.1. Caracterização dos *rankings* dos diferentes grupos de provas

7.3.1.1. Atletas que se encontravam nos *rankings*

Após o levantamento do número de atletas, relacionámo-lo com o número total de lugares em estudo. A taxa de presença situava-se em 33%.

Na nossa opinião, ainda se considera baixa a taxa obtida. A interpretação realizada no quarto estudo para resultados similares a estes, parece tornar inteligível este resultado (*cf.* sub-capítulo 6.3.1.1.).

A taxa mais baixa verifica-se no grupo das provas de meio-fundo e fundo e de marcha (ambos com 20%). No grupo das provas de meio-fundo e fundo, estes resultados devem-se, em parte, ao facto de:

a) este grupo de provas ser composto por um maior número de provas;
b) as provas dentro deste grupo solicitarem níveis de exigência técnica e fisiológica semelhantes;
c) as atletas Carla Sacramento e Fernanda Ribeiro terem dominado, na maior parte das vezes, o primeiro lugar dos *rankings*.

Quanto ao grupo das provas de marcha, o baixo valor obtido resulta pelo facto de a atleta Susana Feitor ter ocupado sistematicamente esse lugar entre 1996 e 2000.

A taxa mais elevada verifica-se no grupo das provas de saltos verticais (70%). Relativamente a este grupo, a situação parece-nos ser diferente. Os saltos verticais (sobretudo o salto com vara) constituem um grupo no qual os recordes, nos últimos anos, por influência de múltiplos factores[1], têm sido renovados com frequência. Por outro lado, a instabilidade das marcas, característica das provas desse grupo, resulta numa maior volubilidade no primeiro lugar.

7.3.1.2. Atletas que ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão sénior

Analisadas as idades das atletas em estudo, verifica-se que 21% destas ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão sénior[2].

Observando os resultados obtidos em cada grupo de provas, verifica-se que essa taxa se encontra compreendida entre 0% (meio-fundo e fundo, marcha e provas combinadas) e 67% (saltos verticais e lançamentos).

De facto, é manifesta a existência de um considerável número de atletas, quer juvenis, quer juniores, a ocupar o primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior.

A interpretação realizada no quarto estudo para resultados similares a estes, parece explicar este resultado (*cf.* sub-capítulo 6.3.1.2.).

7.3.1.3. Atletas que se encontravam simultaneamente nos *rankings* de dois ou mais grupos de provas

De entre as atletas em estudo, 9% encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas.

Analisado os resultados obtidos em cada grupo de provas, verifica-se que essa taxa se encontra compreendida entre 0% (meio-fundo e fundo, lançamentos e marcha) e 67% (provas combinadas).

---

[1] Entre estes, destacamos os recursos materiais (instalações e os equipamentos disponíveis). O salto com vara só recentemente passou a fazer parte do calendário competitivo nacional.
[2] Primeiro lugar: 6,5% (escalão juvenil) e 14,5% (escalão júnior).

Estes resultados, reforçam o pressuposto de que as características destes grupos de provas (meio-fundo e fundo, lançamentos e marcha) contribuem para uma prática quase exclusiva dos mesmos.

Todavia, como já referimos no estudo anterior (quarto estudo), uma vez que neste nível deve imperar a lógica da especialização e do rendimento, estes resultados não apresentam qualquer tipo de preocupação.

7.3.2. Percurso das atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior, entre 1996 e 2000

Analisado nos *rankings* o percurso das atletas em estudo, verifica-se que 66% (escalão juvenil), 47% (escalão iniciado) e 16% (escalão infantil) surgiram no primeiro lugar dos *rankings* desses escalões.

Face a este quadro, podemos inferir que uma parte significativa das atletas que se encontravam nos primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior, durante os anos 1996 e 2000, esteve também presente no primeiro lugar nos escalões de formação, particularmente nos escalões juvenil e iniciado. Todavia, a taxa de presença é tanto menor quanto mais baixo é o escalão considerado, sendo notoriamente baixa no escalão infantil.

Se relembrarmos as conclusões a que chegaram alguns autores (*cf.* revisão da literatura, pág. 41 e 57), verificamos que estes resultados constituem, em parte, uma surpresa ao refutar – com valores superiores – o verificado por esses autores.

Por outro lado, também os resultados por nós obtidos no segundo estudo (*cf.* sub-capítulo 4.3.2.) não faziam prever estas ocorrências no escalão sénior.

Provavelmente, a grande heterogeneidade em termos de idades das atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rankings* das diferentes provas do escalão sénior, resultando numa formação desportiva realizada em anos diferentes, estará na origem destas divergências entre as duas análises.

Emerge, assim, a clara necessidade de compreender melhor a correlação entre o sucesso obtido no escalão sénior e o obtido nos escalões de formação, no atletismo português. Face aos dados disponíveis neste momento, não mais podemos fazer do que alertar para a existência de um elevado coeficiente de sucesso nos *rankings* das atletas seniores nos escalões juvenil e iniciado, apesar de algumas assimetrias observadas nos diferentes grupos de provas. Estes resultados não eram de prever face ao quadro teórico prescrito.

Tendo estes dados invalidado, de algum modo, o nosso prognóstico inicial, confessamos o nosso desejo por realizar, num futuro muito próximo, novos estudos sobre esta temática.

7.3.2.1. Análise nos diferentes grupos de provas

Analisado comparativamente nos *rankings* de cada grupo de provas o percurso das atletas em estudo, verifica-se que a taxa de atletas que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões de formação está compreendida entre 19% (lançamentos) e 78% (saltos horizontais e provas combinadas).

Em particular, os valores encontram-se compreendidos:

a) no escalão juvenil, entre 43% (lançamentos) e 100% (saltos horizontais, marcha e provas combinadas);
b) no escalão iniciado, entre 14% (lançamentos) e 100% (marcha e provas combinadas);
c) no escalão infantil, entre 0% (lançamentos e marcha) e 67% (saltos horizontais).

Embora o grupo das provas de marcha apresente valores contundentes, optámos em termos globais por não os considerar, uma vez que os mesmos traduzem o resultado de unicamente uma atleta (Susana Feitor).

Os resultados mais baixos registam-se no grupo das provas de lançamentos[3]. Comparando estes resultados com os resultados obtidos no estudo anterior (escalão sénior – primeiros cinco lugares),

[3] Este é o único grupo em que os valores são inferiores a 50%, em todos os escalões.

verifica-se, entre ambos, uma considerável diferença. De facto, os resultados obtidos no primeiro lugar são manifestamente mais baixos.

Partindo do pressuposto, face aos dados disponíveis, de que estas atletas realizaram a respectiva especialização a montante do escalão juvenil, uma questão se coloca: será essa a diferença "a pagar" para surgir no primeiro lugar?

A especialização desportiva é um processo sequencial que só tem sentido existir quando precedido de uma formação desportiva multilateral. Desta maneira, é consensual que o rendimento obtido será tanto mais consistente quanto mais alargada e sólida for a formação desportiva. Com efeito, ainda que o talento desportivo e a dedicação das atletas não possam ser ignorados, o facto de a formação desportiva ser delineada numa perspectiva de longo prazo, em que a especialização acontece no momento oportuno, poderá ser determinante para marcar a diferença entre o primeiro lugar e os restantes no escalão sénior.

Os resultados mais elevados registam-se no grupo das provas de saltos horizontais e provas combinadas. À semelhança do verificado no estudo anterior (escalão sénior – primeiros cinco lugares), por desconhecermos o *curriculum* desportivo destas atletas, mantemos algumas reservas quanto às possíveis justificações para o sucedido.

7.3.2.1.1. Atletas que surgiram nos *rankings* dos escalões de formação, no mesmo grupo de provas

Analisado o percurso no mesmo grupo de provas, verifica-se que a taxa de atletas que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões de formação está compreendida entre 19% (lançamentos) e 67% (marcha).

Em particular, os valores encontram-se compreendidos:

a) no escalão juvenil, entre 29% (saltos verticais) e 100% (marcha);
b) no escalão iniciado, entre 14% (lançamentos) e 100% (marcha);
c) no escalão infantil, entre 0% (velocidade, lançamentos, marcha e provas combinadas) e 33% (saltos horizontais).

Ainda que em menor número comparativamente ao verificado no estudo anterior (escalão sénior – primeiros cinco lugares), algumas das taxas registadas são inferiores comparativamente às taxas registadas quando o grupo de provas não foi considerado. Meio-fundo e fundo, lançamentos e marcha são grupos de provas nos quais esta tendência não se verifica. Significa isso que nenhuma das atletas em estudo surgiu no primeiro lugar dos *rankings* de outro(s) grupo(s) de provas.

Estes resultados, parecem reforçar o pressuposto de que as características destes grupos de provas (meio-fundo e fundo, lançamentos e marcha) contribuem para uma prática quase exclusiva dos mesmos. Ademais, não podemos enjeitar que os factores morfológicos (nomeadamente no grupo das provas de lançamentos) também exercem uma considerável influência, podendo mesmo restringir a prática em outro(s) grupo(s) de provas.

Os resultados mais baixos continuam a registar-se no grupo das provas de lançamentos. A interpretação realizada anteriormente (*cf.* sub-capítulo 7.3.2.1.), parece, em nossa opinião, adequar-se aos resultados aqui considerados.

Os resultados mais elevados registam-se no grupo das provas de marcha. Relembre-se que neste grupo de provas o primeiro lugar, entre 1996 e 2000, foi sempre ocupado pela atleta Susana Feitor. Com efeito, pensamos que em parte o grande talento desta atleta pode estar na origem desse resultado.

De acordo com estes resultados, fica claro que o sucesso na idade adulta não resulta apenas do rendimento que determinada praticante evidenciou enquanto jovem. Com efeito, será porventura impossível vaticinar com objectividade o nível de sucesso que uma jovem atleta poderá atingir na idade adulta. Todavia, a probabilidade de errar é tanto menor quanto mais alto é o escalão em que determinada atleta se encontra.

8 ESTUDO SEIS

Atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior, entre 1996 e 2000, e que obtiveram "mínimos" para participação em CE, CM e JO

8.1. METODOLOGIA

8.1.1. Amostra

Amostra idêntica à do quarto estudo (*cf.* sub-capítulo 6.1.1.).

8.1.2. Procedimento de análise dos dados

Determinada a amostra e introduzido na base de dados o percurso nos *rankings* das atletas consideradas, registámos em cada grupo de provas o número de atletas que obtiveram "mínimos" até ao ano 2000, para participação em campeonatos internacionais (CE, CM e JO).

No escalão sénior e em cada grupo de provas, procurámos analisar o número de atletas que:

a) surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões de formação;
b) surgiram, no mesmo grupo de provas, no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões de formação.

Posteriormente, procurámos avançar explicações para os resultados por nós apresentados.

8.2. RESULTADOS

Das cento e dezoito atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior dos diferentes grupos de provas, vinte e uma obtiveram "mínimos" que lhes permitiram participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

A taxa de presença das atletas, nos diferentes grupos de provas, apresenta valores compreendidos entre 0% (saltos verticais e provas combinadas) e 39% (meio-fundo e fundo). A média é 17% (*vd.* figura 110).

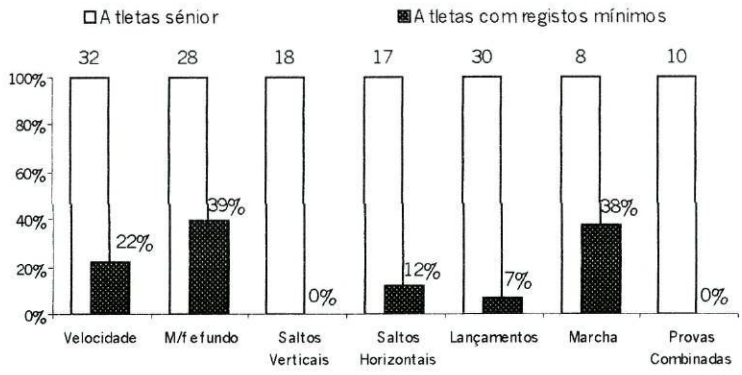


Figura 110 - Primeiros cinco lugares dos *rks* do escalão sénior: taxa de atletas que obtiveram "mínimos" para participação em campeonatos internacionais

Analisado o percurso desportivo das vinte e uma atletas nos *rankings* dos escalões de formação – juvenil, iniciado e infantil –, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) onze no escalão juvenil. Destas, cinco encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas;
b) cinco no escalão iniciado. Destas, duas encontravam-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas;
c) duas no escalão infantil. Destas, uma encontrava-se simultaneamente em dois ou mais grupos de provas (*vd.* quadro 66).

Quadro 66 - Escalão sénior: número de atletas internacionais que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
Unicamente num grupo	17	6	3	1
Simultaneamente em dois ou mais grupos	4	5	2	1
Total	21	11	5	2

Obs. Todas seniores

A taxa de presença das vinte e uma atletas, no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões de formação – juvenil, iniciado e infantil – dos diferentes grupos de provas, está compreendida:

a) para o escalão juvenil, entre 36% (meio-fundo e fundo) e 100% (saltos horizontais). A média é 68%;
b) para o escalão iniciado, entre 0% (lançamentos) e 67% (marcha). A média é 35%;
c) para o escalão infantil, entre 0% (lançamentos e marcha) e 50% (saltos horizontais). A média é 15% (*vd.* figura 111).

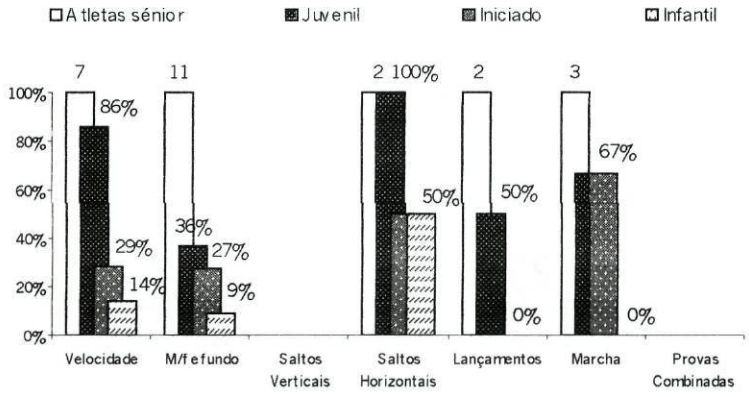


Figura 111 - Atletas com "mínimos": taxa de atletas que se encontravam no primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil, iniciado e infantil

Ao nível do mesmo grupo de provas, a taxa de presença das vinte e uma atletas, está compreendida:

a) para o escalão juvenil, entre 27% (meio-fundo e fundo) e 100% (saltos horizontais). A média é 66%;
b) para o escalão iniciado, entre 0% (lançamentos) e 67% (marcha). A média é 35%;
c) para o escalão infantil, entre 0% (velocidade, lançamentos e marcha) e 50% (saltos horiazontais). A média é 12% (*vd.* figura 112).

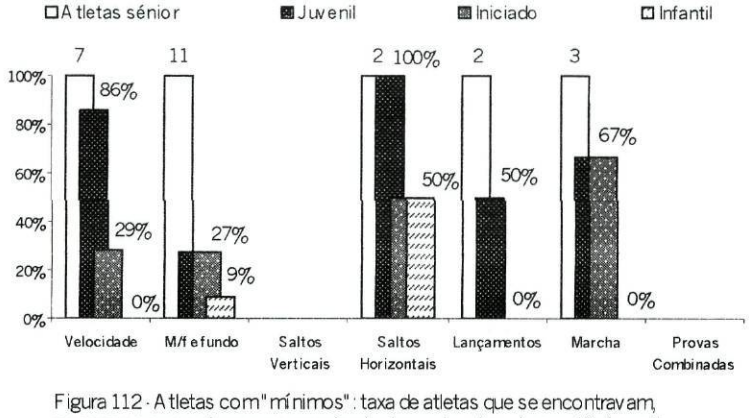


Figura 112 - Atletas com "mínimos": taxa de atletas que se encontravam, no mesmo grupo de provas, no primeiro lugar dos *rks* do escalão juvenil, iniciado e infantil

8.2.1. POR GRUPOS DE PROVAS

8.2.1.1. VELOCIDADE

Das trinta e duas atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior do grupo das provas de velocidade, sete obtiveram "mínimos" que lhes permitiram participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

Analisado o percurso desportivo das sete atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) seis no escalão juvenil. Todas as atletas se encontravam no grupo das provas de velocidade – destas, três encontravam-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s);
b) duas no escalão iniciado. Ambas as atletas se encontravam no grupo das provas de velocidade e simultaneamente em outro(s) grupo(s);
c) uma no escalão infantil. Esta atleta não se encontrava no grupo das provas de velocidade (*vd.* quadro 67).

Quadro 67 - Grupo das provas de velocidade: número de atletas do escalão sénior (internacionais) que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
Velocidade	5	3	0	0
Velocidade + outro(s) grupo(s)	2 C=1, D=2, E=1, G=1	3 C=1, D=2, E=1, G=1	2 C=1, D=1, E=1, G=2	0
Outro(s) grupo(s)	–	0	0	1 C, D, E
Total	7	6	2	1
Obs.	Todas seniores			

Legenda: C - Saltos Verticais, D - Saltos Horizontais, E - Lançamentos, G - Provas Combinadas.

8.2.1.2. MEIO-FUNDO E FUNDO

Das vinte e oito atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior do grupo das provas de meio-fundo e fundo, onze obtiveram "mínimos" que lhes permitiram participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

Analisado o percurso desportivo das onze atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) quatro no escalão juvenil. Três encontravam-se no grupo das provas de meio-fundo e fundo – destas, uma encontrava-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s);
b) três no escalão iniciado. Todas as atletas se encontravam no grupo das provas de meio-fundo – destas, uma encontrava-se simultaneamente neste e em outro(s) grupo(s);
c) uma no escalão infantil. Esta atleta encontrava-se no grupo das provas de meio-fundo e fundo (*vd.* quadro 68).

Quadro 68 - Grupo das provas de meio-fundo e fundo: número de atletas do escalão sénior (internacionais) que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
M-F e Fundo	9	2	2	1
M-F e Fundo + outro(s) grupo(s)	2 (A=2)	1 (A)	1 (A)	0
Outro(s) grupo(s)	_	1 (A)	0	0
Total	11	4	3	1
Obs.	Todas seniores			

Legenda: A - Velocidade.

8.2.1.3. SALTOS VERTICAIS

Das dezoito atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior do grupo das provas de saltos verticais, nenhuma obteve "mínimos" que lhe permitisse participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

8.2.1.4. SALTOS HORIZONTAIS

Das dezassete atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior do grupo das provas de saltos horizontais, duas obtiveram "mínimos" que lhes permitiram participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

Analisado o percurso desportivo das duas atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) duas no escalão juvenil. Ambas as atletas se encontravam no primeiro lugar no grupo das provas de saltos horizontais e simultaneamente em outro(s) grupo(s);
b) duas no escalão iniciado. Uma encontrava-se no primeiro lugar no grupo das provas de saltos horizontais e simultaneamente em outro(s) grupo(s);
c) uma no escalão infantil. Esta atleta encontrava-se no primeiro lugar no grupo das provas de saltos horizontais e simultaneamente em outro(s) grupo(s) (*vd.* quadro 69).

Quadro 69 - Grupo das provas de saltos horizontais: número de atletas do escalão sénior (internacionais) que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
Salt. horizontais	1	0	0	0
Salt. horizontais + outro(s) grupo(s)	1 (A)	2 (A=2, G=1)	1 (A)	1 (A)
Outro(s) grupo(s)	_	0	0	0
Total	2	2	1	1
Obs.	Ambas seniores			

Legenda: A - Velocidade, G - Provas Combinadas.

8.2.1.5. LANÇAMENTOS

Das trinta atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior do grupo das provas de lançamentos, duas obtiveram "mínimos" que lhes permitiram participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

Analisado o percurso desportivo das duas atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que uma atleta surge no primeiro lugar do escalão juvenil. Esta encontrava-se no grupo das provas de lançamentos. Nenhuma atleta se encontrava no escalão iniciado e infantil (*vd.* quadro 70).

Quadro 70 - Grupo das provas de lançamentos: número de atletas do escalão sénior (internacionais) que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
Lançamentos	2	1	0	0
Lançamentos + outro(s) grupo(s)	0	0	0	0
Outro(s) grupo(s)	_	0	0	0
Total	2	1	0	0
Obs.	Ambas seniores			

8.2.1.6. MARCHA

Das oito atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior do grupo das provas de marcha, três obtiveram "mínimos" que lhes permitiram participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

Analisado o percurso desportivo das três atletas nos *rankings* dos escalões de formação, verificámos que surgem no primeiro lugar:

a) duas no escalão juvenil. Ambas as atletas se encontravam no primeiro lugar no grupo das provas de marcha;
b) duas no escalão iniciado. Ambas as atletas se encontravam no primeiro lugar no grupo das provas de marcha.

Nenhuma atleta se encontrava no escalão infantil (*vd.* quadro 71).

Quadro 71 - Grupo das provas de marcha: número de atletas do escalão sénior (internacionais) que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões precedentes.

Grupos de provas	Seniores (1996-2000)	Escalão juvenil	Escalão iniciado	Escalão infantil
Marcha	3	2	2	0
Marcha + outro(s) grupo(s)	0	0	0	0
Outro(s) grupo(s)	_	0	0	0
Total	3	2	2	0
Obs.	Todas seniores			

8.2.1.7. PROVAS COMBINADAS

Das dez atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior do grupo das provas combinadas, nenhuma obteve "mínimos" que lhe permitissem participar em campeonatos internacionais nas provas desse grupo.

8.3. DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS

8.3.1. Percurso das atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings*, entre 1996 e 2000, e que obtiveram "mínimos" para participação em CE, CM e JO

De entre as cento e quarenta e três atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior, 17% obtiveram "mínimos" para participação em campeonatos internacionais.

Nos grupos das provas de saltos verticais e provas combinadas, nenhuma atleta obteve "mínimos".

Analisado nos *rankings* o percurso das atletas em estudo (atletas internacionais), verificámos que 60% (escalão juvenil), 32% (escalão iniciado) e 12% (escalão infantil) surgiram no primeiro lugar dos *rankings* desses escalões.

Como é ostensivo nestes dados, apenas no escalão juvenil se encontrou no primeiro lugar dos *rankings* uma parte significativa das atletas em estudo. Nos restantes escalões, a taxa de presença das atletas consideradas pode considerar-se baixa.

Esta parece não ser apenas uma realidade típica de Portugal. Estudos longitudinais efectuados na antiga República Democrática Alemã, concluíram que nenhum dos seus principais representantes olímpicos tinha sido campeão nas provas nacionais e similares entre os doze e treze anos de idade (Bompa, 1999).

8.3.2. Análise nos diferentes grupos de provas

Analisado comparativamente o percurso das atletas em estudo, nos *rankings* de cada grupo de provas, verificámos que a taxa de atletas que surgiu no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões de formação está compreendida entre 17% (lançamentos) e 67% (saltos horizontais).

Em particular, os valores encontram-se compreendidos:

a) no escalão juvenil, entre 36% (meio-fundo e fundo) e 100% (saltos horizontais);
b) no escalão iniciado, entre 0% (lançamentos) e 67% (marcha);
c) no escalão infantil, entre 0% (lançamentos e marcha) e 50% (saltos horizontais).

Os resultados mais baixos registam-se no grupo das provas de lançamentos. Os resultados mais elevados encontram-se no grupo das provas de saltos horizontais. A interpretação realizada no quinto estudo (escalão sénior – primeiro lugar) para resultados similares a estes, parece explicar este resultado (*cf.* sub-capítulo 7.3.2.1.).

Não podemos deixar de salientar o grupo das provas de meio-fundo e fundo, pois tem sido nestas provas que as atletas portuguesas mais vezes conseguem triunfar a nível internacional. Não obstante, veja-se que a maioria das atletas que obteve esse mérito não ocupou o primeiro lugar dos escalões de formação. O sucesso internacional parece passar à margem do sucesso nos *rankings* dos escalões de formação.

8.3.2.1. Atletas que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões de formação, no mesmo grupo de provas

Analisado o percurso no mesmo grupo de provas, verificámos que a taxa de atletas que surgiram no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões de formação está compreendida entre 17% (lançamentos) e 67% (saltos horizontais).

Em particular, os valores encontram-se compreendidos:

a) no escalão juvenil, entre 27% (meio-fundo e fundo) e 100% (saltos horizontais);
b) no escalão iniciado, entre 0% (lançamentos) e 67% (marcha);

c) no escalão infantil, entre 0% (velocidade, lançamentos e marcha) e 50% (saltos horizontais).

Estas taxas apenas são inferiores às taxas registadas quando o grupo de provas não foi considerado na velocidade e meio-fundo e fundo. Saltos horizontais, lançamentos e marcha são grupos de provas nos quais esta tendência não se verifica. Significa isso que nenhuma das atletas analisadas surgiu no primeiro lugar dos *rankings* de outro(s) grupo(s) de provas.

Os resultados mais baixos registam-se no grupo das provas de lançamentos. Os saltos horizontais apresentam os resultados mais elevados. A interpretação realizada no quinto estudo (escalão sénior – primeiro lugar) para resultados similares a estes, parece tornar inteligível este resultado (*cf.* sub-capítulo 7.3.2.1.).

Não deixa de ser curioso verificar que no grupo das provas de meio-fundo e fundo, ao contrário do verificado no estudo anterior (escalão sénior – primeiro lugar), encontram-se atletas que figuraram no primeiro lugar dos *rankings* de outro(s) grupo(s) de provas. Estará esta diferença (formação mais multilateral) na origem do sucesso internacional? Embora pensemos que a resposta é afirmativa, face à natureza do nosso estudo não estamos em condições de a precisar.

Assim, reveste-se de grande importância o desenvolvimento de estudos que procurem caracterizar o percurso das atletas internacionais. Certamente serão novos contributos para o desenvolvimento do atletismo português.

9 CONCLUSÕES GERAIS

Dos estudos desenvolvidos, extraem-se como principais conclusões:

9.1. Estudos relativos às atletas que se encontravam nos *rankings* dos escalões de formação, entre 1986 e 1990

a) **Em relação à taxa de atletas que se encontravam nos lugares em estudo**, confirma-se que, à luz da metodologia de treino corrente, quanto mais alto é o escalão considerado mais difícil é figurar entre as melhores nos *rankings*. Esta ocorrência é mais evidente no grupo das provas de velocidade. O grupo das provas combinadas é aquele em que é menos evidente.

b) **Em relação à taxa de atletas que ainda não apresentavam a idade correspondente ao escalão em que se encontravam**, verificámos que no segundo estudo (análise do primeiro lugar) esta se considera dentro da normalidade em todos os escalões. O mesmo não se verificou em relação ao primeiro estudo (análise dos primeiros cinco lugares) no escalão juvenil. Uma considerável parte das atletas (25%) ainda não apresentava a idade correspondente a este escalão. Os resultados mais elevados registam-se, em ambos os estudos, no grupo das provas de marcha.

c) **Em relação à taxa de atletas que se encontravam simultaneamente em dois ou mais grupos de provas,** e atendendo ao preceituado pelo quadro teórico para as duas primeiras etapas do processo de formação desportiva – iniciação e orientação desportiva –, considera-se que a mesma é reduzida, sobretudo nos escalões infantil e iniciado. Os resultados mais baixos encontram-se nos grupos das provas de marcha, meio-fundo e fundo e lançamentos. Os resultados mais elevados são observados nos grupos das provas de saltos horizontais e provas combinadas.

d) **Em relação ao percurso nos *rankings* das atletas que se encontravam nos lugares em estudo, entre 1986 e 1990**, confirma-se que a maioria destas não conseguiu demonstrar nos *rankings* do escalão sénior os resultados obtidos nos *rankings* dos escalões de formação. A taxa de atletas dos escalões de formação que surgiu no escalão sénior é tanto menor quanto mais baixo é o escalão considerado. De entre as atletas consideradas, surgiram nos *rankings* do escalão sénior:

1. Primeiro estudo (análise dos primeiros cinco lugares):
    a. 11% do escalão infantil;
    b. 13% do escalão iniciado;
    c. 26% do escalão juvenil.
2. Segundo estudo (análise do primeiro lugar):
    a. 6% do escalão infantil;
    b. 12% do escalão iniciado;
    c. 35% do escalão juvenil.

e) **Analisado o percurso das atletas consideradas nos *rankings* dos diferentes grupos de provas**, confirma-se que o êxito obtido nos escalões de formação não oferece garantias quanto ao êxito no futuro:
    1. Em todos os grupos de provas, apenas uma minoria das atletas confirmou nos *rankings* do escalão sénior os resultados obtidos nos *rankings* dos escalões de formação;
    2. No primeiro estudo (análise dos primeiros cinco lugares), é no grupo das provas combinadas que uma maior taxa de atletas dos escalões de formação surge nos primeiros cinco lugares do escalão sénior;
    3. No segundo estudo (análise do primeiro lugar), é no grupo das provas de saltos verticais que uma maior taxa de atletas dos escalões de formação surge no primeiro lugar do escalão sénior;
    4. No grupo das provas de marcha (primeiro estudo) e de meio-fundo e fundo (segundo estudo), apenas uma percentagem muito reduzida de atletas dos escalões de formação surgiu nos lugares considerados do escalão sénior[1]. Potenciar uma formação desportiva especializada, desde cedo, tem reflexos negativos a longo prazo.

f) **Analisado o percurso das atletas consideradas no mesmo grupo de provas em que se encontravam nos escalões de formação**, confirma-se que, na generalidade, as taxas das atletas que surgem no escalão sénior são ainda mais reduzidas comparativamente às registadas quando não se analisou esse percurso no mesmo grupo de provas. O grupo das provas de marcha (primeiro estudo) e de meio-fundo e fundo (segundo estudo) continuam a ter os resultados mais baixos. Os resultados mais elevados dos estudos registam-se no grupo das provas de saltos verticais.

g) **Em relação às atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* dos escalões de formação, entre 1986 e 1990**, confirma-se que apenas uma pequena minoria obteve até ao ano 2000, quando sénior, "mínimos" para participação em CE, CM e JO. De entre as atletas consideradas, obtiveram "mínimos":
    1. 1% do escalão infantil;
    2. 2% do escalão iniciado;
    3. 10% do escalão juvenil.

    Curiosamente, nos grupos das provas de saltos verticais, saltos horizontais, lançamentos e provas combinadas nenhuma atleta obteve mínimos, até ao ano 2000.

Embora seja necessário aguardar mais alguns anos para se conhecer na íntegra o percurso das atletas em estudo, é já evidente que muito do investimento feito então aponta no sentido de não se ter revelado, até ao momento, frutuoso. Apenas um reduzido número de atletas conseguiu prolongar a sua carreira desportiva com uma constante presença nos *rankings*.

[1] No grupo de provas de marcha, nenhuma das atletas consideradas se encontrava simultaneamente em outro(s) grupo(s) de provas. No grupo de provas de meio-fundo e fundo, apenas uma minoria das atletas consideradas se encontrava simultaneamente em outro(s) grupo(s) de provas.

9.2. Estudos relativos às atletas que se encontravam nos *rankings* do escalão sénior, entre 1996 e 2000

a) **Em relação à taxa de atletas que se encontravam nos lugares em estudo**, verifica-se que no escalão sénior a sua presença é baixa. Este resultado aponta para a existência de diminuída competitividade entre as atletas nacionais. No quarto estudo (análise dos primeiros cinco lugares), esta ocorrência é mais evidente no grupo das provas de velocidade. O grupo das provas combinadas é aquele em que é menos evidente. No quinto estudo (análise do primeiro lugar), os resultados mais baixos registam-se nos grupos das provas de meio-fundo e fundo e marcha. Com resultados mais elevados encontra-se o grupo das provas de saltos verticais.

b) **Em relação à idade das atletas que se encontravam nos lugares em estudo**, verifica-se que um número significativo de atletas ainda não apresentava a idade correspondente ao escalão sénior. No quarto estudo (análise dos primeiros cinco lugares) 29% das atletas encontrava-se nessa situação. No quinto estudo (análise do primeiro lugar) esse valor situava-se em 21%. Nos quarto e quinto estudos, os resultados mais elevados registam-se no grupo das provas de saltos verticais. No quinto estudo (análise do primeiro lugar) acresce o grupo das provas de lançamentos.

c) **Em relação à taxa de atletas que se encontravam simultaneamente em dois ou mais grupos de provas,** atendendo ao preceituado pelo quadro teórico para etapa de alto rendimento do processo de formação desportiva, considera-se que a mesma é reduzida. Os resultados mais baixos encontram-se nos grupos das provas de marcha, meio-fundo e fundo e lançamentos. Os resultados mais elevados são observados nos grupos das provas de saltos horizontais e provas combinadas.

d) **Em relação ao percurso nos *rankings* das atletas que se encontravam nos lugares em estudo, entre 1996 e 2000**, confirma-se que grande parte destas também esteve presente entre as melhores nos *rankings* dos escalões de formação, sobretudo nos escalões iniciado e juvenil. Todavia, essa presença é tanto menor quanto mais baixo é o escalão considerado, sendo notoriamente baixa no escalão infantil. De entre as atletas consideradas, surgiram nos *rankings* dos escalões de formação:
   1. nos primeiros cinco lugares (quarto estudo):
      a. 74% no escalão juvenil;
      b. 50% no escalão iniciado;
      c. 22% no escalão infantil.
   2. no primeiro lugar (Quinto estudo):
      a. 66% no escalão juvenil;
      b. 47% no escalão iniciado;
      c. 16% no escalão infantil.

e) **Analisado o percurso das atletas consideradas nos *rankings* dos diferentes grupos de provas**, confirma-se que, na generalidade, uma significativa parte das atletas esteve nos lugares em estudo dos *rankings* dos escalões de formação, sobretudo no escalão juvenil e iniciado.
   É nos grupos das provas de saltos horizontais e provas combinadas que um maior número de atletas ocupou os *rankings* dos escalões de formação.
   É no grupo das provas de meio-fundo e fundo (quarto estudo) e de lançamentos (quinto estudo) que menos atletas estiveram nos *rankings* dos escalões de formação.

f) **Analisado o percurso das atletas consideradas no mesmo grupo de provas em que se encontravam no escalão sénior**, confirma-se que, na generalidade, as taxas das atletas

que surgem nos escalões de formação são mais reduzidas comparativamente às registadas quando não se analisou esse percurso no mesmo grupo de provas.
É nos grupos das provas de meio-fundo e fundo (quarto estudo) e de lançamentos (quinto estudo) que se encontra um menor número de atletas nos *rankings* dos escalões de formação.
No quarto estudo, é no grupo das provas de saltos horizontais que estiveram mais atletas nos *rankings* dos escalões de formação.
No quinto estudo, essa ocorrência verifica-se no grupo das provas de marcha. Todavia este resultado reflecte o percurso de apenas uma atleta (Susana Feitor), pelo que estes resultados não deverão ser generalizados.

À luz dos resultados obtidos, embora grande parte das atletas consideradas tenha surgido bem posicionada nos *rankings* dos escalões de formação, a verdade é que continua a haver lugar entre as melhores do escalão sénior para atletas que não se tenham evidenciado nos escalões de formação. Os grupos das provas de marcha e de meio-fundo e fundo são aqueles em que essa ocorrência é mais evidente.

g) **Analisado o percurso desportivo das atletas que se encontravam nos primeiros cinco lugares dos *rankings* do escalão sénior, entre os anos 1996 a 2000 *inclusive*,** confirma-se que apenas uma minoria (17%) obteve "mínimos" para participação em CE, CM e JO.
O grupo das provas de meio-fundo e fundo, seguido do grupo das provas de velocidade, são aqueles que têm tido maior representação internacional. Nos grupos das provas de saltos verticais e provas combinadas nenhuma atleta obteve "mínimos", até ao ano 2000.
Analisado o percurso nos *rankings* das atletas que obtiveram "mínimos", verifica-se que a maior parte destas não ocupou o primeiro lugar nos *rankings* do escalão infantil e iniciado.
Em síntese, de entre as atletas consideradas, ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* dos escalões de formação:

1. 60% no escalão juvenil;
2. 32% no escalão iniciado;
3. 12% no escalão infantil.

Analisado o percurso desportivo das atletas em cada grupo de provas, verifica-se que no grupo das provas de meio-fundo e fundo (o grupo com maior representatividade internacional), a maioria das atletas não esteve no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões de formação. Contrariamente, no grupo das provas de saltos horizontais, grande parte das atletas consideradas esteve no primeiro lugar dos *rankings* dos escalões de formação.

O sucesso de um número significativo de atletas que se encontravam nos *rankings* do escalão sénior, não obstante terem ocupado os *rankings* dos escalões de formação, particularmente nos escalões iniciado e juvenil, é pouco relevante internacionalmente. Ademais, comparando os resultados obtidos nos quinto (análise do primeiro lugar) e sexto estudo (análise das atletas internacionais), verifica-se que a percentagem das atletas consideradas que ocupou o primeiro lugar nos *rankings* dos escalões de formação é menor neste último.

Face a este quadro, concluímos que:

1. as variáveis que possibilitam o sucesso das atletas no escalão sénior nacional não são extrapoláveis ao desempenho das mesmas a nível internacional;
2. a importância das atletas seniores terem figurado no primeiro lugar dos escalões de formação é relativa porque tem reduzida correspondência com o êxito no plano internacional.

Estas circunstâncias são preocupantes visto que poderão indiciar a existência de lacunas na formação desportiva das atletas portuguesas que ocuparam o primeiro lugar dos *rankings* do escalão sénior. Entre outros problemas, possivelmente, o rendimento das atletas consideradas tem sido direccionado desde cedo em prol de resultados imediatos, tendo por base treinos muito especializados. Embora esta prática ainda possibilite o acesso ao primeiro lugar nos *rankings* nacionais, a mesma não tem reflexos positivos sob o ponto de vista internacional.

Será que os padrões de êxito existentes em Portugal são tão baixos comparativamente aos que vigoram no estrangeiro?

Assim sendo, é responsabilidade de todos os intervenientes no processo de formação desportiva diagnosticarem os problemas de que padece o Atletismo em Portugal.

De facto, julgamos ser urgente definir novas estratégias para o desenvolvimento do Atletismo nacional, a fim de formar atletas cada vez mais aptos e capazes de chegar à maturidade desportiva em condições de obterem melhores resultados, não só a nível nacional, mas também a nível internacional.

10 BIBLIOGRAFIA

1. Adelino, J. *et al.* (1998): «Jovens no desporto – um pódio para todos». In *Treino Desportivo*, 2, Março.

2. Alés, F. *et al.* (1997): «Materiales curriculares para el professorado de Educación Física». Sevilla: Wanceulen Editorial Deportiva.

3. Allen, A. (2000): «Adolescencia y deporte». Oviedo: Ediciones Nobel.

4. Andújar, C. e Soto, C. (2000): «Reflexiones acerca del entrenamiento en la infancia y la selección de talentos deportivos». In *Educación Física e Deportes*, 21. http://www.efdeportes.com.

5. Añó, V. (1997): «Planificación y organización del entrenamiento juvenil». Madrid: Gymnos Editorial.

6. Ballesteros, J. (1981): «Manual didáctico de atletismo». Buenos Aires: Editorial Kapelusz.

7. Ballesteros, J. (1996): «El entrenamiento deportivo en la mujer». In Fernández, B. (coord.): *Mujer y Deporte*. Oviedo: Universidad de Oviedo/Servicio de Publicaciones.

8. Bañuelos, F. (1984): «Didáctica de la educación física y el deporte». Madrid: Gymnos Editorial.

9. Barata, A. (1999): «O treino das capacidades condicionais em jovens desportistas». In *Treino Desportivo*, Especial, 2.

10. Barata, N. e Ferrer, M. (1995): «El acceso al deporte. Los itinerarios deportivos». In Sánchez, D. (Dir.): *La iniciación deportiva y el deporte escolar*. Barcelona: INDE Publicaciones.

11. Barbanti, V. (1996): «Treinamento Físico. Bases Científicas». São Paulo: CLR Balieiro Editores.

12. Barbanti, V. (1997): «Teoria e prática do Treinamento Esportivo». São Paulo: Editor Edgard Blücher Ltda.

13. Barreto, H. (1999): «Treinar jovens: uma sobrevivência em vez de uma celebração». In *Seminário Internacional – Treino de Jovens*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

14. Barroco, M. (1989):«¿Que edad? ¿Que deporte?». In *Archivos de medicina del deporte*, 23.

15. Bayer, C. (1987): «Técnica del balonmano». España: Hispano Europea.

16. Bayer, C. (1994): «O ensino dos desportos colectivos». Lisboa: Dinalivro.

17. Baz, I. (2000): «Atletismo». Barcelona: INDE Publicaciones.

18. Becerro, J. (1989): «El niño y el deporte - el ejercicio en la promoción de la salud del niño y adolescente. Desde la Educación Física a la Alta Competición». España: Editor – Rafael Santonja Gómez.

19. Bedoya, J. (1995): «Entrenamiento temprano y captación de talento en el deporte». In Sánchez, D. (dir.): *La iniciación deportiva y el deporte escolar*. Barcelona: INDE Publicaciones.

20. Bedoya, J. (1996): «Especialización temprana y promoción de talentos deportivos». In *VI Jornadas sobre rendimiento deportivo: últimas tendencias en alto rendimiento deportivo*. Málaga: Instituto Andaluz del Deporte.

21. Beja, E. (1987): «O treino no desporto feminino». In *Horizonte*, 21.

22. Berredo, R. e Magalhães, C. (2001): «Jogos Olímpicos (Amesterdão, 1928)». In *Diciopédia 2001*. Porto: Porto Editora.

23. Bianchi, S. e Brinnitzer, E. (2001): «Mujeres adolescentes y actividad física. Relación entre motivación para la práctica de la actividad física extraescolar y agentes socializadores». In *Educación Física e Deportes*, 26. http://www.efdeportes.com.

24. Blázquez, D. (1986): «Iniciación a los deportes de equipo». Barcelona: Ediciones Martínez Roca.

25. Bompa, T. (1999): «Planeamento a longo prazo: o caminho para a alta competição». In *Seminário internacional – Treino de jovens: os caminhos do sucesso*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

26. Brighton, M. (1998): «Desporto de base: uma preocupação necessária». In Silva, F. (org.): *Treinamento desportivo: reflexões e experiências*. Brasil: Editora Universitária/UFPB.

27. Camí, J. (2000): «1013 ejercicios y juegos polideportivos». España: Editorial Paidotribo.

28. Campbell, S. (1998): «A função do treinador no desenvolvimento do jovem atleta». In *Treino Desportivo*, 3.

29. Candeias, J. *et al.* (1998): «Jovens no desporto – um pódio para todos. Mesa redonda». In Treino Desportivo, 4.

30. Candeias, J. (1999): «Reflexões sobre o desporto de crianças e jovens – da organização à competição». In *Seminário Internacional – Treino de Jovens: os caminhos do sucesso*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

31. Cannavo, A. (2001): «El niño y el deporte». In *Datasports*, 1. http://datasports.8k.com.

32. Cannavo, A. (2001a): «Deporto infantil». In *DataSports*, 1. http://datasports.8k.com.

33. Carbalho, E. e Vilte, E. (1989): «El niño a la luz de la ciencia del deporte». In *Stadium*, 134.

34. Carvalho, A. (2000): «As capacidades coordenativas». In *O melhor da Revista Treino Desportivo*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

35. Castillo, M. (1999): «El estrés fisiológico motivado por actividades físico-competitivas en edad escolar». España: Wanceulen Editorial Deportiva.

36. Cervelló, E. (1999): «Abandono deportivo: análisis conceptual y estrategias para disminuir la incidencia de abandono deportivo». In *RED*, 3.

37. Cilla, R. e Omeñaca, J. (1999): «Juegos cooperativos y educación física». Barcelona: Editorial Paidotribo.

38. Coelho, O. (1985): «Actividade física e desportiva – aspectos gerais do seu desenvolvimento». Lisboa: Livros Horizonte.

39. Coelho, O. (1988): «Pedagogia do desporto». Lisboa: Livros Horizonte.

40. Coelho e Silva, M. (1999): «Treino desportivo com crianças e jovens». In *Treino Desportivo*, Especial, 2.

41. Costa, J. (2000): «A situação do atletismo jovem português em 1999». In *Atletismo*, 219.

42. Cueto, et al. (1996): Educación física . España: Editorial Pila Teleña.

43. Cunha, P. (1999): «Planeamento do treino com crianças e jovens». In *Treino Desportivo*. Especial, 2.

44. Cunha, A. (1999a): «Gerir o futuro: da formação do praticante de futebol ao jogador de excelência». In *Seminário Internacional – Treino de Jovens*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

45. Curado, J. (2000): «Pequenas grandes coisas do treino». In *Treino Desportivo*, Especial 3.

46. Damásio, L. e Serpa, S. (2000): «O treinador no desporto infanto-juvenil». In *Treino Desportivo*, Especial 3.

47. De la Cruz, J. (1989): «Desarrollo anatómico-fisiológico-motor del niño y del adolescente». In Antón, J. (coord.): *Entrenamiento deportivo en la edad escolar – Bases de aplicación*. Málaga: Unisport.

48. De la Rica (1993): «El deporte en la E.F. en AA.VV – Fundamentos de E.F. para enseñanza primaria». Barcelona: INDE.

49. Delgado, M. (1994): «La actividad física en el ámbito educativo». In *Psicología y pedagogía de la actividad física y el deporte*. Madrid: Siglo XXI.

50. Devís, J.D. (2000): «Actividad Física, Deporte y Salud». Barcelona: INDE Publicaciones.

51. Diemm, L. (1978): «Deporte desde la infancia». Valladolid: Miñón.

52. Douge, B. (1997): «Progressão das actividades não competitivas para as competitivas». In *Treino Desportivo*, 8.

53. Durand, M. (1988): «El niño y el deporte». Barcelona: Ediciones Paidós.

54. Facal, R. (1990): «Hacia un modelo científico del entrenamiento juvenil». In *Stadium*, 140.

55. Ferreira, A. (2000): «Da iniciação ao alto nível: um percurso para (re)pensar». In *Treino Desportivo*, 9.

56. Feuillepain, C. (1997): «Le devenir des jeunes». In Revue de l'Association des Entraineurs Français Athlétisme, 145.

57. Filin, V. (1996): «Desporto Juvenil – teoria e metodologia». Londrina: CID.

58. Flores, A. (1995): «El rendimiento en la iniciación deportiva». In Sánchez, D. (dir.): *La iniciación deportiva y el deporte escolar*. Barcelona: INDE Publicaciones.

59. Fonseca, A. (2000): «A motivação dos jovens para o desporto e os seus treinadores». In Garganta, J. (ed.): *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos*. Porto: FCDEF.

60. Freitas, D., *et al.* (1997): «Aptidão física da população escolar da Região Autónoma da Madeira». Madeira: Universidade da Madeira.

61. Fuentes-Guerra, *et al.* (2000): «Fundamentos básicos de la iniciación deportiva en la escuela». España: Wanceulen Editorial Deportiva.

62. Fuentes-Guerra, F. e Vieira, E. (2001): «La enseñanza del deporte durante la fase de iniciación deportiva». In *Educación Física y Deportes*, 31. http://www.efdeportes.com.

63. Garcia, F. (1990): «Aspectos sociales del deporte: una reflexión sociológica». España: Alianza Deporte.

64. Garcia, J. e Llopes M. (1997): «La iniciación a los deportes colectivos: una propuesta pedagógica». In Fuentes-Guerra et al. (eds): *El deporte escolar*. Huelva: Universidad de Huelva Publicaciones.

65. Garcia, R. e Rolim, R. (1994): «A escola portuguesa de meio-fundo e fundo». In Atletismo, 156.

66. Garganta, J. (2000): «Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos». Porto: FCDEF–UP.

67. Ghibu, E., *et al.* (1970): «Contenido y sistema del entrenamiento deportivo contemporáneo». Mexico: Ed. Pax-Mexico.

68. Goldsmith, W. e Sweetenham, B. (2000): «Quais os factores limitativos do treino desportivo». In *Treino Desportivo*, 9.

69. Gomes, A., *et al.* (1995): «Atletismo: preparação de corredores juvenis nas provas de meio fundo». Londrina: CID.

70. Gonçalves, C. (1988): «O desenvolvimento do jovem praticante desportivo». Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

71. Gonçalves, C. (1999): «Um olhar sobre o processo de formação do jovem praticante». In *Treino Desportivo*, Especial, 2.

72. Graça, A. (1999): «Quando se treina bem». In *Seminário Internacional – Treino de Jovens*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

73. Greco, P. *et al.* (1997): «Temas Atuais em Educação Física e Esportes». Belo Horizonte: Health.

74. Grosser M., *et al.* (1988): «Principios del entrenamiento deportivo – teoría y práctica en todas las especialidades deportivas». España: Ediciones Martínez Roca.

75. Grosser, M., *et al.* (1989): «Alto rendimiento deportivo. Planificación y desarrollo». Barcelona: Ediciones Martínez Roca.

76. Grupe, O. (1987): «El niño campeón». In *Stadium*, 126.

77. Hahn, E. (1988): «Entrenamiento con niños». España: Ediciones Martínez Roca.

78. Hegedüs, J. (1990): «Límites en el cambio de la especialidad deportiva». In *Stadium*, 142.

79. Kemp, N. (1985): «No desporto dos jovens, os verdadeiros vencedores não são necessariamente os atletas medalhados». In *Treino Desportivo*, 21.

80. Klint, K.. e Weiss, M. (1986): «Dropping in and dropping out: Participation motives of current and former youth gymnasts». In *Canadian Journal of Applied Sport Sciences*, 11.

81. Knop, P., *et al.* (1998): «Clubes deportivos para niños y jóvenes». España: Instituto Andaluz del Deporte.

82. Kovaci, N. (1988): «Especialización prematura en gimnasia artística». In *Stadium*, 132.

83. Kowalski, M. (1995): «Especialização precoce e o contexto social no abandono do esporte por jovens campeões de atletismo». http://www.unicamp.br/fef/gehefel/texKowalskEng.htm.

84. Lammi, E. (1999): «Treino e performance: um sistema para o sucesso». In *Treino Desportivo*, 8.

85. Lee, M. (1998): «O desporto para jovens ou jovens para o desporto». In *Seminário Internacional – Treino de Jovens*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

86. Lima, T. (1981): «Alta competição – Desporto de dimensões humanas?». Lisboa: Livros Horizonte.

87. Lima, T. (1985): «Desporto de Alta Competição». In Horizonte, Caderno Especial, 1.

88. Lima, T. (1987): «Desenvolvimento desportivo e desporto para jovens». In *Horizonte*, 19.

89. Lima T. (1987a): «Competição para jovens». In *Treino Desportivo*, 6.

90. Lima, T. (1988): «A formação desportiva dos jovens». In *Horizonte*, 25.

91. Lima, T. (1989): «Competição e conflito». In *Horizonte*, 29.

92. Lima, T. (1990): «Competições para jovens». Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 2ª Edição.

93. Lima, T. (1998): «Uma perspectiva social na formação desportiva dos jovens». In *Seminário Internacional – Treino de Jovens*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

94. Lima, T. (1999): «Formação desportiva». In *Horizonte*, 87.

95. Lima, T. (2000): «Ser treinador de jovens». In *Treino Desportivo*, Especial 3.

96. Lindner, K., *et al.* (1991): «Factors in withdrawal from youth sport: A proposed model». In *Journal of Sport Behavior*, 14.

97. Lopes, P. (1986): «A mulher e o desporto». In *Horizonte*, 11.

98. Lopez, R. (2000): «Estrutura organizativa-metodológica para la formación de atletas elites – Uma Concepción». In *Educación Física y Deportes*, 27. http://www.efdeportes.com.

99. Maldonado, L. et al. (1992): «Balonmano». España: Federación Español de Balonmano – Comité Olímpico Español.

100. Manno, R. (1992): «Les bases de l'entraînement sportif». Paris: Editions Revue E.P.S..

101. Manso, J., *et al.* (1996): «Planificación del entrenamiento deportivo». Madrid: Gymnos Editorial Deportiva.

102. Manso, J., *et al.* (1996a): «Bases teóricas del entrenamiento deportivo. Principios y aplicaciones». Madrid: Gymnos Editorial Deportiva.

103. Marques, A. (1985): «Carreira desportiva de um atleta de fundo». In *Horizonte*, 9.

104. Marques, A. (1991): «A especialização precoce na preparação desportiva». In *Treino Desportivo*, 19.

105. Marques, A. (1993): «A periodização do treino em crianças e jovens. Resultados de um estudo nos centros exprimentais de treino da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto». In Bento, J. e Marques, A. (Eds.): *A ciência do desporto, a cultura e o homem*. Porto: FCDEF/Câmara Municipal do Porto.

106. Marques, A. (1997): «A criança e a actividade física. Inovação e contexto». Porto: *Actas do V Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa 24-28 de Março de 1997*. Maputo.

107. Marques, A. (1997a): «O sistema de competições na preparação de prospectiva de crianças e jovens». Lição de síntese das provas de agregação. Porto: FCDEF–UP.

108. Marques, A. (1997b): «A preparação desportiva de crianças e jovens – o sistema de competições». In Guedes, O. (org.): *Actividade física: uma abordagem multidisciplinar*. Brasil: Editora Ideia.

109. Marques, A. (1998): «Crianças e adolescentes atletas: entre as escola e os centros de treino... entre os centros de treino e a escola!». In *Seminário Internacional – Treino de Jovens*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

110. Marques, A. (2000): «Sobre as questões da qualidade no treino dos mais jovens». In Silva, F. (org.): *Produção do conhecimento no treinamento desportivo: pluralidade e diversidade*. Brasil: Editora Universitária/UFPB.

111. Marquez, J. (1989): «Desarrollo anatomo-filologico-motor del niño y adolescente». In Garcia, J. (coord.): *Entrenamiento deportivo en la edad escolar – bases de aplicación*. Málaga: Universidad Internacional Deportiva.

112. Martin, D. (1993): «Entrenamiento multilateral y especialización precoz». In Stadium, 160.

113. Martin, D. (1998): «Capacidade de performance e desenvolvimento no desporto de jovens». In *Seminário Internacional – Treino de Jovens*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

114. Martínez, A. (1993): «Posibles causas de abandono prematuro de la competición de las gimnastas de la modalidad de gimnasia rítmica». España: Universidade de Vigo – Departamento de Didácticas Especiais.

115. Mataruna, L. e Mello, M. (2000): «Treinamento de judo a longo prazo». In *Educación Física y Deportes*, 18. http://www.efdeportes.com.

116. Matvéiev, L. (1990): «O processo de treino desportivo». Lisboa: Livros Horizonte. 2ª Edição.

117. Matvéiev, L. (1991): «Fundamentos do treino desportivo». Lisboa: Ed. Livros Horizonte.

118. Matvéiev, L. (2001): «Teoría general del entrenamiento deportivo». Barcelona: Editorial Paidotribo.

119. Mesquita, I. (1997): «Pedagogía do treino – a formação em jogos desportivos colectivos». Lisboa: Livros Horizonte.

120. Montagner, H. (1989): «Os ritmos biológicos da criança». Lisboa: Ministério da Educação – Direcção Geral dos Desportos.

121. Monteiro, J. (1997): «Desporto». Lisboa: Edições Asa.

122. Mota, J. (1988): «A periodização do treino com jovens». In *Horizonte*, 23.

123. Mota, J. (1988): «A Periodização do Treino com Jovens: a realidade nacional». In *Horizonte*, 26.

124. Murray, J. (1998): «Combating burnout in sport». In *http://www.tennisserver.com/mental-equipment/me_98_11.html*

125. Nacusi, E. (2000): «La preparación física». In *Educación Física y Deportes*, 27. http://www.efdeportes.com.

126. Nacusi, E. (2001): «El entrenamiento em los niños y el hockey sobre césped». In *Educación Física y Deportes*, 34. http://www.efdeportes.com.

127. Nadori, L. (1987): «El entrenamiento de construir«. RED, 3.

128. Nespreira, A. (1998): «1000 Ejercicios de preparación física. Bases Teóricas. La preparación física en la edad escolar inicial». Vol. I. España: Editorial Paidotribo. 2ª edição.

129. Nunes, L. (1997): «O organismo no esforço». Lisboa: Editorial Caminho.

130. Núñez, U., *et al.* (2000): «Iniciación deportiva: concepto, antecedentes y situación actual». In Moreno (dir.): *La iniciácion a los deportes desde su estructura y dinámica. Aplicácion a la educación física escolar y al entrenamiento deportivo*. Barcelona: INDE Publicaciones.

131. Orlick, T. (1973): «Children's sports: A revolution is coming». In *Physical Education and Recreation Journal*, 39. Canadian Association for Health.

132. Orlick, T. (1999): «Promover a confiança a alegria e a excelência no treino de jovens». In *Seminário Internacional – Treino de Jovens*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

133. Pataco, V. (1997): «Alta competição em Portugal – Passado, presente e futuro». In *Horizonte*, 79.

134. Pereira, J. (1998): «Treinar jovens: benefício ou risco?» In *Seminário Internacional – Treino de Jovens*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

135. Perez, L. (1995): «Competencia Motriz. Elementos para comprender el aprendizage motora en educacion física escolar». Madrid: Gymnos Editorial.

136. Personne, J. (1987): «Aucune médaille ne vaut la santé d'un enfant». Paris: Denoël.

137. Piaget, J. (1980): «Seis estudos de psicologia». Rio de Janeiro: Forense Universitária Ltda.

138. Pini, M. e Teixeira, H. (1981): «Aulas de Educação Física – 1º Grau». São Paulo: Ibrasa.

139. Pintor, D. (1987): «Apuntes de la asignatura baloncesto». Granada: INEF.

140. Pintor, D. (1989): «Objectivos y contenidos de la formación deportiva». In Antón, J. (Coord.): *Entrenamiento deportivo en la edad escolar*. Málaga: Unisport.

141. Platonov, V. (1994): «El entrenamiento deportivo – teoría y metodología. Barcelona: Ed. Paidotribo. 4ª edição.

142. Platonov, V. (1997): «Princípios da preparação a longo prazo». In *Treino Desportivo*, 0.

143. Polletti, C. e Beraldo, S. (1991): «Il libro della preparazione fisica». Roma: Edizioni Mediterranee.

144. Proença, J. (1986): «As etapas da preparação do jovem atleta». In *Atletismo*, 54.

145. Ralbovsky, M. (1974): «Lords of the locker room». New York: Peter H. Wyden.

146. Ramlow, J. (1992): «El desarrollo a largo plazo de las destrezas técnicas». In Stadium, 152.

147. Ramos, J. (1999): «A formação do jovem praticante». In *Treino Desportivo*, 6.

148. Raposo, A. (2000): «Planificación y organización del entrenamiento deportivo». España: Editorial Paidotribo.

149. Raposo, V. (1989): «A preparação especial para a competição». Lisboa: Edição Ministério da Educação – Direcção Geral dos Desportos.

150. Rius, J. (1989): «Metodología del atletismo». Barcelona: Paidotribo.

151. Robertson, I. (1998): «O treinador e o abandono dos praticantes jovens». In *Treino Desportivo*, 5.

152. Rolim, R. (1998): «Contributo para o Estudo do Treino de Meio-Fundo/Fundo de Atletas Jovens em Portugal». Dissertação de doutoramento. Porto: FCDEF–UP.

153. Romero, C. (1989): «Acondiconamiento físico de los 8 a los 18 años». Granada: Federación Andaluza de Fútbol.

154. Rost, K. (1997): «As competições no desporto juvenil». In *Treino Desportivo*, 0.

155. Sáinz, Á. (1995): «Entrenamiento con niños». In Vicente, J. (coord.): *Teoría del entrenamiento y del acondicionamiento físico*. Andalucía: COPLEF.

156. Sameiro Araújo (2001): «Clube do mês». In *Atletismo*, 231.

157. Sánchez, D. (1995): «Elegir el deporte más adecuado». In Sánchez, D. (dir.): *La iniciación deportiva y el deporte escolar*. Barcelona: INDE Publicaciones.

158. Sánchez, D. e Flores, A. (1995): «La edad de iniciación: vísteme despacio que tengo prisa». In Sánchez, D. (dir.): *La iniciación deportiva y el deporte escolar*. Barcelona: INDE Publicaciones.

159. Saravi, J. (2000): «La iniciación deportiva y la intervención del adulto – algunas reflexiones desde una perspectiva didáctica». In *Educación Física y Deportes*, 26. http://www.efdeportes.com.

160. Schmolinsky, G. (1992): «Atletismo». Lisboa: Editorial Estampa. 3ª Edição.

161. Sebastiani, E. e González, C. (2000): «Cualidades físicas». Barcelona: INDE Publicaciones.

162. Serpa, S., *et al.* (1999): «Os caminhos do sucesso no treino dos jovens». In *Seminário Internacional – Treino de Jovens*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

163. Silva, F. (1998): «Treinamento desportivo: reflexões e experiências». João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.

164. Silva, F. (1999): «Treinamento desportivo: atualidade e perspectivas». João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.

165. Sobral, F. (1994): «Desporto Infanto-juvenil – Prontidão e talento». Lisboa: Livros Horizonte.

166. Startton, R. (1998): «Coaching youth sports: motivation in young athletes». In *http://www.tutornuway.com/topics/031398-2.html*.

167. Suslov, F., *et al.* (1995): «Atletismo: preparação de corredores juvenis nas provas de meio fundo». Londrina: CID.

168. Trepode, N. (2001): «Abandono del deporte en los jóvenes». In *Educación Física y Deportes*, 40. http://www.efdeportes.com.

169. Verdugo, M. e Leibar, X. (1997): «Entrenamiento de la resistencia». Madrid: Gymnos Editorial Deportiva.

170. Verjoshanski, I. (1990): «Entrenamiento deportivo. Planificación y programación». Barcelona: Ediciones Martínez Roca.

171. Vianna, J.(2001): «Treinamento desportivo». In *http://www.jefersonvianna.hpg.ig.com.br*.

172. Vicente, J. (1995): «Teoría del entrenamiento y del acondicionamiento físico». España: COPLEF Andalucía.

173. Vieira, J. (s.d.): «Bases do treino dos jovens praticantes». Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

174. Vieira, J., *et al.* (1999): «Treino de jovens: o que todos precisamos saber!». Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

175. Vilela, A. (1999): «As selecções nacionais dos mais novos praticantes desportivos». In *Seminário Internacional – Treino de Jovens: os caminhos do sucesso*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

176. Villar, C. (1994): «Atletismo Basico. Una orientacion pegagogica». Madrid: Gymnos Editorial Deportiva.

177. Wein, H. (2001): «?Quando el niño está listo para disputar competiciones organizadas?» In *Educación Física y Deportes*, 32. http://www.efdeportes.com.

178. Wein, H. (2001a): «Hacem falta competiciones más formativas en el deporte base». In *Educación Física y Deportes*, 34. http://www.efdeportes.com.

179. Wylleman, P. et al. (1998): «Clubes deportivos para niños y jóvenes». España: Instituto Andaluz del Deporte.

180. Zakharov, A. e Gomes, A. (1992): «Ciência do Treinamento Desportivo». Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport.

181. Zanatta, A. (1995): «La orientación deportiva del niño: Atletismo». Argentina: Instituto Bonaerense del Deporte.

182. Zotko, Robert (2001): «Entrevista a Robert Zotko». In *Atletismo*, 230.

11 ANEXOS

Anexo I

Correspondência da idade de início à etapa desportiva em diferentes modalidades

Modalidade	Idade de início de prática	Idade de início de especialização	Idade para alcançar a Alta Competição
Andebol	10-12	14-16	22-26
Atletismo			
Comprimento	12-14	17-19	23-26
Fundo	14-16	17-19	25-28
Lançamentos	14-15	17-19	23-27
Meio Fundo	13-14	16-17	22-26
Saltos	12-14	16-18	22-25
Triplo Salto	12-14	17-19	23-26
Velocidade	10-12	14-16	22-26
Badminton	10-12	14-16	20-25
Basebol	10-12	15-16	22-28
Basquetebol	10-12	14-16	22-28
Biatlo	10-13	16-17	23-26
Boxe	13-15	16-17	22-26
Canoagem	12-14	16-17	22-26
Ciclismo	12-15	16-18	22-28
Equestre	10-12	14-16	22-28
Esgrima	10-12	14-16	20-25
Futebol	10-12	14-16	22-26
Ginástica			
Homens	6-8	9-10	14-18
Mulheres	8-9	14-15	22-25
Halterofilismo	14-15	17-18	23-27
Hóquei	11-13	14-16	20-25
Judo	8-10	15-16	22-26
Lutas	11-13	17-19	24-27
Natação			
Homens	7-8	13-15	20-24
Mulheres	7-9	11-13	18-22
Polo Aquático	10-12	12-14	19-23
Sincronizada	6-8	12-14	19-23
Pentatlo Moderno	11-13	14-16	21-25
Remo	11-14	16-18	22-25
Rugby	13-14	16-17	22-26
Saltos para a água			
Homens	6-8	9-11	14-18
Mulheres	8-10	11-13	18-22
Squash	10-12	15-17	23-27
Ténis			
Homens	7-8	12-14	22-27
Mulheres	7-8	11-13	17-25
Ténis de Mesa	8-9	13-14	22-25
Tiro	12-15	17-18	24-30
Tiro com Arco	12-14	16-18	23-30
Vela	10-12	14-16	22-30
Voleibol	10-12	15-16	22-26
Xadrez	7-8	12-15	23-25

12 APÊNDICES

Apêndice I

Etapas da formação desportiva – diferentes classificações

Autor	Etapas da formação desportiva →				
Bompa, 1999	Etapa de treino geral:		Etapa de treino específico:		
	Iniciação: 6-10 anos	Formação desportiva: 11-14 anos	Especialização: 15-18 anos	Alta competição: > 19 anos	
Coelho, 1988	Formação Básica	Aperfeiçoamento	Alto rendimento		
Grosser et *al.*, 1988	Treino dos fundamentos (principiantes)	Treino de construção (fase média)	Treino de alto rendimento (experientes)	Treino de rendimento superior (atletas profissionais)	
Hahn, 1988	Treino básico	Treino de desenvolvimento	Treino de rendimento	Treino de alto rendimento	
Lima, 1988	Iniciação desportiva: 8 a 12 anos	Orientação desportiva: 11/12 a 15/16 anos	Especialização desportiva: 17-18 a 35/40 anos		
Marques, 1985	Preparação preliminar: 7-8 a 11-12 anos	Especialização inicial: 11-12 a 14 anos.	Especialização aprofundada: 15 a 18 anos.	Performances maximais: 19 a 32 anos.	
Matvéiev, 1990	Preparação desportiva prévia	Especialização inicial	Aperfeiçoamento profundo	Longevidade desportiva	
Pintor, 1987	Primeira etapa de iniciação: 8 a 12 anos	Segunda etapa de iniciação: 12 a 14 anos.	Primeira etapa de aperfeiçoamento: 14 a 18 anos	Segunda etapa de aperfeiçoamento: 18 a 22 anos.	Alta especialização: 22 a 30 anos
Proença, 1986	Iniciação: 10-12 anos	Orientação: 13-14 anos	Pré-Especialização: 15-16 anos	Especialização: a partir dos 16 anos	
Raposo, 2000	Treino de base	Especialização	Alto rendimento		
Romero, 1989	Iniciação: 9-10 a 12-13 anos	Desenvolvimento: 14-15 a 20 anos.	Aperfeiçoamento: 20-21 a 30 anos.		
Schmolinsky, 1982	Treino de base	Treino de desenvolvimento	Treino de alta execução		
Vicente, 1995	Treino dos fundamentos	Treino formativo	Treino de rendimento	Alto rendimento desportivo	

Apêndice II

Considerações de vários autores sobre a especialização precoce

Andújar & Soto (2000)	A especialização precoce fomenta um número limitado de acções motoras, as quais podem prejudicar a adaptação posterior, fechando assim as possibilidades futuras do desportista.
Barroco (1989)	A especialização precoce não deve ser aceite porque prejudica a personalidade da criança, não permite criar e estabelecer as bases indispensáveis para um surgimento óptimo das aptidões especiais, e porque fixando hábitos motores retira a plasticidade adaptativa à evolução do indivíduo, impedindo o pleno rendimento que em outras circunstâncias podia ser obtido.
Coelho (1988)	A especialização precoce valoriza a vitória em detrimento do carácter lúdico, do desenvolvimento físico harmonioso e da aprendizagem das técnicas fundamentais; não respeita as particularidades do desenvolvimento das crianças e jovens ao recorrer, normalmente, à aplicação de modelos adultos; efectua exigências e solicitações de natureza unilateral podendo provocar assimetrias no desenvolvimento da criança e do jovem; recorre predominantemente ao treino intenso e tende a forçar os praticantes à superação sem limites, comportando, por isso, eventuais riscos nocivos para o organismo e para a evolução do indivíduo; aumenta as hipóteses dos jovens de maturação mais atrasada falharem e, inclusive, abandonarem o desporto.
Gonçalves (1988)	A especialização precoce permite a obtenção de resultados a curto prazo, mas limita a evolução posterior dos jovens praticantes. Somente uma percentagem reduzida de campeões em "idades jovens" chegam ao "alto rendimento" na idade adulta. Quanto mais precoce for efectuado o processo de especialização, mais reservados serão os prognósticos de os jovens virem futuramente a obter resultados desportivos de excelência.
Marques (1991)	As cargas de treino muito intensas, que promovem rápidos desenvolvimentos da prestação nas fases iniciais, têm como consequência um esgotamento prematuro da capacidade de rendimento, gerando as chamadas "barreiras do rendimento".
Martin (1993)	quer por razões pedagógicas quer por razões relacionadas com a teoria de treino, a especialização precoce apresenta inconvenientes na medida em que, ao não fomentar uma base ampla de aprendizagens necessária para subsequentes melhorias, poderá limitar a evolução desportiva.
Matveiev (1990)	A especialização precoce apesar de permitir uma rápida obtenção de resultados, limita a sua evolução posterior.
Platonov (1997)	Os atletas que na etapa de preparação especializada de base recorrem a cargas elevadas, ainda que alcancem êxitos nas competições juvenis, perdem de vista a perspectiva de futuros resultados desportivos mais elevados.
Vieira (s.d.)	A especialização precoce, como forma de acelerar a obtenção de resultados desportivos elevados com praticantes jovens, é condenável quer em termos pedagógicos por não respeitar a natureza global do praticante, quer em termos sociais, por provocar a estagnação e o consequente abandono de um número considerável de praticantes, não contribuindo assim, para a correcta promoção da prática desportiva

Apêndice III

Provas dos quadros competitivos dos diferentes escalões do atletismo feminino

Escalão (ano)	Infantil (1986 a 1990)	Iniciado (1986 a 1990)
Provas	1. 60m 2. 1000m 3. 60m Barreiras 4. Salto em altura 5. Salto em comprimento 6. Lançamento do peso 7. Arremesso da bola 8. 1000m Marcha 9. Tetratlo	1. 80m 2. 300m 3. 800m 4. 1500m 5. 60m Barreiras 6. Salto em altura 7. Salto em comprimento 8. Lançamento do peso 9. Lançamento do disco 10. Lançamento do dardo 11. 2000m Marcha 12. Pentatlo[1]

Escalão (ano)	Juvenil (1986 a 1990)	Sénior (1996 a 2000)
Provas	1. 100m 2. 200m 3. 400m 4. 800m 5. 1500m 6. 80m Barreiras 7. 300m Barreiras 8. Salto em altura 9. Salto em comprimento 10. Lançamento do peso 11. Lançamento do disco 12. Lançamento do dardo 13. 3000m Marcha 14. Hexatlo[2]	1. 100m 2. 200m 3. 400m 4. 800m 5. 1500m 6. 5000m 7. 10000m 8. 100m Barreiras 9. 400m Barreiras 10. Salto em altura 11. Salto com vara 12. Salto em comprimento 13. Triplo salto 14. Lançamento do peso 15. Lançamento do disco 16. Lançamento do martelo 17. Lançamento do dardo 18. 10km Marcha[3] 19. Heptatlo

[1] No ano de 1986 a prova realizada foi o Tetratlo

[2] No ano de 1986 a prova realizada foi o Pentatlo

[3] A partir do ano 1999 esta prova foi substituída pelos 20Km Marcha

Apêndice IV

Categorização das diferentes provas encontradas nos quadros competitivos do atletismo feminino, entre os anos 1981 a 2000 inclusive

Categorias de provas	Provas	Código
Velocidade	60m, 80m, 100m, 200m, 250m, 300m, 400m, 50m barreiras, 60m Barreiras, 80m Barreiras, 100m Barreiras, 100m Barreiras, 110m Barreiras, 300m Barreiras, 400m Barreiras	A
Meio-fundo e fundo	800m, 1000m, 1500m, 3000m, 5000m, 10000m	B
Saltos verticais	Salto em altura, Salto com vara	C
Saltos horizontais	Salto em comprimento, Triplo salto	D
Lançamentos	Arremesso da bola, Lançamento do peso, Lançamento do disco, Lançamento do martelo, Lançamento do dardo	E
Marcha	1000m, 2000m, 3000m, 4000m, 10 km, 20 km	F
Provas combinadas	Triatlo, Tetratlo, Pentatlo, Hexatlo, Heptatlo	G